



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

JOSEMEIRE CAETANO DA SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL EM MEIO DIGITAL: REESCRITA DE *FICS* A PARTIR DAS
INTERAÇÕES EM UM GRUPO DE *WHATSAPP***

RECIFE
2020

JOSEMEIRE CAETANO DA SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL EM MEIO DIGITAL: REESCRITA DE *FICS* A PARTIR DAS
INTERAÇÕES EM UM GRUPO DE *WHATSAPP***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado.

RECIFE

2020

JOSEMEIRE CAETANO DA SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL EM MEIO DIGITAL: REESCRITA DE *FICS* A PARTIR DAS
INTERAÇÕES EM UM GRUPO DE *WHATSAPP***

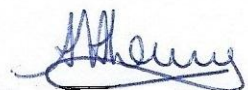
Aprovado em 26/03/2020.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social.

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



Prof.^a Dr.^a Ângela Valéria Alves de Lima (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)



Prof. Dr. Robson Teles Gomes (Examinador Interno)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

AGRADECIMENTOS

Gratidão, palavra tão singela, com um significado tão profundo e peculiar. Saber agradecer significa deixar o coração falar, sem a preocupação de seguir regras ou padrões normativos, pois a alma sente, o coração pulsa e a palavra revela o que vem de nosso interior. Durante minha jornada acadêmica no Mestrado, pude contar com a preciosa ajuda de pessoas, ou diria anjos, que Deus gentilmente colocou em meu caminho, para a construção de um conhecimento que dividirei com muitos a partir de agora, por isso, simplesmente agradeço.

A Deus, pelo dom da vida e por me ajudar a superar desafios diários, dando-me força, coragem e a certeza de que sempre estará comigo. A ti, Senhor, louvo graças e gratidão eternas.

Aos meus pais, por terem me permitido estar aqui hoje, por todos os ensinamentos de amor, carinho e proteção. Ao meu amado pai (*in memoriam*). À minha querida mãe, por ter estado ao meu lado todos os momentos em que porventura esmoreci, dando-me forças, coragem e motivando-me a seguir sempre em frente.

À minha mãe madrinha, por ter me ensinado a acreditar sempre em minha capacidade. Grata por todos os ensinamentos de amor, perseverança e autoestima.

Ao meu amado marido, que esteve sempre ao meu lado, por acreditar em mim e por não medir esforços para que eu realize todos os meus sonhos. Amor se constrói em todos os momentos da vida, em especial, fortalece-se nas adversidades, com sabedoria, doação e dedicação diárias.

À minha estimada e querida orientadora Roberta Caiado, luz que clareia e resplandece por onde passa. Agradecida estou, querida Roberta, por ter acreditado em meu potencial e por cada minuto seu dedicado ao meu aprendizado, és um verdadeiro anjo que Deus enviou, com a missão de transformar vidas. Sua competência e alegria fazem toda a diferença.

A todos os meus familiares e amigos que, de forma direta ou indireta, estiveram ao meu lado, mesmo a distância, dando-me relevantes palavras de incentivo, durante toda a caminhada rumo à conclusão deste trabalho. Em especial, à minha cunhada irmã, Ana Paula Reis, por todas as orações e por cada palavra de incentivo e carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco e a todos que fazem parte da Secretaria do Programa, pelo profissionalismo e excelência em todos os momentos.

Aos estimados professores Karl Heinz, Robson Teles e Dóris Arruda, em especial, pelos valiosos ensinamentos que contribuíram para o arcabouço teórico desta pesquisa.

Aos professores Ângela Lima e Robson Teles, pela preciosa participação na qualificação desta Dissertação, suas contribuições consistem na certeza de um olhar com maestria e competência garantidas. Gratidão por fazerem parte da banca pública.

Às minhas cinco estrelinhas, os sujeitos desta pesquisa, que me ensinaram a amar o mundo das *Fics*, por todo o carinho e dedicação a este projeto e, principalmente, por me fazerem aprender a aprender.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo e incentivo constantes.

À querida amiga irmã Roseli Serra, por ter estado ao meu lado em todos os momentos deste Curso e por ter me passado conhecimentos que levarei para toda a vida. Amizade é um presente dado por Deus, e sou grata por ter sido acariciada com sua presença ao meu lado.

À querida amiga Cirana Vasconcelos, por todo o apoio de sempre e por me fazer compreender que todo o esforço vale a pena.

À querida amiga Ana Márcia Braga, por todas as preciosas orientações, desde o processo de seleção para o ingresso ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem. Grata estou por seu carinho, suas palavras de incentivo e toda preciosa orientação dada.

À querida Wilma Valéria, pelas preciosas correções e adequações da ABNT. Sua competência, segurança e carinho me ajudam consideravelmente.

À Gestora da Escola onde exerço minhas atividades profissionais, pelo apoio na realização deste trabalho.

A todos, meu muito obrigada!

*Preencher as folhas com letras e alma;
Castelos, medos, sonhos, imaginação...
Ao abrir um livro, poder sonhar.
Ao ouvir uma música, ir além do ar.
Na ficção, a janela da criação.
Que a brisa do texto entre e convide.
Fale, cante e com seu encanto a todos una.
Escrever, criar e deixar o imaginário aflorar.*

Josemeire Caetano

RESUMO

O estudo das interações/sugestões realizadas por amigas em um grupo de *WhatsApp* para a reescrita das *Fanfictions (Fics)* representa um estímulo à produção ficcional de textos em ambiente digital. A presente pesquisa visa analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueras do Ensino Médio, em um grupo de *WhatsApp (WA)*, influenciam na reescrita de *Fics*. Realizamos uma pesquisa qualitativa, com cinco jovens do Ensino Médio, com idades entre 17 e 19 anos, de uma Escola Pública da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco. Trata-se de uma investigação científica de cunho longitudinal, pautada em pressupostos teóricos relacionados à Teoria de Gêneros na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana; à Linguística Textual; às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs); à Teoria dos Gêneros Literários e aos Multiletramentos. Para tanto, optou-se, metodologicamente, pelas seguintes estratégias de ação: (i) selecionar as *Fics* que foram analisadas, tendo em vista a sequência: 1. início da *Fic*, para contextualizar o enredo; 2. partes da *Fic* que foram citadas nas interações do grupo de *WA* das fanfiqueras; 3. partes da *Fic* reescrita, após as interações no grupo de *WA*; (ii) selecionar as sugestões relacionadas às *Fics* analisadas no grupo de *WA*; (iii) interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo; (iv) identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*. Acreditamos que, por meio dessa pesquisa, as produtoras de *Fics* são motivadas a produzir para interlocutores em condições de produção reais em ambientes digitais, extrapolando assim o limite imposto pelas prescrições da aula de Língua Portuguesa, no que diz respeito à produção de textos escritos, na escola. Os resultados da pesquisa confirmam a influência das interações/sugestões do grupo de *WA* na reescrita das *Fics*. Ratificamos que a pesquisa em tela é considerada emergente nos estudos linguísticos, o que não exaure a necessidade de novas pesquisas abordando a temática da reescrita no meio digital, com destaque para as *Fics*, e para a relevância contemporânea da rede social *WA*.

Palavras-chave: Multiletramentos. Tecnologia Digital. Reescrita. *Fanfiction*. *WhatsApp*.

ABSTRACT

The study of interactions / suggestions made by friends in a *WhatsApp* group for the rewriting of *Fanfictions* (*Fics*) represents a stimulus to the fictional production of texts in a digital environment. This research aims at analyzing how the interactions, carried out by young high school fanfictioners in a *WhatsApp* group (*WA*), influence the rewriting of *Fics*. We conducted a qualitative research, with five high school youths, aged between 17 and 19 years old, from a Public School in the state of Pernambuco Education Network. It is a longitudinal scientific investigation, based on theoretical assumptions related to the: Theory of Genres in the perspective of Bakhtinian Architecture; the Textual Linguistics; the Digital Information and Communication Technologies (TDICs); the Theory of Literary Genres and in Multiliteracies. To this end, the following action strategies were chosen methodologically: (i) select the *Fics* that were analyzed, considering the sequence: 1. the beginning of each *Fic*, to contextualize the plot; 2. parts of *Fic* that were cited in the interactions of the *WA* group 3. parts of the rewritten *Fic*, after the interactions in the *WA* group; (ii) select the suggestions related to the *Fics* analyzed in the *WA* group; (iii) interpret, in the light of Bakhtinian Architecture, as the interactions / suggestions given by the fanfictioners, in a group of *WA*, influence in the rewriting of the *Fics*, in what it concerns compositional and linguistic form, thematic content and style; (iv) to identify, in the rewritten *Fics*, the traces of the interactions / suggestions, given by fanfictioners, related: to the multiliteracies, to the poetic intergenericity and discursive and beta collaboration. We believe that, through this research, *Fics* producers are motivated to produce for interlocutors in real production conditions in digital environments, thus exceeding the limit imposed by the prescriptions of the Portuguese language class, with regard to the production of written texts, in school. The research results confirm the influence of the interactions / suggestions of the *WA* group in the rewriting of the *Fics*. We ratify that screen research is considered emerging in linguistic studies, which does not exhaust the need for new research addressing the topic of rewriting in the digital medium, with emphasis on the *Fics*, and for the contemporary relevance of the social network *WA*.

Keywords: Multiliteracies. Digital Technology. Rewriting. *Fanfiction*. *Whatsapp*

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURAS

Figura 1 -	<i>Emojis</i> mais populares no mundo	83
Figura 2 -	Tabela com as cores de cada sujeito nas interações do grupo de <i>WA</i> .	120
Figura 3 -	Tabela com o trecho do início da <i>Fic1</i> ; <i>print</i> da tela do grupo de <i>WA</i> com as interações sobre a <i>Fic1</i> e, por último, o trecho da reescrita da <i>Fic1</i> , a partir de sugestões/interações dadas no grupo de <i>WA</i> .	124
Figura 4 -	Tabela com a transcrição do trecho da <i>Fic1</i> escrita; <i>print</i> das interações no grupo de <i>WA</i> e trecho da reescrita da <i>Fic1</i> sugestões/interações dadas no grupo de <i>WA</i> .	126
Figura 5 -	Tabela com a transcrição do trecho da <i>Fic1</i> escrita; <i>print</i> das interações no grupo de <i>WA</i> e, trecho da reescrita da <i>Fic1</i> .	128
Figura 6 -	Tabela com o <i>print</i> das interações/sugestões no grupo de <i>WA</i> ; <i>print</i> das últimas interações no grupo de <i>WA</i> e, transcrição da reescrita <i>Fic1</i> .	130
Figura 7 -	Tabela com a transcrição do trecho da <i>Fic1</i> ; na sequência, <i>print</i> das interações no grupo de <i>WA</i> e transcrição do trecho da reescrita da <i>Fic1</i> .	132
Figura 8 -	Tabela com os trechos da introdução da <i>Fic2</i> e <i>print</i> das primeiras interações no grupo de <i>WA</i> das fãfriqueiras.	146
Figura 9 -	Trecho da escrita da <i>Fic2</i> , interações no grupo de <i>WA</i> das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic2</i> , a partir das interações/sugestões dadas no grupo de <i>WA</i> .	148
Figura 10 -	Trecho da escrita da <i>Fic2</i> , trecho das interações no grupo de <i>WA</i> das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic2</i> após as interações no grupo.	150
Figura 11 -	Trecho da escrita da <i>Fic2</i> , interações no grupo de <i>WA</i> das fãfriqueiras e trechos da reescrita da <i>Fic2</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	152
Figura 12 -	Trecho da última parte da <i>Fic2</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras e trecho da última parte da reescrita da <i>Fic2</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	154
Figura 13 -	Trechos da <i>Fic3</i> e <i>print</i> das interações no grupo de <i>WA</i> das fãfriqueiras.	170
Figura 14 -	Trecho da <i>Fic3</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic3</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	172
Figura 15 -	Trecho <i>Fic3</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic3</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	174
Figura 16 -	Trecho <i>Fic3</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic3</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	176
Figura 17 -	Trecho <i>Fic3</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic3</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	178
Figura 18 -	Trechos da <i>Fic4</i> e <i>print</i> das interações no grupo das fãfriqueiras.	194

Figura 19 -	Trecho <i>Fic4</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic4</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	196
Figura 20 -	Trecho <i>Fic4</i> , <i>print</i> das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic4</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	198
Figura 21 -	Trecho <i>Fic4</i> , <i>prints</i> das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da <i>Fic4</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	200
Figura 22 -	<i>Print</i> das interações no grupo das fanfiqueiras e trechos da reescrita da <i>Fic4</i> , após as interações no grupo de <i>WA</i> .	202

QUADROS

Quadro 1 -	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic1</i> – S3).	139
Quadro 2 -	Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da <i>beta</i> (<i>Fic1</i> – S3).	142
Quadro 3 -	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic2</i> – S2).	162
Quadro 4 -	Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da <i>beta</i> (<i>Fic2</i> – S2).	164
Quadro 5 -	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic3</i> – S5).	186
Quadro 6 -	Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da <i>beta</i> (<i>Fic3</i> – S5).	189
Quadro 7 -	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic4</i> – S1).	209
Quadro 8 -	Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da <i>beta</i> (<i>Fic4</i> – S1).	212

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA: ORIGEM, DEFINIÇÃO, CATEGORIAS DE ANÁLISE E APLICAÇÃO	19
2.1	Arquitetônica: origem do termo em Aristóteles e em Kant	19
2.2	A construção da Arquitetônica por Bakhtin	23
2.3	Categorias de Análise da Arquitetônica Bakhtiniana	27
2.3.1	<i>Forma composicional e linguística</i>	28
2.3.2	<i>Conteúdo temático</i>	31
2.3.3	<i>Estilo</i>	33
2.4	Gêneros do Discurso na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana	37
2.5	Relações arquitetônicas entre o autor-criador e o herói	41
2.6	A visão de Bakhtin/Volóchinov sobre a interação discursiva: esclarecimentos sobre o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato	48
2.7	O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo	52
3	A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A ARTE DE ESCREVER E REESCREVER TEXTOS	56
3.1	Concepções de língua, sujeito, texto	56
3.2	Produção Textual: escrita e reescrita textual	60
4	MULTILETRAMENTOS, MULTIMODALIDADE E TDICs: NOVOS TEMPOS, NOVAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM	67
4.1	Pedagogia dos Multiletramentos: Estudos que vão além da sala de aula	67
4.1.1	<i>Relação dos Multiletramentos e da multimodalidade com o Círculo de Bakhtin</i>	71
4.2	TDICs, TDM e a produção textual em meio digital	73
5	FIC: CRIAÇÃO DE TEXTOS FICCIONAIS E UTILIZAÇÃO DO WHATSAPP PARA A INTERAÇÃO E A INSPIRAÇÃO ARTÍSTICA	83
5.1	Breve Estado da Arte sobre as <i>Fics</i> e o processo de escrita e reescrita textual em ambiente digital	84
5.2	O fenômeno <i>Fic</i> : escrita ficcional que vem ganhando o mundo	87
5.3	Os Gêneros Literários no universo da criação artística	93
5.4	O uso do <i>WhatsApp (WA)</i> como ferramenta de interação e construção de relações sociais	102
6	ASPECTOS METODOLÓGICOS	109
6.1	Tipo de pesquisa	110
6.2	Procedimentos da pesquisa	111
6.3	Perfil dos sujeitos da pesquisa	113
6.3.1	<i>Perfil do Sujeito (S1)</i>	113
6.3.2	<i>Perfil do Sujeito (S2)</i>	114
6.3.3	<i>Perfil do Sujeito (S3)</i>	115
6.3.4	<i>Perfil do Sujeito (S4)</i>	116
6.3.5	<i>Perfil do Sujeito (S5)</i>	116
6.4	Estratégias de ação	117
7	ANÁLISE DE DADOS	119
7.1	Perfil do Sujeito (S3) a partir da entrevista semiestrutura	120
7.2	Breve contextualização da <i>Fic1 (S3)</i>	121
7.3	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana	133

7.4	Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da <i>beta</i>	136
7.5	Síntese da análise da <i>Fic1</i>	138
7.6	Perfil do Sujeito (S2) a partir da entrevista semiestruturada	143
7.7	Breve contextualização da <i>Fic2</i> (S2)	143
7.8	Categorias de análises da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic2</i>)	155
7.9	Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da <i>beta</i>	158
7.10	Síntese da análise da <i>Fic2</i>	160
7.11	Perfil do (S5) a partir da entrevista semiestruturada	165
7.12	Breve contextualização da <i>Fic3</i> (S5)	166
7.13	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic3</i>)	179
7.14	Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da <i>beta</i>	183
7.15	Síntese da análise da <i>Fic3</i>	185
7.16	Perfil do (S1) a partir da entrevista semiestruturada	190
7.17	Breve contextualização da <i>Fic4</i> (S1)	191
7.18	Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (<i>Fic4</i>)	204
7.19	Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da <i>beta</i>	207
7.20	Síntese da análise da <i>Fic4</i>	209
7.21	Perfil do (S4 – <i>beta</i>) a partir da entrevista semiestruturada	214
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
	REFERÊNCIAS	223
	GLOSSÁRIO	228
	ANEXOS	231

1 INTRODUÇÃO

A prática de produção textual na escola, contemporaneamente, vem sendo um grande desafio para professores de Língua Portuguesa, na Educação Básica. Os avanços das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação vêm proporcionando mudanças quanto ao conceito de produzir textos, sobretudo, entre jovens do Ensino Médio.

A escola necessita incorporar em seu contexto o repertório de mundo do aluno, dialogar com a cultura de massa das mídias, dos avanços da internet, com a cultura hibridizada do avanço tecnológico. É necessário que as práticas sociais dos alunos adentrem a sala de aula e interajam com outras linguagens, outras formas de construção de textos e do próprio conhecimento. Jovens, conhecidos como a Geração Z, nascidos a partir da década de 2000, verdadeiros nativos digitais, encontram nas *Fanfictions* uma possibilidade de produzir textos com prazer, utilizando recursos multimodais, interagindo, criando e recriando suas produções ficcionais com entusiasmo, criatividade e aperfeiçoando os padrões normativos vigentes da Língua Portuguesa de forma colaborativa.

A presente pesquisa surgiu a partir da necessidade de investigar como jovens, que demonstravam pouco interesse para as práticas de produção textual habituais na escola, interessavam-se pela produção textual em meio digital, com as *Fanfictions* (*Fics*). Com o intuito de analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de *WhatsApp*, influenciam na reescrita de *Fics*, optamos pelos pressupostos teóricos da Arquitetônica bakhtiniana, assim como da Linguística Textual, dos Multiletramentos, das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) e da Teoria dos Gêneros Literários, para a realização de nossas análises.

O problema de nossa pesquisa consiste em responder à seguinte indagação: Em que medida as interações, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita de *Fics* produzidas por jovens do Ensino Médio? Para responder à essa questão, temos como objetivo geral: Analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita de *Fics*. No que concerne aos objetivos específicos, pretendemos: 1. Interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e

linguística, ao conteúdo temático e ao estilo; 2. Identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*.

Para tanto, nosso primeiro capítulo teórico contempla um olhar investigativo perpassando as bases filosóficas da inspiração bakhtiniana, para a construção de sua Arquetônica, a partir dos postulados aristotélicos e kantianos. Foi necessário compreender a polissemia do termo Arquetônica e discorrer à construção da Arquetônica por Bakhtin. Sendo assim, percebemos a necessidade de adentrar nos três pilares da Arquetônica: Ético, relacionado à vida; Estético, relacionado à arte, e Cognitivo, relacionado à ciência. Ao pesquisar a produção textual ficcional, tivemos que entender que o ponto fulcral da Arquetônica é o encontro da fanfiqueira (autor-criador) com seu herói, ou seja, observamos que o ato de autorar permite tanto aos heróis assumirem vida própria nas *Fics* como o próprio autor-criador que deu forma, vida e direcionamento ao seu herói.

Para a realização das análises, ao que tange à Arquetônica bakhtiniana, optamos por categorizar a Arquetônica em três aspectos: a forma composicional e linguística, o conteúdo temático e o estilo. Diante disso, nosso primeiro desafio na investigação sobre a Arquetônica foi a construção da própria Arquetônica, na medida em que realizávamos as leituras das obras de Bakhtin e de seus principais estudiosos, visto que a Arquetônica bakhtiniana encontra-se diluída em sua vasta produção intelectual. A cada nova leitura, novas reflexões, novos olhares e o constante diálogo com a teoria.

No início das leituras da vasta obra bakhtiniana, optamos por delimitar os primeiros registros da Arquetônica por Bakhtin e, dentre as principais obras, realizar um recorte para nossos estudos. A Arquetônica foi se construindo à proporção que dialogávamos com as obras, de forma constante, contínua e inacabada. Para completar a construção da teoria bakhtiniana, utilizada nesta pesquisa, decidimos explicar a Teoria dos Gêneros do Discurso, na perspectiva da Arquetônica bakhtiniana, visto que pesquisamos o gênero discursivo *Fanfiction*.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 21): “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero, que não lhe é próprio, como também destrói ou renova tal gênero”. Para a construção das produções ficcionais em meio digital, as fanfiqueiras possuem um estilo próprio. Embora compreendamos a *Fic* como um gênero discursivo, no universo

das *Fanfictions*, não há uma forma composicional dita como padrão; as produtoras possuem liberdade para criar seus textos ficcionais, em variados formatos, baseados na cultura de massa, na vida real e em outras fontes de inspiração.

Na extensa obra bakhtiniana, pressupostos vão dialogando para dar vida ao todo arquitetônico; na realidade, Bakhtin vai erguendo sua Arquitetônica ao dar luz a conceitos e reflexões que vão se aprofundando, e muitos deles constituem o que seus estudiosos denominaram de projeto inacabado. Assim, ao discorrer sobre a teoria bakhtiniana, pudemos notar as relações entre o autor-criador e seu herói, o qual Bakhtin nomeia em algumas obras de personagem, uma vez que a relação “[...] arquitetonicamente estável e dinamicamente viva com a personagem deve ser compreendida tanto em seu fundamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor” (BAKHTIN, 2011, p. 3).

Assim, tivemos que entender que são as vozes que dão ao discurso do herói a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo. E, conforme postula Bakhtin (2018), tanto na ação interior quanto exterior do romance, essas vozes se combinam e se distribuem diferentemente em cada relação estabelecida desde o início do romance. Com isso, foi possível compreender melhor as produções ficcionais de nossos sujeitos e, a partir dos elementos trazidos para a pesquisa da Arquitetônica bakhtiniana, perceber que tanto o herói como o autor-criador são permeados de ideologia.

Não poderíamos deixar de contemplar o texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. Por este motivo, também no primeiro capítulo, trazemos a perspectiva dialógica que concebe, segundo Brait (2016, p. 13-14): “[...] duas dimensões evocadas como condição de existência de texto: por um lado, a materialidade sígnica que constitui e o insere num sistema (dimensão semiótica); por outro, sua singularidade (participação ativa e efetiva na comunicação discursiva)”. Nesse sentido, pudemos compreender e trazer o texto, na perspectiva dialógica, atravessado por questões sociais e culturais, no tocante à posição do sujeito na “arena discursiva”.

Nosso objeto de estudo é o texto, produção textual em meio digital mais precisamente; logo, optamos por realizar um caminho que percorre a Linguística Textual (LT) e as concepções de língua, sujeito, texto e a interação discursiva. Sendo assim, nosso segundo capítulo teórico traz nosso posicionamento quanto à concepção de língua e de sujeito adotadas na pesquisa. Dessa forma, assumimos a concepção interacional (dialógica) da língua, como afirmam Koch e Elias (2009, p. 10-11): “[...] os

sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores”.

A partir do momento em que pesquisamos a produção textual e a reescrita em meio digital, assim como a interação dos sujeitos da pesquisa em um grupo de WA, detemo-nos na relevância dos mecanismos de interação verbal, para os processos de escrita e de reescrita textuais. Finalizamos o segundo capítulo com os principais postulados teóricos, envolvendo os processos de escrita, pois, como afirma Koch (2015, p. 44): “[...] a escrita demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas” e também de reescrita, como os postulados de Andrea e Ribeiro (2010, p. 67), ao afirmarem que: “[...] a reescrita pode também ser associada ao processo de produção de texto cujo objetivo maior é a alteração de trechos de um original, mantendo-se sua estrutura básica, mesmo que a intervenção seja mais intensa.”

Nosso terceiro capítulo teórico aborda questões referentes aos multiletramentos, à multimodalidade e às TDICs. Compreendemos que os ambientes de aprendizagem estão cada vez mais tecnológicos, por este motivo, é necessário que o professor traga para dentro da sala de aula textos de diferentes gêneros e que contemplem as necessidades de uma sociedade multicultural, multilíngue e multimodal. Para tanto, abordamos questões concernentes à Pedagogia dos Multiletramentos, com a hibridização dos letramentos e a compreensão por parte dos alunos de diferentes semioses.

Realizamos a construção dos embasamentos teóricos do terceiro capítulo com os estudos de Rojo e Moura (2019), Dionísio e Vasconcelos (2013), entre outros, no que diz respeito aos multiletramentos e à multimodalidade. Conforme postulam Dionísio e Vasconcelos:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 19)

Ou seja, os textos são produzidos para serem lidos por nossos sentidos, no entendimento das autoras.

Com o avanço das TDICs e a necessidade que a sociedade possui de acompanhar a evolução tecnológica, com suas facilidades e seus desafios, compreendemos que o ensino deixa de ser transmissivo para ser ativo, colaborativo, mais autônomo e socializado, acompanhando as múltiplas linguagens existentes atualmente. Nessa conjuntura, em nossa pesquisa, utilizamos o conceito de letramento digital como: “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.17).

Além disso, nosso quarto capítulo teórico traz esclarecimentos de Fonte e Caiado (2019) sobre as competências e habilidades no meio digital, no que diz respeito às Tecnologias Digitais Móveis, como interatividade, espontaneidade, motivação, multimodalidade, planejamento e reelaboração, assim como a personalização. Para completar nossas discussões acerca das TDM, destacamos que as possibilidades de uso dos diferentes recursos imagéticos não se limitam ao uso do *smartphone*, já que podemos acessar esses aplicativos de mensagens através de *tablets* e *notebooks* e outros dispositivos que hoje chegam a caber na palma de nossas mãos.

Nosso último capítulo teórico se refere às *Fanfictions* e à utilização da rede social *WhatsApp*, como possibilidade de interação e de inspiração para quem produz escrita ficcional em ambiente digital. Adotamos a definição de *Fanfiction* trazida por Rojo (2013, p. 74): “[...] de uma forma generalizada, podemos dizer que uma *Fanfic* (termo reduzido para *Fanfiction*, i. e., “ficção de fã”) é uma história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinhos, anime, filme ou série de TV”, ressaltamos a utilização da forma abreviada *Fic*, em nossa pesquisa. Após a realização de um breve estado da arte sobre as pesquisas envolvendo as *Fanfictions*, compreendemos a originalidade de nosso estudo, já que não encontramos nenhuma investigação associando as *Fics* às interações no *WA*.

Optamos por contemplar a compreensão da escrita ficcional anterior ao advento da internet, para deixar claro que as bases da produção ficcional remetem a outros momentos da História, pois, como postula Aristóteles, a arte é na verdade uma imitação da natureza. Por conseguinte, bem antes do advento da *internet*, havia a prática dos *fanzines*, revistas produzidas por fãs, nas quais os admiradores, sobretudo de filmes e desenhos animados, tinham uma certa liberdade para produzir sobre

diferentes temáticas. Assim, nesse capítulo, compreendemos o fenômeno *Fanfiction* e todos os seus elementos, necessários para a realização desta pesquisa.

No decorrer de nosso percurso investigativo, percebemos a necessidade de fazer referência à Teoria dos Gêneros Literários, para enriquecer nossa pesquisa, uma vez que as produtoras das *Fics* abordam temáticas diferentes e trazem elementos do universo literário. Para tanto, utilizamos os postulados aristotélicos da Poética, basilar para os estudos literários e para a compreensão dos gêneros literários, e da presença da intergenericidade poética e discursiva, nas produções ficcionais. Além disso, pressupostos teóricos de Stalloni (2001) e Staiger (1997) foram relevantes, para compreender melhor a influência da Teoria Literária em nossos estudos e em nossas investigações acadêmicas.

Para concluir nosso último capítulo teórico, o uso do *WhatsApp*, como ferramenta de interação e de construção das relações sociais, foi posto com o intuito de compreender a relação dos sujeitos da pesquisa com essa rede social. Entendemos que o *WhatsApp* é um poderoso mecanismo para fins educacionais, uma vez que pode facilitar as relações entre aluno-professor e até mesmo entre aluno-aluno, como também permite a realização de debates e interações, com exposições de conteúdos curriculares.

Em nosso percurso metodológico, definimos o tipo de pesquisa realizada, ou seja, estudo de caso de cunho qualitativo. Sendo assim, nosso procedimento de coleta de dados ocorreu à proporção que os sujeitos produziam suas *Fics*, interagiam no grupo de *WA* e reescreviam suas produções, após as interações/sugestões dadas. Realizamos uma entrevista semiestruturada e delimitamos o perfil de cada um dos cinco sujeitos da pesquisa. Dessa forma, foi possível estabelecer as estratégias de ação, para a realização das investigações a partir das categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana, dos multiletramentos, da intergenericidade poética e discursiva e da colaboração da *beta*.

Em nossas análises, procuramos investigar a influência das interações/sugestões, dadas no grupo de *WA*, sobre as produções das *Fics*. Ademais, esclarecemos que, em nossa pesquisa, foram delimitados pressupostos *a priori* e houve a necessidade de inclusão de pressupostos *a posteriori*, como a categoria dos Gêneros Literários, a qual enriqueceu nossas análises, sendo possível, inclusive, a identificação de características intergenéricas em algumas delas. Além disso,

ratificamos a importância da compreensão acerca das fontes de inspiração dos sujeitos da pesquisa, ressaltando a importância da cultura midiática nesse contexto.

Nossos resultados confirmam a influência das interações/sugestões em um grupo de *WA* na reescrita de *Fics*. No que tange às categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana, verificamos: a visão estética das fanfiqueras na constituição de seus artefatos - como o estilo individual de cada uma influenciou a construção de suas narrativas ficcionais; a influência das posições volitivo-emotivo e axiológicas dos sujeitos nas escritas e nas reescritas das *Fics*, entre outros aspectos.

Em relação ao alcance dos objetivos específicos, pudemos constatar: a influência da multiplicidade de culturas nos sujeitos da pesquisa, além de outras características dos multiletramentos, como o uso sistemático das TDICs, pois as *Fics* se constroem no meio digital; interações propiciadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas, o *WhatsApp*; peculiaridades dos gêneros literários, como a estruturação das ambientações e da caracterização das personagens nos enredos ficcionais; a presença da intergenericidade poética e discursiva no universo da criação artística das fanfiqueras; a colaboração da *beta* nas reescritas ficcionais; entre outros aspectos analisados em nossas quatro análises.

2 ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA: ORIGEM, DEFINIÇÃO, CATEGORIAS DE ANÁLISE E APLICAÇÃO

O modo melhor de esclarecer [...] a disposição arquitetônica do mundo da visão estética em torno de um centro de valores – um ser humano mortal – é fornecer uma análise (conteudístico-formal) da arquitetura concreta de uma obra de arte qualquer.

Bakhtin

Neste capítulo, abordaremos os pilares que sedimentam a Arquitetônica bakhtiniana, teoria basilar para as análises do nosso *corpus* (*Fics* e interações em um grupo de *WA*). Para tanto, visitaremos o terreno profícuo dos gregos com Aristóteles, pedra basilar para compreender a Arquitetônica; em seguida, abordaremos o conceito em Kant, sobretudo com sua *Crítica da Razão Pura*, na qual Bakhtin se inspira para a construção de sua teoria sobre a Arquitetônica.

Salientamos que, em uma primeira instância, a construção da teoria se dá em caráter filosófico, para, então, culminar em uma espécie de “amadurecimento” da arte para a vida, como cita Bakhtin em nossa epígrafe, quando elucida sua visão estética, ao trazer uma visão embasada nos valores e nas escolhas (alusão ao conteúdo volitivo-axiológico) de um ser humano mortal, único, irrepetível e inacabado, que não encontra alibi na existência. Vale ressaltar a relação lógica que estabelecemos, no decorrer desse capítulo, entre nossa pesquisa e a teoria em tela, com o intuito de deixar clara a relevância da Arquitetônica bakhtiniana para nossas análises. Sendo assim, iniciaremos nosso percurso pela origem do termo em Aristóteles e em Kant.

2.1 Arquitetônica: origem do termo em Aristóteles e em Kant

É imperioso compreender, antes de tudo, a origem do termo Arquitetônica, para termos uma visão mais completa das raízes que fundamentam a teoria. Em primeiro lugar, faz-se pertinente a definição em termos filosóficos, visto que os primeiros teóricos que utilizaram o termo caminharam nessa perspectiva. O *Dicionário Básico de Filosofia Japiassu* traz o conceito de Arquitetônica nos seguintes moldes:

Arquitetônica: (gr. *architektonikós*) 1. Aristóteles chama de "ciência arquitetônica" as ciências primeiras, que constituem como que a

arquitetura ou ossatura das outras, que lhes permanecem subordinadas: "Os fins de todas as ciências arquitetônicas são mais importantes que os das ciências subordinadas. E em função das primeiras que perseguimos as segundas." 2. Kant retoma a expressão para designar "a teoria daquilo que há de científico em nosso conhecimento em geral", vale dizer, a arte dos sistemas. (JAPIASSU, 2001, p. 22)

O termo Arquitetônica, inicialmente cunhado por Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), surge em sua obra *Ética a Nicômaco* (1985), na qual ele faz uma espécie de tratado sobre a ética, cuja concepção de racionalidade e de virtude surge como mediadora de suas considerações sobre o papel imprescindível do hábito e da prudência (ARISTÓTELES, 2001a). A ética, na concepção aristotélica, é compreendida como ciência prática, que tem por objetivo estudar as vidas felizes, a paixão e a coragem; além da sua relação com a arte. Para Aristóteles, portanto, a Arquitetônica está ligada à arte, destacando que, para os gregos, a arte era de fato considerada uma ciência.

É salutar destacarmos que o termo Arquitetônica foi utilizado por Aristóteles de maneira polissêmica, em diversas partes de seu tratado *Ética a Nicômaco*. Ele considera que determinadas artes encontram-se subordinadas a outras, a depender dos seus meios e fins. Para o filósofo grego, a questão ética é o cerne de seus postulados, em seu tratado sobre a ética, salientando que o ápice de sua discussão maior relaciona todas as ações visando a algum bem, pois a questão da ciência política da época englobava todas as atividades, artes e ciências.

Dessa forma, poderíamos sintetizar o pensamento de Aristóteles, sobre a Arquitetônica, utilizando a seguinte relação: as artes = *subordinação a outras artes* = *ética* = *algum bem*. Como Aristóteles foi discípulo de Platão, ressaltamos que, em Platão, temos a visão da ciência política em seu sentido mais amplo; já em Aristóteles, temos a arquitetura voltada para o bem viver em comunidade.

Por seu turno, Aristóteles, de certa forma, amplia a visão platônica de ciência política e aplica-a às relações práticas da vida. Isto será retomado e aprofundado por Bakhtin, uma vez que o teórico russo, ao seu turno, também aplica sua teoria dialógica às questões práticas da vida. Nas interações realizadas por fanfiqueiras em um grupo de *WhatsApp* (WA), observaremos a mesma relação dialógica postulada por Bakhtin, incorporando o conceito à nossa pesquisa.

Vale destacar também que Aristóteles utiliza, ao longo de sua obra *Ética a Nicômaco*, alguns sinônimos para referendar o termo Arquitetônica, como, por

exemplo, “arte principal”, “arte verdadeiramente mestra”, “conceito fundamental” e acrescenta que todas as outras artes ou ciências práticas teriam finalidade na Arquitetônica. Sendo assim, o conhecimento prático, ora na arte em si mesma, ora nas ciências em geral, tem na Arquitetônica sua pedra fundamental – em termos bakhtinianos, teremos a ideia retomada por “vida vivida”. Ressaltamos, inclusive, que o termo Arquitetônica também é empregado, ao longo da obra bakhtiniana, de maneira polissêmica, uma vez que, em cada uma das obras que foram utilizadas em nossa pesquisa, percebemos a utilização do termo, por Bakhtin, com significados diferentes, em contextos distintos.

Ademais, devemos dar a devida importância para a compreensão e posterior aplicação da Arquitetônica construída por Bakhtin, visto que as produções ficcionais realizadas por nossos sujeitos têm como eixo norteador a transposição tanto da arte (universo midiático ao utilizar personagens existentes no mundo artístico, como cantores de bandas famosas) quanto da vida vivida (como personagens considerados discriminados pelas fanfiqueiras e à margem da sociedade, como homossexuais e prostitutas, por exemplo).

A partir dos conceitos norteadores de Aristóteles, sobre o termo Arquitetônica, teremos em Immanuel Kant (1724 – 1804) a principal inspiração de Bakhtin, para a elaboração de sua teoria inicial. Para Kant, a Arquitetônica é antes de tudo a arte dos sistemas, na verdade, o termo foi utilizado por Kant no final de sua obra *Crítica da Razão Pura* (1781), na qual ele traz a Arquitetônica da razão pura, compreendida como a arte dos sistemas. Em Kant (2011), temos:

Por arquitetura eu entendo a arte dos sistemas. E, como a unidade sistemática é o que converte o conhecimento comum em ciência, ou seja, o que coordena em sistema, um simples agregado desses conhecimentos; portanto, a arquitetura é a teoria do que há de científico em nosso conhecimento em geral e ela pertence necessariamente à metodologia. (KANT, 2011, p. 521)

Podemos entender que, para Kant, sistema é visto como a unidade dos conhecimentos, estes envolvendo diversos campos do saber e suas respectivas ideias próprias. É em sua obra *Crítica da Razão Pura* que Kant traz conceitos basilares que serão utilizados por Bakhtin, sobre a Arquitetônica, conceitos como tempo e espaço, por exemplo. Para Kant, esses conceitos são, na verdade, representações do que

vem a ser realidade, compreendidos por nosso entendimento cognitivo, por sua vez, percebidos por nossa sensibilidade, condição inerente ao ser humano.

Nessa perspectiva, Campos explica-nos que:

O objetivo principal de Kant é que os problemas humanos possam ser solucionados pela razão, desse modo, distancia-se da tradição filosófica (metafísica tradicional), empreendendo uma busca por princípios para a produção do conhecimento. Bakhtin toma essa teoria kantiana como ponto de partida para a elaboração de seu projeto filosófico, sendo denominado como “Antropologia filosófica” por Todorov e “Arquitetônica da responsabilidade” por Clark e Holquist no final da década de 1980. (CAMPOS, 2015, p. 203)

Assim, a Arquitetônica kantiana tem base estrutural formal no que ele chamou de sistemas da razão pura, cujas raízes se encontram em sua ideia de moral, esta não inerente à experiência; ou seja, a partir desse princípio norteador da Razão Pura, teremos um elo com a sua Razão Prática. Na verdade, em relação às produções kantianas em suas três críticas: 1. *Crítica da Razão Pura* (1781); 2. *Crítica da Razão Prática* (1788) e 3. *Crítica ao Juízo* (1790) há uma construção filosófica que culminará na consciência moral, na qual Kant estabelece que a razão se aplica à ação, inclusive ele cita o exemplo de Newton e de sua Lei da Ação e Reação. Logo, para Kant, essa ação é moral.

Para uma melhor compreensão acerca das críticas kantianas, que se relacionam à Arquitetônica, estabelecemos as seguintes relações: 1. *Crítica da Razão Pura* – arte de construção de um novo sistema filosófico que parte dos conhecimentos da razão pura; 2. *Crítica da Razão Prática* – diálogo com a ética e com a realização moral na vida prática. Para o devido entendimento da arquitetura em Kant, interessam-nos especificamente essas duas críticas, estabelecendo, assim, a gênese das inspirações de Bakhtin, para a edificação de sua teoria. Sintetizando, temos: *Crítica da Razão Pura* – *a priori* – domínio teórico; *Crítica da Razão Prática* – *a posteriori* – experiências da vida.

Ao realizarmos um paralelo com a visão bakhtiniana, teremos, então, a relação com nossas experiências vividas – essas, singulares e únicas, uma vez que não temos alibi na existência, pois para Bakhtin não há um sujeito pronto e acabado, neste caso só com a morte – e as coisas em si, percebidas pelo ser humano, a partir de sua sensibilidade, estabelecendo uma conexão com a *Crítica da Razão Prática* de Kant. Por outro lado, na primeira crítica, Kant dá ênfase à razão pura, em seu âmago,

trazendo a visão de ilusão da razão ao que se aplica a conceitos que não são apreendidos por nossa sensibilidade. Em Bakhtin, temos o todo arquitetônico como algo que só se concretiza a partir do ato, este, individual e de responsabilidade do ser humano.

Por conseguinte, ao visitarmos elementos que compõem a construção do todo arquitetônico em Aristóteles e em Kant, temos duas definições imprescindíveis dos pilares que permeiam a Arquitetônica bakhtiniana, a saber: o pilar Ético (relacionado à vida) e o pilar Estético (relacionado à arte). Mais adiante, iremos compreender como se dará o terceiro pilar da formação da Arquitetônica, que é o pilar Cognitivo, formando assim os três pilares para compreensão da Arquitetônica bakhtiniana – Ético, Estético e Cognitivo, relação que será aprofundada ao comentarmos a obra bakhtiniana *O Problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária*, mais adiante, quando nos determos especificamente às categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana.

Passaremos agora para as relações entre a Teoria kantiana e a Arquitetônica bakhtiniana, assim como, para o aprofundamento do conceito arquitetônico em Bakhtin. Para tanto, seguiremos uma linha cronológica, em relação às produções bakhtinianas sobre a Arquitetônica e suas relevâncias conceituais, incluindo nesse viés as contribuições dos principais estudiosos da teoria em tela.

2.2 A construção da Arquitetônica por Bakhtin

Ainda como estudante recém egresso do curso de estudos clássicos na então Universidade de Petrogrado, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 – 1975) publica o que foi considerado seu primeiro texto, intitulado “*Arte e Responsabilidade*” (a partir de agora AR), publicação realizada na revista *O dia da Arte*, em 1919 (QUEIROZ, 2017). Na verdade, suas primeiras reflexões em forma de ensaio trouxeram contribuições de categorias utilizadas por Kant, como tempo e espaço, as quais Bakhtin irá aprofundar em *Para uma Filosofia do Ato* (doravante PFA).

Em AR, Bakhtin dá início a uma série de reflexões sobre a Arquitetônica, embora não utilize especificamente o termo, mas dá as pistas para a construção de sua teoria, o que é possível observar no seguinte trecho:

Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesma são estranhas umas às outras. Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa. [...] Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade. Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam. (BAKHTIN, 2011, p. XXXIII-XXXIV)

Percebemos claramente a menção dada por Bakhtin aos três campos da cultura – a ciência, a arte e a vida – relacionando-os aos domínios cognitivo (ciência), estético (arte) e ético (vida). Outrossim, Bakhtin chama-nos atenção para a responsabilidade de nossos atos, ao diferenciar arte e vida; concomitante a isso, elucida nossa singularidade na unidade de nossa responsabilidade. Ou seja, apenas eu, ser único, posso responder por meus atos, sou capaz de construir possibilidades éticas para minhas escolhas, como também para as diversas formas de arte e de construções para minha vida.

Além dos momentos essenciais já esclarecidos da Arquetônica em AR – tempo e espaço – nesse ponto de nossa discussão, adicionamos um outro igualmente relevante – os valores. Também em AR, Bakhtin traz a diferença entre o mundo da vida e o mundo da cultura, mais adiante, aprofundada em PFA. Nesse viés, em Clark e Holquist temos:

A importância de uma arquetônica reside precisamente em sua capacidade de proporcionar localização espacial e temporal, de dar definição, a miríades de alteridades, uma operação que simultaneamente me define. A maneira particular pela qual Bakhtin desenvolve o tempo e o espaço revela seu débito para com a tradição kantiana das categorias. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 97)

Ao inserir os três campos da cultura e estabelecer suas relações, “Bakhtin introduz o conceito de Arquetônica, uma vez que o todo está sempre em construção e suas relações se estabelecem nas interações marcadas por valores” (CAMPOS, 2015, p. 205). Aqui, podemos fazer uma relação direta com o *corpus* de nossa pesquisa, ressaltando a relevância da teoria bakhtiniana, ao analisarmos as *Fics* de nossos sujeitos, visto que seus personagens ou heróis, em termos bakhtinianos, são

permeados por valores, há uma escolha volitivo-emocional de nossos sujeitos ao construírem suas histórias ficcionais, utilizando, por exemplo, cantores da banda *BTS*, uma banda *K-Pop* coreana, a qual vem construindo um projeto de valorização da juventude, no que diz respeito ao amor por si mesmo e ao incentivo da própria voz em decisões pessoais, valores presentes em um discurso proferido na ONU, em 24 de setembro de 2018.

Ademais, há uma relação espacial e temporal na construção das *Fics*, as quais elucidam a responsabilidade que as fanfiqueiras possuem no conteúdo emotivo-volitivo de suas produções. Nas palavras de Bakhtin (1993, p. 21): “[...] o tom emotivo-volitivo, abarcando e permeando o Ser-evento único é uma certa atitude de dever da consciência, uma atitude que é moralmente válida e responsavelmente ativa.”

Em PFA, Bakhtin aprofunda sua Arquitetônica ao esclarecer o que ele chama de atividade estética. Em suas palavras, temos: “[...] o produto da atividade estética entra em comunhão com o Ser através de um ato histórico de efetiva intuição estética” (BAKHTIN, 1993, p. 21). Logo, para o teórico russo, o ato é a criação estética e individual do ser, este inserido em uma realidade histórica, que caracteriza a verdadeira e peculiar experiência do ser.

Na verdade, em PFA, Bakhtin recupera o postulado kantiniano e neokantiano, fazendo o movimento de interligá-los à construção da Arquitetônica, como também, traz refutações ao teorismo (CAMPOS, 2015). Podemos perceber claramente essa explicação dada nas palavras de Bakhtin:

A descoberta de um elemento *a priori* na nossa cognição não abre um caminho para fora da cognição, isto é, dentro de seu aspecto conteudista, para o ato real cognitivo, historicamente individual; ele não supera a sua dissociação e mútua impenetrabilidade, e daí é preciso criar um sujeito puramente teórico para essa autoatividade transcendente, um sujeito historicamente não-real – uma consciência universal, uma consciência científica, um sujeito epistemológico. (BAKHTIN, 1993, p. 25)

Fica claro, nesse trecho de PFA, que Bakhtin faz uma crítica ao pensamento kantiano, visto que o teórico vai postular que o sujeito é único, individual e responsavelmente ativo. E, mais à frente, explicita que o ser humano inexiste em um mundo em que não é possível a prática da sua própria vida, pois não é possível escutar práticas em um mundo em que o sujeito não exista. De fato, Bakhtin refuta a

construção de um mundo teórico, em razão da totalidade e historicidade do ser-evento (BAKHTIN,1993).

Ademais, Clark e Holquist (2008, p. 96) esclarecem que: “[...] a importância da arquitetônica reside precisamente em sua capacidade de proporcionar localização espacial e temporal [...] uma operação que me define.” Em Bakhtin, temos que: “A necessidade de realizar valores em atos constitui meu privilégio arquitetônico” (BAKHTIN,1993, p. 28).

Em seguida, podemos sintetizar a atividade estética para Bakhtin como – *pensamento teórico discursivo – descrição exposição histórica e intuição estética*. Por esse ângulo, Faraco afirma que:

Para Bakhtin, o estético, sem perder suas especificidades formais, está enraizado na história e na cultura, tira daí seus sentidos e valores e absorve em si a história e a cultura, transpondo-as para um outro plano axiológico precisamente por meio da função estético-formal do autor-criador. (FARACO, 2011, p. 23)

Novamente, ratificando a relação teórica com nosso *corpus*, temos: o autor-criador (fanfqueira), enraizado na história e na cultura, axiologicamente possível em si mesmo, como ser único e valorativamente criador de seu conteúdo enformado (*Fic*). Ou seja, as escolhas do autor-criador permitem a construção estética de um mundo próprio e de um herói, este também inserido em um mundo que lhe é inerente. Sendo assim, temos o princípio fundamental da atividade estética para Bakhtin, cerne de nossas análises, a relação autor-criador com seu herói (construído a partir das escolhas das fanfqueiras) e o seu mundo. Relações essas que aprofundaremos em nosso último subitem.

Mais adiante, em PFA, Bakhtin deixa claro seu posicionamento em relação ao ato executado por um sujeito inserido na vida real, logo, temos que:

De dentro, o ato realizado vê mais do que apenas um conteúdo unitário; ele também vê um contexto único, concreto, um último contexto, ao qual ele se refere tanto no seu próprio sentido quanto na sua própria faturalidade, e dentro do qual ele tenta atualizar responsabilmente a verdade única do fato do seu sentido em sua unidade concreta. (BAKHTIN, 1993, p. 46)

Para Bakhtin, é a responsabilidade do sujeito único que poderá ser capaz de realizar o ato. A partir desse pensamento, teremos, portanto, um ser que possui uma consciência responsável por seus atos, verdadeiramente um ser que age e não um

ser indiferente aos eventos da vida. Assim, o autor-criador, de fato, dará forma arquitetônica ao herói e ao seu mundo.

Por conseguinte, é o ato de autoria que constitui o ponto fulcral da Arquitetônica, o encontro do autor-criador e seus heróis, ou seja, é o ato de autorar que permite tanto aos heróis assumirem vida própria, a partir do momento em que uma obra é contemplada (em nosso caso, lida – *Fic*), como ao autor-criador (fanfiqueria) que deu forma, vida e direcionamento ao seu herói, personagens ficcionais ou reais das *Fics*.

Nessa conjuntura, Clark e Holquist (2008, p. 116) ratificam que: “[...] a autoria é extensível a categorias extraliterárias por ser uma arquitetônica da consciência.” O que podemos deduzir é que Bakhtin está constantemente fazendo o movimento de construção de sua arquitetônica, ao incorporar em seus textos novos elementos que fazem menção à vida e ao ser humano. Faz-se imprescindível acrescentar que, em sua Arquitetônica, temos a relação de alteridade presente ao longo de suas reflexões. O ponto motriz da teoria bakhtiniana é o dialogismo, que se encontra imbricado em sua Arquitetônica.

A partir desse momento de compreensão da formação da Arquitetônica bakhtiniana, interessa-nos um maior aprofundamento, especificamente, em relação às suas categorias: forma composicional e linguística, conteúdo temático e estilo, visto que parte considerável de nossas análises se respalda nessa perspectiva. Sendo assim, nosso próximo subitem tratará com maiores detalhes do eixo norteador que estrutura as categorias supracitadas.

2.3 Categorias de Análise da Arquitetônica Bakhtiniana

Vale salientar que, ao longo das obras bakhtinianas, no tocante à questão da Arquitetônica, não há uma definição específica de suas categorias de análise, na verdade, há várias reflexões filosóficas que norteiam uma possível construção gradativa de elementos basais arquitetônicos que darão luz às possíveis categorias de análise, as quais nos são imprescindíveis para traçar categorias de análise *a priori*.

A obra bakhtiniana *O Problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária* (a partir de agora PCMF) traz um maior detalhamento sobre as categorias de análise, na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana, por este motivo, iniciaremos com algumas reflexões sobre a obra citada. É necessário ressaltar que,

antes de falar sobre as denominadas categorias, Bakhtin dá início a uma reflexão sobre a estética material, afirmando que ela não é capaz de fundamentar a forma artística, que será exaustivamente discutida por ele no curso da obra.

Logo, em PCMF, Bakhtin nos esclarece que:

Compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística, estrutura que a partir de agora chamaremos de objeto arquitetônico, é a primeira tarefa da análise estética. Depois, a análise estética deve abordar a obra na sua realidade original, puramente cognitiva, e compreender sua estrutura de forma totalmente independente do objeto estético. [...] Finalmente, a terceira tarefa da análise estética: compreender a obra exterior, material, como um objeto estético a ser realizado, como aparato da realização estética. (BAKHTIN, 2002, p. 22)

Sendo assim, é possível apreender que, para a realização da análise estética do material, devemos ter um olhar minucioso sobre a exterioridade desse material, como condição da possibilidade *de sua realização*, a partir de uma construção estética dada pelo autor-criador. Logo, é a individualização estética do autor-criador que dará forma arquitetônica a um objeto estético ou artefato, pois só o autor-criador será capaz de individualizar um determinado espaço, uma ação específica; assim como singularizar seus heróis, atribuindo-lhes características únicas, visto que, direta ou indiretamente, eles estarão inseridos na vida vivida, esta sócio-histórica e culturalmente construída.

A partir desse ângulo, optamos por elencar gradativamente as três categorias de análise, que utilizaremos para delinear a Arquitetônica sob três componentes: forma composicional e linguística, conteúdo temático e estilo. Seguiremos com a primeira categoria, a forma composicional e linguística.

2.3.1 Forma composicional e linguística

A partir do já esclarecido, compreendemos que a forma composicional e linguística precisa se adequar à sua forma arquitetônica, para poder, então, ser possível a devida transposição da língua viva, a partir do plano axiológico do autor-criador, para sua formação composicional. Ou seja, o objeto estético bakhtiniano, seu artefato, está imbricado às suas diversas conexões volitivo-emotivo-axiológicas,

inseridas na cultura e na história, dando vida ao objeto estético, a partir das atividades estéticas que são inerentes ao autor-criador.

Relacionando ao nosso *corpus*, temos, portanto, o entendimento de que o autor-criador produzirá o conteúdo temático de suas produções, *Fic* e interações em um grupo de *WA*, valendo-se de sua construção volitivo-emocional e axiológica, para dar vida a um herói, este construído a partir de um estilo que lhe é peculiar.

Podemos acrescentar que a criação do objeto estético conduz à concretização de um material, arquitetonicamente enformado por seu autor-criador, ao materializar o conteúdo temático. Outrossim, torna-se indispensável ratificar que Bakhtin se preocupa com os eventos da vida viva, na verdade, há uma preocupação com a criação estética, cujos elementos são valorações. Ou seja, o sujeito, autor-criador - a fanfiqueira, posiciona-se valorativamente em um determinado tempo, com uma cultura que lhe é própria, em um determinado espaço, relacionando com nossa pesquisa, ambiente digital – *site Wattpad* – local onde são produzidas as *Fics*.

Torna-se necessário esclarecer, nesse momento de tessitura da teoria, que a questão do problema da forma composicional, presente em PCMF, na verdade é um desdobramento do conceito de forma artística, conceito exaustivamente trabalhado por Bakhtin em PFA. Em seguida, esse desdobramento se dará em suas composições arquitetônica e composicional, as quais se acrescentam, a título de nossas investigações, à questão linguística.

Em relação às formas composicionais que organizam o material, em PCMF, Bakhtin nos esclarece que:

As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática. Naturalmente, não é por isso que se deva concluir que a forma arquitetônica exista em algum lugar sob um aspecto acabado e que pode ser realizada independente da forma composicional. (BAKHTIN, 2002, p. 25)

Observamos, portanto, a preocupação de Bakhtin em explicar a correta relação entre a forma composicional e o material, uma vez que há uma lógica a ser seguida – a forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional – remetendo à

nossa pesquisa, temos: a forma arquitetônica dada à *Fic*, romance, por exemplo, encontra-se em forma de narrativa; na posição dos personagens existe um caráter romântico – escolhe-se, portanto, a forma composicional mais adequada – nesse caso, a épico-narrativa.

Para uma maior compreensão das relações supracitadas, optamos por detalhar o que Bakhtin chama de formas arquitetônicas na conjuntura estética, o teórico russo esclarece, em PCMF, que tudo que é esteticamente acabado é forma arquitetônica; mais adiante, ele traz alguns exemplos que iremos elencar, em virtude da existência de diferentes formas composicionais presentes em nosso *corpus*, as *Fics*. Assim temos:

1. Romance: *forma* puramente **composicional** de organização das massas verbais, por ela se constitui num **objeto estético** a forma arquitetônica da realização artística de um acontecimento histórico ou social, que constitui uma variante da forma da realização **épica**. **2. Drama:** *forma composicional* (diálogo, desmembramento em atos, etc.), mas o trágico e o cômico são formas arquitetônicas de realização. **3. Lírico:** *a forma* do lírico é arquitetônica, mas existem **formas composicionais** de poesias líricas. (BAKHTIN, 2002, p. 24, grifo nosso)

Percebemos, claramente, que Bakhtin dá forma ao que denomina arquitetônica, inclusive, em sua explanação, faz alusão a elementos integrantes dos gêneros literários, os quais têm tradição em Aristóteles e em sua ilustre obra *Poética*. Inclusive, após essa descrição, Bakhtin (2002, p. 25) afirma que: “[...] as formas arquitetônicas principais são comuns a todas as artes.” Logo, percebemos a relevância em adotar essa teoria para dar profundidade às nossas análises, visto que os sujeitos de nossa pesquisa possuem inspiração em diferentes formas artísticas, como música, filme, obras literárias, entre outras.

Para dar mais substância ao que Bakhtin chama de forma composicional, Faraco postula que:

A forma composicional são, no fundo três sistemas de valores em interação axiologicamente intensa: 1. O recorte; 2. A transposição e 3. O acabamento do conteúdo, sua corporificação numa certa forma composicional e o trabalho com a linguagem. (FARACO, 2013, p. 104)

Compreendemos que o trabalho com a linguagem na forma do material não se limitará apenas à língua em si mesma, ou seja, à referência às classificações

gramaticais ou normativas, mas à linguagem adquirida pelo autor-criador, enquanto ato responsável, este axiologicamente construído, ao utilizar o elemento linguístico, com a finalidade de compor e corporificar o conteúdo material de sua produção artística. Por esse motivo, temos os três sistemas de valores em interação axiologicamente intensa: o recorte (*obra de arte*), a transposição (*tempo e espaço*) e o acabamento do conteúdo (*forma artística*).

Por conseguinte, a forma composicional não terá significado fora de sua correlação com a forma do conteúdo (FARACO, 2013). Assim, após realizar uma discussão sobre a construção da forma composicional e linguística da Arquitetônica, passaremos para a questão do conteúdo temático.

2.3.2 Conteúdo temático

O conteúdo temático será abordado por Bakhtin na obra PCMF, na qual ele traz o conceito aplicado à obra de arte, que é denominada por ele de objeto estético. Ou seja, Bakhtin nos esclarece que o conteúdo da obra de arte está para a realidade do conhecimento, assim como para o ato estético. Este, por sua vez, detentor da identificação e da avaliação do objeto estético, enquanto unidade concreta, intuitiva e possível de um acabamento, com o auxílio de um determinado material (BAKHTIN, 2002).

Nas palavras de Bakhtin:

O conteúdo representa o momento constitutivo indispensável do objeto estético, ao qual é correlativa a forma estética que, fora dessa relação, em geral, não tem nenhum significado. Fora da relação com o conteúdo, ou seja, com o mundo e os seus momentos, mundo como objeto do conhecimento e do ato ético, a forma não pode ser esteticamente significante, não pode realizar suas funções fundamentais. (BAKHTIN, 2002, p. 35, grifo nosso)

Faz-se necessário ratificar que, para Bakhtin, a forma não é esteticamente significante sem conteúdo, reflexão importantíssima para nossas análises. Será justamente a posição volitivo-axiológica do autor-criador que determinará a construção do ato ético, ao qual Bakhtin se refere. Ou seja, não será o material que sofrerá qualquer alteração, esta de natureza individual, completa ou acabada, pois é a composição axiológica da vida vivida que trará a essa natureza arquitetônica o evento

da realidade. Sendo assim, temos a grande preocupação de Bakhtin: trazer a vida vivida por um sujeito vivo e inacabado.

Mais adiante, em PCMF, Bakhtin faz a distinção entre o elemento ético-cognitivo e o objeto estético, ao esclarecer que os juízos e as apreciações éticas, na verdade, são construídos no conteúdo, porém não estão presentes no objeto estético. Ademais, o conteúdo, explica Bakhtin, não deve ser exclusivamente cognitivo, visto que iria privá-lo do componente ético, este primordial para a Arquitetônica; ele deve ser, portanto, ético, estético e cognitivo.

Para explicitar esse postulado mais claramente, resolvemos aplicá-lo à arte, no seguinte exemplo: temos uma obra de arte e sua contemplação apropria-se do elemento ético do conteúdo (temático), através das escolhas, empáticas ou não, do autor-criador. Assim, seria ético o próprio acontecimento do ato: ato-pensamento, ato-ação, ato-sentimento, ato-desejo, etc. (BAKHTIN, 2002)

Em relação às *Fics*, temos o ato-desejo da fanfiqueira, a partir de uma inspiração do mundo da vida, permeado pela ética do ato de escrever, este uma ação da consciência volitiva e sensível do autor-criador. Assim, compreendemos que Bakhtin preocupa-se em dar ao conteúdo um caráter ético, ou seja, os sentimentos, sofrimentos, atos e acontecimentos de uma obra de arte recebem seu acabamento artístico na obra.

Sob esse aspecto, Bakhtin acrescenta que:

Depois de ter transcrito no limite do possível o elemento ético do conteúdo, acabado pela forma, a análise propriamente estética deve compreender o significado de todo o conteúdo no conjunto do objeto estético, isto é, precisamente como o conteúdo dado, sem, de modo algum, sair dos limites da obra. (BAKHTIN, 2002, p. 43)

Entendemos que Bakhtin centra suas análises no elemento ético do conteúdo material do objeto estético. Por conseguinte, há uma preocupação em Bakhtin ao nortear o caminho a ser seguido para a realização da análise estética desse objeto, essa unificada no conteúdo temático e nas fronteiras circunscritas de uma dada obra de arte.

Faz-se inevitável trazer à nossa discussão dois questionamentos realizados por Bakhtin em PCMF: “Como se realiza o conteúdo na criação artística e na contemplação, e quais as tarefas e os métodos de sua análise estética?” (BAKHTIN,

2002, p. 38). A partir dessas indagações, Bakhtin enumera três eixos norteadores, aos quais ele chama de observações que não têm o objetivo de esgotar o assunto e sim de levantar o problema. Logo, fica bastante claro o curso dado à obra, visto que o teórico russo deseja levantar problemas em torno dos eixos – conteúdo – material e forma, na criação literária.

Assim, traremos uma síntese dessas observações feitas por Bakhtin, para conduzir possíveis respostas aos seus questionamentos supramencionados. A saber:

1. Deve-se distinguir nitidamente o elemento ético-cognitivo, que na realidade é o conteúdo, ou seja, o elemento constitutivo do objeto estético dado, dos juízos e das apreciações éticas que podem ser construídas e expressas no que se refere ao conteúdo, mas que não entram no objeto estético.
2. O conteúdo não pode ser puramente cognitivo, completamente privado do elemento ético; ademais, pode-se dizer que é o campo ético que pertence a primazia essencial do conteúdo.
3. A obra de arte e a contemplação apoderam-se do elemento ético do conteúdo imediatamente, através da empatia ou simpatia e da co-apreciação, e não por meio da compreensão e da exegese teóricas, que só podem ser um instrumento da simpatia. (BAKHTIN, 2002, p. 39)

Bakhtin esclarece que a obra de arte tem relação com o ato de criar do autor-criador da obra, sendo, portanto, necessária a distinção dos seus elementos ético-cognitivos, aos quais ele chama de conteúdo que constitui o objeto estético. Portanto, haverá uma apropriação do elemento ético do conteúdo, que não será exclusivamente cognitivo, estabelecendo a primazia do componente ético do conteúdo.

A partir dessas compreensões, podemos dar sequência às nossas delimitações conceituais da terceira categoria de análise, ou seja, o estilo.

2.3.3 *Estilo*

Estilo é um conceito que Bakhtin irá trabalhar ao longo de suas obras: *O Autor e o Herói na Atividade Estética* (2011), sobre o qual discorreremos em nosso último item; *Os Gêneros do Discurso* (2016), aspectos abordados com mais detalhes no próximo tópico; *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018), trabalharemos os aspectos dessa obra, especificamente em relação ao autor-criador e seu herói, que será tratado em nosso último tópico; *Questões de Literatura e Estética - A Teoria do*

Romance (1990); *A Teoria do Romance I - A Estilística* (2015); *Estética da Criação Verbal* (2018) e *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* (2008), salientamos que a última obra não será objeto de análise em nossa pesquisa.

Logo, traremos os aspectos mais relevantes do conceito e aplicação do estilo, na perspectiva bakhtiniana, em algumas das obras supracitadas, ratificamos que nos deteremos mais especificamente ao estilo, enquanto categoria de análise aplicável ao nosso *corpus*. Nesse panorama, não nos interessa um aprofundamento do conceito de estilo, visto que é deveras extensa a abordagem dada por Bakhtin, diluída em suas obras.

Na obra *Questões de Literatura e Estética - A Teoria do Romance*, Bakhtin explica a estilística contemporânea e o romance em termos temporais, ao esclarecer que: “[...] até o século XX não havia uma colocação nítida dos problemas estilísticos do romance, colocação esta que se baseasse no reconhecimento da originalidade estilística [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 72). O teórico russo elucida nesta obra que: “[...] muito difundido e peculiar era o ponto de vista que via no discurso do romance um certo ambiente extraliterário, privado de uma elaboração estilística particular e original.” (BAKHTIN, 2002, p. 72)

Dessa forma, tal ponto de vista renunciava as análises estilísticas do romance, limitando-se às suas análises temáticas. Por conseguinte, Bakhtin postula, nessa obra, que o romance, em seu conjunto, “[...] caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 2002, p. 73). Essas características, elucidadas por nosso teórico, são aplicáveis às análises estilísticas, tanto em planos linguísticos quanto a leis estilísticas distintas, cabe-nos compreendê-las para a devida análise do estilo presente nas produções ficcionais de nossos sujeitos.

Na *Teoria do Romance I - A Estilística*, Bakhtin (2015, p. 29) fala sobre o estilo no romance ao afirmar que: “[...] o estilo do romance reside na combinação de estilos; a linguagem do romance é um sistema de ‘linguagens.’”

Mais adiante, Bakhtin acrescenta:

Cada elemento discriminado da linguagem do romance é determinado de modo imediato pela unidade estilística subordinada que ele integra diretamente: pelo discurso estilisticamente individualizado do herói, pelo *skaz* do narrador centrado no cotidiano, pela escrita, etc. É esta unidade imediata que determina o aspecto estilístico e linguístico de dado elemento (léxico, semântico, sintático). Tal elemento, acompanhado de sua unidade estilística imediata, comunga ao mesmo tempo no estilo do conjunto, incorpora os seus acentos,

participa da construção e da revelação do sentido único desse conjunto. (BAKHTIN, 2015, p. 29)

O estilo abordado na *Teoria do Romance I - A Estilística* centra-se na questão da unidade estilística, presente na linguagem do romance, ou seja, há uma preocupação de Bakhtin com a individualização do herói pelo autor-criador. A partir daí, dar-se-á uma cadência linguística que incluirá, nesse viés, questões lexicais, sintáticas e semânticas, quer dizer que ele estabelece um elo entre essas questões de constituição linguística e o estilo do conjunto da obra de arte, desvelando-a quanto aos seus componentes de sentido único.

Ademais, Bakhtin dá destaque, em sua *Teoria do Romance I - A Estilística*, ao homem no romance, presente no gênero romanesco, explicando que esse homem é essencialmente um falante, pois “[...] o romance precisa de falantes que tragam sua palavra ideológica original, na sua linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 124). Ao que concerne à estilística, ou seja, ao estilo, Bakhtin esclarece que são justamente o falante e sua palavra que darão uma originalidade estilística ao gênero romanesco.

Sob esse prisma, Bakhtin destaca três elementos indispensáveis para a devida compreensão da relação entre o falante e sua palavra, na construção do que ele denomina “originalidade estilística do gênero romanesco”, a saber:

- 1) O falante e sua palavra no romance são objeto da representação verbalizada e ficcional. A palavra do falante no romance não é simplesmente transmitida nem reproduzida mas *representada literalmente* e, ademais, à diferença do drama, é representada pela palavra mesma (do autor).
- 2) O falante é um homem *essencialmente social*, historicamente concreto e definido, e seu discurso é uma linguagem social (ainda que no embrião), uma linguagem de grupo e não um “dialeto individual”.
- 3) O falante no romance é sempre, em maior ou menor grau, um *ideológico*, e sua palavra é sempre um *ideograma*. A linguagem peculiar do romance é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo, que aspira a uma significação social. (BAKHTIN, 2015, p. 124-125, grifo do autor)

Podemos compreender o que Bakhtin afirma ao esclarecer que o falante e sua palavra consistirão no objeto que especificará o gênero do romance. Nesse sentido, destacamos o processo ideológico do homem associado à sua palavra, como afirma Bakhtin: “A ação e os atos do herói no romance são necessários tanto para revelar quanto para experimentar sua posição ideológica” (BAKHTIN, 2015, p. 125). Mais uma

vez ressaltamos a importância dos aspectos destacados da Teoria do Romance para nossa pesquisa, visto que nossos sujeitos produzem *Fics* do tipo romance. Ademais, para compreender a categoria de análise denominada estilo, faz-se indispensável um olhar mais atento a essa obra.

Na obra *Estética da Criação Verbal (ECV)*, o próprio Bakhtin define o estilo da seguinte maneira:

Chamamos estilo à unidade de procedimentos de informação e acabamento da personagem e do seu mundo e dos procedimentos, por estes determinados, de elaboração e adaptação (superação imanente) do material.[...] A unidade segura do estilo (grande e vigoroso) só é possível onde existe unidade da tensão ético-cognitiva da vida, indiscutibilidade do antedado guiado por ela: esta é a primeira condição. A segunda são a indiscutibilidade e a convicção da posição de distância [...], o lugar sólido e inquestionável da arte no conjunto da cultura. (BAKHTIN, 2018, p. 186)

Assim, o estilo, na perspectiva bakhtiniana, abarca todos os campos da arte, se não for assim não será estilo, ou seja, teremos o estilo presente tanto na visão de mundo do autor-criador quanto na própria elaboração do seu artefato. Salientamos, nessa conjuntura, características imanentes da vida, em relação aos componentes axiológicos, ético-cognitivos, presentes tanto no autor-criador quanto no seu herói.

Em última análise, temos em Brait:

[...] a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. Assim, a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais, visuais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro. (BRAIT, 2005, p. 98)

A concepção de estilo, em Bakhtin, ultrapassa os postulados elucidados no presente capítulo, contudo, na obra *Gêneros do Discurso*, encontramos mais referências ao conceito de estilo, o que passaremos a discutir a partir de agora, assim como o próprio conceito e aplicabilidade dos gêneros na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana.

2.4 Gêneros do Discurso na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana

Já no início da obra *Gêneros do Discurso*, Bakhtin nos esclarece que há um problema com a definição dos gêneros, visto que: “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Dessa forma, o teórico russo nos explica que o emprego da língua se dá por meio de enunciados, sejam orais ou escritos; ou seja, para cada campo da atividade humana há uma riqueza e uma diversidade de gêneros do discurso. Ainda sobre os enunciados, Bakhtin postula que:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2016, p. 11-12, grifo do autor)

Fica claro que Bakhtin explicita as categorias de análise de sua Arquitetônica, ao trazer o conjunto do enunciado, indissolúvelmente ligado ao conteúdo temático, ao estilo e à construção composicional. Os gêneros do discurso, segundo o teórico, são o resultado de cada campo de utilização da língua, ao elaborar o que Bakhtin (2016) denomina “tipos relativamente estáveis de enunciados.”

É interessante analisar a forma como Bakhtin explica a diversidade dos gêneros, sua clareza na definição e, sobretudo, a profundidade de suas colocações linguísticas e extralinguísticas, incluindo, as literárias. Sob essa ótica, o teórico esclarece que, desde a Antiguidade até sua contemporaneidade, estudaram-se os gêneros retóricos; depois, incluíram-se os estudos sobre os gêneros discursivos cotidianos.

Durante os primeiros estudos, segundo Bakhtin (2016), os gêneros retóricos, de alguma forma, encobriram a natureza linguística geral. Ao se estudar os gêneros discursivos do cotidiano, predominantemente as réplicas do diálogo cotidiano, e,

[...] ademais, precisamente do ponto de vista da linguística geral [...], esse estudo tampouco podia redundar em uma definição correta da natureza universalmente linguística do enunciado, uma vez que estava restrito à especificidade do discurso cotidiano. (BAKHTIN, 2016, p. 14-15)

Bakhtin (2016) explica a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade de definição da natureza geral do enunciado. A partir daí, ele diferencia os gêneros primários, os quais denomina de simples, dos gêneros secundários, chamados, por Bakhtin, de complexos. Assim, temos, nos secundários, os romances, os dramas, as pesquisas científicas, etc.

Na complexa atividade humana, em um convívio cultural diferenciado, Bakhtin (2016) explica que os gêneros secundários, em seu processo de formação, incorporam e reelaboram os gêneros primários, os quais: “[...] ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2016, p. 15). Nas palavras de nosso teórico:

[...] por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Em seu conjunto, o romance é um enunciado, assim como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas difere deles por ser um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2016, p. 15)

Dessa forma, o teórico russo elucida o estudo do enunciado e a complexidade de formas presentes na diversidade dos gêneros do discurso, diluídos nos diferentes campos da atividade humana. Salientamos que essa premissa bakhtiniana, acerca da relação enunciado *versus* gêneros discursivos, intensificou-se com o advento da internet e toda a diversidade de gêneros emergentes no meio digital.

Outro ponto importante na obra *Gêneros do Discurso* diz respeito às questões gramaticais, incluindo o léxico, as quais distinguem-se da estilística, pois: “[...] os estudos gramaticais não podem dispensar observações e incursões estilísticas” (BAKHTIN, 2016, p. 21). Percebemos, claramente, que o teórico russo deixa clara a diferença existente entre as questões de natureza gramatical e as questões de natureza puramente estilísticas. Sob esse prisma, faz-se importante esclarecer que,

em nossa pesquisa, analisaremos questões de natureza estilística mais amplas e não gramaticais restritas, ao que concerne à escrita e à reescrita de textos ficcionais em ambiente digital.

Na obra *Gêneros do Discurso*, Bakhtin também traz elementos indispensáveis à compreensão do estilo no diálogo, o que para nossa pesquisa é de extrema importância. Para tanto, nosso teórico elenca três diretrizes basilares para a estrutura interna do enunciado, as quais determinam a seleção dos recursos linguísticos e estilísticos, são elas:

1) o conteúdo semântico-objetual (isso é, o direcionamento para o objeto do discurso); 2) a expressividade, ou seja, a expressão do sujeito falante (suas emoções, suas relações com o objeto do discurso); 3) a relação com o ouvinte e com o discurso do outro (de uma terceira pessoa). (BAKHTIN, 2016, p. 135)

Ratificamos que Bakhtin, ao elucidar os conceitos de enunciado, preocupa-se em fazê-lo tanto na perspectiva da réplica como no próprio monólogo. Outrossim, o teórico esclarece que não é possível ter a compreensão do estilo de um discurso sem a presença do estilo do enunciado, denominado por ele de concreto. Logo, compreendemos, a partir dos postulados bakhtinianos, que o estilo do enunciado concreto está imbricado na relação dialógica do eu e do outro, o último denominado por ele de ouvinte, nessa obra.

Bakhtin, na ótica dos gêneros do discurso, elenca uma série de exemplos que ratificam a relação dialógica do estilo do enunciado concreto com os outros, ouvintes/leitores, como: estilo de um requerimento, de uma ordem militar, de um discurso religioso, etc. Ainda em relação ao estilo, Bakhtin postula que:

Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como também destrói ou renova tal gênero. Desse modo, tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2016, p. 21)

Sob essa perspectiva, observamos que o teórico russo esclarece a relação tanto do estilo individual, quanto da própria língua, com os gêneros do discurso, os quais são imprescindíveis para compreendermos que não é possível separar o estilo do gênero, visto que, na visão bakhtiniana, estilo e gênero são indissociados. Nesse sentido, destacamos a importância de compreender a teoria dos gêneros, na

perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana, visto que o estilo, uma das três categorias de análise por nós adotadas, é de fundamental importância para as análises do *corpus* de nossa pesquisa.

Torna-se salutar entender, também, o que Bakhtin (2016) explica ao esclarecer que: “[...] os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2016, p. 29). Nessa perspectiva, nosso teórico explica que todas as relações do enunciado, desde a mais singela réplica do diálogo cotidiano aos grandes romances ou textos de natureza científica “[...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos dos outros.” (BAKHTIN, 2016, p. 29)

Nosso teórico estabelece a relevância do dialogismo em sua teoria, não apenas na obra citada, mas em toda sua vasta produção intelectual. Dialogismo este que será imprescindível para a devida compreensão de sua Arquitetônica e para as categorias de análise por nós adotadas, como explicitado anteriormente. Sob esse olhar, podemos relacionar o dialogismo com as explicações de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, ao postular que:

Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto. Dispomos de um rico repertório de gêneros discursivos orais (e escritos) [...]. Assimilamos as formas da língua somente nas formas dos enunciados e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estreitamente vinculadas. (BAKHTIN, 2016, p. 39)

As diferentes manifestações realizadas pela multiforme atividade humana são organizadas em gêneros do discurso, visto que, Bakhtin (2016) explícita que os enunciados se organizam de maneira “relativamente estável”. Estes gêneros se organizam igualmente nas formas orais e escritas, em um “rico repertório”. Dessa forma, conseguimos assimilar as formas da língua por meio dos enunciados. Ou seja, tanto as formas dos enunciados, os quais Bakhtin classifica como gêneros do discurso, quanto as formas da língua permeiam nossa consciência e nossa vida como um todo, de maneira indissociável.

Além disso, compreendemos que as formas do enunciado chegam até nós por meio dos gêneros do discurso, pois ambos se encontram em relação de reciprocidade. Ou seja, não podemos separar os enunciados dos gêneros do discurso, assim como não podemos separar os gêneros do discurso do estilo.

Destarte, daremos sequência, com um olhar mais atento, no que tange às relações arquitetônicas entre o autor-criador e seu herói, uma vez que essa relação será minuciosamente detalhada nas análises de nosso *corpus*.

2.5 Relações arquitetônicas entre o autor-criador e o herói

Na extensa obra bakhtiniana, temos a presença de vários elementos que dão vida ao seu todo arquitetônico, na realidade Bakhtin vai erguendo sua Arquitetônica ao dar luz a conceitos que vão se aprofundando e que, muitos deles, constituem o que os seus estudiosos chamam de projeto inacabado.

Em *Estética da Criação Verbal* (a partir de agora ECV), Bakhtin constrói uma relação entre o autor-criador e sua personagem, a qual também denomina de herói, definição que iremos adotar em nossa pesquisa. Conceitos esses que serão a constituição da pedra angular para as nossas análises, visto que em nosso *corpus* há a existência de autor-criador e de um herói, este presente nas produções ficcionais - *Fics*. Sendo assim, faz-se salutar trazer as explicações bakhtinianas que introduzem essa relação arquitetônica. Nas palavras de Bakhtin, temos:

A relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem deve ser compreendida tanto em seu fundamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor, nessa ou naquela obra. (BAKHTIN, 2011, p. 3)

Na verdade, o que o teórico russo postula em ECV é que o autor-criador acentua ou torna tênue essa ou aquela característica do herói; assim como os acontecimentos que direcionam seus atos, pensamentos, sentimentos, todos amalgamados por elementos emotivo-axiológicos, os quais reverberam uma atitude responsiva, tanto de herói para herói, quanto do herói para o próprio autor-criador. Ressaltamos também, sob esse prisma, que o autor-criador atribui características que serão inerentes aos seus heróis como: bondade, que podemos remeter ao

protagonista, maldade, sob a mesma análise, podemos nos referir ao antagonista e assim por diante.

Quando o autor-criador dá vida ao herói, este possui uma relação com a obra de arte, que, por sua vez, é criação do autor-criador, por este motivo Bakhtin nos esclarece, em ECV, que o autor-criador conta-nos uma história, levando em consideração o todo do herói, sob um olhar estético, repleto de avaliações ético-cognitivas, para dar o seu acabamento, enquanto ser único, singular e semanticamente construído.

Sob esse enfoque, na obra em questão, Bakhtin nos esclarece que:

[...] do tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem: esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas, ela terá de inteirar-se amplamente da sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se constitua em um todo estável e necessário. (BAKHTIN, 2011, p. 4)

Assim, temos a relação axiológica entre o herói e seu mundo, na qual é possível, dentre outras apreciações, avaliar suas inserções sociais e o que circula em suas construções histórico-culturais. Em meio à construção desse herói e à sua relação com o autor-criador, Bakhtin (2011, p. 7) traz uma assertiva bastante inquietante quando afirma que: “[...] nesse sentido, reina até hoje pleno caos na estética da criação verbal e particularmente na história da literatura”. Ou seja, o teórico russo afirma que há uma certa confusão nos enfoques dados pelo autor-criador aos seus heróis, como: personagens positivas e negativas, focando no autor, da mesma forma idealizadas e realistas; inclusive, caracterização de um herói épico, dramático, lírico e assim por diante.

Faz-se pertinente retomar as categorias de análise adotadas para corroborar a relação do autor-criador com seu herói. Para tanto, Faraco (2019) postula que: “[...] é o posicionamento valorativo do autor-criador que constitui o princípio regente para a construção do herói e do seu mundo, isto é, se enformará o *conteúdo* do objeto estético.” Sendo assim, temos a forma composicional ao conteúdo enformado pelo autor-criador, na seguinte relação: *forma arquitetônica – forma do conteúdo, determinante para a forma composicional – apropriação do material – aparato técnico para concretizar o todo da forma.*

Para Bakhtin, temos um sujeito construído por relações sócio-históricoculturais, ressaltamos, nessa conjuntura, a importância dos processos de interação do sujeito na relação eu-outro (dialogismo). No que concerne à interação, há uma relação semiótica, uma vez que os signos linguísticos caminham para uma lógica da interação semiótica, ou seja, há um sentido ao interagirmos com o outro, uma intenção, uma vez que o sujeito bakhtiniano só se constitui a partir da sua relação com o outro.

Portanto, podemos concluir que linguagem, para Bakhtin, é interação. Assim sendo, acreditamos que as interações realizadas por um grupo de *WA* permitem ao autor-criador, a partir do contraponto eu e outro, a construção de seu artefato (*Fic*), podendo, inclusive, existir nesse enfoque a reescrita desse artefato, o mesmo axiologicamente enformado, sua composição material e seu conteúdo expresso em sua materialidade linguística.

Para Bakhtin, as interações possibilitam um diálogo constante entre os sujeitos, que, por sua vez, permitem o ato responsivo, no caso desta pesquisa, a partir das interações em um grupo de *WA*, as fanfiqueiras podem concordar ou discordar com as sugestões dadas para suas *Fics*, e, assim, terem a responsividade às sugestões/interações. Temos, portanto, a constituição das relações dialógicas nas interações realizadas, situação perfeitamente aplicável à vida vivida.

No que concerne à resposta, Clark e Holquist nos esclarecem que:

O caráter distinto de cada resposta é a forma específica da responsabilidade daquela dada pessoa, não há meio de um organismo vivo evitar a responsabilidade, uma vez que a própria qualidade que define se alguém está vivo ou não é a capacidade de reagir ao ambiente, que é um constante “responsoar”, ou responder, e a cadeia total dessas respostas compõe uma vida individual. É o que Bakhtin quer dizer quando declara que “não há alibi por se existir”. O modo como respondemos é como tomamos a responsabilidade por nós mesmos. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 93)

No que tange ao autor-criador e ao seu herói, a responsividade se dá tanto na relação entre ambos, quanto na relação entre herói e herói, no todo artístico, materializado em seu artefato. Logo, o artefato está repleto de sentidos e valores que são construídos e enformados, para serem contemplados como verdadeiras obras de arte, enfatizando o elemento estético de sua forma material.

Outrossim, em ECV, Bakhtin traz a seguinte definição de autor: “[...] é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta” (BAKHTIN, 2011, p. 10). Por conseguinte, o teórico russo nos esclarece que ao autor-criador pertence a capacidade de ver e conhecer o herói por completo, como também tudo o que diz respeito ao seu mundo. Salientando, em termos bakhtinianos, que o herói vive de modo cognitivo e ético sua vida, em um mundo essencialmente acabado, cuja índole é axiologicamente construída.

Assim, destacamos que o encontro do autor-criador com seu herói, nos moldes da Arquitetônica bakhtiniana, representa um encontro respaldado na relação entre seus mundos. Portanto, nesse sentido, podemos destacar as relações entre: mente – linguagem – sociedade, uma vez que Bakhtin esclarece que as pessoas na verdade são concomitantemente criadoras e consumidoras de significados, isto é, há um elo entre as relações destacadas.

Ainda em ECV, o teórico russo traz: “[...] a fórmula geral da relação basilar esteticamente produtiva do autor com a personagem [...] uma distância no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos” (BAKHTIN, 2018, p. 12). Essa distância, por sua vez, afasta o herói da relação, enquanto ser único, singular e irrepitível, com seu autor-criador. O que Bakhtin quer nos esclarecer com seus postulados é que o autor-criador, de certa forma, acaba vivenciando a vida do herói, salientando que o herói pode possuir características axiológicas distintas das vividas pelo autor-criador.

Por outro lado, nosso teórico afirma que: “[...] se o autor perde esse ponto de distância em relação à personagem, são possíveis três típicos casos de sua relação com a personagem” (BAKHTIN, 2018, p. 15). Para que possamos analisar corretamente as posições assumidas pelos sujeitos de nossa pesquisa, em relação aos seus heróis, elencaremos, um por um, os três casos postulados por Bakhtin - ao que concerne à distância do autor-criador e seu herói. Assim, temos:

Primeiro caso: a personagem assume o domínio sobre o autor. A diretriz volitivo-emocional e concreta e a posição ético-cognitiva da personagem no mundo têm tamanha autoridade para o autor que este não pode perceber o mundo concreto apenas pelos olhos da personagem nem deixar de vivenciar apenas de dentro os acontecimentos da vida dela [...]. (BAKHTIN, 2018, p. 15)

Temos, nesse primeiro caso, a supremacia do herói em detrimento do autor, destacando a autoridade do primeiro em relação ao segundo, ou seja, o autor não consegue um ponto de apoio fora do herói. Nesse prisma, o acabamento do todo artístico não se concretiza, pois o autor não sente segurança fora do herói, ao longo da obra faz-se indispensável que outros heróis, segundo Bakhtin (2018), forneçam ao autor-criador elementos para concretizar a diretriz volitivo-emocional do herói.

Dando sequência às explicações do nosso teórico, teremos:

Segundo caso: o autor se apossa da personagem, introduz-lhe no interior elementos concludentes, a relação do autor com a personagem se torna parcialmente uma relação da personagem mesma. A personagem começa a definir a si mesma, o reflexo do autor se deposita na alma ou nos lábios da personagem. A personagem desse tipo desenvolve-se em dois sentidos: no primeiro ela não é autobiográfica [...]. No segundo sentido, a personagem é autobiográfica; tendo assimilado o reflexo concludente do autor [...]. (BAKHTIN, 2018, p. 18)

Já no segundo caso, Bakhtin nos esclarece um tipo de herói em si mesmo, quando temos um herói que não é autobiográfico, o reflexo do autor será responsável pela conclusão da personagem. Esse tipo de herói, de acordo com Bakhtin (2018), é um herói pseudoclassicista, há, portanto, seu acabamento personificado pelo ponto de vista do autor-criador. Em contrapartida, o herói autobiográfico, para Bakhtin, é infinito, tem a possibilidade de renascer assim como a Fênix - pássaro lendário da mitologia grega.

Esse tipo de herói permite ao seu autor-criador novas formas de acabamento, as quais são destruídas pelo herói com sua autoconsciência: “Assim é a personagem do romantismo: o romântico teme denunciar-se por intermédio de sua personagem e deixa nela alguma escapatória pela qual possa esgueirar-se e sobrepôr-se ao seu próprio acabamento.” (BAKHTIN, 2018, p. 18)

O terceiro caso, ao seu turno, é esclarecido por Bakhtin da seguinte maneira:

Terceiro caso: a personagem é autora de si mesma, aprende sua própria vida esteticamente, parece representar um papel; essa personagem, à diferença da personagem infinita do romantismo e da personagem não redimida de Dostoiévski, é autossuficiente e acabada de forma segura. (BAKHTIN, 2018, p. 18)

Podemos compreender, portanto, que as relações entre o autor-criador e seu herói vão depender das definições ético-cognitivas de cada herói, este enformado artisticamente por seu autor-criador. Ao longo da obra ECV, Bakhtin traz outros elementos entre o autor-criador e seu herói, assim como relações de espaço, tempo, incluindo, nesse sentido, questões semânticas e problemas levantados pelo teórico em relação ao autor-criador. Destacamos que, detemo-nos aos aspectos indispensáveis desse todo artístico - autor-criador e herói - ao que concerne aos elementos relevantes para as nossas análises.

Já na obra Problemas da Poética de Dostoiévski (PPD), Bakhtin esclarece essa relação dos mundos do autor-criador e da personagem, ou seja, herói, da seguinte forma:

Além da realidade da própria personagem, o mundo exterior que a rodeia e os costumes se inserem no processo de autoconsciência, transferem-se do campo de visão do autor para o campo de visão da personagem. Esses componentes já não se encontram no mesmo plano concomitantemente com a personagem, lado a lado ou fora dela em um mundo uno do autor [...]. (BAKHTIN, 2018, p. 55)

Em PPD, Bakhtin elucida a questão da autoconsciência como domínio artístico da construção da personagem. Nas palavras de Bakhtin (2018, p. 56): “A autoconsciência pode ser convertida em dominante na representação de qualquer pessoa. Mas nem toda pessoa é matéria igualmente propícia à semelhante representação”. Logo, nas produções ficcionais presentes em nosso *corpus*, podemos encontrar, entre outros, heróis que são construídos pelo autor-criador - fanfiqueira - que possuam ou não bem definidas suas autoconsciências, essas representadas por elementos que o autor-criador deixará claros na construção de seu artefato, ao utilizar recursos como: “sonho”, “medo”, “tristeza”, “alegria” e assim por diante.

Também em PPD, Bakhtin elucida o que determina o discurso do herói, em suas palavras:

Encontrar sua voz e orientá-la entre outras vozes, combiná-la com umas, contrapô-la a outras ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente são as tarefas a serem resolvidas pelas personagens no decorrer do romance. É isso que determina o discurso do herói. (BAKHTIN, 2018, p. 277)

São as vozes que dão ao discurso do herói a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo. E, segundo Bakhtin (2018), tanto na ação interior quanto exterior do romance, essas vozes se combinam e se distribuem diferentemente em cada relação estabelecida desde o início do romance. Sendo assim, cada herói possui sua peculiaridade e o romance polifônico ganha um papel de destaque nas obras de Dostoiévski, segundo Bakhtin.

Ratificamos que, em nosso *corpus*, há *Fics* do tipo romance, o que sugere ser indispensável revisitarmos a obra *Teoria do Romance I - A Estilística*, já elucidada quando falamos sobre o estilo, para ficar clara a diferença entre o herói épico e o romanesco. Sendo assim, Bakhtin nos esclarece que:

O herói épico, é claro, pode pronunciar longos discursos (enquanto o herói romanesco pode calar), mas sua palavra não é ideologicamente destacada (só é destacada formalmente: em termos de composição e enredo), funde-se com a palavra do autor. Mas o autor épico também não destaca sua ideologia: esta se funde com a ideologia geral - a única possível. [...] No romance, também pode ser introduzido um herói que pensa e age (e fala, evidentemente) de modo irrepreensível, segundo o plano do autor, exatamente do modo como quer um deve agir, mas essa irrepreensibilidade da do romance está longe da ingênua indiscutibilidade da epopeia. (BAKHTIN, 2015, p. 126)

Outrossim, compreendemos que o caminho percorrido para uma possível delimitação dos componentes essenciais da Arquitetônica bakhtiniana possibilitou-nos compreendê-la com maior entendimento, o que é indispensável para elencarmos posteriormente outros elementos que somarão clareza e objetividade à nossa pesquisa.

A partir da compreensão desses elementos, damos sequência às nossas discussões, dessa vez especificando com mais afinco os aspectos pertinentes à interação. Dessa forma, traremos a compressão da interação discursiva, adotada por Bakhtin/Volóchinov (2017). Salientamos que para o entendimento da concepção de interação, que será utilizada por nós, faz-se salutar visitar a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (doravante MFL), na qual Bakhtin/Volóchinov tece um paralelo entre as duas tendências do pensamento filosófico, contemporâneas a ele e ao conhecido Círculo de Bakhtin: as teses do subjetivismo individualista e as antíteses do objetivismo abstrato, esses esclarecidos em nosso próximo item.

2.6 A visão de Bakhtin/Volóchinov sobre a interação discursiva: esclarecimentos sobre o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato

Essas duas teses, subjetivismo individualista e objetivismo abstrato, na realidade, são uma crítica ao estruturalismo linguístico¹, abrindo caminho para a construção de uma nova proposta centrada na Teoria Dialógica. Sendo assim, trataremos uma síntese dessas duas tendências, para contextualização dessas questões tratadas pela Filosofia da Linguagem.

Em primeira análise, temos a primeira tendência, o subjetivismo individualista, que analisa o ato discursivo sob uma perspectiva individual e criativa. Essa tendência analisa todos os fenômenos linguísticos. Nas palavras de Bakhtin/ Volóchinov:

O psiquismo individual representa a fonte da língua. As leis da criação linguística – uma vez que a língua é formação e criação ininterrupta – na verdade são leis individuais e psicológicas; são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 148)

O foco dessa primeira tese é o entendimento da língua como atividade, em um processo ininterrupto de criação linguística, individual e de natureza psicológica, como explica Bakhtin/ Volóchinov; há, portanto, a compreensão da língua enquanto produto pronto e acabado. Seu principal representante foi Wilhelm von Humboldt (1767-1835), que compreende a língua como substância – som, impressões sensoriais, conceitos construídos para a plena expressão da linguagem. A língua, para tanto, é parte de um todo. Já a linguagem, não é mais um mero sistema de signos, mas algo constitutivo da atividade de pensar, elevada a um quase-transcendental. Para Humboldt, a língua é uma composição nunca acabada, *Ergon*, mas em constante andamento, *Energieia*. Na sua constituição, articulam-se som e pensamento e, constrói-se, assim, a linguagem como um todo.

¹ O estruturalismo teve os estudos da linguagem, no Brasil, um impacto enorme, típico de uma escola dominante. Seu advento se deu no Brasil durante os anos 1960 e coincidiu com o reconhecimento da linguística como disciplina autônoma [...]. Por volta de 1970, pode-se dizer que o estruturalismo já era, no Brasil, a orientação mais importante nos estudos da linguagem, e que tinha contribuído para criar um novo tipo de estudioso, o linguista, que já então dispunha de um espaço próprio em face de duas figuras mais antigas – a do gramático (interessado na sistematização dos conhecimentos que resultam num uso “correto” da variante padrão) e a do filólogo (interessado no estudo das fases antigas da língua, e na análise de textos representativos dessas fases). (MUSSALIM; BENTES, 2004, p. 53-54)

Podemos sintetizar o pensamento humboldtiano da seguinte maneira:

1. Resultado de um processo ou atividade, a atividade de falar;
2. Garantia de intersubjetividade na comunicação;
3. Condição de entendimento de falantes;
4. Processo sintético, unificado por meio do diálogo;
5. Em paralelo à dimensão cognitivo-semântica, desponta a dimensão comunicativo-pragmática.

Por conseguinte, Humboldt estabelece uma relação recíproca de dependência entre pensamento e palavra, de maneira que ambos os elementos configuram-se como aspectos paralelos de uma mesma atividade. Salientamos que Humboldt foi o primeiro linguista europeu a identificar a linguagem humana como um sistema governado por regras. Destacamos, também, que a teoria da linguagem de Noam Chomsky, ou seja, sua conhecida Gramática Gerativa, cita a descrição postulada por Humboldt acerca da linguagem: sistema que “faz infinitos usos de meios finitos”, o que significa dizer que na construção de um número infinito de frases pode haver o emprego de um número finito de palavras.

Assim, “Humboldt estabelece, portanto, uma relação recíproca de dependência entre pensamento e palavra, de modo que ambos os elementos configuram-se como aspectos paralelos de uma mesma atividade.” (CAMBRUSSI; FERREIRA, 2011, p. 56-57)

Para finalizarmos essa breve visita ao subjetivismo individualista, destacamos a relevância da escola de Vossler e de seus seguidores, para essa tendência do pensamento filosófico. Esses teóricos ratificaram a ideia da língua enquanto ato criativo e individual discursivo. Como esclarece Bakhtin e Volóchinov a seguir:

É justamente aqui que ocorre a formação da língua, que se sedimenta depois nas formas gramaticais: tudo que se torna um fato social foi antes um fato estilístico. Nisso se resume a ideia de Vossler a respeito do primado da estilística sobre a gramática. (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p. 153)

Devidamente esclarecida a primeira tendência, seguiremos nossa síntese com a segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico, o objetivismo abstrato. Assim, esclarece Bakhtin/Volóchinov (2017, p. 155): “Se para a primeira tendência a língua é um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico em si mesmo, para a segunda tendência, a língua é um “arco-íris” imóvel que

se ergue acima desse fluxo”. Ou seja, para seus seguidores, os elementos considerados idênticos a um grupo discursivo específico – fonéticos, gramaticais, lexicais – na verdade, normativos, irão proporcionar a unicidade dessa dada língua e, por conseguinte, a sua compreensão pelos participantes de uma mesma comunidade comunicativa.

Para uma melhor compreensão desse pensamento, traremos a síntese realizada por Bakhtin/ Volóchinov:

1. A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela;
2. As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado;
3. As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros);
4. Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas. (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 162)

Não há, na segunda tendência, um representante que se aprofundou como fez Humboldt na primeira, tivemos uma exposição um pouco mais clara com Leibniz e sua concepção acerca da gramática universal. Saliemos que a escola de Genebra e os postulados de Saussure representam o que há de mais claro no objetivismo abstrato. Por razões já esclarecidas, não iremos nos deter aos seus detalhes, nosso objetivo foi apenas traçar um paralelo entre as duas tendências do pensamento filosófico, para, então, debruçarmo-nos com mais presteza à interação discursiva em Bakhtin/ Volóchinov, visto que Bakhtin e sua Teoria Dialógica coadunam com esse postulado.

As considerações iniciais dadas por Bakhtin/ Volóchinov consistem em refutar as duas tendências supracitadas e ratificar que: “[...] a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 219). Logo, o diálogo além de ser a mais importante forma de interação discursiva, não a única, que não se limita à relação entre dois falantes, estendendo-se para qualquer forma de comunicação discursiva. Inclusive, Bakhtin/Volóchinov dá um exemplo bastante interessante para elucidar seu postulado: “[...] o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma

algo, antecipa respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 219)

A partir dos esclarecimentos das duas vertentes teóricas que tecem uma crítica ao estruturalismo linguístico, seguiremos os esclarecimentos sobre a interação, na perspectiva dialógica da linguagem. Sendo assim, ao elucidar os processos de interação, Bakhtin/ Volóchinov postula que:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco figurado. (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 204-205)

Essa relação da palavra entre seus interlocutores orienta a criação ideológica do enunciado concreto, o qual tem na palavra uma diretriz para um interlocutor, inserido ou não no mesmo grupo social de quem a enunciou, em um primeiro momento. Logo, a interação ocorrerá no direcionamento da palavra para o interlocutor, perpassando por questões sociais, culturais, e assim por diante.

Por esse ângulo, Volóchinov traz em MFL o conceito de auditório social, o qual encontra-se inserido tanto no mundo interior, como no plano do pensamento de cada indivíduo, construído a partir da criação ideológica inerente a cada sujeito da enunciação. Por conseguinte, para Bakhtin/ Volóchinov, a palavra é um ato bilateral, presente tanto por aquele que a proferiu, quanto naquele que a recebe. O processo de interação discursiva dar-se-á nessa relação de reciprocidade, pois a palavra é “um território comum entre falante e ouvinte.” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 205)

Compreendemos, nessa vertente, que os processos dialógicos da interação discursiva entre os sujeitos perpassam substancialmente pelas questões sociais, visto que as construções linguístico-discursivas do enunciado são indiscutivelmente construções sociais, segundo os teóricos do Círculo.

Nesse contexto, temos, então, os participantes do processo de interação, tanto os “imediatos” quanto os “distantes” em relação a uma determinada situação

discursiva. Essas construções se dão em contextos de utilização de uso da língua viva, nas diferentes esferas da atividade humana, em um *continuum* sistema de construções ideológicas.

Assim, Bakhtin/ Volóchinov esclarece que a ordem metodologicamente fundamentada para o devido estudo da língua, enquanto interação discursiva é a seguinte:

1) Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. A formação real da língua também ocorre na mesma ordem: *a comunicação social se forma (fundamentada na base), nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as formas dos discursos verbais e, por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua.* (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 220-22, grifo do autor)

Salientamos, nesse ínterim, que o diálogo é apenas uma das formas dessa interação discursiva, embora seja para o teórico russo a mais importante. Ademais, nosso teórico nos esclarece em MFL que: “[...] todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta, cotidiana, literária, científica, política” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 219). Esse enunciado, por sua vez, é apenas um momento dessa construção ininterrupta presente na coletividade, ou seja, na sociedade.

Dados os devidos esclarecimentos sobre a interação discursiva, partiremos para um maior detalhamento sobre as bases que constituem o texto na visão da Teoria Dialógica, respaldada em Bakhtin e no conhecido Círculo, o qual recebeu seu nome.

2.7 O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo

A perspectiva dialógica concebe, segundo Brait:

[...] duas dimensões evocadas como condição de existência de texto: por um lado, a materialidade sígnica que o constitui e o insere num sistema (dimensão semiótica); por outro, sua singularidade (participação ativa e efetiva na comunicação discursiva). (BRAIT, 2016, p. 13-14)

Vale ressaltar que essa participação discursiva está inserida na sociedade, visto que para Bakhtin a língua é vivida na interação dialógica entre o *eu* e o *outro*. É

notório que tanto Bakhtin quanto os outros teóricos do Círculo compreendiam a língua viva, como um evento de fato social, ou seja, eventos da vida na linguagem Brait (2016). Encontramos, portanto, essa visão diluída em diversos trabalhos desses estudiosos. Nosso intuito é deixar claro o pensamento bakhtiniano e as ideias discutidas no Círculo sobre essa nova teoria, a dialógica, distinguindo-o de outras vertentes de concepções envolvendo o texto.

Para uma visão mais completa acerca do texto na Teoria Dialógica, Brait (2016) nos esclarece os três universos constitutivamente articulados, aos quais implicam essa nova visão textual, elencados a seguir:

- a. O da materialidade – sem o qual a vida do texto estaria impossibilitada e que, necessariamente, advém de linguagens socialmente organizadas e reconhecidas, caso do sistema linguístico, por exemplo, mas não exclusivamente dele;
- b. O da singularidade – que define o texto como único, configurado por seu inexorável pertencimento a uma situação, a um contexto, a uma cadeia histórico-discursiva, fator que delinea sua natureza enquanto forma viva e responsiva;
- c. O da condição advinda dessa combinatória – que possibilita o estabelecimento de relações dialógicas com outros textos, no sentido de propiciar, provocar e convocar diálogos, abrindo espaços para respostas, para novos textos, para circulação e produção de discursos sociais, culturais, históricos. (BRAIT, 2016, p. 14)

Observamos em (a) uma visão centrada não apenas no que os estruturalistas levavam em consideração – a superfície textual, enquanto sistema linguístico apenas – mas, sim, uma linguagem que é construída na sociedade a partir das interações dos sujeitos, os quais são historicamente construídos e por eles perpassam questões culturais. Em (b), por sua vez, a questão histórica é ressaltada para dar vida a um sujeito único que possui atitudes responsivas. Já em (c), temos o somatório dos dois primeiros, culminando nas relações dialógicas, tanto entre os sujeitos quanto entre os próprios textos, visto que essas relações propiciam a execução de diálogos, possibilitando aos sujeitos construções responsivas, incluindo, nessa perspectiva, a tessitura de novos textos que dialoguem, ora com o sujeito, ora com o texto que o antecede; enfatizando, inclusive, que o segundo será uma construção dialógica, respaldada no primeiro, a qual não se constitui como gênese do processo.

Assim elucidado, em primeira instância, traremos o entendimento da percepção ativa do discurso alheio, o qual Bakhtin/Volóchinov afirma ser fulcral para a constituição do diálogo. No tocante ao discurso alheio, o teórico nos esclarece que:

[...] O mecanismo desse processo não está na alma individual, mas na sociedade que seleciona e gramaticaliza (ou seja, insere na estrutura gramatical da língua) apenas os aspectos da percepção ativa e avaliativa do enunciado alheio que são socialmente pertinentes e constantes e, por conseguinte, baseiam-se na própria existência econômica de uma coletividade falante. (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017, p. 252)

Essa compreensão nos permite estabelecer relações dialógicas entre os participantes do processo comunicativo, levando em consideração influências sociais na comunicação dialógica, assim como permite aos interlocutores, presentes nesse processo, responder aos enunciados do discurso.

A questão textual também é tratada por Bakhtin em sua obra PPD (*Problemas da Poética de Dostoiévski*), ao abordar o texto de Dostoiévski, a qual possibilita a construção do dialogismo por Bakhtin ao criar o romance polifônico e ao elucidar a questão da metalinguística. No que concerne ao primeiro, nos romances de Dostoiévski, Bakhtin encontra um recurso estético-formal totalmente inovador, ao qual ele nomeou polifonia. Já em relação à metalinguística, temos em nosso teórico:

As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso – mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência. (BAKHTIN, 2018, p. 207)

Na realidade, Bakhtin está se referindo ao texto enquanto materialidade linguística, ao caracterizar o enunciado concreto, este pertencente a uma cultura, a um contexto específico, ressaltando um diálogo entre seus interlocutores, possível ontem, hoje e amanhã (BRAIT, 2016). Ou seja, o texto, na concepção dialógica, leva em consideração todos os elementos elencados na obra bakhtiniana, que respaldam a construção dos processos dialógicos entre seus participantes, visto que as relações dialógicas são extralinguísticas.

Para trazer mais clareza às nossas discussões, optamos por elencar os elementos que trazem singularidade para esse enunciado concreto, os quais Brait (2016) afirma garantir “um lugar na cadeia discursiva”. Sob essa ótica, temos:

- a. A carga de valores, a posição diante do mundo por ele representada, tecida pelos discursos sociais, culturais que o atravessam, que dele emanam e que o configuram como arena discursiva;
- b. A autoria deve ser entendida como individual ou coletiva, independentemente de a assinatura estar explícita ou não, pois decorre da posição enunciativa e discursiva que dá voz ao texto e nele se concretiza e se realiza;
- c. O destinatário, que participa ativamente da construção dos sentidos, a cada encontro em que ocupa os espaços deixados para respostas e diálogos (polêmicos ou não...);
- d. As relações dialógicas, que não estão prontas e finalizadas em cada texto, mas que são necessariamente recuperadas e/ou estabelecidas a partir do encontro entre o texto/enunciado e seus interlocutores, em diferentes situações, contextos históricos, culturais e discursivos. (BRAIT, 2016, p. 17)

Os textos, na perspectiva dialógica, são atravessados por questões sociais e culturais, no que diz respeito à posição do sujeito na “arena discursiva”. Logo, temos os interlocutores inseridos nesse contexto, ora individual, ora coletivamente, dando voz à composição de um texto que se materializa nessas relações extralinguísticas do enunciado concreto. As relações axiológicas, valorativas, presentes na constituição textual, de certa forma, podem fazer referência à intertextualidade.

Além disso, o texto, na concepção dialógica da linguagem, literalmente “dialoga” com outros textos proferidos em contextos específicos, históricos e culturais, em um verdadeiro “universo” da dialogicidade, imbricando diferentes discursos éticos, artísticos, culturais, profissionais, presentes na língua viva e vivida por interlocutores reais ou “fictícios”, porém inspirados em sujeitos vivos, fazemos aqui uma alusão ao *corpus* de nossa pesquisa.

Ressaltamos a relevância dos processos de interação verbal, no dialogismo bakhtiniano e nos representantes do Círculo, os quais já foram contemplados em nossas discussões anteriores. Destarte, daremos seguimento à construção dos alicerces teóricos necessários à nossa pesquisa, com duas questões extremamente relevantes ao nosso estudo, a produção textual nos mecanismos de escrita e de reescrita textual. Para tanto, seguiremos com questões pertinentes à Linguística Textual, com ênfase para os processos de escrita e de reescrita textual.

3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A ARTE DE ESCREVER E REESCREVER TEXTOS

*Escrever é deixar uma marca.
É impor ao papel em branco um sinal
permanente, é captar um instante
em forma de palavra.*

Margaret Atwood

O capítulo em tela trará a compreensão da arte de escrita e de reescrita textual. Para tanto, iniciaremos com as concepções acerca de língua/linguagem, sujeito, texto e interação e os postulados da Linguística Textual (doravante LT), em especial, sobre as questões relativas à produção textual – escrita e reescrita – o que nos dará subsídios para analisar textos ficcionais em ambiente digital.

Sendo assim, deixaremos claro o posicionamento que adotamos em nossa pesquisa sobre a concepção de língua/linguagem, texto, sujeito e interação.

3.1 Concepções de língua, sujeito, texto

Nos estudos da Linguística, ao longo do tempo, surgem diferentes concepções de língua/linguagem, sujeito e texto; as quais serão de suma importância para as análises vindouras do *corpus* de nossa pesquisa. Sendo assim, elencamos essas concepções, dando ênfase maior para a concepção de língua que adotamos neste estudo.

Koch (2015) nos esclarece que a concepção de língua adotada determina a concepção de sujeito da linguagem. Logo em seguida, ela dá início a sua explanação, no tocante a essas questões, ao afirmar que: “[...] à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações” (KOCH, 2015, p. 14). A essa concepção, temos um sujeito que realiza uma representação em sua mente e acredita que seu interlocutor seja capaz de compreendê-la da maneira como foi mentalizada por ele, sujeito psicológico, uma espécie de *ego* que constrói seu pensamento.

Outra concepção existente é a de sujeito “*assujeitado*” pelo sistema, cuja caracterização se atribui uma condição de “não consciência”. A essa concepção de sujeito, por sua vez, atribui-se a concepção de língua como estrutura, no

assujeitamento do sujeito. Desse modo, Koch (2015, p. 14) ratifica que: “O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer linguístico, quer social.”

Diante disso, reiteramos que estamos assumindo a concepção interacional (dialógica) da língua, como afirmam Koch e Elias (2009, p. 10-11): “[...] os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores.” Por conseguinte, adotamos a abordagem dialógica da língua, centrada em Bakhtin (2016, p. 29), o qual nos ensina que: “Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes”. Nessa perspectiva, Bakhtin (2016, p. 29) acrescenta que: “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.”

Sendo assim, compreendemos que é a alternância desses sujeitos em um processo dialógico que delimita com maestria os limites do enunciado concreto, este presente nos diferentes campos da multiforme atividade humana, baseando-se nas condições de comunicação e na interação entre os sujeitos do discurso. Nesse viés, “[...] o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação.” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 11)

No que tange à concepção de língua como lugar de interação, Koch reforça sobre o sujeito que:

[...] a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir. (KOCH, 2015, p. 16)

É justamente essa posição de sujeito que adotamos, respaldados nos postulados bakhtinianos e em seu dialogismo, que perpassa o conjunto de sua extensa produção intelectual, recebendo influência de outros estudiosos do conhecido Círculo de Bakhtin, como Volochínov, do qual retomamos alguns conceitos basilares, ao nos referirmos aos processos de interação verbal. Assim, faz-se salutar

compreendermos como essas relações dialógicas ocorrem no processo da comunicação discursiva. Nas palavras de Bakhtin:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011, p. 323)

O texto considera em sua constituição diferentes aspectos de cunho linguístico, social, histórico e interacional, os quais são imprescindíveis para sua constituição. Corroboramos com a noção de texto, cuja abordagem interacional de base sociocognitiva permite aos sujeitos um processo de interação por meio da linguagem. Salientamos, portanto, que essa abordagem permite ao sujeito ativar seu conhecimento de mundo e realizar a interação com outros sujeitos, ao fazer uso de seus conhecimentos linguísticos, da sua intersubjetividade e, assim, compartilhar seus conhecimentos.

Sobre essa abordagem, Koch afirma que:

[...] na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH, 2015, p. 18)

É, portanto, a construção realizada pelo autor/ator social que possibilita uma interação entre os interlocutores. Essa interação ocorre no próprio texto, cenário de inúmeras posições axiológicas e de implícitos que serão compreendidos como resultado final dessa interação discursiva. Legitimando esse pensamento, Marcuschi (2008) valida que:

Essa posição toma a língua como uma atividade sociohistórica, uma atividade cognitiva e atividade sociointerativa. Na realidade, contempla a língua em seu aspecto sistemático, mas observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo. Não ignora a forma sistemática nem deixa de observar a regularidade sistemática. (MARCUSCHI, 2008, p. 60)

Adotamos, pois, como fundamento basilar, essa noção de língua, como bem esclarece Marcuschi (2008, p. 61): “[...] a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes, escritores/leitores, agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância [...].” Visualizamos, por conseguinte, a posição do sujeito diante da construção de sua relação dialógica com seu ouvinte.

Ao relacionarmos esse entendimento de língua, sujeito e texto com nossa pesquisa, temos – o sujeito produtor, escritor do texto, em ambiente digital, que expressa suas intenções, adequando-as aos seus objetivos específicos – interage dialogicamente com seu interlocutor, leitor, admitindo que a língua é variada e variável de acordo com o seu contexto de uso.

Assim sendo, admitimos, no presente estudo, que a língua é de fato resultado de uma atividade interativa, dialógica, social e mental, pela qual nosso conhecimento é constituído; presumível, assim, uma ação colaborativa de um outro sujeito, socialmente constituído, no processo de comunicação/interação verbal. É indubitável que a construção do sujeito é de cunho social, logo, é o sujeito receptor que assume uma posição responsiva, essa também constituída historicamente, pois não existe na sociedade um sujeito isolado, mas sim um sujeito inserido na sociedade e em um contexto específico.

Diante desse entendimento, faz-se necessário trazermos os conhecidos “Modelos de Interpretação” postulados por Dascal (1982), os quais são referendados por Koch (2015). Esses modelos são, na realidade, uma tentativa de construção de sentido no texto. Sendo assim, realizamos um resumo das definições trazidas por Dascal em seu estudo:

1. Modelo “criptológico” – o sentido está objetivamente “lá” (no texto), basta descobri-lo. A língua é um código [...] basta usar o código e as chaves adequadas (“textualistas”);
2. Modelo “hermenêutico” – o sentido não está “lá”, mas “aqui”. Ele é um construto a ser engendrado no processo interpretativo [...] de acordo com as suas circunstâncias e os seus propósitos (“desconstrutivistas”);
3. Modelo “pragmático” – o sentido é produzido por um agente, por meio de ação comunicativa. [...];
4. Modelo “superpragmático” – o intérprete capta (*grasp*) o sentido do falante diretamente, com base na informação contextual [...];
5. Modelos de estruturas profundas causais – [...]. O sentido é o produto de um jogo de forças que subjazem a determinada atividade humana. A noção de sujeito é, portanto, desnecessária e enganadora (KOCH, 2015, p.19)

Ao compreendermos os modelos propostos por Dascal, é possível dar uma interpretação mais madura à sua conhecida metáfora do *iceberg*, cuja aplicação se dá em diferentes contextos de produção. Assim, temos, no ápice, a possibilidade de interpretação do signo linguístico, seguido, hierarquicamente, de diversas camadas de sentido que serão “ferozmente” perseguidas pelo sujeito. Na sequência, encontramos “cristalizado” o tão almejado sentido semântico. Logo em seguida, percebemos a presença das intenções, as quais Dascal denomina *speaker’s meanings*, essas encontram-se na posição de receptoras de uma interpretação de natureza pragmática. Adentrando ainda mais em sua estrutura, percebemos o que Dascal chama de “florestas geladas”, território dos teóricos das causas mais profundas. Por outro lado, há os que defendem um modelo hermenêutico, engendrado no modelo interpretativo, os quais, segundo Dascal, recusam-se a mergulhar nessas águas. Dascal, inclusive, ratifica que muitos desses últimos teóricos negam a existência desse *iceberg*, colocando-se em uma posição metaforicamente construída: no topo de seus castelos.

3.2 Produção Textual: escrita e reescrita textual

Questões concernentes à produção textual são extremamente relevantes para nosso estudo, incluindo, nesse viés, os mecanismos de reescrita textual, visto que nosso objetivo primeiro é analisar como as interações realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de *WhatsApp* (WA), influenciarão na reescrita de *Fics*. Sendo assim, traremos os principais postulados que elucidaram a construção dos processos da escrita e, por conseguinte, da reescrita textual.

Como ponto de partida, poderíamos responder a um questionamento: o que é escrita? Ao que tange à essa pergunta, Koch nos explica que:

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, *email*, listas de compras, etc, etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia a dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, *email*, etc., etc.). (KOCH, 1997, p. 31)

A partir dessa compreensão, podemos atestar a presença constante da escrita em nosso cotidiano, desde simples atividades rotineiras a complexas situações que exigem um domínio um pouco maior da modalidade escrita formal da língua, em contextos específicos. Na verdade, responder à pergunta: o que é escrita? de fato, requer a compreensão de aspectos diferentes, como conhecimento linguístico, cognitivo, pragmático, histórico, social e até mesmo cultural.

Todas as concepções sobre língua, sujeito, texto e interação trazidas ao longo do nosso capítulo, com a devida elucidação do nosso posicionamento, foram indiscutivelmente relevantes para nosso entendimento acerca do processo de escrita textual e de reescrita textual. Nessa conjuntura, ratificamos o nosso posicionamento de texto como um evento sociocomunicativo produzido em um contexto de interação discursiva.

Outrossim, reiteramos nossa filiação aos postulados do dialogismo bakhtiniano, uma vez que adotamos a concepção de língua como lugar de interação. Assim esclarecido, Koch elenca as estratégias que devem ser utilizadas por quem escreve, as quais listamos a seguir:

- Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- Seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- “Balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- Revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH, 2015, p. 34)

Sendo assim, a escrita, de acordo com Koch (2015), é resultado da atividade de produção textual que tem por base elementos linguísticos imprescindíveis para a tessitura de sua estrutura, a qual requer em seu interior – enquanto evento comunicativo em que interagem sujeitos e seus interlocutores – o conhecimento do leitor que recebe a materialidade textual. Ratificamos que a intertextualidade é basilar para os estudos e, conseqüentemente, para a prática de produção textual.

Produzir um texto é, portanto, uma atividade que demanda de seu escritor a ativação de conhecimentos indispensáveis à sua constituição, como os ortográficos, gramaticais e os lexicais, como também conhecimentos os quais são, gradativamente,

adquiridos ao longo de uma vida. À produção textual também se inserem outros conhecimentos como o enciclopédico, intertextual, já elucidado, e os conhecimentos interacionais.

Koch (2017, p. 44) afirma que: “[...] a escrita demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas.” Além disso, a quantidade de informações presentes em uma determinada situação comunicativa permite ao leitor ativar sua capacidade de construção textual, na condição de autor-produtor. Logo, ao autor-produtor é dada a possibilidade de escolha da variante linguística a ser utilizada na sua produção, uma vez que ele irá selecionar a mais pertinente à situação de interação, na qual se encontra inserido, assim como a qual interlocutor ele pretende atingir.

Partindo dessa compreensão, ratificamos a posição adotada por Bakhtin (2016) de que sempre que utilizamos a linguagem o fazemos por meio dos gêneros do discurso. Sob esse prisma, Fiad nos elucidada que:

Essa concepção de linguagem é extremamente esclarecedora para analisarmos as escritas produzidas em um processo que envolve vários enunciados, ou seja, os enunciados podem ser entendidos nessa cadeia dialógica. Relacionando essa concepção de linguagem com a concepção de escrita como processo, é possível analisarmos os movimentos de retomada dos textos, suas continuidades, suas mudanças, como diálogos travados pelos sujeitos nas suas histórias de escrita. (FIAD, 2013, p. 6)

Além disso, cabe ao autor-produtor a devida adequação ao gênero textual, pertinente à situação comunicativa, o que o auxiliará na clareza da compreensão dessa modalidade escrita, no processo de aceitabilidade do leitor, um dos princípios de textualidade. Esse movimento requer a articulação de diferentes elementos textuais, na formação dessa construção da escrita, como reformulações, supressões e acréscimos.

Ao que se referem aos processos de escrita e de revisão textual, Bazarim (2018) nos esclarece que:

Escrever um texto e revisar um texto são atividades de natureza sutilmente diferente: o conhecimento que se mobiliza para escrever um texto de um determinado gênero textual não é necessariamente o mesmo utilizado para revisá-lo. A revisão é uma atividade essencialmente epi/metalinguística. Ao assumir o papel de revisor da própria, além de conseguir se colocar no lugar do leitor, o aluno precisa dominar e mobilizar conhecimentos outros sobre a escrita e sobre o

gênero textual a ser produzido que transcendem aqueles necessários ao ato de escrever. (BAZARIM, 2018, p. 14)

Os estudos de Bazarim (2018) nos possibilitam a compreensão dos mecanismos de revisão textual, que, segundo ela, consistem em um processo de atividade epi/metalinguística. Há, portanto, a necessidade do autor-produtor textual de colocar-se na posição de leitor do seu produto, o texto, para “dialogar” com outros conhecimentos diferentes dos que o produtor fez uso para sua primeira produção textual; conhecimentos que são imprescindíveis à sua reescrita, visto que abarcam a compreensão dos gêneros textuais, a depender do gênero escolhido, o produtor sentirá a necessidade de um maior aprofundamento.

A partir desse entendimento, podemos dar sequência às nossas discussões, no tocante à reescrita textual, cerne de nossa pesquisa, salientando que nos deteremos aos elementos que subsidiarão nossos estudos. Assim esclarecido, ressaltamos a importância da reescrita textual, uma vez que, por meio dela, há o diálogo entre o sujeito-autor, aquele que produz o texto e o produto da criação, o texto propriamente dito, ambos em interação discursiva.

Por conseguinte, a esse encontro Bakhtin (2016) denomina “cadeia de comunicação verbal”, o qual podemos trazer para um contexto de uso, em uma situação de ensino e aprendizagem de língua, assim temos – um aluno, não na posição de simples receptor, mas de um autor-escritor, com sua posição responsiva, uma vez que os apontamentos realizados pelo professor ao corrigir seu texto colocará o aluno novamente na posição de autor-criador, desta vez no movimento de reescrita textual.

Assim, a atividade de reescrita textual é compreendida por nós como resultado de uma atividade de interação discursiva, construída em um processo sociohistórico e cultural, coadunando, assim, com as colocações supracitadas de Marcuschi e Koch. Nesse sentido, postulam Menegolo e Menegolo que:

O aluno, no momento em que recebe seu texto para refazer, antes de assumir a posição de reescritor, ele assume a de sujeito-leitor de sua própria produção, e, assim, se configuram os vários papéis e posições que ele vai assumindo diante de seu próprio texto. (MENEGOLO; MENEGOLO, 2005, p. 77)

Diante do exposto, depreende-se a reescrita textual como atividade de (re)produção textual pelo sujeito, autor-produtor, que possibilita a leitura do seu próprio texto, deslocando-o da posição “restrita” de escritor a uma posição crítica em relação à sua reconstrução textual. Para tanto, faz-se necessário desenvolver habilidades e competências indispensáveis para a reescrita textual. Nessa perspectiva, Leite e Pereira nos esclarecem que:

[...] o desenvolvimento de capacidades para a produção de textos implica uma atitude reflexiva perante a linguagem: a reescrita textual, que, partindo das necessidades de aprendizagem (os erros) evidenciadas nos textos, paulatinamente tornaria os alunos autocorretores. Essa prática de reescrita pode ser uma intervenção mais sistemática do professor ou de um material didático, ou até constituir uma tarefa em que o próprio aluno é solicitado a revisar e reelaborar seu texto sem orientações de outro leitor; incidir sobre o texto inteiro ou sobre alguns fragmentos apenas. (LEITE; PEREIRA, 2010, p. 7)

Segundo os autores, a atitude reflexiva diante da linguagem guia os mecanismos de reescrita textual, a produção é entendida como uma capacidade desenvolvida e a reescrita o resultado da reflexão, diante da correção da produção textual. É interessante observar que os autores colocam o aluno reescritor como um possível autocorretor, após a prática de reescrita, primeiramente orientada por um professor ou livro didático.

Ainda sobre a reescrita, Andrea e Ribeiro (2010, p. 67) afirmam que: “[...] a reescrita pode também ser associada ao processo de produção de texto cujo objetivo maior é a alteração de trechos de um original, mantendo-se sua estrutura básica, mesmo que a intervenção seja mais intensa.”

Devemos compreender que a retextualização é um conceito que dialoga com a reescrita, por esse motivo, acreditamos ser pertinente elucidar seu entendimento. Sendo assim, trazemos a retextualização explicada por Marcuschi (2010) da seguinte maneira:

A retextualização não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46)

Aspectos da oralidade e da escrita circundam em ambientes dentro e fora da sala de aula, os textos que são produzidos, nas diferentes atividades em que participam sujeitos em processos de interação discursiva, muitas vezes são resultados de retextualizações. Compreender esse mecanismo significa também fazer uso para fins comunicativos e até mesmo educativos tanto da reescrita como da própria retextualização. Assim esclarecido, corroboramos com a ideia de reescrita como possibilidade de o autor-escritor, no exemplo citado, o aluno, a partir de uma relação discursiva com seu interlocutor, professor, apreender possibilidades de “recriação” de seu texto. Por esse motivo, essa “recriação” ou simplesmente reescrita textual é de suma importância para seu processo de ensino-aprendizagem.

Andrea e Ribeiro (2010, p. 68) nos esclarecem a relação da retextualização com a reescrita, ao postularem que: “O caráter estrutural da retextualização e as modificações internas do processo de reescrita não podem esconder a simultaneidade e a complementaridade de ambas no processo de intervenção sobre um texto.” Os autores, inclusive, esclarecem-nos que não devemos pensar na reescrita e na retextualização em possíveis relações hierárquicas, o que acreditamos ser possível ao reescritor, por exemplo, fazer o movimento de retorno ao texto, possibilitando alterações.

Ainda no que diz respeito à retextualização, Bazarim (2018, p. 6) nos elucidam que: “independente da presença e/ou ausência de apontamentos de um mediador, estão envolvidas operações, que prefiro tratar como ‘atividades’ que podem ser linguísticas, textuais e discursivas.” Salientamos que em nossa pesquisa, adotamos o conceito de reescrita, embora haja necessidade de trazermos estudos que adotam outras denominações para processos que envolvem mudança textual, como retextualização e refacção.

Por esse motivo, faz-se imprescindível trazermos esclarecimentos sobre o processo de refacção textual, uma vez que nossos sujeitos também realizam essa prática, embora nosso foco seja a reescrita. Nesse panorama, Bazarim (2018) nos esclarece sua visão sobre refacção e reescrita:

[...] refacção se refere a toda qualquer mudança/ reestruturação/ adequação do texto feita pelo próprio autor sem qualquer tipo de intervenção objetiva de um mediador, constitui-se, portanto, uma alteração automotiva. Já a reescrita contempla toda mudança feita no texto a partir da intervenção de outro(os). (BAZARIM, 2018, p. 3-4)

Compreendemos que a principal diferença entre refacção e reescrita, segundo os estudos de Bazarim (2018), consiste na presença e/ou ausência de um “interventor”, em situação de ensino-aprendizagem, um professor. Já no caso de nossos sujeitos, ratificamos a realização das reescritas textuais, a partir das interações realizadas em um grupo de *WA*, do qual participam os sujeitos de nossa pesquisa.

Logo, os passos seguidos para possibilitar ao autor-escritor assumir a posição de reescritor consiste em uma poderosa ferramenta de reconstrução textual, a qual acreditamos ser aplicável a um outro contexto que extrapola os limites da sala de aula, em condições “normais” de produção, ou seja, a escrita e a reescrita das *Fics*, tendo por base as interações realizadas em um grupo de *WA*.

Por fim, acreditamos que os postulados teóricos utilizados no decorrer desse capítulo terão fundamental relevância para “dialogarmos” com outros postulados que se somam ao nosso arcabouço teórico, na construção da pesquisa. Sendo assim, ressaltamos a importância da LT e do dialogismo bakhtiniano como alicerces que sustentarão nossas análises, nos processos de escrita e reescrita em ambiente digital.

4 MULTILETRAMENTOS, MULTIMODALIDADE E TDICs: NOVOS TEMPOS, NOVAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

A escola deve incorporar o que se chama de repertório de mundo do aluno, ou seja, da cultura local que este estudante leva para a sala de aula. O que é apresentado na mídia de massa, o que é visto na internet deve ser colocado em diálogo.

Rojo

O presente capítulo conduzirá a um diálogo com os novos estudos sobre os multiletramentos, a multimodalidade e as conhecidas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, as TDICs, visto que esses conceitos perpassam nossa pesquisa, culminando na produção textual em meio digital. Reiteramos o pensamento de Rojo (2012), uma vez que nossos alunos são verdadeiros nativos digitais e se encontram imersos em uma cultura contemporânea hibridizada, ou seja, fazem uso de múltiplas linguagens; sendo, portanto, imprescindível que a escola não apenas acompanhe a evolução tecnológica, mas, sobretudo, cultural desses novos alunos.

Sendo assim, faz-se necessária a utilização de várias semioses na comunicação, para que se realizem os processos de construção dos sentidos, tão necessários dentro e fora do ambiente escolar. Partindo dessa premissa, primeiramente, traremos um panorama dos estudos contemporâneos sobre os multiletramentos, tendo por base a Pedagogia dos Multiletramentos e sua relação com a multimodalidade, para a compreensão de sua relevância tanto para o contexto teórico, com os principais estudiosos que se debruçam a pesquisar sobre os avanços e atualizações sobre os multiletramentos, quanto para a prática pedagógica hodierna.

4.1 Pedagogia dos Multiletramentos: Estudos que vão além da sala de aula

A realidade do século XXI é a de uma sociedade heterogênea, multicultural e multilíngue. Nesse contexto, é crucial que a escola apresente aos educandos novas possibilidades de leituras e de produção textual que sigam o fluxo da evolução linguística nas sociedades. Como consequência, as multissemioses dos textos da contemporaneidade demandam, da parte dos leitores e produtores textuais, novas

capacidades de compreensão, a fim de que os multiletramentos emergentes tenham, para eles, significação.

Para dar início a uma discussão sobre a Pedagogia dos Multiletramentos, Bevilaqua (2013) traz esclarecimentos sobre os vários estudos nacionais e internacionais que envolvem debates sobre o letramento. Segundo a pesquisadora:

Quando nos debruçamos, inicialmente, sobre esses estudos, somos interpelados por uma série de concepções teóricas e conceitos que, tomados indistintamente, podem levar-nos a pensar que os estudos sobre o letramento ora se constituem como concepções teóricas bastante distintas entre si, ora parecem fazer parte de uma mesma e única teoria. É a partir dessa aparente polarização que concebo, inicialmente, os Novos Estudos do Letramento (doravante NLS - *New Literacy Studies*) e os Multiletramentos. Duas denominações que sugerem tratar-se de duas teorias distintas, mas cujas concepções teóricas [...] apresentam mais pontos em comum. (BEVILAQUA, 2013, p. 100)

Os conceitos aos quais Bevilaqua (2013) se refere fazem alusão, entre outros, a dois campos, os quais possuem denominações teóricas distintas, porém apresentam inter-relação intensa, convergindo para a Pedagogia dos Multiletramentos. Para tanto, o que postula Bevilaqua (2013) se relaciona ao significado do letramento em termos e culturas diversificados, assim como a contextos diferenciados; à dualidade entre os letramentos valorizados e dominantes *versus* os “invisíveis” e desvalorizados, e, acima de tudo, à multiculturalidade.

Assim posto, seguiremos com o termo, surgido a partir de debates sobre problemas existentes no sistema de ensino anglo-saxão, há “[...] alguns anos, após o surgimento dos NLS, mais especificamente em 1995, na cidade estadunidense de Nova Londres, New Hampshire, reuniram-se renomados teóricos, sobretudo da Linguística e Educação, oriundos de três países” (BEVILAQUA, 2013, p. 102). Destacamos, nesse contexto, que os países a que a pesquisadora se refere são, na verdade, Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália. Sendo assim, os teóricos presentes nesses encontros, posteriormente, ficaram mundialmente conhecidos como *New London Group*, ou Grupo de Nova Londres, (doravante GNL) (BEVILAQUA, 2013).

Diante desse novo contexto, Rojo (2012) faz a seguinte indagação: “Por que propor uma pedagogia dos multiletramentos?” e ao mesmo tempo que questiona, esclarece-nos que:

A necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres [...], um grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunidos em Nova Londres [...], após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais”). [...] O grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo [...] os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte - mas não somente - devidos às novas TICs, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade. (ROJO, 2012, p. 12, grifo do autor)

Assim, observamos que tanto a multiplicidade de culturas quanto a multiplicidade de linguagens estão presentes na Pedagogia dos Multiletramentos. Nas primeiras, podemos compreender as possibilidades de produções envolvendo culturas letradas, que circulam na sociedade heterogênea e multiforme, os textos híbridos, os quais englobam letramentos diferentes como, por exemplo, os “[...] (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos ‘popular/de massa/erudito’), desde sempre, híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes ‘coleções.’” (ROJO, 2012, p. 13)

O que em geral acontece é o desconhecimento da escola em relação às práticas de letramentos dos alunos, ora em casa, ora na igreja; assim como às práticas na rua, ou até mesmo aos letramentos existentes em grupos fechados, frequentados pelos alunos. Não é possível trabalhar a Pedagogia dos Multiletramentos sem conhecer as práticas de letramentos existentes fora da sala de aula.

A partir dos vários estudos sobre o letramento, é possível chegar à conclusão de que o letramento tem relação com a vivência na prática e não apenas com o conhecimento que se é adquirido, já que as práticas sociais de letramento estão em todos os lugares. Salientamos, inclusive, que as práticas de letramentos mudam no tempo e na cultura. Dessa maneira, com a devida compreensão desses estudos, é possível visualizar as possibilidades de hibridização das práticas de letramento na escola, já que essa é uma preocupação da Pedagogia dos Multiletramentos e também de nossa pesquisa.

Rojo e Moura (2019, p. 20) nos esclarecem que, para o GNL, a explosão tecnológica e a globalização impulsionaram a “[...] explosão das mídias, diversidade étnica e social das populações em trânsito, multiculturalidade [...] o que implicaria

mudanças necessárias na educação [...]” Tais mudanças, segundo os autores, trouxeram impactos que foram além dos textos, os quais, a propósito, tornaram-se cada vez mais multimodais. Ou seja, essas mudanças alcançaram uma diversidade cultural e linguística de grande proporção, interferindo significativamente, tanto no perfil dos estudantes, quanto nas práticas pedagógicas dos professores de diferentes disciplinas, não apenas os das linguagens.

Kersch et al. (2016) abordam os dois pilares trazidos pelo GNL sobre os multiletramentos; o primeiro, já elucidado, diz respeito à diversidade cultural, com textos que variam de acordo com o contexto social. Ao que concerne ao segundo pilar, Kersch et al. (2016) nos esclarecem que:

O segundo pilar diz respeito à multimodalidade. Essa é uma questão particularmente essencial para este estudo, considerando a expansão dos textos multimodais a partir dos meios de informação e de comunicação. Esses textos exigem do leitor habilidades para lidar com uma multiplicidade de linguagens, semioses e modos para deles fazer sentido. A interface com o visual, oral, gestual, tátil e outros recursos semióticos tem se tornado imprescindível na formatação de gêneros textuais que circulam socialmente. (KERSCH et al., 2016, p. 19)

Compreendemos que a multiplicidade de textos que circulam na sociedade contemporânea exige do aluno a compreensão de diferentes semioses, as quais são contempladas pela multimodalidade. Ou seja, não podemos dissociar os multiletramentos da multimodalidade, já que ambos estão presentes na sociedade; como também, não podemos desprezar o código escrito, o qual, por natureza, também é multimodal “[...] em virtude de sua estrutura composicional, como formatos, cores e tamanhos de letras.” (KERSCH et al., 2016, p. 20)

Já Dionísio e Vasconcelos (2013) fazem a seguinte explanação em torno da multimodalidade:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Produzimos, portanto, textos para serem lidos pelos nossos sentidos. Nossos pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais e nossa história de indivíduos letrados começa com nossa imersão no universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais. (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 19)

Os ambientes de aprendizagem estão cada vez mais tecnológicos, precisamos de alguma forma trazer para dentro da sala de aula textos de diferentes gêneros e que contemplem toda essa multimodalidade citada pelas autoras, para que nossos alunos possam desenvolver cada vez melhor suas competências e habilidades, ao que tange à leitura e, em nosso caso, à produção textual em meio digital.

Para dar sequências às nossas discussões, optamos por trazer uma pequena reflexão de Rojo (2013), relacionada aos multiletramentos e à multimodalidade, em diálogo com o que é postulado por Bakhtin e seu Círculo. Salientamos que tais pontos serão abordados com o intuito de refletirmos acerca da teoria dos gêneros discursivos, na perspectiva bakhtiniana, e suas possíveis implicações com o que é posto pelos estudos contemporâneos sobre os novos letramentos.

4.1.1 Relação dos Multiletramentos e da multimodalidade com o Círculo de Bakhtin

Interessante consideração traz Rojo (2013) em relação às reflexões feitas pelo Círculo de Bakhtin, próprias de seu tempo: “[...] o texto escrito, impresso, literário e, quase sempre, canônico” (ROJO, 2013, p. 19) e aos textos contemporâneos: “[...] multissemiótico ou multimodal, envolvendo diversas linguagens, mídias e tecnologias” (*ibid.* p. 19). A autora nos coloca alguns desafios, no que se refere à teoria de gêneros bakhtiniana, já abordada em nossa pesquisa, em meio a tantos avanços, no que diz respeito aos novos letramentos.

Rojo (2013) traz importante reflexão sobre o caráter multissemiótico dos textos contemporâneos e sua relação com os postulados bakhtinianos sobre a teoria dos gêneros:

O caráter multissemiótico dos textos/enunciados contemporâneos não parece desafiar fortemente os conceitos e categorias propostas pela teoria dos gêneros. Além disso, se ampliarmos nossas leituras bakhtinianas sobre os gêneros para textos que apresentam um foco mais concentrado na flexibilidade, no plurilinguismo e na plurivocalidade dos enunciados em gêneros, como o texto de 1934-35/1975 (*O discurso no romance*), mais amplas e eficazes se tornam nossas ferramentas para a análise dos textos contemporâneos. (ROJO, 2013, p. 26-27, grifo do autor)

Nesse sentido, temos as práticas de linguagem relacionadas tanto com a situação comunicativa quanto com os gêneros do discurso. Quando relacionamos

todos esses elementos, na perspectiva dos gêneros discursivos bakhtinianos, interpretamos as possibilidades semióticas presentes nos hipertextos e nas hipermídias contemporâneas, já que: “[...] é preciso lembrar que tecnologias e mídias selecionam (mais ou menos) modalidades ou semioses pertinentes, em um enfoque [...] que analisa as modalidades em termos de materialidade e mídia.” (ROJO, 2013, p. 29)

Outrossim, Rojo (2013) postula que não se deve mais utilizar, por exemplo, a expressão “leitor-autor”, mas sim sugere a utilização de *lautor*, conceito utilizado com o intuito de acompanhar toda evolução que a sociedade vem passando. Logo, as expressões leitor e autor foram ressignificadas no neologismo citado por Rojo (2013), para abarcar os diferentes panoramas de uso em contextos de leitura e de produção textual atuais.

Ainda em relação às possibilidades semióticas, Rojo (2013) acrescenta que:

Queremos dizer, por exemplo, que o impresso permite imagens estáticas e escritas, mas não sons e imagens em movimento; a transmissão radiofônica permite sons e fala, mas nenhum tipo de imagem, seja estática, em movimento ou gráfica. Outras mídias (televisiva e, sobretudo, digital) aceitam o conjunto das semioses possíveis. (ROJO, 2013, p.29)

Na realidade, Rojo (2013) quer nos esclarecer que as mídias e as tecnologias por nós utilizadas são, na verdade, escolhas, tom volitivo em termos bakhtinianos. É, portanto, do *lautor* essa escolha, principalmente quando utiliza a escrita em meio digital. Ao analisarmos os postulados de Rojo (2013), no que diz respeito aos gêneros do discurso bakhtinianos, temos, então, ao que se refere ao tempo e ao lugar historicamente situados - as mídias e as tecnologias; já em relação aos participantes da interação, associados ao conteúdo temático - os valores imbricados.

Daremos sequência às nossas discussões com abordagens teóricas sobre as TDICs, as TDM e os recursos semióticos utilizados nesse ambiente. Ademais, passaremos a um maior detalhamento acerca da produção textual em meio digital, visto que nosso estudo gira em torno da escrita e da reescrita de textos ficcionais, presentes especificamente nesse ambiente.

4.2 TDICs, TDM e a produção textual em meio digital

Vivemos em uma sociedade que acompanha a evolução tecnológica com suas “facilidades” e seus desafios. Nesse viés, o ensino, em um sentido mais amplo, deixa de ser transmissivo para ser ativo, colaborativo, mais autônomo e socializado, acompanhando as múltiplas linguagens existentes atualmente. Assim como o ensino vem sendo reformulado, a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular)², traz sugestões no processo de letramento e inclui em sua proposta a adaptação de metodologias de ensino, trazendo para o contexto educativo o letramento digital. Nesse panorama, Rojo e Moura (2012) elucidam que:

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, *lPods*, celulares, *tablets* etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requerem da escola trabalhos focados nessa realidade. Ocorre que, se houve e se há essa mudança nas tecnologias e nos textos contemporâneos, deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças. (ROJO; MOURA, 2012, p. 99)

Com base nessas mudanças, sugeridas pelos teóricos supracitados, nossas discussões se concentram nas novas possibilidades de produção e circulação dos textos contemporâneos, assim como suas configurações em meio a tantas perspectivas de recursos semióticos disponíveis. A própria internet nos proporciona inúmeras formas de utilização desses recursos para a produção de textos, em ambiente digital, cada vez mais multissemióticos.

² A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Disponível em: <<https://www.basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 27 out. 2019.

Ratificamos que hoje se vive em um mundo caracterizado pela diversidade cultural, expressa pelas múltiplas linguagens e materializada nos diversos textos multissemióticos. Esse cenário ganha contornos ainda mais nítidos, no cotidiano dos estudantes interconectados ao ambiente digital, o qual permite diferentes oportunidades para as práticas de leitura e de produção textual em gêneros diversos.

Por conseguinte, as TDICs são uma realidade de nosso cotidiano. No contexto da sala de aula, em nosso caso, do Ensino Médio, um dos principais problemas enfrentados no ensino de Língua Portuguesa é o eixo produção textual, visto que a cada dia os professores reafirmam as dificuldades apresentadas pelos estudantes em relação às suas produções textuais, em diferentes níveis da Educação Básica.

Nessa perspectiva, utilizamos o conceito de letramento digital como: “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17). Xavier (2011) conceitua o letramento digital da seguinte forma:

Consideramos o conceito de letramento digital em seu sentido amplo. Enquanto tal, ele significa o domínio pelo indivíduo de funções e ações necessárias à utilização eficiente e rápida de equipamentos dotados de tecnologia digital, tais como computadores pessoais, telefones celulares, caixas-eletrônicos de banco, tocadores e gravadores digitais, manuseio de filmadoras e afins. O letrado digital exige do sujeito modos específicos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais. Ele utiliza com facilidade os recursos expressivos como imagens, desenhos, vídeos para interagir com outros sujeitos. Trata-se de novas práticas lecto-escritas e interacionais efetuadas em ambiente digital com intenso uso de hipertextos on e off-line [...], bem como se caracteriza por uma intensa prática de comunicação por meio dos novos gêneros digitais mediados por aparelhos tecnológicos. [...] Em uma palavra, o grau de letramento digital do sujeito cresce à medida que aumenta o domínio dos dispositivos tecnológicos que ele emprega em suas ações cotidianas. (XAVIER, 2011, p. 4)

É indiscutível que os jovens se apropriam e utilizam as tecnologias dentro e fora do seu ambiente escolar, como postula Xavier (2011) ao afirmar que o sujeito acompanha a evolução dos dispositivos tecnológicos cotidianamente, ou seja, seu grau de letramento digital acompanha a evolução tecnológica. Dessa forma, o que levamos em consideração em nosso estudo é a possibilidade de usar as TDICs como mecanismos facilitadores para a produção textual no Ensino Médio, ao trazer essa produção em meio digital através dos textos ficcionais.

Outrossim, Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) nos explicam que:

Assim como todas as tecnologias de comunicação do passado, nossas novas ferramentas digitais serão associadas a mudanças na língua, no letramento, na educação, na sociedade. Aliás, já estão sendo. Alguns observadores percebem perdas, tais como o declínio de abordagens mais lineares de leitura ou abordagens mais reflexivas de escrita. Mas outros percebem ganhos, tais como a educação por meio de redes pessoais de aprendizagem, ou projetos colaborativos baseados na inteligência coletiva. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.17)

A interação e a interatividade, de fato, passaram a ser marcas do nosso tempo e do nosso cotidiano, como esclarecem os autores ao citarem os ganhos a partir das novas tecnologias digitais como “as redes pessoais de aprendizagem, ou projetos colaborativos baseados na “inteligência coletiva”, ou seja, oportunidades de aprendizagem tendo por base a própria realidade a que os estudantes encontram-se imersos.

Nesse contexto, a escola deve acompanhar todos os avanços tecnológicos, pelos quais a sociedade vem passando, visto que o mundo digital disponibiliza cada vez mais novos aparatos tecnológicos, com o intuito de facilitar a vida de seus usuários. Ou seja, vivemos em uma sociedade multicultural e multilíngue, que necessita de facilidades para atender suas necessidades específicas, como armazenamento e veiculação de informações, de maneira célere e atrativa, para atender a consumidores que aumentam suas exigências, à medida que os avanços tecnológicos vêm surgindo, e na escola não é diferente.

Ribeiro (2017) fala sobre o letramento digital da seguinte forma:

O letramento digital é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficientes em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza. (RIBEIRO, 2017, p. 30)

Podemos compreender que o letramento digital para Ribeiro (2017) é um conceito que vai além de simples habilidades mecânicas de ligar ou desligar o computador, pelo contrário, exige do letrado digital o contato com diferentes conhecimentos proporcionados pelas tecnologias da informação e da comunicação

que o ambiente digital proporciona. Destacamos, nesse sentido, a leitura e a produção textual, visto que o ambiente digital possibilita o acesso aos hipertextos com facilidade.

Para compreendermos melhor a produção textual em meio digital, traremos o entendimento sobre o hipertexto e sua relação tanto com as possibilidades de leitura quanto da própria produção textual, autoria de textos ficcionais em nosso caso, ambas em meio digital. Para tanto, Gomes (2010) nos explica a necessidade de entendermos a relação entre o que conhecemos como texto e o que se concerne por hipertexto, pois, em suas palavras: “[...] o hipertexto nos faz perceber coisas no texto que antes não percebíamos e nos serve de pretexto para revermos e compreendermos melhor o que vimos chamando de texto.” (GOMES, 2010, p. 24)

Nas palavras de Gomes (2010):

Assim, defino hipertexto como o local e o resultado da interação ativa, verbal ou não, entre interlocutores, enquanto sujeitos ativos que dialogicamente nele se constroem e são construídos, acrescentando a presença de links e uma existência exclusivamente eletrônica do hipertexto, como fatores diferenciadores do texto tradicional. (GOMES, 2010, p. 41)

Além disso, o teórico nos esclarece que se faz necessária a clareza de como os leitores conseguem integrar as informações presentes em textos postos separadamente, visto que o hipertexto se apresenta dessa forma. Já em relação à escrita, questão imprescindível para nossa pesquisa, Gomes (2010) acrescenta que: “[...] o processo de elaboração e escrita de hipertextos (*design*) não se separa da proposta de sua usabilidade nem da construção de sentidos, o que faz do autor e do leitor coautores.” (GOMES, 2010, p. 25-26)

No que tange à textualidade no hipertexto, Gomes (2010) se posiciona em relação à perspectiva sociointeracionista, a qual também adotamos em nossa pesquisa, e acrescenta que:

Estamos tomando aqui, portanto, uma visão sociointerativa de texto e de hipertexto, por entendermos que ambos são eventos interativos, abertos a múltiplos sentidos, o que nos permite afirmar que eles têm uma relação de semelhança, ao menos quanto à construção de sentidos. (GOMES, 2010, p. 35)

Dessa forma, podemos compreender que o hipertexto apresenta a intertextualidade de forma inerente à sua construção, já que há interação entre o(s) autor(es) e os múltiplos textos que podem ser acessados por meio dos vários *links*, que são disponibilizados. Sob essa ótica, a construção dos sentidos se dá à medida em que o *lautor* vai interagindo com outros *lautores* no mesmo ambiente digital.

Em virtude das novas perspectivas de produção de leituras e de autorias, permitidas nos textos em meio digital, os novos escritos na internet mudam as relações comumente conhecidas entre leitura e escrita. Sob esse prisma, Rojo (2013) nos explica que:

Esses “novos escritos” obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos, quase diariamente: *chats*, páginas, *twits*, *posts*, *ezines*, *epulps*, *fanclips* etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de “leitura-escrita”, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua *multissemiose* ou em sua multiplicidade de modos de significar. (ROJO, 2013, p. 20)

Em síntese, depreendemos desse postulado que essa multissemiose se dá em virtude das peculiaridade do hipertexto, como, por exemplo, a possibilidade de sairmos de um texto para outro com facilidade, visto que o ambiente digital nos permite acessarmos diferentes *links* e retornarmos ao texto de origem rapidamente; além disso, essas “idas e vindas” só são possíveis graças às “lincagens” concedidas por esse ambiente.

O hipertexto e a hipermídia possibilitam não apenas a leitura em ambiente digital, mas facilitam a construção de textos nesse ambiente, visto que a variedade de informações permitem ao produtor textual consultas aos *links* que se referem a diferentes gêneros emergentes na internet. Ribeiro e Coscarelli (2017) esclarecem que: “Navegar na internet, por sua vez, nos possibilita acessar muitos textos e de gêneros variados, ao mesmo tempo, por meio dos *links* que vamos acessando: um texto se abre, então, em muitos textos [...]” (RIBEIRO; COSCARELLI, 2017, p. 54)

Dessa forma, podemos ratificar que a produção textual em meio digital traduz uma escrita que acompanha a evolução das práticas sociais que mudaram e se direcionaram para o âmbito *online*. Nesse sentido, Barton e Lee (2015) nos explicitam que:

Textos são centrais para o mundo *online*. A mudança para um mundo digital significa que os textos e a produção textual estão mais difundidos em todos os domínios da vida. [...] O mundo *online* está

sendo constantemente escrito, seja na forma de *sites* de um único autor, de *wikis* escritos colaborativamente, ou apenas um breve comentário num *site* de rede social. Ao escrever, as pessoas deixam registros em toda a parte e criam informações que outras pessoas podem usar, que informa os buscadores e que é o produto vendável de empresas como Google e Facebook. [...] Textos *online* não são mais estáveis, não atuam mais como pontos de referência fixos. Em vez disso, são mais fluidos do que os textos impressos, e as mudanças são constantes. (BARTON; LEE, 2015, p. 43, grifos do autor)

Importante contribuição nos trazem os autores Barton e Lee (2015), já que, em uma sociedade, a presença dos textos tem papel importante para as diferentes relações construídas social e dialogicamente. No mundo *online*, não seria diferente, pelo contrário, os textos em ambiente digital são construídos constantemente em processos extremamente rápidos, permitindo o acesso em tempo real, com o auxílio da internet e das ferramentas colaborativas, por exemplo.

Ademais, para compreendermos melhor a escrita em ambiente digital, trazemos outros esclarecimentos dos teóricos Barton e Lee (2015), especificamente em relação à escrita *online*, os quais procuramos sintetizar da seguinte forma:

- (i) Escrever *online* é afirmar a existência na escrita. Em outras palavras, sempre que escrevemos um *post*, ou um comentário ao *post* de outra pessoa, carregamos uma imagem, criamos um perfil [...]. Estas práticas de escrita podem projetar novas identidades ou permitir-nos estender nosso eu do âmbito *offline* [...]
- (ii) [...] quando escrevemos sobre nós mesmos *online*, estamos escrevendo para diferentes grupos de pessoas. Este público-alvo pode ser previsto (por exemplo, as pessoas que já conhecemos) ou imaginado (como acontece com quaisquer usuários da internet pública que nunca vimos) [...]
- (iii) Para internautas multilíngues, a pesquisa aqui relatada mostra como a alternância entre línguas é uma prática de destaque na articulação da identidade em espaços públicos da web.
- (iv) Uma abordagem tecnobiográfica nos ajuda a compreender as transições e mudanças de práticas nas vivências dos usuários de tecnologia. [...]
- (v) Prestar atenção à autoapresentação *online* é um processo de exploração e de descoberta de novos aspectos do eu. [...] Esses atos multimodais de autoapresentação *online* podem ser interpretados como novas maneiras de aprendizagem no mundo contemporâneo [...]
- (vi) Por fim, a visão do letramento como prática social adotada [...] nos permite situar as práticas de letramento *online* na ecologia cultural e linguística de um participante, na crença de que as maneiras de lidar com tecnologia e linguagens são incorporadas às experiências dos

indivíduos, que podem mudar em diferentes pontos no tempo. (BARTON; LEE, 2015, p. 114-115)

A produção textual em meio digital permite uma gama de possibilidades de aprendizagem, que engloba desde a utilização de recursos semióticos e multimodais à prática do letramento digital. Corroboramos com os postulados de Barton e Lee (2015) e acreditamos que a escola pode perfeitamente fazer uso das oportunidades que o mundo digital oferece, como ferramentas e sites educativos, incluindo *sites* que permitem a prática da leitura e da produção textual, como, por exemplo, o *site* <www.wattpad.com>, o qual atrai os alunos pela diversidade de produções ficcionais para leitura e também instiga a prática da produção textual. Tais ambientes proporcionam oportunidades de letramento digital, que não se limitam ao ambiente escolar, visto que a sociedade contemporânea exige essas habilidades e competências cada vez mais.

No que diz respeito especificamente às competências exigidas pela era digital, Gómez (2015) elenca as três competências básicas para a era contemporânea, as quais trazemos na íntegra a seguir:

- a. Capacidade de utilizar e comunicar de maneira disciplinada, crítica e criativa o conhecimento e as ferramentas simbólicas que a humanidade foi construindo até os nossos dias;
- b. Capacidade para viver e conviver democraticamente em grupos humanos cada vez mais heterogêneos, na sociedade global; e
- c. Capacidade de viver e atuar autonomamente e construir o próprio projeto de vida. (GÓMEZ, 2015, p. 77)

Na perspectiva da competência (a), Gómez (2015) esclarece que a sociedade a que ela denomina “da informação” requer a utilização de uma gama de ferramentas e instrumentos simbólicos, que englobam desde as próprias línguas a conhecimentos (códigos, símbolos, textos, informação, conhecimento, plataforma tecnológica, etc.), para que seu usuário possa entender e situar-se de forma social, econômica, cultural, artisticamente, até outros contextos permitidos pela vida em sociedade, mediada pelas tecnologias contemporâneas e emergentes.

Ou seja, na era da informação, a primeira competência postulada por Gómez (2015) permite a interação de forma crítica e criativa. Ao inserir nesse contexto o ambiente escolar, essa competência visa que o aluno seja capaz de utilizar o conhecimento de forma produtiva e reflexiva ao elaborar, planejar e executar tarefas

individuais ou em grupos de maneira compartilhada. Dessa forma, envolvemos também a segunda competência (b), ao esclarecer a convivência em grupo, acrescentando a questão democrática, como também a heterogeneidade social contemporânea. Ademais, um dos objetivos da escola é preparar o aluno para a construção de seu projeto de vida, o que é contemplado na terceira competência postulada por Gómez (2015).

Salientamos que em nossa pesquisa o uso da produção textual em meio digital, tanto a escrita e sobretudo a reescrita têm papéis de destaque. No que tange à reescrita em ambiente digital, temos como objetivo principal analisar como as influências, realizadas por jovens fanfiqueras do Ensino Médio, em um grupo de *WA*, influenciarão na reescrita de *Fics*. Sendo assim, acreditamos ser pertinente realizar uma pequena abordagem sobre as Tecnologias Digitais Móveis (TDM), no qual o aplicativo *WA* é mais utilizado, para que nossas análises se sedimentem em postulados teórico-metodológicos que acrescentarão maior consistência aos nossos estudos.

Assim esclarecido, Fonte e Caiado (2019) trazem as principais competências e habilidades no meio digital, ao que concerne às Tecnologias Digitais Móveis (TDM):

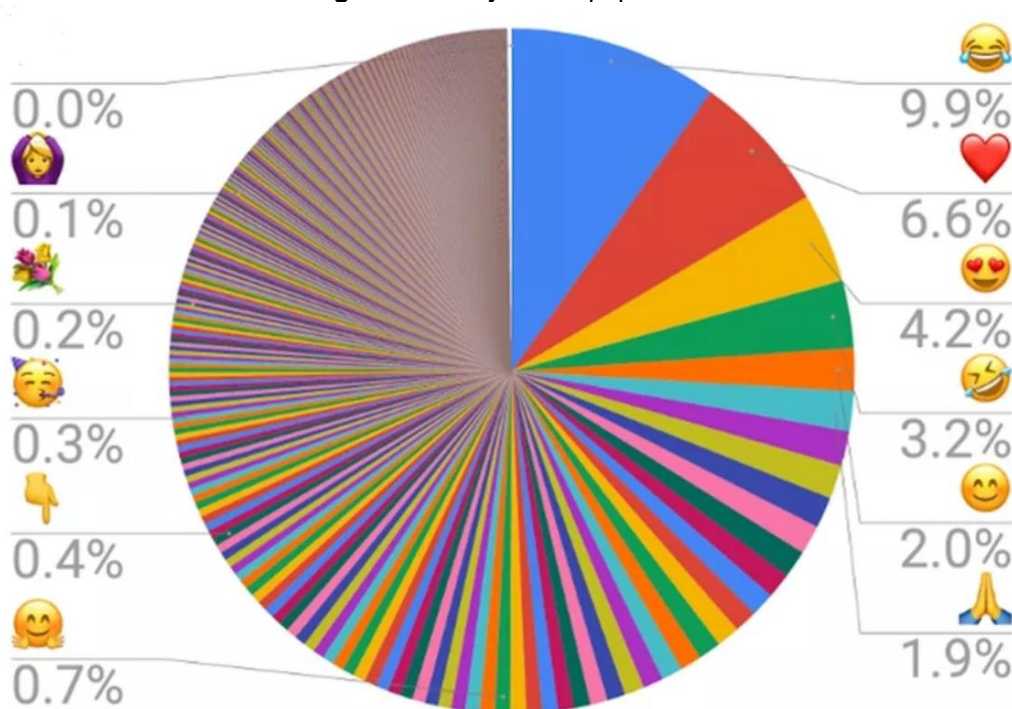
(i) interatividade, no sentido da dialogicidade propiciada pelo dispositivo móvel; (ii) espontaneidade ou formalidade, pois os discentes podem monitorar sua interação e seu discurso, de acordo com seus interlocutores, seus propósitos comunicacionais, o gênero discursivo, o contexto e a materialidade selecionada, em conformidade com a sua interação; (iii) motivação, pois as tecnologias motivam os discentes e as TDM acrescentam à motivação a perspectiva da portabilidade, da ubiquidade que significa utilizar o dispositivo quando e onde desejar; (iv) multimodalidade, pois o ambiente hipermídia do *smartphone* propicia aos discentes a utilização de áudio, mensagens escritas, imagens, vídeo, *emojis*, produzindo, nessa convergência de mídias, uma atitude ativa dos sujeitos; (v) planejamento e reelaboração, pois a aprendizagem móvel favorece um planejamento prévio da interação com os pares; (vi) personalização, na medida em que os discentes utilizam os seus próprios *smartphones*, interagindo com os conteúdos propostos e assumindo o controle do acesso e do caminho percorrido, trazendo um efeito positivo para a aprendizagem [...]. (FONTE; CAIADO, 2019, p. 36-37)

Reiteramos as considerações das autoras, uma vez que acreditamos que o uso das TDM permite aos alunos, no nosso caso do Ensino Médio, desenvolver todas essas competências e habilidades, além de possibilitar a utilização de recursos semióticos e multimodais como *emojis* e *stickers*, tão ao gosto dos usuários dessa

tecnologia móvel. Destacamos que as possibilidades de uso desses recursos imagéticos não se limitam ao uso do *smartphone*, já que podemos acessar esses aplicativos de mensagens através de *tablets e notebooks* e outros dispositivos que hoje chegam a caber na palma de nossas mãos.

Esclarecemos que nas interações realizadas por jovens fanfiqueras do Ensino Médio em um grupo de *WA* há a presença tanto de *emojis* quanto de *stickers*, por este motivo, acreditamos que é pertinente trazer o significado desses elementos imagéticos para elucidar de maneira mais clara nossas análises das interações realizadas no grupo. Dessa forma, a palavra *emoji* é de origem japonesa, e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Atualmente, várias conversas via *WhatsApp* são realizadas com predominância de *smiles* e *stickers* em detrimento de mensagens escritas ou via áudio.

Figura 1 - Emojis mais populares no mundo



Fonte: Plaza (2019, p.1)

Por fim, em meio à evolução das gerações da *internet*, no contexto da hipermodernidade, a hipercomplexidade é cada vez maior e a cultura da convergência

tratada por Jenkins (2009) é trazida para explicar, de alguma maneira, o fenômeno da produção textual em meio digital, em *sites* específicos de escrita ficcional, a exemplo das *Fics*, que ganharam o mundo e também permite a utilização de gêneros literários nas criações ficcionais. Salientamos que a *Fic* é um gênero específico, que será definido em nosso próximo capítulo, assim como contextualizaremos os gêneros literários às produções textuais ficcionais, em ambiente digital.

5 FIC: CRIAÇÃO DE TEXTOS FICCIONAIS E UTILIZAÇÃO DO WHATSAPP PARA A INTERAÇÃO E A INSPIRAÇÃO ARTÍSTICA

A escrita de ficção pressupõe o conhecimento de circunstâncias extraliterárias. Mas isso não significa acumular dados na memória, armazená-los num computador ou registrá-los num caderno de anotações. É preciso integrar esses conhecimentos e, do resultado, deduzir coisas diferentes do que sua mera adição.

Luiz Antonio de Assis Brasil

Nosso último capítulo teórico será dedicado às *Fanfictions* e à utilização da rede social *WhatsApp*, como possibilidade de interação e de inspiração para quem produz escrita ficcional em ambiente digital. Escrever ficção, conforme postula Luiz Antonio de Assis Brasil, conhecido como “Papa” da Escrita Criativa no Brasil, consiste em: “[...] ter envolvimento epidérmico, psíquico, pessoal e emocional com a história” (BRASIL, 2019, p.14). Partindo desse pressuposto, iniciamos este capítulo com a definição por nós adotada sobre *Fic*.

Segundo Rojo (2013, p. 74): “[...] de uma forma generalizada, podemos dizer que uma *Fanfic* (termo reduzido para *Fanfiction*, i. e., “ficção de fã”) é uma história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinhos, anime, filme ou série de TV.” Pesquisas recentes utilizam uma nova abreviação da palavra *Fanfic* para *Fic* e este é o termo que utilizamos em nossa pesquisa.

Muitos jovens que produzem *Fics* se inspiram em bandas, grupos, atores favoritos, livros, mangás e letras de músicas. Salientamos, ainda, que as produtoras de *Fics* são conhecidas nesse universo por fanfiqueras.

Sendo assim, traremos neste capítulo, um pequeno Estado da Arte sobre as *Fics* e o processo de escrita e reescrita textual em ambiente digital. Nosso intuito é deixar claro, no campo acadêmico, o quão profícua é a possibilidade de pesquisas envolvendo as *Fics* e os processos de ensino-aprendizagem para a Língua Portuguesa. Em seguida, realizaremos um breve percurso histórico sobre a origem da criação ficcional.

5.1 Breve Estado da Arte sobre as *Fics* e o processo de escrita e reescrita textual em ambiente digital

Relacionando as *Fics*, de alguma forma, com produções textuais de jovens do Ensino Médio, para compreender melhor a relevância da temática das *Fics* visando a investigação acadêmica, fizemos um pequeno recorte sobre o que foi produzido acerca das *Fics*, tendo por base a escrita e a reescrita de textos ficcionais, no período dos últimos cinco anos (2015 a 2019), no *Periódicos Capes* e no *Google Acadêmico*. Para tanto, optamos por uma ordem cronológica decrescente das produções acadêmicas encontradas, o que justifica a presença de pesquisadores que aparecem repetidos em momentos diferente do texto.

Conforme Camargo (2015) e sua pesquisa sobre: "*Escrita no espaço digital: criação e atribuição de autoria em fanfictions*", faz-se necessária uma investigação sobre as produções de *fanfictions* e os sentidos que vêm se estabelecendo sobre autoria. Essa Dissertação de Mestrado realizada na Universidade Federal de São Carlos, em 2015, tem um *corpus* constituído pelos sites *Fanfiction.net* e *Nyah Fanfiction*; apresenta a Análise do Discurso Francesa como fundamentação teórico-metodológica. Os resultados obtidos nessa pesquisa indicam que o *ficwriter* pode ou não ser considerado um autor, dependendo de sua comunidade de leitores; também foi destacado o paradoxo do processo de escrita, marcado por recombinações e remix, com a forte presença do normativismo linguístico.

Paris (2016) realizou a pesquisa: "*Oficina de fanfictions na escola: uma análise das práticas de revisão e reescrita*", realizada na Universidade Estadual de Campinas em 2016. Nessa dissertação de Mestrado, são analisadas narrativas produzidas por estudantes do Ensino Médio de uma escola do interior da cidade de São Paulo, em uma oficina de escrita de *fanfictions* com voluntários, os quais são produtores de suas histórias e revisores das histórias de seus colegas. Trata-se de uma pesquisa no campo teórico da Linguística Aplicada, de cunho qualitativo, classificada pelos pesquisadores com um estudo de caso e uma pesquisa-ação. Seu aporte teórico se dá na perspectiva dialógica baseada na teoria bakhtiniana, e os resultados da pesquisa foram produções higienizadoras e resolutivas empregadas com o intuito de viabilizar uma única possibilidade de reescrita traçada pelo revisor. Ademais, foi constatado o modo como a interação é construída na revisão, influenciando a forma como a reescrita é realizada.

O estudo de Lima (2017), "*Fan fiction ('ficção de fã') como prática de multiletramentos*", publicado na revista *Em Tese*, examinou a hipótese de que as *fanfics* podem ser pensadas a partir dos multiletramentos. Segundo a pesquisadora: letramento em sua primeira acepção, de uso social da escrita; letramento literário e também o letramento digital.

Já Campos (2017) realizou a pesquisa: "*O uso de fanfictions nas aulas de Língua Portuguesa*". Essa dissertação de Mestrado, realizada na Universidade Federal Fluminense, constitui-se na perspectiva dos estudos da Sociolinguística Educacional, nos Estudos da Cultura Participativa e também nos Letramentos. Utilizou-se o gênero *fanfiction* como ferramenta para o estudo da língua materna, com o intuito de integrar o ensino de Língua Portuguesa às práticas de leitura/escrita e análise linguística.

Já em Sousa (2018), "*A escrita de narrativas na Internet: análise intergenérica do gênero fanfiction*", na Universidade Estadual de Campinas, em 2018, há a pesquisa documental, de cunho qualitativo, a qual investiga a escrita de *fanfictions (fanfics)*. Seu objetivo geral é compreender, por meio da análise intergenérica de *fanfics*, como a escrita dialoga com outros gêneros, inclusive outras semioses. A pesquisa se baseia em documentos, portanto procura inferir indícios de relações dialógicas estabelecidas pelos escritores de *fanfics*, como também investiga a Arquitetônica (Círculo de Bakhtin) da plataforma digital onde são publicadas as *Fanfics*. Os resultados demonstram que a comunidade de fã dialoga com práticas de escrita relacionadas a outras esferas, como a escolar e a editorial. A intergenericidade também foi observada pelo diálogo com gêneros tradicionais escritos, como os literários e com outras linguagens.

Encontramos outra pesquisa de Paris (2018): "*Letramentos dominantes e vernaculares em uma oficina de fanfictions na escola*", publicada na Revista *Calidoscópio*. A finalidade desse artigo é discutir sobre a prática de revisão de uma oficina de produção escrita de *fanfictions*, realizada em uma escola durante o segundo semestre de 2014. Na oficina, os alunos, em pares, foram responsáveis pela escrita de suas narrativas e revisão de seus colegas. O aporte teórico foi a cultura participativa e a definição do gênero *fanfiction*. Os resultados consistem no diálogo entre práticas de escrita vernaculares e dominantes, concluindo, portanto, que é possível de ser realizado no contexto escolar.

Em Ribeiro e Jesus (2019), temos a pesquisa: “*A Produção de fanfictions e escrita colaborativa: uma proposta de adaptação para a sala de aula*”, artigo publicado na Revista Scripta. A pesquisa realiza uma análise das *fanfictions*, da escrita colaborativa e dos desafios impostos ao debate no campo literário e a adaptação dessas práticas ao ambiente escolar. O aporte teórico foi a teoria dos letramentos e dos letramentos digitais. Os resultados apontam para uma recepção positiva dos estudantes quanto à escrita colaborativa.

Por outro lado, Silva (2019) escreveu sobre “*A Educação para a emancipação na era digital: um estudo sobre as Fanfics como recurso pedagógico para a aprendizagem de leitura crítica e de escrita criativa no Ensino Médio*”, realizada na Universidade Federal da Paraíba em 2019. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar a contribuição do uso das *fanfictions* como recurso pedagógico para uma prática de leitura e de escrita crítica e emancipatória. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, cujo aporte teórico consiste no materialismo histórico e dialético fundamentados em Triviños (2015) e Gamboa (2012). A análise dos dados teve como base Minayo (2002; 2009; 2010), e seus resultados indicam um espaço de interação, de criatividade e autonomia de pensamento para o aluno, por meio da relação sinérgica entre escola e tecnologia, experiências que corroboram para sua emancipação.

Por fim, Remenche e Oliveira (2019) pesquisaram sobre “*Leitura e escrita em fanfic: deslocamentos do leitor ao jogador*”, artigo publicado na Revista Desenredo. A pesquisa ressalta o deslocamento das práticas de leitura e de escrita contemporâneas, baseando-se nos pressupostos teóricos do Grupo de Nova Londres para discutir os multiletramentos. Ademais, utiliza-se uma metodologia qualitativo-interpretativista, e seus resultados apontam para as novas mídias e o agenciamento, a divergência, a multimodalidade e a conceitualização presentes ainda de modo sutil nas *fanfics*.

A partir das produções acadêmicas selecionadas para o breve estado da arte, podemos compreender que produzir *Fics* permite desenvolver no aluno competências e habilidades para a produção textual, não apenas em meio digital, mas possui implicações positivas para o contexto da sala de aula. Ou seja, nossa pesquisa possui originalidade, já que não encontramos nenhuma investigação associando as *Fics* às interações no *WA*. Para dar prosseguimento ao nosso suporte teórico, realizaremos

uma “visita” às bases históricas que solidificam as origens da escrita ficcional, para a compreensão do fenômeno *Fic*.

5.2 O fenômeno *Fic*: escrita ficcional que vem ganhando o mundo

Na Grécia Antiga, Aristóteles foi o primeiro filósofo a postular que a arte na verdade era uma representação, ou melhor, uma imitação da natureza. Já Dionísio de Halicarnaso, historiador e crítico literário grego, nascido no século I a. C. via a imitação de forma diferente da visão aristotélica. Nas palavras de Jamison (2017, p. 40) em relação a Dionísio de Halicarnaso: “Ele afirmava que a arte - pelo menos a arte de escrever - era mais verdadeiramente uma arte de imitar outros bons escritores que tinham escrito bem antes de você.” Ou seja, o historiador Dionísio via a boa produção textual como *imitatio*, ao substituir a concepção *mimesis* proposta por Aristóteles.

Ao longo da História, temos diferentes exemplos de como a boa escrita influencia e toca muitos de seus escritores e admiradores. O que talvez muitos não percebam é que diferentes obras de arte, verdadeiros clássicos da literatura universal, tiveram inspiração em outras obras que as antecederam, assim como versões diferentes e continuações de obras a partir de releituras. Jamison (2017) nos explica que:

Dizemos que Shakespeare escreveu Hamlet. Quando eu levanto essa questão de leve, não é para sugerir que algum outro cara escreveu [...], mas quero dizer que a autoria dramatúrgica da Renascença era uma questão mais porosa e colaborativa do que imaginamos. Pesquisas recentes mostram como as peças de Shakespeare incorporavam as inovações de atores e outros envolvidos com sua companhia [...]. Shakespeare era e ainda é uma marca, ou seja, um nome que indicava um certo padrão e estilo de entretenimento, mas também o cara que fez o esforço maior de escrita e, por isso, merecedor da maior parte do crédito. (JAMISON, 2017, p. 42)

Assim como as obras de Shakespeare, a obra Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, serviu de inspiração para escritores como Alonso Fernández de Avellaneda, na realidade um pseudônimo para algum escritor que não quis assinar seu nome em sua produção literária, o qual, em 1614, escreveu uma pequena continuação para a obra citada de Cervantes (JAMISON, 2017). A obra apócrifa, escrita pelo escritor misterioso, inspirou o autor de Dom Quixote a continuar seu clássico e dar outro rumo ao seu personagem principal. Assim como este exemplo,

outros autores aproveitam sugestões dadas por admiradores e por críticos para escrever novas versões de suas obras. Ou seja, observamos que, ao longo da História, foram criadas possibilidades reais de se produzir textos e/ou obras ficcionais. Além disso, a inspiração para a produção das *Fics* atuais vem de forma muitas vezes espontânea.

Mas, por que *Fic*? Importante esclarecimento nos dá Jamison (2017) ao explicar que:

Fic. Fan writes chamam de “brincar na caixa de areia de outra pessoa” ou “pedir emprestado os brinquedos do vizinho”. Eu chamo de “escrever”. Os oponentes chamam de “roubo” - e eu chamo isso de palhaçada. Independente de como chamamos, no entanto, hoje entendemos a *fanfiction* basicamente como uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já escreveram. *Fanfiction* significa que seus escritores molham os pés, sujaram as mãos - e, mesmo que outras partes do corpo às vezes também fiquem molhadas e sujas nessas histórias, não significa que elas não possam ser inteligentes. (JAMISON, 2017, p. 31)

Cada *Fic* é produzida em *websites* que podem ser compartilhados *online*. No caso de nossa pesquisa, os sujeitos produzem seus textos no *site*: <https://www.wattpad.com/>. Em espaços como este, os escritores e leitores podem interagir, ao postar um comentário sobre a produção ficcional; permitir correções ortográficas, com as conhecidas *betas*; os autores, também, podem incluir notas ao final dos capítulos, as quais permitem aos leitores o *feedback*. Por meio da nota do autor, é possível que o leitor realize um comentário no final dos capítulos, com o objetivo de dar um retorno a alguma observação dada pelo *ficwriter*, fanfiquero(a), à narrativa ficcional. Sobre a *beta*, Paris explica-nos que:

Outra característica relevante no processo de produção de *fanfiction* é a presença de práticas de revisão realizadas por um *beta-reader* ou, em outras palavras, um revisor de texto que se dispõe a “*betar*” uma *fanfiction* voluntariamente. O escritor, sendo a primeira pessoa a ler a *fanfiction*, seria o *alpha-reader* e o revisor, suposta segunda pessoa a lê-la, o *beta-reader*, considerando que *alpha* e *beta* são letras do alfabeto grego que indicam a sucessão de elementos. (PARIS, 2016, p. 43)

O termo *beta-reader* foi cunhado pela própria comunidade de fãs e permite a interação entre os produtores e leitores, uma verdadeira integração comunicativa entre seus colaboradores no processo de escrita do gênero *Fic*, explicitando o quão social e participativa são essas relações estabelecidas entre os membros das comunidades. Elucida-nos Paris (2016, p. 4) que: “O sujeito [...] participa ativamente das práticas de letramento - seja como leitor/produtor - se comparado ao contexto do texto impresso, em que a interação explícita entre membros de uma comunidade ocorre de modo menos recorrente.”

Jamison (2017), ao se referir ao fenômeno *Fanfiction*, esclarece-nos que:

As comunidades de escritores e a forma como veem seus próprios trabalhos mudam. Poderíamos dizer que a escrita é a comunidade cuja única constante é a mudança, mas então imediatamente teríamos que emendar nosso clichê para incluir o “wank” constante - um termo que recentemente evoluiu para designar discussão irritante e estridente - que a mudança constante causa. (JAMISON, 2017, p. 40)

Assim, compreendemos que a cada nova leitura, a cada nova inspiração, os escritores que produzem escrita ficcional não encontram limites para suas criações, como muitas fanfiqueiras afirmam: “é uma maneira de expressar minha arte”, uma vez que a escrita, muitas vezes, colaborativa, estimula tanto a prática da leitura quanto da própria produção textual, além, é claro, de ampliar o conhecimento de mundo e o vocabulário de quem escreve em meio digital.

Nessa conjuntura, as práticas de letramento digital, as quais envolvem habilidades individuais e sociais, surgem emparelhadas às necessidades globais de comunicação. Além disso, a criação de novos espaços na *web* permitiu a interação através de múltiplas formas de utilização da linguagem e as *Fics* surgem nesse universo e possibilitam que jovens realizem práticas de leitura, produção textual e reescrita. Reiteramos que nossa pesquisa parte de interações, possíveis por diversas mídias, a exemplo do *WA*, permitindo o compartilhamento de ideias, sugestões e servindo, inclusive, de fonte de inspiração para narrativas, capítulos de livros e mudanças de roteiros.

A utilização das *Fics*, contextualizadas em nossa pesquisa, na possibilidade de escrita e de reescrita textual, é de suma relevância para o ensino de Língua Portuguesa, no eixo produção textual, visto que, por meio das análises de como as interações realizadas por jovens *fanfiqueiras* do Ensino Médio, em um grupo de *WA*,

influenciarão na reescrita de *Fics*, será possível averiguar com maior eficácia a prática da produção textual reelaborada, em consonância com as habilidades e competências exigidas para esse componente curricular. Sendo assim, destacamos que a pesquisa em tela possui importância social e científica, uma vez que traz uma proposta inovadora ao que tange à produção textual tão significativa para as práticas sociais e acadêmicas dos sujeitos.

Vale ressaltar que a origem das *Fics* remonta à década de 1970, o que é esclarecido por Cardoso:

A popularização das *fanfics* ocorreu com o advento e consolidação da internet, mas a sua origem está em meados da década de 1970, quando fãs de *Star Wars*, nos Estados Unidos, começaram a criar *fanzines* e histórias alternativas baseadas no enredo e personagens desta série. Percebe-se que este tipo de aplicativo e de produção de textos são efetivamente interativos, pois os leitores e produtores de textos podem acessar os *links* com as histórias publicadas e realizar comentários acerca da condução da história visitada, inclusive sugerindo novos encaminhamentos para a história. Observa-se, com isso, um sistema de coautorias de histórias publicadas nessas plataformas digitais. (CARDOSO, 2019, p. 6- 7)

Bem antes do advento da *internet*, havia a prática dos *fanzines*, revistas produzidas por fãs, nas quais os admiradores, sobretudo de filmes e desenhos animados, tinham uma certa liberdade para produzir sobre diferentes temáticas, baseando-se nesses filmes e desenhos. Ou seja, o *fanzine* surgiu e se desenvolveu à margem dos meios de comunicação impressa, possuía, pois, uma característica bem artesanal e livre (CARDOSO, 2019). Destacamos que o primeiro *fanzine* a publicar *Fic* fez uma homenagem à série de TV Jornada nas Estrelas, um grande sucesso de crítica.

Assim esclarecido, acrescentamos que as inspirações para a produção das *Fics*, em geral, surgem da mídia narrativa e dos ícones da cultura *pop*; também podem acontecer a partir de situações ocorridas no cotidiano, incluindo problemas enfrentados pelo próprio autor da *Fic* e, por este motivo, seu produtor sente a necessidade de se expressar de alguma forma, até mesmo como um desabafo. Isto é, quem escreve este tipo de produção textual em meio digital tanto se baseia em conteúdos midiáticos já existentes, dando à sua produção uma nova visão crítica, como também dá um novo direcionamento à narrativa, concedendo-lhe sua visão

autoral. Na verdade, as *Fics* são um bom refúgio para os jovens escritores que procuram uma forma de se sentir bem fazendo o que gostam.

Salientamos que nas *Fics* a Cultura da Convergência influencia diretamente as produções ficcionais, ou seja, as mídias tradicionais, participativas e interativas estão em condição de coexistência, para Jenkins (2009) representam uma revolução do conhecimento. Ou seja, o conceito utilizado por Jenkins para o termo *Fanfic* nos esclarece que:

O termo que se refere, originalmente, a qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos conteúdos dos meios de comunicação de massa, mas rejeitada pela LucasArts, que, em suas normas para produtores e diretores de filmes digitais, exclui qualquer obra que procure “expandir” seu universo ficcional. (JENKINS, 2009, p. 380)

Podemos observar a forte influência que a mídia tem para as *Fics*, entretanto não se trata da única fonte de inspiração, visto que há produtores que se inspiram em clássicos da literatura e também em situações do cotidiano. Ainda, de acordo com Jenkins (2009, p. 29): “[...] no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia.” Essa cultura da convergência citada por Jenkins é o que impulsiona as produções das *Fics*, e o universo juvenil permite que as histórias criadas “mergulhem” neste mundo da convergência e, conseqüentemente, haja uma apropriação das novas tecnologias digitais dentro e fora do ambiente escolar.

Ratificamos, inclusive, que as *Fics* possibilitam aos seus admiradores e produtores a prática dos multiletramentos, uma vez que: “[...] a prática das *fanfictions* favorece o desenvolvimento das leituras nas formas textuais e não textuais, capacidade imaginativa dos alunos, análise crítica e contextual, análise de ideias implícitas do gênero textual e não textual.” (ROCHA; SANTOS, 2017, p. 4)

Para alguns produtores ficcionais que estão no Ensino Médio, a *Fic* é uma forma de expressar o que cada uma sente e pensa sobre um assunto específico. Há também aqueles, inclusive, que buscam na *Fic* uma forma de denúncia social. É comum, por exemplo, no mundo das *Fics*, o uso de linguagem informal para certas temáticas, ditas mais populares; assim como o uso fiel da norma culta para outras produções específicas, cabe a cada produtor decidir o viés que deseja seguir.

Compreendemos a *Fic* como gênero discursivo e esclarecemos que em seu universo há a forte influência dos gêneros literários, como também a presença de um dicionário com vocabulário específico. Assim elucidado, de acordo com alguns produtores de escrita ficcional, o romance, o terror e o drama são os exemplos mais comuns. Isso, porque, há uma gama de sagas, animes, filmes e músicas sendo produzidas, abordando tais gêneros e, conseqüentemente, servindo como fonte de inspiração para os autores das *Fics*. Muitos adeptos do mundo das criações de fãs fazem uso extremo de apenas um gênero, mesclando-o ou utilizando a opção de temáticas sociais, acrescentando os gêneros citados como base para retratá-los. Além disso, ratificamos a presença no universo das *Fics* de um vocabulário específico, o qual consta em anexo em nossa pesquisa, que será fundamental para compreensão de nossas análises; como também, cada gênero de *Fic* tem uma denominação específica, de acordo com a temática utilizada pelo produtor.

O que verificamos em nossa pesquisa é que a maioria das *Fics* criadas tem como temática o universo *LGBTQIA+*; podemos afirmar que as fanfiqueiras a utilizam como uma forma de autoexpressão ou apenas para a criação de histórias com base em *ships*, que significa a junção de um casal dentro de algum seriado, filme, bandas ou grupos, animes e outras fontes de inspiração. Por conseguinte, ao utilizarem a temática *LGBTQIA+*, as fanfiqueiras tanto externam seus sentimentos reprimidos quanto se solidarizam com pessoas que se inserem nesse universo e que, segundo as produtoras, são discriminadas pela sociedade.

Acrescentamos que a *Fic* funciona, muitas vezes, como um *hobby* para a maioria dos jovens que se desafiam a entrar nesse mundo fascinante. As possibilidades de criação ficcional permitem aos produtores utilizar diferentes fontes de inspiração, o que explica, por exemplo, a necessidade de muitos escritores de realizar anotações a todo momento que possuem uma nova inspiração, seja para um local, personagem ou um enredo de uma nova *Fic*, pôr suas inspirações em um papel, em *post-its* ou até mesmo em seus cadernos escolares, tudo vale a pena para não perder a ideia ou inspiração para sua próxima produção ficcional. Ou seja, a *Fic* estimula a fanfiqueira a trabalhar não apenas com o universo midiático, sua gênese, mas, sobretudo, com assuntos diversos, tanto no universo da literatura quanto com temáticas do cotidiano, de forma que a fanfiqueira se sinta motivada a escrever mais por gostar de um determinado assunto e, por conseguinte, queira falar mais sobre tal temática.

Ademais, a *Fic* é uma excelente forma de fazer com que jovens do Ensino Médio se interessem pela literatura, pela escrita e pela leitura, de maneira que as fanfiqueiras gostem daquilo que estão fazendo e pratiquem a leitura e a produção textual em meio digital, cada vez mais, tendo reflexos em suas práticas sociais e de letramento escolar e social.

Dessa forma, reiteramos que as *Fics* tornaram-se verdadeiros *hobbies* para seus(as) produtores(as). Além disso, muitos que escrevem *Fics* também escrevem com o objetivo de se tornarem verdadeiros(as) escritores(as) profissionais, pois sabem que desejam produzir a vida inteira, usam as *Fics* como o início de sua carreira profissional como escritor(a), de acordo com algumas jovens produtoras. A *Fic*, muitas das vezes, é um ponto de refúgio para muitas fanfiqueiras, uma vez que elas falam sobre o que têm vontade, fazem uso da criatividade a favor de vários assuntos, os quais podem comentar em seu dia a dia.

Para dar sequência ao nosso percurso teórico, traremos um panorama dos gêneros literários, visto que nossas fanfiqueiras produzem textos ficcionais, utilizando narrativas que têm por base gêneros específicos, derivados da tríade canônica aristotélica, ou seja, os atualmente conhecidos gêneros: lírico, épico-narrativo e dramático. Sob esse prisma, contextualizaremos o universo da literatura, na gênese dos gêneros literários, enquanto possibilidade de criação artística, tão ao gosto das *Fics*.

5.3 Os Gêneros Literários no universo da criação artística

Ao longo da História, verifica-se a concepção de diversas formas de manifestações artísticas pelo homem, dentre as quais, destaca-se a literatura como forma perceptível de construção do real e do imaginário de maneira peculiar. Nessa perspectiva, a literatura permite a interação do homem com o mundo e com o próprio homem e propicia diálogos entre o texto literário e o não literário como possibilidades de leitura de mundo de formas diferenciadas. Em nossa pesquisa, interessa-nos a compreensão da tríade aristotélica dos gêneros literários, visto que nossos sujeitos realizam escrita e reescrita de *Fics*, as quais apresentam características desses gêneros em sua constituição.

Os gêneros literários, durante séculos, foram divididos em três categorias: épico, lírico e dramático. Tal divisão, conhecida por muito tempo sob essa

constituição, foi proposta na Grécia Antiga (384 - 322 a.C.) pelo filósofo grego Aristóteles, o qual elucida a gênese dos pressupostos que sedimentam a constituição dos gêneros literários em sua obra *A Poética*, que será tratada, objetivamente, ao que se refere à nossa pesquisa.

Em sua obra *A Poética*, Aristóteles traz o conceito de criação literária com o sentido restrito de poesia, poema, criação, ou seja, nas palavras do autor: “A poesia épica e a trágica, bem como a cômica, a ditirâmbica³ e a maioria da interpretação com flauta e instrumentos de cordas dedilhados são todas, encaradas como um todo, tipos de imitação” (ARISTÓTELES, 2011b, p. 39). Nesse sentido, Aristóteles nos esclarece que a imitação se manifesta por meio de diferentes semioses, com o intuito de representar, ou, em suas palavras, imitar coisas; assim como também cita a utilização da voz, ora por meio do ritmo, discurso isolado, ora em harmonia, por meio de combinações. A musicalidade era muito presente em seu tempo, um importante exemplo é o coro grego, tal fato esclarece a utilização do ritmo empregado na música, sobretudo de flauta, citada na obra *A Poética*, de Aristóteles.

Assim esclarecido, Aristóteles fala sobre a relação da imitação com a comédia e a tragédia, dando-nos uma explicação sobre as origens do gênero dramático e sua evolução na época grega, com a presença de um coro inicial composto por voluntários. Nas palavras de Aristóteles:

Como dissemos, a comédia é imitação de caracteres mais inferiores, ainda que não completamente viciosos; mais propriamente, o ridículo constitui parte do disforme. O ridículo, de fato, compreende qualquer defeito e marca de disformidade que não implicam em dor ou destruição. É bastante evidente que a máscara do riso, embora disforme e distorcida, não gera dor. Ora, as etapas de desenvolvimento relativas à tragédia, bem como os autores nela envolvidos, têm sido lembrados por nós, ao passo que a história inicial da comédia mergulhou no esquecimento, porque não despertou

³ Ditirambo: Latim *dithyrambu* (m); Grego *dityrambos*, vocábulo de incerta etimologia. As dúvidas e conjecturas em torno do vocábulo “ditirambo” correspondem ao mistério acerca da origem da forma literária que reveste. Primitivamente (por volta do século VII a.C.), o ditirambo consistia num canto em louvor a Baco, e aludiria, pelo significado estrito de “duas portas”, ao duplo nascimento do deus do vinho e do prazer (*dis*, duas vezes, *thyra*, porta, *ambainein*, passar): segundo a mitologia, Baco ou Dionísio (como era chamado pelos gregos), teria sido gerado de um seio de Semele e, posteriormente, da coxa de Zeus. Alguns estudiosos advogam também a etimologia *Dithrambos*, apelativo de um sátiro pertencente ao séquimo de Baco, ao passo que outros recorrem a *thriambos*, hino triunfal, pelo Latim *triumphu* (m). (MOISÉS, 1974, p. 157)

nenhum sério interesse. Foi só tardiamente que o arconte⁴ lhe concedeu um coro, que até então fora composto por voluntários. Os primeiros poetas cômicos lembrados são de uma época em que o gênero já havia atingido certas formas. Ignoramos o responsável pela introdução das máscaras, prólogos, grande número de atores e outras coisas semelhantes. (ARISTÓTELES, 2011b, p. 47)

O autor da *Poética* defende a origem do gênero dramático, com a comédia e a tragédia tendo papéis imprescindíveis para o gênero. As formas da comédia, segundo Aristóteles, têm em Homero seu primeiro grande nome, uma vez que: “[...] a mesma relação que o *Margites* tem com a comédia é a que a *Ilíada* e a *Odisséia* têm com a tragédia” (ARISTÓTELES, 2011b, p. 46). Já em relação à definição de tragédia propriamente dita, Aristóteles advoga que:

Tragédia, assim, é a imitação de uma ação séria, completa, que possui certa extensão, numa linguagem tornada agradável mediante cada uma de suas formas em suas partes, empregando-se não a narração teatral, na qual [os atores], fazendo experimentar a compaixão e o medo, visam à purgação desses sentimentos. (ARISTÓTELES, 2011b, p. 49)

Sendo assim, para nosso autor, a tragédia é a imitação da ação, esta contendo começo, meio e fim, ou seja, uma sequência narrativa. Nesse sentido, Aristóteles nos explica que narrativas ou roteiros, como ele cita, não devem iniciar ou se findar fortuitamente, é necessário que seu autor utilize ideias gerais que devem ser estabelecidas com um certo propósito. De acordo com Aristóteles:

[...] a narrativa (roteiro) é a imitação da ação, uma vez que uso o termo narrativa (roteiro) para designar a construção dos atos, caráter para designar aquilo em função do que atribuímos determinadas qualidades aos agentes, enquanto pensamento abrange tudo aquilo que no discurso falado permite que demonstrem alguma coisa ou que declarem o que pensam. Daí ser a tragédia composta necessariamente de seis componentes, segundo os quais se pode qualificá-la, a saber, narrativa (roteiro), caráter, elocução, pensamento, espetáculo visual e poesia lírica. (ARISTÓTELES, 2011, p. 49-50)

⁴ Arconte: um dos nove principais magistrados de Atenas, nesse caso, o arconte-rei, responsável por questões de religião. Ele organizava as encenações dramáticas, vinculadas ao culto público a Dionísio (/baco), selecionando, entre os poetas que haviam apresentado suas obras na competição, os três cujos trabalhos lhe pareciam merecedores de serem representados; “concedia-lhes então um coro”, a saber, a permissão para que suas peças fossem montadas, apontando o cidadão que cobriria as despesas com o equipamento do coro. (ARISTÓTELES, 2011, p. 47)

Esses elementos citados pelo autor de *A Poética* nos fazem compreender melhor a imitação como ação na construção dos atos. O ato de criar, por sua vez, permite ao seu produtor viagens por mundos inimagináveis, resultados de sua capacidade de criação. Sob esse panorama, esclarece-nos Gomes (2017) que:

Um escritor, um artista propõe mundos originários, produtos de sua imaginação. O verdadeiro receptor acha a porta de entrada - as imagens, as cenas. Porta sempre aberta, no entanto, a todos. A partir daí, inicia-se a grande aventura por entre as formas. Uma aventura sensorial que não deixa de ser cognitiva: o artista faz ver ao receptor, antes cego, a via clarividente das imagens, das cenas. Essa via pode ser de ambientação lírica, épica ou dramática. Ou ainda, intergenérica, já que somos a soma de sumos, de substâncias. (GOMES, 2017, p. 214)

Gomes (2017) traz o ato de criar como algo imensurável, dentro das inúmeras possibilidades de criação artística. Já Aristóteles afirma que: “[...] não é função do poeta realizar um relato exato dos eventos, mas sim daquilo que poderia acontecer e que é possível dentro da probabilidade ou da necessidade” (ARISTÓTELES, 2011b, p. 54). Podemos perceber que a criação literária, ou simplesmente artística, visto que literatura é arte em seu sentido mais íntimo, permite-nos a imersão em um universo vasto e fértil de criações variadas. Nesse ínterim, a compreensão dos gêneros literários permite-nos expandir nosso conhecimento da arte e da literatura, o que é de extrema importância para analisarmos com mais clareza, no tocante à criação ficcional, as produções de nossas fanfiqueras.

Compreendidas as bases que sedimentam a obra *A Poética*, passaremos para uma visão mais detalhada dos três gêneros literários: lírico, épico-narrativo e dramático, tendo por bases outros teóricos da literatura. Retomamos Stalloni (2001) para esclarecer que poesia não constitui um gênero literário, dessa forma, de acordo com nosso teórico:

O tratado de Aristóteles, *A Poética*, de onde procede toda reflexão sobre os gêneros, abstém-se de descrever em detalhes uma forma original que seria, em simetria com a narração ou com o teatro, algo de equivalente à “poesia”, no sentido moderno da palavra. Essa dificuldade é confirmada a propósito de três critérios que poderiam definir a estética da poesia e do lírico: a utilização do verso, o papel da subjetividade, a relação à ficção. (STALLONI, 2001, p. 129)

Assim, Stalloni (2001) cita Aristóteles para esclarecer elementos indispensáveis para a compreensão do gênero lírico, dando ênfase para a *mimese*, com relação à ficção, seja em prosa ou em verso. O critério do verso, esclarece Stalloni (2001), encaixa-se no conceito de *mimese* de base aristotélica, visto que os modos de imitação, sejam diretos ou indiretos, narrativos ou dramáticos, apresentam-se de diferentes formas, a depender da identificação de um gênero poético.

No tocante ao papel da subjetividade, Stalloni (2001) traz o conceito de lirismo como: “[...] essa tendência literária que negligencia a atitude de tomar o mundo como modelo, que ignora as expectativas do auditório, que parece traduzir, de maneira incontrolada, a interioridade do criador e reproduzir uma fala que ele dirige a si mesmo” (STALLONI, 2001, p. 135). Esse conceito admite um paradigma em que o autor ou artista estabelece relações, ora consigo mesmo, a forma lírica propriamente dita; ora na concepção épica ou dramática, na qual a relação do autor ou artista vai além dele mesmo para alcançar os outros. Ao trazer o último critério estabelecido por Stalloni (2001), esclarecemos o critério da não-ficção, como definição da obra lírica, também chamada por nosso teórico de poética, visto que há a recusa da ficção pela obra.

Outrossim, traremos de forma sucinta componentes do gênero lírico necessários à nossa pesquisa. Nesse viés, Staiger (1997), em relação à lírica, elucidamos que:

A Lírica causava dificuldades à Poética antiga, que procurava classificar os gêneros de acordo com características métricas, justamente pela variedade de metros existentes, “varietate carminum”. Finalmente, a poética encontra a melhor saída, dizendo que esta “variedade” é uma característica do gênero. (STAIGER, 1997, p. 26)

Staiger (1997) se refere à obra *A Poética*, em que Aristóteles, como teórico antigo, traz a melodia, a musicalidade e faz alusão à poesia épica e à tragédia, ao trazer os elementos da flauta e de instrumentos de cordas dedilhados, ou seja, a musicalidade tão ao gosto dos gregos. Ainda em relação à lírica, temos a seguinte explicação de Rosenfeld (2002): “A Lírica tende a ser a plasmação imediata das vivências intensas de um EU no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo” (ROSENFELD, 2002, p. 22). Ambos os teóricos trazem a lírica sob suas óticas específicas. Retomando Staiger (1997), observamos importantes esclarecimentos sobre o poeta lírico:

Ao poeta lírico, propriamente dito, não importa se um leitor também vibra, se ele discute a verdade de um estado lírico. O poeta lírico é solitário, não se interessa pelo público; cria para si mesmo. Mas uma tal afirmação exige esclarecimentos. Composições líricas também publicam-se. A colheita de anos e anos é reunida e entregue a um público. (STAIGER, 1997, p. 48)

A condição de solidão atribuída ao poeta lírico explana seu caráter intrínseco de subjetividade e, ao mesmo tempo, externa a direção dada pelo poeta lírico à publicidade de seus sentimentos, uma vez que é condição *si ne qua non* à sua produção. O amor é um tema inesgotável na poesia lírica, o poeta lírico, em sua grande maioria, foi um grande apaixonado, e esse sentimento é percebido no produto de sua criação artística. Além do amor, observam-se os grandes sentimentos que perpassam os séculos na história da literatura: “[...] os grandes sentimentos individuais (o amor infeliz, o sofrimento, a tristeza, a melancolia ou, com menor frequência, a alegria ou o entusiasmo) serão seus temas privilegiados.” (STALLONI, 2001, p. 151)

Devidamente compreendida a essência do gênero lírico, passaremos para o gênero épico-narrativo, ou como traz Stalloni (2001) o romance e o gênero narrativo. Sendo assim, iniciaremos com a epopeia e sua relação com o gênero épico, trazidos em *A Poética* aristotélica em consonância com a tragédia. De acordo com Stalloni (2001), a epopeia deve ter:

- um nível elevado, um modo “superior” (“imitação de homens nobres”), como a tragédia;
- uma expressão versificada regular;
- uma forma narrativa (a ação é contada);
- uma extensão suficiente, uma forma alongada;
- uma liberdade na utilização da temporalidade. (STALLONI, 2001, p. 77)

A partir dessas premissas, nosso teórico traz outros elementos que concernem à epopeia, os quais não detalharemos em nossas discussões, entretanto, ratificamos que, conforme Stalloni (2001), os modelos mais conhecidos de epopeia são *A Ilíada* e *A Odisseia*. Para uma caracterização mais atual desse modelo canônico em direção ao romance, tão importante para as análises de nosso *corpus*, destacamos que as mudanças sociopolíticas, acrescidas de elementos e valores contemporâneos foram de fundamental relevância para que a epopeia clássica fosse, gradativamente, transitando para o que conhecemos hoje como romance.

Sendo assim, é indispensável trazer os componentes da narrativa, com o objetivo de compreender como as nossas fanfiqueiras organizam suas produções ficcionais dentro desse gênero literário. Dessa forma, para Stalloni (2001), uma narrativa é:

- uma história: para contar, é preciso que haja matéria que se disponha a ser contada, um ou mais acontecimentos, portanto, que serão restituídos e representados de maneira “figurativa”. Essa representação afeta seres vivos (as personagens) que evoluem num espaço e num tempo particular (o quadro *spatio-temporal*), em função de modos de ser e de pensar (os costumes). Essa matéria narrativa chamar-se-á, de acordo com cada caso, história, assunto, argumento, enredo etc.;
- uma forma: os acontecimentos só podem ser narrados por meio de um código, de linguagem escrita ou oral, limitando-se a literatura a levar em conta o escrito. Por meio desse código, o enunciado narrativo transforma-se em *texto* submetido, ele mesmo, às exigências e às leis da estilística. A escrita narrativa, de acordo com seu grau mimético, exprime-se sob três formas: o “narrado” (em que os acontecimentos são contados com ou sem comentário); o “mostrado” (em que a realidade é *re-transcrita* pelas palavras, na descrição ou no retrato) e o “falado” (em que as falas - diretas ou indiretas - são reproduzidas);
- um sentido: por trás dos fatos contados esconde-se uma intenção do autor, uma vontade de fazer compreender, fazer interpretar. Elementos portadores de uma carga semântica e, portanto, independentes do conteúdo narrativo têm o papel de tecer uma rede significativa [...]. (STALLONI, 2001, p. 86-87, grifo do autor)

O romance, cujas bases remetem à epopeia, é a forma literária mais utilizada contemporaneamente, o que significa dizer que, na qualidade de obra em prosa, suas características seguem um modelo extenso, possuindo personagens que são apresentados de certo modo como reais, dos quais é possível definir caráter psicológico, além de características que serão determinantes para a construção da narrativa, como destinos, aventuras; além de medos e outros sentimentos inerentes a cada participante do romance. Stalloni (2001), ao tratar da tipologia romanesca, esclarece-nos a necessidade de agrupar “a infinita variedade dos romances” em três critérios:

- O contexto da intriga: categoria mais consistente, que permitiu, em função do quadro geográfico e histórico, delimitar as variantes que se definem por suas etiquetas: o romance pastoral, o romance regionalista, o romance exótico etc.
- A ação: as subdivisões são feitas então a partir do assunto da ação, da natureza e da tonalidade dos acontecimentos, da condição social das personagens, como no caso do romance de aventuras, romance policial, romance de espionagem, etc.

- A técnica narrativa: classificação mais moderna baseada sobre princípios de escrita ou de composição, sobre uma estética de escola ou de movimento: romance autobiográfico, romance epistolar, romance de primeira pessoa. (STALLONI, 2001, p. 104)

A partir desses esclarecimentos, nosso teórico exemplifica os principais tipos de romance categorizados como o heroico, o cômico, o picaresco, o histórico, entre outros. Faz-se pertinente reiterar que as principais produções ficcionais de nossos sujeitos seguem este gênero, uma vez que o romance ganhou popularidade entre pessoas de todas as idades e no universo juvenil não seria diferente. Nossos sujeitos inspiram-se nos principais gêneros narrativos para externar seus sentimentos, desejos, desabafos, assim como solidarizar-se com as dores de outras pessoas e dividir tanto suas alegrias quanto seus medos e incertezas. Há no gênero narrativo uma espécie de tensão temporal, ou seja, é possível perceber que seus personagens vivem singularmente cada momento da narrativa.

Nesse prisma, compreendemos que o autor do gênero narrativo preocupa-se em criar uma ambientação propícia à reprodução dos acontecimentos, com o intuito de transmiti-los aos seus receptores, sejam na condição de leitores, sejam na condição de ouvintes. Há, inclusive, a possibilidade de transmissão de fatos verossímeis ou inverossímeis; como também, a sua estrutura pode aparecer em forma de prosa ou mesmo de verso. Ratificamos que, em relação à nossa pesquisa, interessa-nos a prosa, na qual também é possível encontrar produções curtas ou mais longas. Nesse contexto, tanto a estrutura da narrativa como também a forma como seus produtores farão uso de seus elementos peculiares nos são de extrema relevância.

Para completar a tríade canônica, acrescentaremos alguns outros elementos que são indispensáveis para o entendimento do gênero dramático. De maneira sucinta, esclarecemos que o gênero dramático consiste na produção de textos que são feitos para serem encenados, com o principal objetivo de despertar em seus telespectadores, ou simplesmente na plateia, suas emoções, ou seja, o fenômeno literário conhecido como *catarse*⁵ tem destaque neste gênero.

⁵ Grego *kátharsis*, purgação, purificação. A catarse é uma das questões mais controversas e debatidas da história das ideias estéticas. Aristóteles colocou-a pela primeira vez, ao proceder à exegese da tragédia, afirmando que esta, “suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação desses sentimentos” (Poética). Como o texto aristotélico não esclarece nem desenvolve a passagem, o vocábulo “catarse” tem dado margem a numerosas interpretações, todas insatisfatórias.

Em relação à linguagem dramática, Stalloni (2001) postula que:

Como todas as expressões artísticas, o teatro utiliza uma linguagem que lhe é própria. A originalidade, aqui, é que essa linguagem é composta por duas facetas complementares: o texto dramático e os efeitos de direção. O texto dramático é constituído pela fala pronunciada pelos atores, seja ela expressa, como na maioria das vezes, no diálogo (réplicas ou falas) ou pelo monólogo. (STALLONI, 2001, p. 43)

A linguagem do teatro tem como principal objetivo despertar no público sentimentos e emoções. Os personagens se expressam, o cenário dialoga com os atores, muitas vezes a música entra em cena e desempenha um papel indispensável para o espetáculo. De acordo com Patrice Pavis (2001):

[...] a música dá uma atmosfera emocional que ilumina o gesto e o jogo do ator; inversamente, o gesto ou a dança podem “abrir” a música: A dança pode revelar tudo o que a música tem de misterioso, ela tem, além do mais, o mérito de ser humana e palpável. (PAVIS, 2001, p. 256)

Ademais, o teatro, em sua essência, é a melhor representação da *mimese* aristotélica. Nas palavras de Stalloni (2001):

O teatro poderia pois se definir, em primeiro lugar, como uma arte do “eu. Mas um eu plural, posto que cada protagonista que toma a palavra emprega-a por sua própria conta. O que transforma esse modelo de subjetividade em ideal de objetividade. (STALLONI, 2001, p. 41-12)

Ou seja, no teatro, temos os autores, conhecidos como dramaturgos, os quais escrevem seus textos com o intuito de estabelecer relações comunicativas entre o público e os atores, estes responsáveis pela encenação do texto escrito. A palavra que sintetiza o teatro é “ação”, há, conforme elucida Stalloni (2001), um eu plural, o modelo de subjetividade que dá lugar a essência objetiva do teatro.

Sabe-se que o filósofo grego tomou a palavra de empréstimo à Medicina, onde simplesmente designava a eliminação dos humores corporais maléficos para restabelecer o equilíbrio próprio da saúde. [...] As várias propostas em torno do vocábulo “catarse” podem ser resumidas em duas principais: ora se entende que a purgação constitui a experiência da piedade e terror que o espectador sofre perante a tragédia que contempla, de molde a “viver” a situação infausta do herói e aprender a distanciá-la de si; ora se julga que a visualização do tormento alheio proporciona à plateia o alívio das próprias tensões, ao menos enquanto dura o espetáculo. (MOISÉS, 1974, p. 79)

Podemos compreender que os gêneros literários possuem papel importante para um aprofundamento no estudo das *Fics* e, sobretudo, para uma análise mais completa de nosso *corpus*. Reiteramos que nosso intuito foi trazer elementos essenciais da constituição dos gêneros literários, os quais são indispensáveis para nossa pesquisa. Há um diálogo direto entre a essência das *Fics* e a constituição dos gêneros literários, enquanto produção ficcional e arte literária, acrescidos, hodiernamente, pelas inovações tecnológicas. As produções textuais em meio digital constituem um bom exemplo das facilidades que o advento da *internet* nos proporcionou, já que, inicialmente, como vimos, as produções ficcionais eram publicadas em *fanzines*.

Para concluir nosso aporte teórico e também para ratificar a presença das TDICs em nossa pesquisa, passaremos para o uso do *WA*, como possibilidade de interação e também de inspiração artística, ressaltando sua relevância na construção de relações sociais, tão comuns em nossa atual sociedade.

5.4 O uso do *WhatsApp (WA)* como ferramenta de interação e construção de relações sociais

Contemporaneamente, muitos sujeitos não se veem separados de toda aparelhagem tecnológica que se encontra disponível no mercado e que, para a maioria das pessoas, facilita a vida. Observamos os diferentes ambientes por onde circulamos: restaurantes, paradas de ônibus, filas de espera; os próprios ambientes familiares e até mesmo os escolares, nos quais pessoas utilizam o *smartphone* com diferentes objetivos, entre eles acessar as redes sociais e trocar mensagens instantâneas.

Trata-se de uma prática que se tornou corriqueira e que muitas vezes causa problemas, ora de relacionamentos, visto que a dialogicidade afetiva presencial, muitas vezes, não existe, por causa da atenção demasiada para o mundo virtual; como também em situações de ensino-aprendizagem, já que a proibição do uso do celular em ambientes escolares, sem fins pedagógicos, ocorre na maioria das escolas, incluindo, escolas públicas e privadas do Estado de Pernambuco⁶, por exemplo; além

⁶ Lei Nº 15.507, de 21 de maio de 2015. Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos nos estabelecimentos de ensino públicos ou privados, no âmbito do Estado de Pernambuco, nos seguintes termos: I - nas salas de aula, exceto com prévia autorização para

de questões de segurança, uma vez que alguns indivíduos sofrem acidentes utilizando o celular em situações de risco. No tocante às leis que proíbem o uso do *smartphone* em ambientes escolares, Silva e Rocha (2017) trazem preciosos esclarecimentos:

É possível perceber que o uso de *smartphones* na escola não se trata de um fenômeno clássico de indisciplina. Fenômenos clássicos de indisciplina, e mesmo de violência escolar, não têm sido tratados, na contemporaneidade, com decretos ou leis específicas. A realidade mostra que tais dispositivos legais encontram dificuldades para ser executados. É muito difícil refrear esse movimento com decretos ou leis [...]. Se é verdade que os dispositivos legais supracitados emergem nesse cenário quase como um pedido de socorro da própria escola, é igualmente verdadeiro que esses, serão letra-morta diante dessa forma avançada de cibercultura. (SILVA; ROCHA, 2017, p. 3)

Contudo, acreditamos que é possível a utilização de *smartphones* e, conseqüentemente, de aplicativos como o *WhatsApp (WA)* para a construção de relações sociais, tais como: comerciais, políticas, pessoais, de aprendizagem escolar e de entretenimentos. Faz-se salutar compreender a gênese, o desenvolvimento e o contexto atual dessa ferramenta tão poderosa. Assim sendo, nosso problema de pesquisa consiste em pesquisar em que medida as interações, em um grupo de *WA*, influenciarão na reescrita de *Fics* produzidas por jovens do Ensino Médio.

O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens lançado em 2009, que rapidamente ganhou popularidade, consagrando-se como uma das plataformas de comunicação mais manuseadas no mundo. As versões mais recentes permitem a utilização do *WA* tanto em dispositivos móveis (*smartphones* e *tablets*) como em computadores de uso pessoal, ao acessar navegadores de *internet*, a exemplo do *Google Chrome*, *Mozilla Firefox* e *Opera*, os quais permitem a conexão ao *WhatsApp Web*.

O *WhatsApp* foi adquirido pelo *Facebook*, em fevereiro de 2014. Diante do sucesso e da facilidade de aquisição do aplicativo, corroboramos com a ideia do *WA* como uma rede social. Em relação aos seus usuários, Barbosa (2016) nos esclarece que:

[...] faz-se necessário reafirmar que esse aplicativo não pode ser visto somente pelo ambiente pragmático, imerso na cultura e no cotidiano das pessoas, enquanto uma prática, mas também como veiculador de

ideologias, como artifício que reproduz sentidos, sem, frequentemente, serem problematizados. Seus diferentes usos transformam os sujeitos da linguagem em produtores de sentidos, através do código linguístico e outras semioses, imergindo nas interações virtuais, práticas sociais do mundo real. Desse modo, existem grupos de pessoas que utilizam o app para trocar ideias, estreitar relacionamentos, cultivar amizades, mas também pessoas que se reúnem para compartilhar preconceitos raciais, homofóbicos, divulgar conteúdos constrangedores, disseminar ideias dissonantes. (BARBOSA, 2016, p. 52)

Portanto, o WA é de fato uma rede social, uma vez que, através do aplicativo, compartilham-se várias situações e constroem-se relações. Diante dessa conjuntura, vale ressaltar que o contexto dos jovens que, hodiernamente, utilizam as redes sociais e fazem uso das novas tecnologias, respectivamente, são os nascidos a partir do ano de 1990, os quais passaram a ser conhecidos como Geração Z, isto é, são jovens cujas características se enquadram no perfil de nativos digitais; constantemente conectados à internet; sentem a necessidade de se expor e manifestar suas opiniões através das redes sociais; acostumados a instantaneidade nas respostas e informações e também acompanham todos os avanços das TDICs. Segundo Xavier (2011):

Essa geração vem crescendo com grande acesso a tecnologias, como plataforma de jogos eletrônicos, computadores e telefones celulares multifuncionais. Ela fotografa objetos e pessoas, calcula valores, agenda números, nomes e compromissos, capta música da Internet, grava voz, vídeos e arquivos de texto, cria identidades diferentes, modera comunidades virtuais, participa de diversas redes sociais simultaneamente, entre outras ações tornadas possíveis com a chegada das TDIC. (XAVIER, 2011, p. 3-4)

Nesse contexto, faz-se pertinente trazer a dificuldade que muitos jovens possuem em se adaptar às velhas metodologias pedagógicas, como utilização da lousa tradicional para a realização de anotações e a própria figura do professor como detentor do conhecimento, contextualizando os estudantes dessa geração e seu ambiente escolar. Nesse sentido, acrescenta Xavier (2011):

A escola não deve esquecer que precisa se atualizar constantemente, pois concorre, de certa forma, com outras instituições sociais, como a mídia e a indústria do entretenimento, para a conquista da atenção dos sujeitos, principalmente crianças e adolescentes ainda em fase de formação. Trata-se de as escolas disponibilizarem para seus professores e alunos condições tecnológicas razoáveis que viabilizem

certas ações pedagógicas e façam engrenar modos de aprendizagem mais contextualizados com o momento histórico dos alunos. Caso contrário, a escola poderá cair na obsolescência e perderá a concorrência para outras instituições, distanciando-se, assim, de sua função social primordial que é fazer aprender. (XAVIER, 2011, p. 5)

Portanto, é necessário que a escola e os professores do século XXI revejam antigas metodologias e se adaptem às mudanças exigidas pelos avanços tecnológicos, atualizando-se e trazendo inovações ao contexto escolar, as quais não devem se limitar à circunscrição da sala de aula, ou seja o uso de *smartphones* pode auxiliar consideravelmente situações de ensino-aprendizagem. Concordamos com a posição de Santaella (2008, p. 5) ao afirmar que: “A tecnologia de comunicação instantânea, mediada pelos aparelhos celulares e *smartphones*, mudou completamente a forma das pessoas se comunicarem e relacionarem-se”. É essa posição que adotamos, uma vez que, ao observar em nosso entorno, sujeitos ocupam essa posição de partícipes nas várias “teias” de interação realizadas nos processos de comunicação. Além disso, Santaella (2008, p. 5) acrescenta que: “[...] os educadores não podem deixar de considerar esses equipamentos como possíveis de serem usados no processo educacional, em especial como integrador entre os atores envolvidos”. Ademais, no que se refere especificamente ao *WA*, como rede social, importante consideração traz Silva e Rocha (2017) ao afirmarem que:

Como qualquer rede social online, o conteúdo das interações estabelecidas no *WhatsApp* tende a extrapolar o interior das conversas nas quais foi gerado ou postado. Aquilo que se compartilha no grupo tende a se propagar em outros grupos ou mesmo para outras interfaces do ciberespaço. A expectativa daquele que posta algum comentário nos grupos do *WhatsApp* é que o *feedback* seja imediato ou que a informação compartilhada se propague imediatamente. (SILVA; ROCHA, 2017, p. 5, grifo dos autores)

Sendo assim, observamos que diferentes pesquisas nos últimos anos apontam o uso do *WA* como um precioso mecanismo para fins educacionais, uma vez que é acessível e a maioria dos alunos possuem essa ferramenta. Nesse sentido, advogamos a ideia de que o uso do *WA* pode facilitar as relações entre aluno-professor e até mesmo aluno-aluno, assim como pode propiciar uma integração entre as turmas e permite, também, realizar debates e outras interações, perfeitamente possíveis em situações de exposição de conteúdos curriculares, disciplinas complementares e os atuais itinerários formativos propostos pela nova BNCC.

Outrossim, acreditamos que é possível a utilização de *smartphones* e, conseqüentemente, de aplicativos como o *WA* para a construção de relações sociais e realização de interações, como as presentes em nosso estudo, imprescindíveis para sugerir e inspirar jovens do Ensino Médio, tão habituados a conjuntura contemporânea das novas tecnologias, a reescrever suas produções ficcionais em ambiente digital, tendo por inspiração sugestões/interações realizadas a partir dessas trocas de mensagens instantâneas. Como também, acreditamos que o aplicativo *WA* pode ser uma ferramenta extremamente eficaz, quando utilizado para fins pedagógicos em situações de ensino-aprendizagem e que muitas vezes é negligenciado.

Reiteramos que levamos em consideração em nossa pesquisa a possibilidade de usar as interações realizadas pelos sujeitos no grupo do *WA* como mecanismos facilitadores da reescrita das *Fics*, proporcionando não apenas a aquisição de multiletramentos, mas também reflexões sobre o texto verbal e o não-verbal presentes tanto no *site* escolhido para o estudo das *Fics*: <<https://www.wattpad.com>> quanto no grupo de *WA* criado para as interações.

O uso do aplicativo *WA*, a partir das análises das interações via: áudio, mensagem de texto e *emojis*, possibilitará verificar até que ponto estas interações implicam mudanças nas *Fics*, produzidas pelos sujeitos participantes da pesquisa, uma vez que: “[...] a aprendizagem móvel, como é o caso do aplicativo *WA*, caracteriza-se basicamente pela possibilidade de oferecer a aprendizagem de qualquer conhecimento, em qualquer hora e lugar.” (CAIADO; LEFFA, 2017, p. 111)

Ratificamos nossa defesa em relação à utilização do *WA* para fins pedagógicos, visto que, segundo Caiado e Leffa (2017), quando bem conduzida, a aprendizagem móvel traz implicações positivas para o processo de ensino e de aprendizagem, entre elas:

- (1) interatividade, no sentido da dialogicidade propiciada pelo dispositivo digital;
- (2) espontaneidade e formalidade simultâneas, pois os aprendizes podem monitorar sua interação e seu discurso, podendo ser, ao mesmo tempo, espontâneos e formais, de acordo com seus interlocutores, seus propósitos comunicacionais, o gênero discursivo utilizado e sua intenção;
- (3) motivação, pois as tecnologias digitais motivam os alunos e as TDM acrescentam à motivação a perspectiva da portabilidade - a toda hora e em qualquer lugar - utilizar onde desejar e portar o dispositivo para onde quiser;

- (4) multimodalidade, pois o ambiente hipermídia do *smartphone* propicia aos aprendizes a utilização de áudio, mensagens escritas, imagens, vídeo, *emoticons*, produzindo, nessa convergência de mídias, a compreensão responsiva ativa dos sujeitos;
- (5) planejamento e reelaboração, pois a aprendizagem móvel favorece um planejamento prévio da interação com os pares;
- (6) personalização, na medida em que os aprendizes utilizam os seus próprios *smartphones*, interagindo com os conteúdos propostos e assumindo o controle do acesso e caminho percorrido, trazendo um efeito positivo para a aprendizagem, além de estabelecer um novo índice relacional propiciado pela intimidade com o dispositivo móvel, que se configura como extensão do “eu”. (CAIADO; LEFFA, 2017, p. 112-113)

Observamos que, quando bem orientada pelo professor, a utilização da tecnologia digital permite a realização de diferentes práticas aos sujeitos envolvidos, influenciando situações de ensino-aprendizagem e proporcionando a efetiva realização de práticas pedagógicas no contexto escolar. Além disso, salientamos que o processo de interação dos sujeitos permite reflexões, criticidade e a prática dos multiletramentos, uma vez que envolve questões sociais e culturais que extrapolam os limites da sala de aula.

Ademais, a importância de nosso estudo, para uma nova visão do panorama de aprendizagem em Língua Portuguesa, no que concerne ao processo de produção e de interação verbal, dar-se-á em virtude da carência de pesquisas que relacionem o prazer de produzir ficções, em um universo juvenil, nas esferas individual e ao mesmo tempo coletiva, com a prática dos multiletramentos. Ou seja, as análises das interações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, estudantes do Ensino Médio, propiciaram uma reflexão sobre a apropriação da leitura e da produção textual em ambientes que extrapolam a sala de aula.

Trata-se de uma pesquisa que investiga a produção textual - reescrita - no meio digital, por meio da interação dos sujeitos em um aplicativo – *WA*, propiciando assim uma nova visão ao educando quanto ao aprendizado da Língua Portuguesa. É indispensável ressaltar que nosso problema de pesquisa consiste em responder a seguinte indagação: Em que medida as interações, em um grupo de *WA*, influenciarão na reescrita de *Fics* produzidas por jovens do Ensino Médio?

Por fim, anuímos a ideia de que, por meio desse estudo, as produtoras das *Fics* se sentirão mais motivadas a produzirem para interlocutores em condições de produção reais, em ambientes digitais, a partir de interações realizadas em um grupo de *WA*, auxiliando, inclusive, na reescrita de suas *Fics*. Destarte, ressaltamos a

relevância de se conhecer tanto o universo das *Fics*, visto que existe, entre outras situações, um vocabulário específico; além, é claro, da diversidade de gêneros nascidos a partir dessas especificidades, os quais têm por inspiração a égide dos gêneros literários, oriundos de *A Poética* de Aristóteles.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A leitura traz ao homem plenitude, o discurso segurança e a escrita precisão.

Francis Bacon

Ao observarmos a grande dificuldade que os estudantes do Ensino Médio possuem em produzir textos, propostos pela escola, constatamos o interesse, por parte de alguns alunos, pela produção textual em meio digital, uma vez que os alunos contemporâneos são nativos digitais, por este motivo, optamos por pesquisar a escrita e, sobretudo, a reescrita textual em meio digital. A partir do conhecimento do mundo das *Fics* e do grande interesse que os sujeitos da pesquisa possuíam em relação à temática, assim como um maior amadurecimento das leituras teóricas que envolvem tanto a produção textual em meio digital quanto a relevância que as redes sociais, a exemplo do *WA*, possuem no contexto da sociedade contemporânea e, claro, de jovens de todas as idades, interessamo-nos pela investigação científica dos elementos que compõem essa atmosfera juvenil: *Fics* e *WA*.

Sendo assim, nosso principal objetivo nesta pesquisa é: analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita de *Fics*. Nossos objetivos específicos são: 1. Interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo; 2. Identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*.

O presente capítulo visa detalhar nosso percurso investigativo, o qual foi se moldando à medida que as leituras teóricas foram sendo feitas, bem como as observações realizadas, a partir das interações em um grupo de *WA* de jovens, estudantes do Ensino Médio, que produzem textos ficcionais em meio digital. Ou seja, nosso intuito é a metodização do *corpus* da pesquisa, para realizar a análise dos dados, culminando nos resultados alcançados. Para tanto, explicitamos o tipo da pesquisa; os procedimentos da pesquisa e o perfil dos sujeitos selecionados; a

contextualização metodológica e as estratégias de ação; incluindo, também, as metas e os benefícios para os sujeitos selecionados.

6.1 Tipo de pesquisa

Compreendemos que todo e qualquer estudo científico necessita de um método para o devido alcance dos objetivos propostos, como também subsidiar respostas adequadas para a problemática levantada. De acordo com Rocha (2002, p. 45): “Método é o conjunto de passos a serem seguidos a fim de se alcançar um conhecimento ou sua comprovação; em outras palavras é o caminho que se segue para o alcance da verdade.”

A pesquisa em tela, cuja linha de pesquisa pertence à Organização Linguística e Identidade Social, do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, é de cunho qualitativo, utilizou a modalidade estudo de caso, já que se trata da busca de um fenômeno contemporâneo, em um contexto real de produção, para a verificação de convergências e divergências. (Rocha, 2002)

Esse tipo de pesquisa apresenta estratégias com vantagens e desvantagens inerentes. Dessa forma, as vantagens e desvantagens estão inter-relacionadas: “[...] à qualidade dos dados obtidos, às possibilidades da sua obtenção e à maneira de sua utilização e análise” (GÜNTHER, 2006, p. 201). Sendo assim, nossa pesquisa consiste em um ato subjetivo de construção dos resultados obtidos, uma vez que na pesquisa qualitativa há a análise de textos, como ocorre com as *Fics* produzidas por nossos sujeitos, ou seja, a coleta dos dados permite a produção de textos que serão interpretados hermeneuticamente.

No que tange ao estudo de caso, Yin (2005) postula que:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (YIN, 2005, p. 19)

Nesse sentido, os resultados de cada etapa da pesquisa determinará as alterações das etapas seguintes, já que seu planejamento tem a tendência de ser pouco flexível. Com a utilização dessa modalidade de pesquisa, foi possível organizar

as etapas seguintes para a execução das análises com maior segurança, com o intuito de analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita de *Fics*.

6.2 Procedimentos da pesquisa

Para contemplar a pesquisa, qualitativamente, nosso procedimento de coleta de dados se deu à medida que os sujeitos produziam as *Fics*, interagiam no grupo de *WA* e reescreviam as modificações sugeridas nas interações. Para tanto, observamos as produções e as interações, quinzenalmente, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, com a devida autorização para a entrada e observação no grupo de *WA* das fanfiqueiras. Além disso, houve a anuência tanto dos participantes da pesquisa quanto dos pais e/ou responsáveis, para assinatura do TALE e do TCLE, bem como assinatura da gestora da escola, onde a pesquisa foi realizada.

Na sequência, realizamos uma entrevista semiestruturada, com cada sujeito participante, com o intuito de traçar um perfil das alunas pesquisadas, cujos questionamentos seguem abaixo:

1. O que é *Fic* para você?
2. Como você conheceu as *Fics*?
3. Como você participa desse gênero?
4. Com que frequência você escreve suas *Fics*?
5. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?
6. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?
7. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?
8. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueiras?
9. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)
10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO).

11. Quais interações acontecem no grupo de *WA* das fanfiqueiras? Você poderia explicá-las com detalhes?
12. Você acha importante fazer comentários no grupo de *WA*? Por quê?
13. Você acha importante reescrever suas *Fics*? Com que frequência? Já ocorreu de você escrever histórias com seu herói/ídolo e depois você resolver mudar o enredo após alguma sugestão/interação no grupo de *WA*? Por quê?
14. É natural que as fanfiqueiras aceitem os comentários e mudem a escrita alterando alguma coisa que foi escrito?
15. Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de *WA* você muda sua *Fic*? Por quê?
16. Na sua opinião, os comentários que são realizados no grupo de *WA* ajudam na escrita e reescrita das *Fics*? Por quê?
17. De onde você tira inspiração para escrever suas *Fics*? Fale sobre isso.
18. Você tem a intenção de passar alguma mensagem específica para seus leitores ao produzir suas *Fics*? Qual?
19. Com que frequência você costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*? Existe algum herói/ídolo que tenha um papel de destaque nas suas *Fics*? Por quê?
20. Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico para suas *Fics*? Por quê? Você poderia dar algum exemplo? (ESTILO)

As perguntas da entrevista consistiram de vinte questões, todas envolvendo o universo das *Fics*, cujas transcrições encontram-se em anexo; a relevância do grupo de *WA* para as fanfiqueiras, assim como importantes informações sobre as categorias de análise adotadas na pesquisa.

Ressaltamos que a devida compreensão do contexto escolar, no que tange à escrita e à reescrita textual, sobretudo, interessa-nos consideravelmente. Além disso, verificar o desenvolvimento dos multiletramentos, ressaltando o que é proposto pela Pedagogia dos Multiletramentos, incluindo, nessa conjuntura, a relevância dos gêneros literários para as produções ficcionais tiveram importante papel em nossas investigações, assim como a participação da *beta* nas interações ocorridas no grupo de *WA* das fanfiqueiras.

A pesquisa investiga as interações em ambiente digital (*site* selecionado) e uma rede social (*WA*), ou seja, nosso olhar investigativo recaiu sobre as influências das interações realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, quanto à reescrita das *Fics* a partir dessas sugestões/interações. O *corpus* constitui-se de *prints* das *Fics* e de interações no grupo de *WA*, criado especificamente para as interações acerca das produções no *site*. Outra informação importante, ao que tange ao *corpus* da pesquisa, é que os sujeitos produziram diferentes *Fics* ao longo de nossas observações, com interação no grupo e *WA* e reescritas com base nessas sugestões/interações. Por conseguinte, decidimos selecionar uma *Fic* de cada um dos cinco sujeitos da pesquisa para analisarmos. Para tanto, priorizamos a *Fic* em que houve mais interações para compor o *corpus* da pesquisa.

As etapas de aparição do *corpus*, para efeito de análises, foram as seguintes: 1. *print* (seleção) da primeira tela de cada *Fic* analisada, com o intuito de contextualizar o enredo da produção ficcional; 2. escolha das partes da *Fic* que foram comentadas no grupo; 3. seleção das sugestões/interações no grupo de *WA* sobre a *Fic*; 4. *prints* da *Fic* reescrita, a partir das sugestões dadas no grupo das fanfiqueiras.

6.3 Perfil dos sujeitos da pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu em virtude de a pesquisadora ministrar aulas na Unidade de Ensino na qual as alunas estudam. Os sujeitos escolhidos são cinco alunas do Ensino Médio, com idades entre 17 e 19 anos, que produzem textos ficcionais no *site*: <<https://www.wattpad.com>>, tendo como motivações, entre outras, personagens de bandas musicais, seriados, vida real e obras literárias com os quais mantêm relação de admiração, ou seja, são fãs.

6.3.1 Perfil do Sujeito (S1)

O S1 possui 17 anos, durante a pesquisa era aluna do segundo ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco. Segundo informado na entrevista semiestruturada, o S1 conheceu o universo das *Fics* através de uma amiga e começou a participar com a leitura das *Fics*, depois foi escrevendo e escrevendo cada vez mais produções ficcionais.

Para o S1, a *Fanfic* é um refúgio para seus problemas pessoais, como também é uma forma de mostrar sua arte. Segundo informou, quanto mais realiza leituras de *Fics*, mais conhecidas ficam as palavras, visto que sua leitura enriqueceu muito, em termos de vocabulário, e o reflexo, segundo resposta dada na entrevista, foi percebido em seu desempenho na escola.

Segundo o S1, as temáticas mais populares no universo das *Fics* são: *LGBTQIA+*, sobrenatural, *ABO*, família, comédia e *Mpreg* (o significado de cada tipo de *Fic* encontra-se no vocabulário em anexo). O drama é a sua temática preferida, envolvendo, principalmente questões familiares. Além disso, as inspirações do S1 vêm de filmes, livros e questões cotidianas, sempre utilizando seus heróis favoritos, os membros da banda coreana *BTS*. Acrescenta o S1 que seu estilo de escrita é mais filosófico, inclusive os outros sujeitos da pesquisa comentaram, em algumas interações observadas, que o S1 escrevia de maneira filosófica suas *Fics*.

O sujeito informou que, através das *Fics*, tem interesse em ajudar as pessoas a saírem da depressão, ansiedade e outras questões psicológicas. Por este motivo, gosta de colocar em suas histórias ficcionais esses problemas, com o objetivo de suas histórias servirem de exemplo de superação, sobretudo, para jovens. Ademais, o sujeito acrescentou que não perde nenhuma inspiração para a escrita de suas *Fics*, por este motivo, está sempre anotando quando algo serve de modelo para sua criação.

6.3.2 Perfil do Sujeito (S2)

O S2 tem 17 anos, durante a pesquisa era aluna do segundo ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco. A exemplo do primeiro sujeito, também conheceu as *Fics* por meio de uma amiga que lia e escrevia produções ficcionais em meio digital, então resolveu seguir o mesmo caminho. Para o S2, *Fic*, além de ser um refúgio, é um meio de falar e se expressar, como também uma oportunidade de falar sobre o que gosta e sobre o que não gosta.

O S2 informou que escreve *Fics* duas vezes por semana e sempre aceita a ajuda da *beta* para realizar as correções ortográficas de suas *Fics*. Os benefícios trazidos pelas *Fics* para o S2, segundo informado na entrevista, são melhorias tanto na leitura quanto na escrita, também com reflexos positivos em seu rendimento

escolar. Em sua opinião, o *site* das produções incentiva seus frequentadores a ler e a escrever cada vez mais.

Foi informado pelo S2 que as temáticas mais populares no mundo das *Fics* são: romance, *LGBTQIA+* e suspense. Suas *Fics* são mais do tipo romance e um pouco de suspense, o que, segundo o sujeito, prende a atenção dos leitores. Suas inspirações são retiradas da vida real e de séries da *Netflix*. Com as *Fics* de romance, o sujeito pretende passar positividade e superação de conflitos amorosos. Ademais, o S2 adequa seu estilo à temática da *Fic*, variando o nível de formalidade na escrita.

6.3.3 Perfil do Sujeito (S3)

O S3 tinha 17 anos e era aluna do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco, na ocasião da realização da pesquisa. Conheceu as *Fics* na mesma época em que foi apresentada a banda *One Direction* e uma amiga mostrou uma *Fic* com os personagens desta banda musical.

Para o S3, *Fic* é uma forma de se expressar, de transformar ideias, de mostrar sua arte. Geralmente, escreve suas *Fics* uma vez por semana e prefere realizar suas próprias correções ortográficas, pois sente muito ciúme de suas *Fics*. O S3 relatou que sua leitura e, principalmente, sua escrita melhoraram muito depois das *Fics*, uma vez que realiza leituras de forma mais rápida, já que lê aproximadamente três *Fics* por semana. Com isso, aprende mais e escreve melhor, não apenas em Língua Portuguesa, mas também em língua estrangeira: Inglês e Espanhol, pois utiliza em suas *Fics* expressões nestes idiomas também.

Em sua opinião, romance, *LGBTQIA+* e suspense são os tipos mais comuns no universo das *Fics* e são suas temáticas preferidas. O S3 relatou que sempre procura passar para seus leitores conselhos, destacando temas ligados à adolescência como *Bullying*, sexualidade e problemas emocionais. Seus ídolos principais são os integrantes da banda coreana *BTS*. Ademais, segundo afirmou, seu vocabulário vai depender do tipo de *Fic* escrita, oscilando em níveis de formalidade e informalidade.

O S3 foi o primeiro sujeito a participar da pesquisa, inclusive, foi o S3 que sugeriu os nomes dos outros sujeitos, visto que serviu de exemplo para os outros sujeitos se apaixonarem cada vez mais pelas produções ficcionais. Ademais, foi o sujeito que participou ativamente em todos os momentos da pesquisa.

6.3.4 Perfil do Sujeito (S4)

O S4 tem 19 anos e era aluna do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco, na ocasião da realização da pesquisa. Conheceu as *Fics* através de um trabalho com suas amigas na escola e informou que as *Fics*, na sua opinião, são possibilidades de expressão, através de suas leituras e permitem a criação de histórias que podem ajudar outras pessoas.

Além disso, o S4 é a *beta* de três sujeitos participantes da pesquisa, escreve suas *Fics* três vezes por semana, geralmente à noite, quando todos em sua casa estão dormindo. O S4 entende que as *Fics* ajudaram a ampliar seu conhecimento de mundo e seu rendimento escolar em diferentes disciplinas como Literatura e História.

O S4 tem preferência por escrever *Fics* de investigação e suspense, baseados em livros de literatura, tendo como principal inspiração escritores como *Agatha Christie*. Acrescenta em sua entrevista ter verdadeira paixão pela literatura e ratifica que todas as suas inspirações vêm dos seus livros favoritos. Além disso, destaca que *Sherlock Holmes* e *Hercule Poirot* são os tipos perfeitos que se encaixam em suas *Fics* de investigação.

O S4 foi convidada a participar da pesquisa em substituição ao primeiro S4 que desistiu do projeto na metade das investigações. O S4 substituto, ao ingressar no grupo de *WA*, mostrou-se bastante participativo e demonstrou interesse imediato em ser *beta* dos outros sujeitos, o que foi aceito por três dos outros quatro sujeitos participantes. O S4 chegou a participar de várias interações, realizar correções como *beta*, assim como produzir *Fics*, receber sugestões no grupo de *WA* sobre suas *Fics*, porém não concluiu a última etapa da pesquisa, com a reescrita de suas *Fics*, por motivos de problemas de saúde na família. Desta forma, não analisamos suas *Fics* nesta pesquisa, corroborando o que previmos como riscos da pesquisa, na submissão ao Comitê de Ética.

6.3.5 Perfil do Sujeito (S5)

Nosso S5 possui 17 anos e era aluna do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de educação do Estado de Pernambuco, na época da realização da pesquisa. A exemplo dos outros sujeitos, também conheceu as *Fics*

através de uma amiga que *shippava* (gíria usada no mundo das *Fics* para representar um casal amoroso).

O S5 informa que, no seu ponto de vista, *Fic* é um modo de conhecer diferentes estilos dos seus escritores, pois as histórias cativam e ajudam a fugir da realidade e perceber novos olhares acerca de situações diversas. O S5 tem preferência por escrever temas *LGBTQIA+*, racismo, preconceito e outros temas sociais.

Outrossim, O S5 relata que, após conhecer o mundo das *Fics*, melhorou muito na escola, passou a ler mais e interpretar melhor questões textuais, além de progredir na produção textual. Suas principais inspirações vêm de livros, filmes, mangás e animes.

6.4 Estratégias de ação

Logo após a realização da entrevista semiestruturada, nosso olhar investigativo recaiu sobre as interações no grupo de *WA*, e, posteriormente, sobre a escrita e a reescrita das produções ficcionais, realizadas em ambiente digital, seguindo as estratégias de ação:

- (i) Selecionar as *Fics* que foram analisadas, tendo em vista a sequência: 1. início da *Fic*, para contextualizar o enredo; 2. partes da *Fic* que foram citadas nas interações do grupo de *WA* das fanfiqueiras; 3. partes da *Fic* reescrita após as interações no grupo de *WA*;
- (ii) Selecionar as sugestões relacionadas às *Fics* analisadas no grupo de *WA*;
- (iii) Interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo;
- (iv) Identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*.

Em relação à organização geral das análises, esclarecemos que optamos por uma breve contextualização da *Fic* analisada, destacando a origem de sua inspiração; na sequência, retomamos alguns pontos do perfil dos sujeitos, com acréscimos que consideramos importantes para as análises e, por fim, o recorte do *corpus* (transcrição das partes das *Fics* analisadas e prints das interações no grupo de *WA* das fanfiqueiras).






Sendo assim, com o objetivo de apresentar os resultados de forma mais clara, resolvemos construir um quadro, no qual dispomos a transcrição da *Fic* que foi comentada no grupo de *WA*, seguido do *print* da interação realizada no grupo, em relação ao trecho da *Fic* e, em seguida, transcrição da parte da *Fic* reescrita, atendendo ou não às sugestões dadas no grupo das fanfiqueiras. Como também, após analisar os dados à luz de cada teoria adotada, trouxemos um quadro-resumo, para melhor compreensão dos resultados concernentes a cada um dos objetivos propostos e discutidos.

Ademais, esclarecemos que todos os trechos foram transcritos na íntegra e os *prints* utilizados encontram-se em anexo. Assim compreendido, reiteramos que a pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco. Número do Parecer: 3.464.702.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Para dar início às nossas análises, esclarecemos que, em relação às interações no grupo de *WA*, optamos por uma legenda de cor diferente para cada sujeito, com o intuito de preservar suas identidades, descritas abaixo:

Figura 2 - Tabela com as cores de cada sujeito nas interações do grupo de *WA*

	S1
	S2
	S3
	S4
	S5

Fonte: Imagem gerada pela pesquisadora

Salientamos que, em cada tela de interação, no grupo de *WA* das *fanfiqueiras*, identificamos o sujeito apenas uma vez, com as devidas cores sinalizadas acima. Conforme orientações metodológicas, traremos, na sequência, alguns aspectos do perfil já apresentado de cada sujeito analisado, acrescido de algumas informações, a partir das respostas da entrevista semiestruturada; as transcrições das telas selecionadas de cada *Fic* escrita, *prints* selecionados da interação correspondente, no grupo de *WA*, e transcrições das telas selecionadas da *Fic* reescrita. Para, posteriormente, realizarmos as análises, a partir categorias relacionadas à Arquitetônica bakhtiniana, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo; como também, identificaremos, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas *fanfiqueiras*, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*.

Após todas as etapas transcritas das análises, traremos um quadro-resumo, para melhor compreensão dos resultados, tendo por base o que cada objetivo tem como finalidade. Assim esclarecido, retomaremos algumas informações sobre o perfil de cada um dos sujeitos, com alguns acréscimos pertinentes às nossas análises.

7.1 Perfil do Sujeito (S3) a partir da entrevista semiestrutura

O S3 conheceu as *Fics* na mesma época em que foi apresentado à banda *One Direction* e uma amiga mostrou uma *Fic* com os personagens dessa banda musical. Segundo o S3: *“Fic para mim é uma forma de me expressar, de transformar minhas ideias, do que eu penso sobre alguma coisa, por exemplo, eu gosto de um grupo, daí eu penso daquele jeito, tipo, eu penso que eles agem daquela forma, eu crio toda uma história na minha cabeça e é uma forma, tipo, de expressar sobre o que eu penso sobre alguma coisa, tipo, uma forma de expressar a minha arte, o que eu gosto de fazer, as minhas ideias, é meio que, tipo, um escape da realidade também.”*

Ou seja, para o S3, *Fic* é uma forma de se expressar, de transformar ideias, de mostrar sua arte. Geralmente, o S3 escreve suas *Fics* uma vez por semana e prefere realizar suas próprias correções ortográficas, pois sente muito ciúme de suas *Fics*. O S3 relatou que sua leitura e principalmente sua escrita melhoraram muito depois que conheceu as *Fics*, uma vez que realiza leituras de forma mais rápida, já que lê umas três *Fics* por semana.

Em sua opinião, romance, *LGBTQIA+* e suspense são os tipos mais comuns no universo das *Fics* e são suas temáticas preferidas, em virtude dessa informação, optamos por analisar uma *Fic* com essa temática para este sujeito. O S3 relatou que sempre procura passar para seus leitores conselhos, destacando temas ligados à adolescência como *Bullying*, sexualidade e problemas emocionais. Em suas palavras: *“eu sempre busco fazer minhas Fanfics baseadas em algum fato da sociedade, ou sobre algum assunto que a sociedade tem problema em entender, ou tem problema em desenvolver ou falar sobre. Então, por exemplo, eu tenho uma Fanfic que fala sobre prostituição, que é um tema que ainda é considerado tabu ou um tema meio frio para você falar basicamente, então eu busco passar para o meu leitor uma mensagem sobre isso, sabe?”* Seus ídolos principais são os integrantes da banda *BTS*. Ademais, segundo afirmou, seu vocabulário vai depender do tipo de *Fic* escrita, oscilando em níveis de formalidade e de informalidade.

Em relação ao seu estilo, afirma o S3: “*se eu tiver uma Fic de comédia, geralmente eu coloco piadas ou um vocabulário mais popular da comunidade mesmo, porque acaba dando uma característica para aquela Fanfic. Por exemplo, a de comédia se passa na minha cidade e na minha cidade tem um bairro, aí eu coloco aquele vocabulário da comunidade, aí eu vou trazendo, dependendo da Fanfic. Se eu fizer uma de realeza, eu vou colocar um vocabulário mais rico, então dependendo.*”

7.2 Breve contextualização da Fic1 (S3)

O título da Fic1 é *Euphoria*, de acordo com o S3: “*Bem, a ideia veio após ver a tradução da música Euphoria do Grupo BTS, além de algumas fotos*”. A Fic1 é do tipo romance, Yaoi mais precisamente, conforme o Dicionário de termos e siglas do mundo das Fics, em anexo, *Fanfic* com romance entre dois homens. Na opinião do S3, produtora da Fic1, a comunidade LGBTQIA+ é o assunto mais abordado entre as fanfiqueiras, pois se trata de uma problemática que possibilita mais interação, em sua opinião. O S1 corrobora com essa opinião, pois, segundo o S1: “*O que mais se escreve é LGBTQIA+, sobrenatural, ABO, família, comédia, Mpreg é muito escrita por nós fanfiqueiras. Com certeza LGBTQIA+ e problemas na sociedade, como prostituição, brigas de família, drama, sempre há gêneros tipo esse ligado a temas LGBTQIA+.*”

O S3 conheceu o universo das Fics por ser fã de um grupo musical, *One Direction*, conforme resposta à pergunta 2 da entrevista semiestruturada, o que confirma a influência da mídia narrativa e da cultura *pop* na escrita ficcional do S3. Segundo o S3: “*Nossa, eu conheci as Fics, acho que na época que eu conheci um grupo que é um dos meus grupos favoritos que é o One Direction, aí eu fui procurando na internet e fui entrando no Twitter. Aí no Twitter eu vi um dos meninos conversando alguma coisa chamada Fanfic, então eu pensei: o que é Fanfic?*”

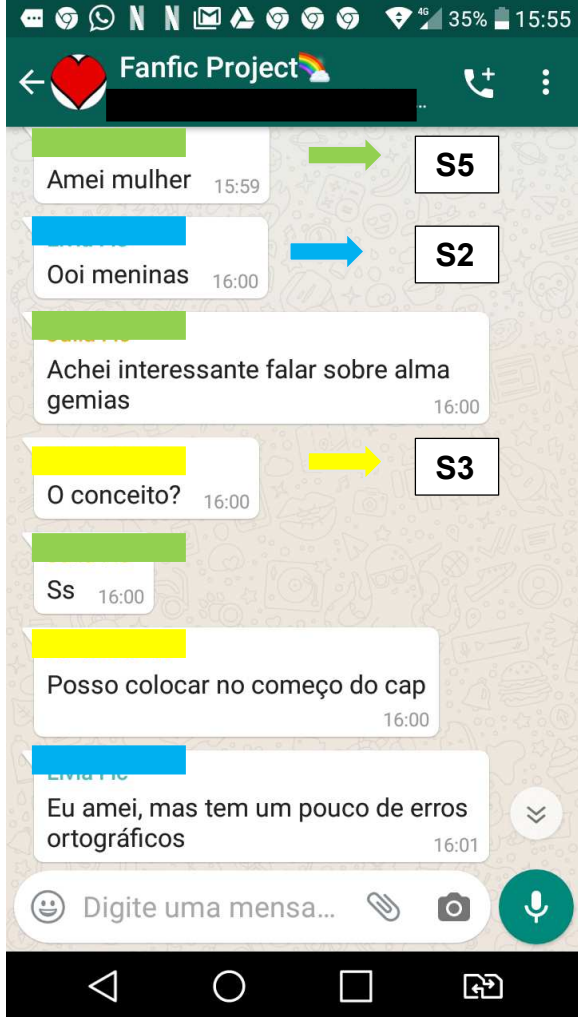
Outro dado interessante é como o S3 utiliza apelidos para se referir ao seu herói. Nas Fics observadas do S3, encontramos para se referir ao cantor Jeon Jungkook do *BTS*: Kook e Jeon.

Esclarecemos que, no vocabulário das Fics, Jungkook, termo que aparece na Fic1, é o *ship* formado por dois integrantes da banda *BTS*, Park Jimin e Jeon Jungkook, inclusive esse casal é o *ship* mais famoso e o que possui mais Fics. *Ship* é um termo utilizado para definir o desejo da fanfiqueira em formar um casal amoroso,

na verdade este vocábulo é a forma reduzida de *relationship*, termo em inglês para relacionamento.

Conforme o Dicionário das *Fanfics*: “*Ship* derivado do inglês *relationship*, *relacionamento*, *significa casal ficcional [...]*. “Existe o costume de escrever o nome do homem antes do da mulher em um *ship* heterossexual, assim como o do parceiro ativo antes do passivo nos *ships* homossexuais.” É muito comum as fanfiqueiras *shipparem* seus casais favoritos em suas *Fics*, como na *Fic1* que analisaremos agora.

Figura 3 - Tabela com o trecho do início da *Fic1*; *print* da tela do grupo de *WA* com as interações sobre a *Fic1* e, por último, o trecho da reescrita da *Fic1*, a partir de sugestões/interações dadas no grupo de *WA*.

<p>Oi Raios de Sol</p> <p>Mais uma Jikook pra vcs. Espero que gostem.</p> <p>I purple you</p> <p><u>(jk P.O.V)</u></p> <p>Uma floresta cheia de flores e uma cachoeira. Foi tudo o que vi.</p> <p>Todos as noites eu tenho os mesmos sonhos, raios de sol sobre minha pale, uma Cachoeira e perto dela, aquele rosto.</p> <p>O loirinho tinha uma pele pálida e sorria fofo para mim. Certa vez, pude finalmente vê seus lábios, mas nada foi revelado até agora. Ele só poderia ser um sonho mesmo, pois sua beleza era incomparável, apesar de tão pouco contato. Apesar de ser apenas algo da minha imaginação, o garoto estava sempre em lugares diferentes da floresta.</p> <p>[...]</p>		<p>O que significa alma gêmea?</p> <p>Bem, de acordo com o site IQuilibrio, alma gêmea nada mais é do que um indivíduo que você conheceu em vidas passadas e com o qual manteve profundos laços sentimentais nas diversas reencarnações em que se encontraram.</p> <p>Existem diversas teorias que provam a existência de alma gêmea.</p> <p>Para o discípulo de sócrates, Platão, podemos acreditar que em tempos remotos, éramos um ser de 4 braços, 4 pernas, tudo o dobro do que somos fisicamente hoje. [...]</p>
---	---	---

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueras e transcrições do *site Wattpad*

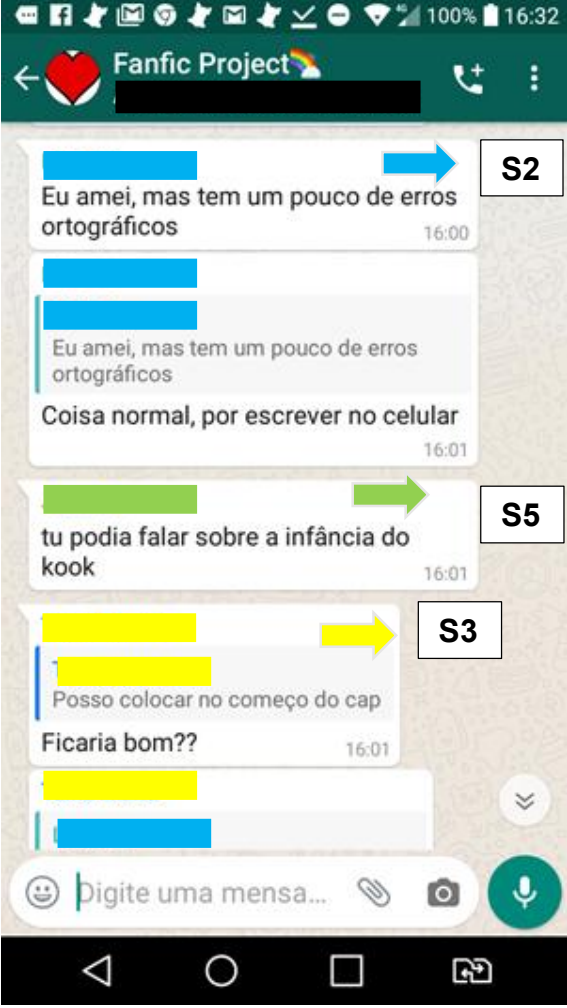
Observamos que a primeira informação dada pelo S3 na *Fic1* (primeira coluna da figura 3) é a utilização do herói Jikook, um dos integrantes da banda coreana *BTS*. Este fato se deu em virtude de três dos cinco sujeitos da pesquisa (S1, S3 e S5) serem fãs desta banda, como também a grande popularidade desse ícone da cultura *K-Pop* (termo usado para *idols* ou grupo *idols*) no meio juvenil. Durante a pesquisa, compreendemos que a banda coreana, contemplada como inspiração para a *Fic1* do S3, consiste em uma das maiores influências contemporâneas para jovens do mundo inteiro, não apenas para produção de *Fics*, como também de *Fanarts* (obra de arte criado por fã a partir de um personagem conhecido).

No início da interação sobre a *Fic1*, o S3, com entusiasmo, informa no grupo de *WA* das fanfiqueiras que postou uma nova *Fic*. É bastante interessante verificar que o S3 convida as amigas para dar sugestões de mudança no capítulo, procurando agradar seus leitores. Ratificamos que, no *site*, as *Fics* são postadas em capítulos, o que analisamos no *corpus* de nossa pesquisa consiste em capítulos inteiros reescritos a partir das sugestões/interações no grupo das fanfiqueiras, o que será comprovado ao longo de nossas análises.

A produtora da *Fic1*, ao interagir com o S5, fica feliz com a apreciação do tema abordado na produção ficcional e, imediatamente, dispõe-se a dar um destaque à temática alma gêmea, desde o início do capítulo, para destacar o elogio da leitora de sua *Fic*. No *site* estudado, há um ranking das *Fics* mais lidas e comentadas, o que pode explicar o interesse da fanfiqueira em querer agradar seus leitores. Atualmente, no *site*: <<https://www.wattpad.com>>, a *Fic* com mais de um milhão de visualizações é o romance *Meia Noite e Um*, da fanfiqueira Sah Ariel.

Na figura 3, temos, portanto, a transcrição do início da *Fic1* original; na sequência, interações no grupo de *WA* das fanfiqueiras, nas quais o S5 ressalta que gostou da temática abordada e o S3 aproveita este comentário e diz que irá introduzir o conceito de alma gêmea no início do capítulo; por fim, observamos a reescrita da *Fic1* com os acréscimos sugeridos nas interações.

Figura 4 - Tabela com a transcrição do trecho da *Fic1* escrita; *print* das interações no grupo de *WA* e trecho da reescrita da *Fic1*.

<p>[...]</p> <p>Eu acordei cedo essa manhã após mais um sonho e, derrotado, retomei ao meu trabalho inacabado. Eu estava terminando uma das telas do sonho do dia anterior, quando alguém bate na porta do meu ateliê e entra em seguida</p> <p>- Esse é o mais bonito de todos, Kook! Você sempre se superando – Hoseok diz, analisando o quadro, após me dar um susto.</p> <p>-Ai, Hyung... Eu não aguento mais pintá-lo sem ao menos saber seu nome ou seu rosto... –O Jeon olha pro quadro quase finalizado, onde o garoto loiro sorria para quem olhava. [...]</p>		<p>[...]</p> <p>- Então quer dizer que a senhora foi alma gêmea do vovô e meu appa é o da minha omma, vovó?</p> <p>- Isso mesmo, meu Jungkook. Que garotinho esperto esse meu neto! – a vovó Jeon deixa um beijo nas bochechas do neto, que ri, tentando se afastar.</p> <p>- Mas como vou saber que ela é minha alma gêmea, vovó? – o pequeno garoto questionou.</p> <p>- Elas podem ser reveladas de formas diferentes, meu neto. basta esperar.</p> <p>[...]</p>
---	---	---


Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueras e transcrições do *site Wattpad*

No diálogo introduzido pelo S3, na reescrita da *Fic1*, a partir das interações/sugestões dadas pelo S5, a sentença: “*tu podia falar sobre a infância do Kook*” comprova que a sugestão foi atendida pela produtora da *Fic1*. O S3 cria um conversa entre o seu herói, Kook criança, e a avó do garotinho, com o intuito de esclarecer ao menino a existência de alma gêmea, a partir da união de seus avós (última coluna da figura 4). No diálogo entre Jungkook criança e sua avó, o garotinho pergunta se sua *omma* é alma gêmea de seu *appa*, esclarecemos que *omma* e *appa* são, respectivamente, avó e avô em coreano, segundo o S3.

Vemos, também, na segunda coluna da figura 4, observações feitas pelo S2 em relação aos erros gramaticais presentes na *Fic1*, o que para nós significa que as fanfiqueiras demonstram preocupação no tocante à norma culta. Tal motivo comprova que além dos elementos necessários para que a comunicação ocorra, as fanfiqueiras também se preocupam com a aquisição da norma padrão da Língua Portuguesa, ou seja, a produção textual em meio digital proporciona, para os sujeitos da pesquisa, o aperfeiçoamento da norma culta, sem deixar de lado a linguagem específica do meio digital, rica em abreviações e signos iconográficos e multimodais.

Ademais, o S2, apesar de fazer referência aos poucos erros ortográficos, acrescenta: “*coisa normal, por escrever no celular*”, o que para nossa compreensão significa o entendimento do sujeito quanto à permissividade que a escrita realizada em meio digital proporciona, neste caso, na rede social. Além disso, em nosso *corpus*, em diferentes momentos das interações, observamos que os outros sujeitos da pesquisa também expressam esse mesmo entendimento, o que é justificável, pois estamos analisando verdadeiros nativos digitais, totalmente imersos nessa cultura digital célere e com características de redução nas palavras.

Figura 5 - Tabela com a transcrição do trecho da *Fic1* escrita; *print* das interações no grupo de WA e, trecho da reescrita da *Fic1*.

<p>[...]</p> <p>Você deve estar se perguntando quando esses sonhos começaram, Bem, tudo começou quando minha avó morreu, ou seja, há 5 anos atrás. Minha omma costuma dizer que minha avó tinha dons, porém eu nunca pensei que ela pudesse passa-los para mim.</p> <p>Depois de dias atormentado por esses sonhos, eu passei a desenhá-los numa tela e, por conta deles, eu comecei a ter uma certa paixão pela arte. Encontrei na arte uma forma de descarregar tudo o que sentia e o que não sabia expressar em forma de palavras.</p> <p>[...]</p>	 <p>The image shows a WhatsApp chat interface. At the top, the status bar shows 41% battery and 18:23. The chat title is 'Fanfic Project'. There are three messages highlighted with colored arrows and labels: a yellow arrow points to a message labeled 'S3', a green arrow points to a message labeled 'S5', and a blue arrow points to a message labeled 'S2'. The messages are: 'E depois vai falando aos poucos no decorre da história', 'Uhum, tava pensando nisso, mas agora vou colocar mesmo' (16:05), 'Uhhmm. Eu tenho uma ideias do pq dos sonhos acontecerem. Posso colocar um pouco sobre?' (16:06), and 'Sim simm, fica ótimo' (16:06). A profile picture of a young man is shown below the messages. The bottom of the screen shows the WhatsApp input field with the text 'Digite uma mensa...' and various icons.</p>	<p>[...]</p> <p>Você deve estar se perguntando quando esses sonhos começaram, Bem, tudo começou quando minha avó morreu, ou seja, há 5 anos atrás.</p> <p>Eu vim de uma família humilde, mas bem famosa em toda Busan, principalmente pela boa comida do restaurante que minha família possuía há gerações. Minha omma, tias e avó, eram responsáveis pela boa comida, assim como meu avô foi antes de falecer.</p> <p>Quando eu ainda era pequeno, sofria para fazer amizades pois sempre diziam que não queriam se misturar com neto de “feiticeira”. Minha harmeoni* tinha dons, disso eu tinha certeza, mas nunca parei para interroga-la. [...]</p>
--	---	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

Na figura 5, percebemos que o S3 dá sequência à sua narrativa, que passa a ter como foco os sonhos de Kook. O S3 destaca características de sua personagem principal, ressaltando seus dons artísticos e sua sensibilidade: *“Eu passei a desenhá-los numa tela e, por conta deles, eu comecei a ter uma certa paixão pela arte”*. Fica claro, para nós, que o S3 quer passar para seus leitores a essência de sua personagem: *“Encontrei na arte uma forma de descarregar tudo o que sentia e o que não sabia expressar em forma de palavras.”*

Nas interações realizadas na segunda coluna da figura 5, podemos observar que o S5 solicita ao S3 um enredo com mais detalhes, um ritmo mais lento de acontecimentos: *“E depois vai falando aos poucos no decorrer da história”*. Em resposta à essa solicitação, o S3 aceita a sugestão: *“Uhum, tava pensando nisso, mas agora vou colocar mesmo”*, fato que também agrada o S2, presente nas interações no grupo das fanfiqueiras, o que podemos confirmar em virtude da sua reação: *“Sim simm, fica ótimo.”*

Ademais, o entusiasmo do S2 é percebido ao dobrar a letra “m” em “simm”, o que nos faz compreender que a escrita em meio digital, incluindo as redes sociais, possibilita uma certa liberdade de criação, facilmente percebida com as abreviações e os acréscimos das palavras. Além disso, destacamos outro dado relevante que é a facilidade com que os sujeitos criam esses novos vocábulos e compreendem sem qualquer dificuldade seus significados. Outro ponto que gostaríamos de destacar é a utilização do *sticker* do membro da Banda *BTS*, o Park Jimin, cujos apelidos utilizados na *Fic1* pelo S3 foram: Jimin, Park, Chimmi e Chim.

Na última coluna da figura 5, vemos o trecho da *Fic1* reescrita, após as sugestões/interações, presente na segunda coluna da figura analisada. Podemos verificar que o S3 suprime um o início do primeiro período da parte da *Fic1*, presente na figura 5 e, em seguida, dá sequência a uma narrativa mais lenta, com maior riqueza de detalhes, como no trecho: *“Quando eu ainda era pequeno, sofria para fazer amizades pois sempre diziam que não queriam se misturar com neto de “feiticeira.”*

Figura 6 - Tabela com o *print* das interações/sugestões no grupo de *WA*; *print* das últimas interações no grupo de *WA* e, transcrição da reescrita *Fic1*.

<p>ONTEM</p> <p>S3</p> <p>18:30</p> <p>18:30</p> <p>18:31</p> <p>HOJE</p> <p>15:59</p> <p>15:59</p>	<p>S2</p> <p>16:18</p> <p>S3</p> <p>16:21</p> <p>S4</p> <p>16:21</p> <p>16:22</p>	<p>[...] Suran. A garota não parava de encher-lhe o saco.</p> <p>- Oi Suran. Quanto tempo, não é? – Jeon tentou ser o mais educado possível.</p> <p>- Ai, Kook, eu fiquei com tantas saudades da nossa noite juntos, você não? – a garota sorria sedutora</p> <p>A verdade era que o Jeon já tinha namorado a garota do ensino médio. Na verdade, ele tentou esquecer o loiro dos sonhos com a garota, mas, sem resultado.</p> <p>- Suran, isso foi passado, okay? Vamos esquecer isso.</p> <p>- Ai, Kook, Você ainda será meu novamente – ela sorriu e se afastou. [...]</p>
---	---	---

Fonte: Imagens do grupo de *WA* das fanfiqueras e transcrições do site *Wattpad*


Ao analisar o primeiro e o último *print* das interações sobre a *Fic1*, primeira e segunda colunas da figura 6, respectivamente, observamos que o S3 relata com entusiasmo a postagem de sua nova *Fic*. É bastante interessante verificar que o S3 convida as amigas para dar sugestões de mudança no capítulo de sua *Fic*, o que é realizado, conforme relatado nas análises da figura 6. O S3, declara na entrevista semiestruturada que quando gosta das sugestões/interações no grupo de *WA* muda sua *Fic*, pois, segundo o S3: “*geralmente, quando as meninas dão sugestões, elas me ajudam a colocar alguma coisa que eu estava em dúvida na Fanfic, às vezes um capítulo extra, acrescentar mais. Então, geralmente, sim, eu acrescento as coisas que elas me sugerem.*”

Na segunda coluna da figura 6, percebemos a presença de *stickers* e *emojis* nas interações do grupo das fanfiqueiras, elucidando o quanto a multimodalidade se faz presente nesta rede social. Destacamos que os *emojis* são utilizados para substituir palavras ou frases inteiras, o que é verificado na figura 6.

Outro dado interessante é que a *beta* informa que não há grandes erros ortográficos, apenas a possibilidade de inclusão de vírgulas em algum trecho da *Fic1*; por outro lado, o S2 também percebe que o S3 comete erros ortográficos, demonstrando que não apenas a *beta* se preocupa com a utilização da norma culta na escrita da *Fic1*. Por conseguinte, compreendemos que a escrita e a reescrita de *Fics*, a partir das interações no grupo de *WA*, proporcionam aos sujeitos da pesquisa, além da construção de relações sociais, da aquisição de multiletramentos, a criticidade quanto à norma culta da Língua Portuguesa.

Na última coluna da figura 6, temos o desfecho da *Fic1*. Podemos perceber que o S3 retoma o início da *Fic1* ratificando a temática *LGBTQIA+*. No início da *Fic1*, o S3 relata um sonho, pois o herói da *Fic* literalmente sonhou com seu *ship*; já no final, o último diálogo confirma que o Kook não demonstra interesse por Suran, sua ex-namorada, mas sonha, acordado, com “*um certo loiro de bochechas grandes.*”

Figura 7 - Tabela com a transcrição do trecho da *Fic1*; na sequência, *print* das interações no grupo de *WA* e transcrição do trecho da reescrita da *Fic1*.

<p>[...]</p> <p>Apesar de fazer obras inspiradas em um certo loirinho, o garoto misterioso, jungkook também costumava pintar obras sobre a natureza e o que passava em sua volta, ganhando um certo sucesso por onde passava.</p> <p>- Eu ainda acho que você deveria mostrar um desses quadros, assim ele pode ver e, quem sabe, a gente possa achá-lo por aí. – Jin falou, após ver um dos quadros do amigo. Neste, o garoto aparecia de costas e perto de algumas cerejeiras.</p> <p>- Eu não quero, Não agora Hyung. Eu pretendo ter algum sonho diferente com ele, de fato – o jeon fala suspirando fundo.</p> <p>[...]</p>		<p>[...]</p> <p>Taehyung era um garoto diferente dos outros que já conheceu, era estiloso e usava roupas que achava confortável e bem consigo mesmo. No decorrer dos anos, passou a conhecer mais o Kim, compartilhando segredos e medos, principalmente quando os sonhos começaram. Tinha por volta de 17 anos, quando tudo começou.</p> <p>Taehyung como um bom leitor e amante de pesquisas, ajudou o amigo a desvendar os mistérios por trás dos sonhos, descobrindo ser um caso real de alma gêmea. Jimin não acreditou muito, achava que era mito e apenas histórias criadas pelas pessoas [...]</p>
--	---	--

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

A figura 7 traz outro trecho da *Fic1*, com a continuação da narrativa, no qual podemos verificar a continuação do diálogo entre Kook e Hyung (um dos apelidos para Taehyung). Na *Fic1*, Taehyung é pintor e amigo do Jimin, além disso é o personagem principal. Por outro lado, Park Jimin, chamado pelo S3 de Park e também Jimin na *Fic1*, surge como empresário e em outras *Fics* observadas do S3 aparece sempre como o personagem principal.

Na segunda coluna da figura 7, retomamos o trecho em que o S5 dá sugestões para o S3: “*Tipo tu fala pouco pra dar mistério*”. Ao realizar o recorte da *Fic1* (original na primeira coluna da figura 7; em seguida, as interações/sugestões dadas no grupo de WA; e, por último do trecho da reescrita da *Fic1*), podemos verificar que o S3 traz detalhes sobre o personagem Taehyung: “*Taehyung era um garoto diferente dos outros que já conheceu, era estiloso e usava roupas que achava confortável e bem consigo mesmo.*”

Além disso, o S3 preocupa-se em esclarecer o interesse da personagem Taehyung em relação aos sonhos de seu amigo Jimin: “*Taehyung como um bom leitor e amante de pesquisas, ajudou o amigo a desvendar os mistérios por trás dos sonhos, descobrindo ser um caso real de alma gêmea.*” Ao analisar os trechos destacados da *Fic1*, podemos comprovar que as interações/sugestões dadas pelo S5 influenciaram o S3 a acrescentar informações em sua *Fic*, para atender à solicitação dada no grupo de WA, enquanto sugestão de mudança: “*E depois vai falando aos poucos no decorrer da história.*”

A *Fic1* traz diferentes elementos da narrativa, como mistério, dons especiais herdados pelos antepassados das personagens; alma gêmea, que é o cerne do enredo criado pelo S3. Outrossim, diferentes sentimentos e/ou emoções permeiam a *Fic1*, como o amor platônico entre Jimin e seu “*loirinho misterioso*”; crenças envolvendo alma gêmea e relações que envolvem dons especiais: “*Jimin não acreditou muito, achava que era mito e apenas histórias criadas pelas pessoas, pois só famílias com dons especiais poderiam expressar esses fenômeno, assim como seu pai dizia ao ouvir sua tia falar sobre os fatos.*” Além disso, a validação da ideia estabelecida sobre o amor platônico entre Jimin e seu loirinho misterioso, que se encontra implícita na *Fic1*, é confirmada no momento em que o S3, em sua reescrita, traz o conceito de alma gêmea a partir dos postulados de Platão.

7.3 Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana

Forma Composicional e Linguística: Para a Arquitetônica bakhtiniana, a construção de todo o artefato, o qual recebe o nome de forma composicional, engloba a seleção do material verbal, cuja linguagem é situada.

No início da interação sobre a *Fic1*, o S5 expressa no grupo de WA sua apreciação pela temática alma gêmea, imediatamente o S3, produtor da *Fic*, opta por acrescentar à *Fic* original o conceito de alma gêmea: “*posso colocar no começo do cap*”, segunda coluna da figura 3. A presença da linguagem situada pode ser verificada no trecho da reescrita da *Fic1*: “*Por desafiarmos a sabedoria dos deuses, eles nos castigaram e nos dividiram ao meio, para que nos sentíssemos incompletos e vagássemos por vidas a procura da outra*”, última coluna da figura 3. Observamos, então, que o S3 traz, para validar sua produção ficcional, postulados platônicos, com o intuito de esclarecer a temática abordada na *Fic1*. Assim sendo, o objeto estético ou artefato encontra-se imbricado às diversas conexões volitivo-emotivo e axiológicas do S3.

Além disso, compreendemos que o S3 dá vida ao seu herói (Jungkook), a partir de suas próprias atividades estéticas. No trecho: “*Eu acordei cedo essa manhã apos mais um sonho e, derrotado, retomei ao meu trabalho inacabado*”, primeira coluna da figura 3, percebemos que o S3 dá vida ao seu herói, ao apresentar características de Jungkook: artista, sonhador e apaixonado. A inspiração do S3 está na arte estética (forma linguística utilizada para a produção da *Fic1*), a partir da arte da vida real (universo coreano das bandas com as quais mantém uma relação de fã, como *BTS*); todos os personagens da *Fic1* têm como inspiração membros dessa banda coreana, pois, segundo resposta à pergunta 19 da entrevista semiestruturada, o S3 explica que sempre costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*: “*Tipo, eu sempre gosto, pode ser da vida real, mas eu sempre coloco algum ídolo meu, como os meninos do BTS, porque são os amores da minha vida!*”

No que diz respeito à forma composicional, seguindo a Arquitetônica, temos, na *Fic1*, o romance, forma puramente composicional de organização das massas verbais, conforme Bakhtin (2002). Para ficar mais claro, podemos exemplificar a seguinte relação da forma composicional e linguística com nosso *corpus*: (i) o recorte (*Fic1*): (ii) a transposição, no caso, o gênero da *Fic* (Yaoi) e (iii) o acabamento do conteúdo, sua corporificação em uma determinada forma composicional, cujo

resultado consiste no trabalho com a linguagem realizado pelo S3. Ou seja, podemos relacionar, em termos composicionais, a materialidade da *Fic1* à criação autoral do S3, pois no gênero *Fanfic* não há uma forma composicional estabelecida como padrão, a constituição composicional é criação individual das fanfiqueiras.

Conteúdo Temático: O conteúdo, enquanto categoria de análise, consiste no elemento ético-cognitivo, que para Bakhtin (2002) deve ser distinguido dos juízos e das apreciações éticas construídas e expressas no conteúdo do objeto estético. Assim, ao apresentar o *ship* de seu herói: “*O loirinho tinha uma pele pálida e sorria fofo para mim [...]*”, O S3 traz sua construção individual, permeada de valores e gostos próprios, ao dar curso à sua narrativa, com a corporificação do objeto estético, ao trazer a temática do enredo de sua *Fic*.

Para ficar mais clara a relação dessa categoria de análise, podemos observar o trecho: “*Apesar de ser apenas algo da minha imaginação, o garoto estava sempre em lugares diferentes da floresta. E depois de ver seu rosto, eu acordava*”, primeira coluna da figura 3. Os elementos ético-cognitivos do S3 são materializados nas características de sua personagem principal, o respeito, a admiração e a construção dada pelo S3 a Jungkook, comprovam a interferência do autor-criador no objeto estético. Além disso, o conteúdo temático da *Fic1* atesta a preferência do S3 por temáticas que envolvem problemas sociais: “*Eu sempre busco fazer minhas Fanfics baseadas em algum fato da sociedade, ou sobre algum assunto que a sociedade tem problema em entender, ou tem problema em desenvolver ou falar sobre.*”

Logo, temos o elemento ético-cognitivo do S3, na verdade o conteúdo propriamente dito, em termos bakhtinianos, o qual constitui o objeto estético, a *Fic1*. Verificamos a sobreposição do campo ético sobre o conteúdo da *Fic1*, visto que há uma preocupação do S3 em atender às interações/sugestões dos S2, S1 e S4, respectivamente. O S3, também, informa na entrevista semiestrutura que possui preferência pelo romance e um pouquinho de suspense, pois, segundo o S3: “[...] *porque sempre vai ter aquele negócio de suspense que a personagem pode ser sequestrada e tal*”. A preocupação do S3 com o conteúdo temático é percebida na resposta à pergunta 9 da entrevista.

O ato-desejo do S3, a partir da inspiração do mundo da vida, as personagens principais, que correspondem aos componentes da banda *BTS*, consistem em uma ação da consciência volitiva e sensível do autor-criador. Podemos perceber esta relação no trecho: “*O que significa alma gêmea? [...]*”, terceira coluna da figura 4, ou

seja, o ato-desejo do S3, ao atender o interesse do S2 sobre a temática da *Fic1*, o que faz o S3 acrescentar no início da reescrita de seu capítulo o conceito de alma gêmea, praticando seu ato-desejo de criar.

Estilo: Para Bakhtin, a unidade estilística, com a individualização do herói pelo autor-criador, permite uma cadência linguística, incluindo questões lexicais, sintáticas e semânticas; reunindo, assim, elementos linguísticos e de estilo propriamente ditos. Na *Fic1*, o herói (Jungkook) e sua palavra, ao estabelecer conexões dialógicas com seus interlocutores (avó, Hyung e consigo mesmo) determina o gênero da *Fic1*, romance do tipo Yaoi, ratificamos que a *Fanfic* em si é um gênero discursivo.

Os elementos que dão expressividade ao herói, como sensibilidade, carisma e aptidão para pintura não são o bastante para a concepção do estilo bakhtiniano, visto que os sujeitos estabelecem diálogos a partir de seus enunciados concretos, e sua singularidade se fará presente no diálogo com a coletividade. Sendo assim, o S3 estabelece relações dialógicas consigo mesmo, ao dar vida a heróis baseados em seus ídolos; com os outros personagens da própria *Fic1*; como também, estabelece diálogos com os leitores que leem a *Fic* no *site* e, em nosso caso, com os outros sujeitos no grupo de *WA* (S2, S4 e S5).

Bakhtin (2002) nos esclarece que o romance é um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal, logo o estilo do S3, ao dar vida à sua narrativa, comprova esse fenômeno do romance, pois a criação ficcional da *Fic1* possui pluralidades intrínsecas à sua constituição, enquanto multiplicidade de vozes, estilos e línguas. Em resposta à pergunta 18 da entrevista, o S3 declara: “*Sim, eu sempre busco fazer minhas Fanfics baseadas em algum fato da sociedade [...] Então, por exemplo, eu tenho uma Fanfic que fala sobre prostituição, que é um tema que ainda é considerado tabu ou um tema meio frio para você falar basicamente, então eu busco passar para o meu leitor uma mensagem sobre isso, sabe [...].*” Ou seja, o S3 preocupa-se em criar um estilo próprio a depender da temática abordada na sua *Fic*.

Assim, o estilo do S3 é determinado pela combinação de estilos de suas personagens, pois, a linguagem do romance é um sistema no qual diversas linguagens se encontram imbricadas, de acordo com Bakhtin (2015). O discurso individualizado do herói Jungkook é determinado por seu discurso estilisticamente individualizado, visto que Bakhtin em sua obra *PPD* explica que o *skaz* do narrador centra-se no cotidiano e em sua escrita. Esclarecemos que o *skaz* corresponde a um narração com um certo distanciamento do autor, ou seja, uma pessoa que se encontra

subentendida na narrativa. Dessa forma, há na *Fic1* a presença do estilo peculiar do S3, ao dar vida a seu herói, fazendo uso do que Bakhtin (2015) chama de discurso-arte, uma espécie de estilização do romance.

Além das três categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana, as relações entre o autor-criador e seu herói são elucidadas por Bakhtin e percebidas em nosso *corpus*. Na *Fic1*, notamos a relação axiológica construída pelo S3 (autor-criador) entre o herói e seu mundo (Jungkook e o mundo da cultura *K-Pop*). Nos processos de interação, há relações semânticas, uma vez que o sujeito bakhtiniano só se constrói na relação com o outro. Bakhtin (2018) nos esclarece que para que as relações sejam de fato dialógicas, devem existir relações lógico-semânticas e deve haver também a presença de um autor-criador.

Há uma relação dialógica estabelecida entre os sujeitos no grupo de *WA* e há um reconhecimento dos sujeitos da pesquisa com o herói da *Fic1*. O S3 constrói uma história ficcional, dando vida a um herói repleto de carga ideológica, culminando com a materialização de sua ação e de sua palavra nos diálogos que são construídos na *Fic1*. Além disso, temos o herói construído pelo autor-criador, a partir da autoconsciência do S3, com elementos que são claramente apresentados na sua produção ficcional, ou seja, seu artefato (*Fic1*), ao utilizar o recurso da lembrança da infância. Em Bakhtin, temos as vozes que dão vida ao discurso do herói, as quais permitem que o herói encontre-se consigo mesmo, o que podemos verificar em Jungkook.

7.4 Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*

No que se refere aos Multiletramentos, temos: 1. Presença da multimodalidade nas cores e formas utilizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, incluindo a utilização de *stickers* e *emojis*; 2. Questões sociais como a utilização da temática *LGBTQIA+*, o que ratifica uma das preocupações dos Multiletramentos, quanto à hibridização de produções, como cita o S3 ao esclarecer que *Fics* de conteúdo *LGBTQIA+* são as mais comuns e valorizadas no mundo das fanfiqueiras.

Em relação à Teoria dos Gêneros Literários, a *Fic1* possui características do lirismo, por apresentar a voz do personagem principal e de seus sentimentos expressos, como na figura 5: “*Eu não aguento mais pintá-lo sem ao menos saber seu*

nome ou seu rosto"; na terceira coluna da figura 4 temos: *"Quando eu ainda era pequeno, sofria para fazer amizades pois sempre diziam que não queriam se misturar com neto de "feiticeira?"*"; como também na figura 5: *"Depois de dias atormentado por esses sonhos, eu passei a desenhá-los numa tela e, por conta deles, eu comecei a ter uma certa paixão pela arte. Encontrei na arte uma forma de descarregar tudo o que sentia e o que não sabia expressar em forma de palavras"*. Ou seja, observamos um teor de subjetividade, presente no âmbito do lirismo.

O amor é um tema inesgotável na poesia lírica, o poeta lírico, em sua grande maioria, é um grande apaixonado, e esse sentimento é percebido no produto de sua criação artística, o que pode ser interpretado como um teor subjetivista quando o S3 traz o desejo do seu protagonista, ainda criança, em saber como identificar sua alma gêmea: *"Mas como vou saber que ela é minha alma gêmea, vovó? – o pequeno garoto questionou"*, terceira coluna da figura 5.

Além disso, podemos perceber a voz e os sentimentos da personagem Jungkook nos trechos: *"Quando eu ainda era pequeno, sofria para fazer amizades pois sempre diziam que não queriam se misturar com neto de "feiticeira" e "eu comecei a ter uma certa paixão pela arte"*, ambos na figura 6. Os sentimentos de sofrimento e paixão demonstram a sensibilidade do S3 ao construir para seus leitores sua personagem principal na narrativa.

A *Fic1* apresenta, de fato, o lirismo elucidado por Stalloni (2001), como a tendência de ignorar as expectativas do auditório e centrar-se na interioridade do criador; mas também apresenta características do gênero narrativo, uma vez que traz diferentes elementos presentes neste gênero como: uma história (a própria *Fic*), uma forma (a escrita em meio digital) e um sentido (a intenção da fanfiqueira repleta de carga semântica). O gênero narrativo pode ser verificado nos trechos: *"Jungkook revirou os olhos negando. Sua mente estava ocupada demais com um certo loiro de bochechas grandes"*, figura 6 e também em: *"Taehyung como um bom leitor e amante de pesquisas, ajudou o amigo a desvendar os mistérios por trás dos sonhos, descobrindo ser um caso real de alma gêmea"*, figura 7, por exemplo.

Também observamos na *Fic1* a tensão temporal, pois os personagens vivem intensamente cada momento da narrativa. O S1 preocupa-se em criar toda uma ambientação que propicia a realização dos acontecimentos, como: *"Uma floresta cheia de flores e uma cachoeira"* e *"o garoto estava sempre em lugares diferentes da floresta"*, figura 3. Ou seja, o autor narrativo preocupa-se com a criação do ambiente

onde os acontecimentos se passaram, com o intuito de transmiti-los aos seus leitores. Nos trechos da *Fic1* analisados, percebemos a preocupação do S3 com a construção de todos os elementos que compõem a narrativa: personagens, tempo (tanto cronológico quanto psicológico), espaço, ação e desfecho.

A *beta*, S4, preocupa-se em sinalizar os erros ortográficos, isto é, os elementos textuais de coesão e de coerência são relevantes para a fanfiqueira. No que concerne à perspectiva da LT, temos, no processo da escrita da *Fic1*, a ativação de conhecimentos sobre os elementos da situação comunicativa, ou seja, interlocutores em processo de interação na configuração textual. Nesse sentido, a produtora da *Fic1*, já reescrita a partir das interações/sugestões dadas pelos S2, S1 e S4, faz as devidas adequações em sua *Fic1*, para auxiliar na clareza da compreensão dos sujeitos que participaram do processo de interação, no grupo de *WA*. Na concepção interacionista (dialógica) de língua por nós adotada, temos todos sujeitos como atores/construtores sociais, ativos que vão construindo suas *Fics* e nelas também se constroem.

7.5 Síntese da análise da *Fic1*

Em consonância com nosso primeiro objetivo específico: interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo, segue nosso primeiro quadro-resumo (quadro 1):

Quadro 1- Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic1* – S3).

Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana	
	No início da interação sobre a <i>Fic1</i> , o S5 expressa no grupo de <i>WA</i> sua apreciação pela temática alma gêmea, imediatamente o S3, produtor da <i>Fic</i> ,

<p>Forma composicional e linguística</p>	<p>opta por acrescentar à <i>Fic</i> original o conceito de alma gêmea.</p> <p>Observamos que o S3 traz, para validar sua produção ficcional, postulados platônicos, com o intuito de esclarecer a temática abordada na <i>Fic1</i>. Assim sendo, o objeto estético ou artefato encontra-se imbricado às diversas conexões volitivo-emotivo e axiológicas do S3.</p> <p>Além disso, compreendemos que o S3 dá vida ao seu herói (Jungkook), a partir de suas próprias atividades estéticas. A inspiração do S3 está na arte estética (forma linguística utilizada para a produção da <i>Fic1</i>) a partir da arte da vida real (universo coreano das bandas com as quais mantém uma relação de fã, como <i>BTS</i>).</p> <p>No que diz respeito à forma composicional, seguindo a Arquitetônica, temos, na <i>Fic1</i>, o romance, forma puramente composicional de organização das massas verbais, conforme Bakhtin (2002).</p>
	<p>Os elementos ético-cognitivos do S3 são materializados nas características de sua personagem principal, o respeito, a admiração e a construção dada pelo S3 a Jungkook, comprovam a</p>

Conteúdo temático	<p>interferência do autor-criador no objeto estético. Além disso, o conteúdo temático da <i>Fic1</i> atesta a preferência do S3 por temáticas que envolvem problemas sociais.</p> <p>Logo, temos o elemento ético-cognitivo do S3, na verdade o conteúdo propriamente dito, em termos bakhtinianos, o qual constitui o objeto estético, a <i>Fic1</i>. Verificamos a sobreposição do campo ético sobre o conteúdo da <i>Fic1</i>, visto que há uma preocupação do S3 em atender às interações/sugestões dos S2, S1 e S4, respectivamente.</p>
Estilo	<p>Na <i>Fic1</i>, o herói (Jungkook) e sua palavra, ao estabelecer conexões dialógicas com seus interlocutores (avó, Hyung e consigo mesmo) determinam o gênero da <i>Fic1</i>, romance do tipo Yaoi, ratificamos que a <i>Fanfic</i> em si é um gênero discursivo.</p> <p>O estilo do S3 é determinado pela combinação de estilos de suas personagens, pois, a linguagem do romance é um sistema no qual diversas linguagens se encontram imbricadas, de acordo com Bakhtin (2015).</p>

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

Em relação ao nosso segundo objetivo específico: identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta*, segue nosso segundo quadro-resumo (quadro 2):

Quadro 2 - Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta* (*Fic1* – S3).

Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados:	
aos multiletramentos	<p>Na <i>Fic1</i>, temos: 1. A presença da multimodalidade nas cores e nas formas utilizadas no grupo de <i>WA</i> das fanfiqueiras, incluindo a utilização de <i>stickers</i> e <i>emojis</i>; 2. Questões sociais, como a utilização da temática <i>LGBTQIA+</i>, o que ratifica uma das preocupações dos Multiletramentos, quanto à hibridização de produções, como cita o S3 ao esclarecer que <i>Fics</i> de conteúdo <i>LGBTQIA+</i> são as mais comuns e valorizadas no mundo das fanfiqueiras.</p>
	<p>A <i>Fic1</i> possui características do lirismo, por apresentar a voz do personagem principal e de seus sentimentos expressos. Há uma relação dialógica estabelecida entre os sujeitos no grupo de <i>WA</i> e há um</p>

<p>à intergenericidade poética e discursiva</p>	<p>reconhecimento dos sujeitos da pesquisa com o herói da <i>Fic1</i>.</p> <p>O S3 constrói uma história ficcional, dando vida a um herói repleto de carga ideológica, culminando com a materialização de sua ação e de sua palavra nos diálogos que são construídos na <i>Fic1</i>.</p> <p>O amor é um tema inesgotável na poesia lírica, o poeta lírico, em sua grande maioria, é um grande apaixonado, e esse sentimento é percebido no produto de sua criação artística, o que pode ser notado quando o S3 traz o desejo do seu protagonista, ainda criança, em saber como identificar sua alma gêmea. Ou seja, percebemos na <i>Fic1</i> um teor de lirismo.</p>
<p>à colaboração da <i>beta</i></p>	<p>A <i>beta</i>, S4, preocupa-se em sinalizar os erros ortográficos, isto é, os elementos textuais de coesão e coerência são relevantes para a fanfiqueira. Ocorre, inclusive, a correção ortográfica por meio da escrita colaborativa ao compartilhar a reescrita da <i>Fic1</i> pelo <i>Google docs</i>.</p>

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

7.6 Perfil do Sujeito (S2) a partir da entrevista semiestruturada

Para o S2, *Fics*, além de ser um refúgio, é um meio de falar e de se expressar, como também é uma oportunidade de falar sobre o que gosta e sobre o que não gosta. O S2 informou que escreve *Fics* duas vezes por semana e sempre aceita a ajuda da *beta* para realizar as correções ortográficas de suas *Fics*.

Os benefícios trazidos pelas *Fics* para o S2, segundo informado na entrevista, são melhorias tanto na leitura quanto na escrita, também com reflexos positivos em seu rendimento escolar. Em sua opinião, o *site* das produções incentiva seus frequentadores a ler e a escrever cada vez mais. Em suas palavras: “*Eu acho que quanto mais você lê, mais você aprende e foi isso que aconteceu. O Wattpad é um conjunto de pessoas com várias histórias, cada um faz sua história, ou tem gente que só lê, ou tem gente que lê e escreve, tem gente que só escreve, que eu acho que é impossível. Eu acho que o site incentiva muito a pessoa a gostar de ler, porque não são só escritores famosos que fazem estes livros, são pessoas normais como a gente e eles escrevem de forma ótima [...].*”

Suas *Fics* são mais do tipo romance e um pouco de suspense, o que, segundo o sujeito, prende a atenção dos leitores. Suas inspirações são retiradas da vida real e de séries da *Netflix*. Com as *Fics* de romance, o sujeito pretende passar positividade e superação de conflitos amorosos. Além de escrever romance, o S2 informa que ama *Fics* de terror, por este motivo, entre as *Fics* produzidas no período da realização da pesquisa, optamos por analisar uma de suas *Fics* de terror.

7.7 Breve contextualização da *Fic2* (S2)

A *Fic2* do S2 tem por inspiração a série *MARIANNE* da *Netflix*, na qual uma escritora francesa, desde muito jovem, tem sonhos sobrenaturais com uma bruxa chamada *Marianne*, que foi queimada viva e jura vingança para os descendentes de quem a queimou. Em virtude disso, a escritora da série decide escrever livros de terror, os quais viram verdadeiros *best sellers*, e, curiosamente, todos os acontecimentos que são narrados nos livros acontecem na vida real, na série. O S2 decide escrever uma *Fic*, tratando de assuntos sobrenaturais, envolvendo bruxas e vultos, que sugerem ser fantasmas, informações que se encontram presentes na história de *Marianne*. A *Fic2* já se inicia com essa temática.

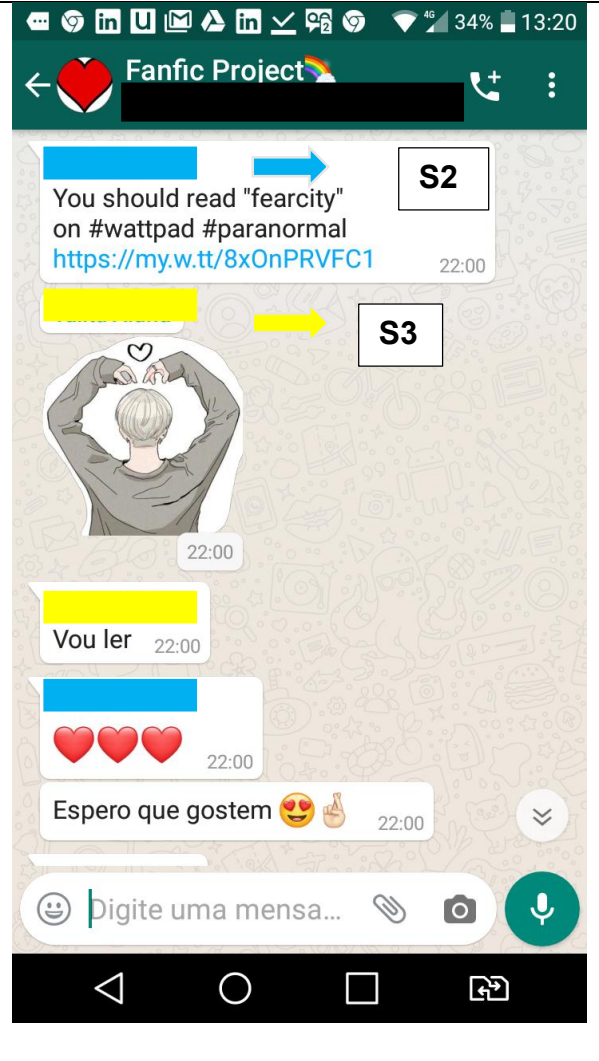
É impressionante como o S2 utiliza elementos da série da *Netflix*, pois a personagem principal da série, uma famosa escritora de livros de terror, volta à cidade natal e descobre que os fatos narrados em seus livros, todos acontecimentos que envolvem um espírito que a atormentava em seus sonhos, na adolescência, acontecem fora dos livros. Na *Fic2*, a personagem principal, Gabriela, vive atormentada por um espírito que a persegue, desde muito jovem.

O título da *Fic2*, *Fearcity*, foi criação do S2, que relata querer passar para seus leitores a história vivida em uma cidade de medo. Na opinião do S2, seus tipos preferidos de *Fics* são *“romance e um pouquinho de suspense, porque sempre vai ter aquele negócio de suspense que a personagem pode ser sequestrada e tal”*. A decisão pela temática de terror do S2 é percebida pela resposta dada à pergunta 17 da entrevista semiestruturada: *“De onde você tira inspiração para escrever suas Fics?”* e o S2 responde: *“As inspirações das minhas Fics são tiradas da vida real, eu gosto muito de falar sobre relacionamento com romance e tal, eu gosto muito disso, então eu decidi fazer um livro de romance, porque é o meu gênero favorito. Só que têm alguns, eu estou fazendo um livro que é de terror e eu tirei a inspiração dele meio que no meu amor por filmes de terror, por eu gostar tanto de filmes de terror, eu decidi fazer um livro que espero que seja o próximo best seller do site Wattpad.”*

A *Fic2* relata o cotidiano de uma família composta por mãe, pai e uma bebê. Gabriela, que é a protagonista da *Fic1*, guarda um segredo de infância, sonhos assustadores com bruxas e fantasmas. Na idade adulta, seus sonhos aterrorizantes voltam a acontecer, porém seu marido, de maneira muito insensível, não acredita em seus relatos. Depois de acontecerem fatos, no mínimo curiosos, Gabriela resolve contar detalhes para seu marido, sobre seus sonhos assustadores, então, ele acaba acreditando em sua esposa, que precisa muito de sua ajuda.

Na *Fic2*, há vários acontecimentos que dialogam com a série da *Netflix*, o que para nossa pesquisa comprova a forte influência midiática na produção textual em meio digital de nossos sujeitos. Um fato interessante em relação à *Fic2* é a preocupação do S2 em contextualizar os acontecimentos em um capítulo introdutório, o que é verificado na figura 8 abaixo. Dessa forma, o S2 esclarece, para as outras fanfiqueiras, fatos que serão retomados a partir do primeiro capítulo da *Fic*; diferente do que ocorre na série *Marianne*, uma vez que a escritora francesa é forçada a lembrar da bruxa, que a persegue em seus sonhos, a partir da visita de uma amiga de infância, durante uma sessão de autógrafos de seu último lançamento.

Figura 8 – Tabela com os trechos da introdução da *Fic2* e *print* das primeiras interações no grupo de WA das fanfiqueras.

<p>Provavelmente, o horário era três horas da manhã, dava para sentir o seu medo no meio dos seus respiros profundos, Gabriela escutou um barulho vindo da cozinha, eram passos... só quem de quem? Ela estava sozinha. Ela então caminhou até a cozinha com o coração na mão, e então ela escuta um choro de criança, mas não há crianças na casa. Depois de muitos suspiros resolve procurar ajuda, ligou de imediato para um padre. Por volta das 3:50 ele chega com sua cruz e sua água benta abençoando toda a casa e tirando todo o mal que estava lá dentro. [...]</p>	<p>depois de um tempo...</p> <p>Oi, meu nome é Gabriela e eu morava sozinha quando aconteceu algo sobrenatural em minha vida, mas atualmente está tudo bem, até agora não aconteceu mais nada do tipo. Moro em uma cidade Chamada Fearcity há muito tempo atrás, é uma cidade pequena, mas, tem tudo o que você precisa. [...]</p> <p>Já teve histórias aqui de bruxas que foram encontradas mortas próximo a cidade fearcity pelos caçadores de bruxa, e quem sabe as bruxas da idade média não querem vingança por acontecimentos do passado??</p>	
---	--	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fanfiqueras e transcrições do *site Wattpad*

verificamos, desde o início da *Fic2*, já na introdução, a preocupação do S2 em contextualizar sua *Fic*. Assim, temos um cenário de suspense, primeira coluna da figura 8: “*Provavelmente, o horário era três horas da manhã, dava para sentir o seu medo no meio dos seus respiros profundos, Gabriela escutou um barulho vindo da cozinha, eram passos... só quem de quem? Ela estava sozinha.*” Realmente, um clima de suspense criado pelo S2 para prender a atenção de seus leitores.

No enredo da *Fic2*, colunas 1 e 2 da figura 8, mais uma vez verificamos semelhanças entre a série da *Netflix* e a produção ficcional do S2, uma vez que tudo se inicia a partir de sonhos recorrentes com bruxas, assombrações e demônios, tanto com a personagem da série como também com a personagem da *Fic2*. O medo permeia a personagem Gabriela, o que a faz ligar de imediato para um padre, após ter escutado choro de criança, sem ao menos ter criança em sua casa. Na série, há a presença de um padre, que faz exorcismo na casa dos pais da escritora francesa, a qual está hospedada na casa de seus genitores, com uma amiga que a acompanha durante a visita. Na *Fic2*, temos a presença do padre que chega “*Por volta das 3:50 ele chega com sua cruz e sua água benta abençoando toda a casa e tirando todo o mal que estava lá dentro*”, primeira coluna da figura 8.

Outro dado interessante é a apresentação da personagem pelo S2, uma vez que a produtora da *Fic2* dá voz à personagem Gabriela, que relata seu drama: “*Oi, meu nome é Gabriela e eu morava sozinha quando aconteceu algo sobrenatural em minha vida [...]*” No final da segunda coluna da figura 8, temos outras informações que contextualizam melhor a *Fic2*: “*Já teve histórias aqui de bruxas que foram encontradas mortas próximo a cidade fearcity pelos caçadores de bruxa, e quem sabe as bruxas da idade média não querem vingança por acontecimentos do passado??*”

Assim que a fanfiqueira posta uma nova *Fic* no site de nossa pesquisa, ela fica muito animada para ouvir as sugestões de suas colegas. O primeiro diálogo entre os sujeitos S2 e S3 se dá a partir da utilização de *stickers* e *emojis*, terceira coluna da figura 8. Um verdadeiro convite para os outros sujeitos participarem das interações, realizarem a leitura da *Fic2* e darem sugestões de melhorias ou mudanças para a *Fic2*.

Figura 9 - Trecho da escrita da *Fic2*, interações no grupo de WA das fanfiqueras e trecho da reescrita da *Fic2*, a partir das interações/sugestões dadas no grupo de WA.

<p>Há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriela depois do que houve anos atrás, a duvida dela sempre será a mesma, era uma bruxa com raiva dos seus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir??, logo ela irá descobrir.</p> <p>um amargo sentimento de medo estava percorrendo sobre seu corpo, quando ela acorda e vê um vulto passar para o quarto de sua amada filha, ela vê que o seu marido já tinha chegado de seu trabalho cansativo de professor e por conta disso fica mais calma, pois ela não estava sozinha.</p>		<p>Oie, meus querido leitores, então!! A história é o seguinte: Há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriella depois do que houve anos atrás [...]</p> <p>Gabriela é uma escritora maravilhosa, aquelas que em qualquer livro a escrita te prende que o livro é acabado no mesmo dia em que começamos.</p> <p>- Guilherme, quero que saiba que há muito tempo atrás eu escutei e senti muitas coisas nessa casa de imediato pensei que seria alguma bruxa com raiva dos meus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir, fiquei com muito medo mais só durou um dia. [...]</p>
--	--	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fanfiqueras e transcrições do site *Wattpad*

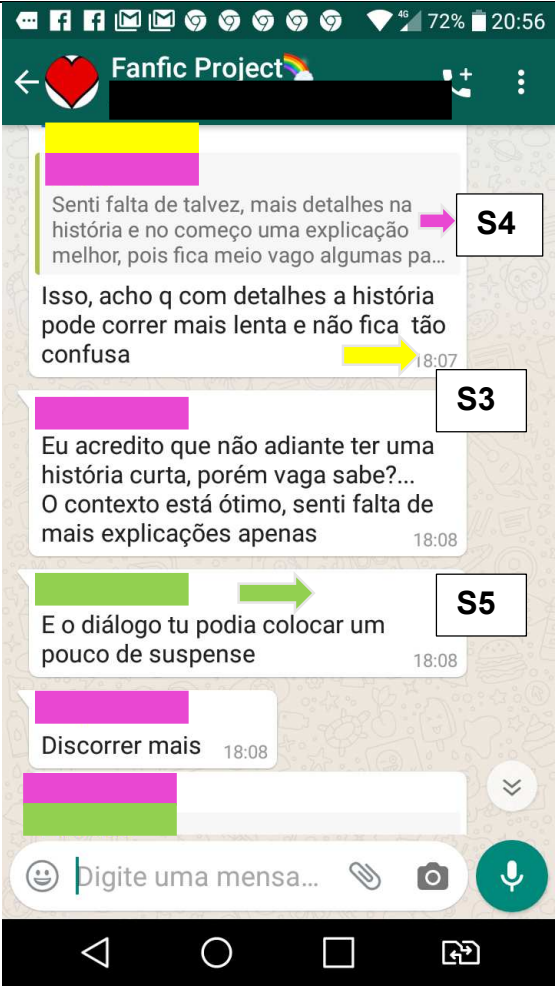
Na figura 9, o S2 cria uma ambiente familiar entre seu herói, Gabriela, inspirada na figura de *Emma Larsimon*, a escritora francesa que dá vida à personagem *Marianne*, e os membros da família de Gabriela, marido e filha. Até este momento do enredo, não há a presença efetiva de elementos sobrenaturais, trata-se de uma *Fic* de terror que envolve muito suspense. Além desse gênero de *Fic*, o S2 dá destaque, em sua escrita ficcional à dramaticidade. De acordo com a pergunta 9 da entrevista semiestruturada: *“eu gosto de escrever que o personagem tenha problemas sabe, muitos problemas familiares, porque um ajuda o outro e assim um relacionamento vai andando melhor e os protagonistas vão andando melhor.”*

Podemos verificar, nas interações presentes na segunda coluna da figura 9, o detalhe para o momento em que a fanfiquera posta uma nova *Fic* no *site* de nossa pesquisa, visto que ela fica animada para que suas colegas leiam sua *Fic*: *“Aqui está meninas!!”*, facilmente percebido pelas duas exclamações. Constatamos, a exemplo da *Fic2*, a preocupação dos sujeitos em relação aos erros gramaticais presentes na *Fic*, como relata o S3: *“Eu observei alguns erros, mas nada que prejudique o entendimento da Fic e etc”*. É importante frisar o destaque dado pelo S3 quanto ao sentido (coerência textual).

Na figura 9, o S3 sugere que a *Fic2* seja reescrita com um enredo mais lento e detalhado: *“Eu queria muito que vc colocasse mais detalhes”*. Gostaríamos de frisar que não é sempre que todos os sujeitos concordam com as sugestões dadas, como afirma o S1 na entrevista semiestruturada ao ser questionada sobre as interações que acontecem no grupo de *WA* das fanfiqueras: *“As interações são basicamente quando a gente, nossas amigas que fazem Fanfic e mandam para o grupo, pras meninas lerem e elas dão opinião, dão ajuda, falam alguma coisa para poder mudar e se elas quiserem mudar, elas mudam, se elas quiserem.”*

Por fim, observamos os acréscimos realizados pelo S2, a partir das sugestões dadas pelo S3: *“Oie, meus querido leitores, então!! A história é o seguinte:”*, logo no início da reescrita da *Fic2*. Além disso, o S2 resolve acrescentar detalhes sobre a personagem: *“Gabriela é uma escritora maravilhosa, aquelas que em qualquer livro a escrita te prende que o livro é acabado no mesmo dia em que começamos”*, além de um diálogo com seu marido: *“- Guilherme, quero que saiba que há muito tempo atrás eu escutei e senti muitas coisas [...].”*

Figura 10 - Trecho da escrita da *Fic2*, trecho das interações no grupo de WA das fã-queiras e trecho da reescrita da *Fic2* após as interações no grupo.

<p>[...]</p> <p>Quando sua filha começa a chorar, desesperadamente ela sai de sua cama em direção ao quarto da pequena que chora aflita por um colo materno. Seu marido tinha um sono leve e por isso também se juntou a esposa para acalmá-las.</p> <p>- porque está deste jeito?? Tão aflita, com medo, afobada. – disse seu marido, esperando sua resposta calma.</p> <p>- eu me acordei e vi um vulto passar pro quarto de aurora, foi depois disso que ela começou a chorar e então eu corri até ela. – diz Gabriela praticamente chorando!!</p> <p>[...]</p>	 <p>S4</p> <p>S3</p> <p>S5</p>	<p>[...]</p> <p>Tive que fazer terapias para me sentir bem e segura na minha própria casa, essas coisas começou a acontecer quando eu comecei a escrever. Parei quando houve o acontecimento porque tive um bloqueio e acabei perdendo o gosto de escrever até que então resolvi voltar e aproveitando a licença de maternidade por conta da aurora, sinceramente Guilherme o trabalho já tá me enchendo, aquele Alex é um idiota vive brigando comigo mesmo quando eu faço tudo certinho.</p> <p>- eu entendo Gabriella mas acho que você está ficando louca, não existem bruxas e nem espíritos. Vai dormir!!! [...]</p>
--	---	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fã-queiras e transcrições do *site Wattpad*

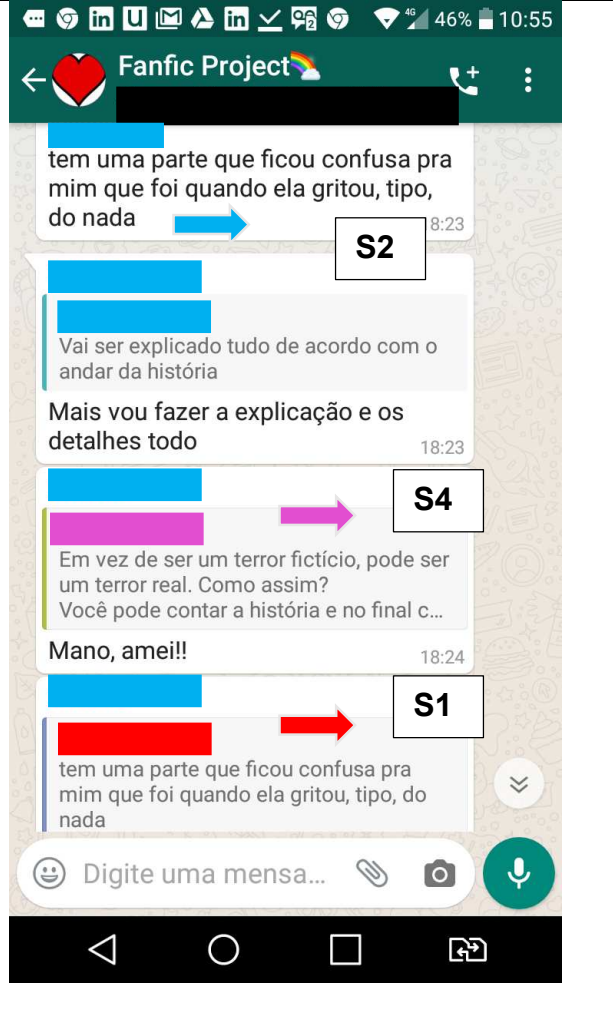
Na figura 10, percebemos que o S3 concorda com a *beta* (S4), em relação a colocar mais detalhes na *Fic2*: “*isso, acho q com detalhes a história pode correr mais lenta e não fica tão confusa*”. Logo depois, a *beta* elucida sua opinião: “*Eu acredito que não adianta ter uma história curta, porém vaga sabe?*”. Houve, portanto, aceitação pelo S2 das sugestões dadas pelos S3, S4 e S5, no tocante aos detalhes, o que foi atendido pelo S2: “[...] *Parei quando houve o acontecimento porque tive um bloqueio e acabei perdendo o gosto de escrever até que então resolvi voltar e aproveitando a licença de maternidade por conta da aurora [...]*.”

O S5 dá a sugestão para o S2 colocar suspense no enredo, o que para o S2 não seria grande dificuldade, visto que é um gênero que muito o agrada, conforme resposta dada na entrevista semiestruturada. Outrossim, observamos nas interações realizadas que a sugestão de detalhar a *Fic2* é consensual na interação realizada no grupo, o que para nós significa que as fanfiqueiras que leram a *Fic2* gostaram do enredo e sentiram necessidade da presença de mais elementos, com o intuito de enriquecê-lo cada vez mais.

Outro dado relevante consiste na opinião do S2 em relação às sugestões dadas no grupo das fanfiqueiras, o que é observado na resposta à pergunta 15 da entrevista semiestruturada: “*Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de WA você muda sua Fic? Por quê?* A resposta dada pelo S2 comprova sua aceitação quanto às mudanças sugeridas nas interações: “*Mudo, mudo muito, porque elas sempre vão falar algumas opiniões ótimas, opinião delas que são da maneira mesmo como elas escrevem, pois ajudam a gente a fazer uma história ótima, bem enriquecedora. Vai trazer muita coisa boa pra Fic e novas sugestões.*”

Na terceira coluna da figura 10, temos a reescrita com os detalhes sugeridos nas interações, o que comprova que as sugestões dadas no grupo das fanfiqueiras influenciam na reescrita das *Fics* de nossos sujeitos. Nesse trecho reescrito, percebemos o cuidado nos detalhes pelo S2: “*Tive que fazer terapias para me sentir bem e segura na minha própria casa, essas coisas começou a acontecer quando eu comecei a escrever*”. Aqui, verificamos mais uma vez a relação com a série da *Netflix*, pois *Emma*, personagem da série, deixa de ter sonhos com a bruxa *Marianne* quando começa a escrever seus livros de terror.

Figura 11 - Trecho da escrita da *Fic2*, interações no grupo de WA das fanfiqueiras e trechos da reescrita da *Fic2*, após as interações no grupo de WA.

<p>[...]</p> <p>Isso deve ser coisa da sua cabeça Gabriella!!</p> <p>- NÃO, NÃO É COISA DA MINHA CABEÇA GUILHERME!! – fala gritando e assustando o bebê fazendo-a chorar</p> <p>Depois de fazer aurora dormir, Gabriela chama Guilherme para uma conversa. A conversa sobre o passado dela a atormentava, principalmente por conta dos sonhos bizarros que ela tinha, ela conta exatamente tudo que houve anos atrás [...]</p>		<p>- E... tem uma outra coisa.</p> <p>- o que foi Gabriela?? – pergunta nervoso, ansioso pela besteira que Gabriela iria falar, para ele tudo era besteira vindo da boca dela, ele sempre foi cético em questão de espíritos, bruxa...</p> <p>- NADA!! – fala muito nervosa, estressada por Guilherme ser tão cético, incompreensivo.</p> <p>[...]</p>
--	---	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fanfiqueiras e transcrições do site *Wattpad*

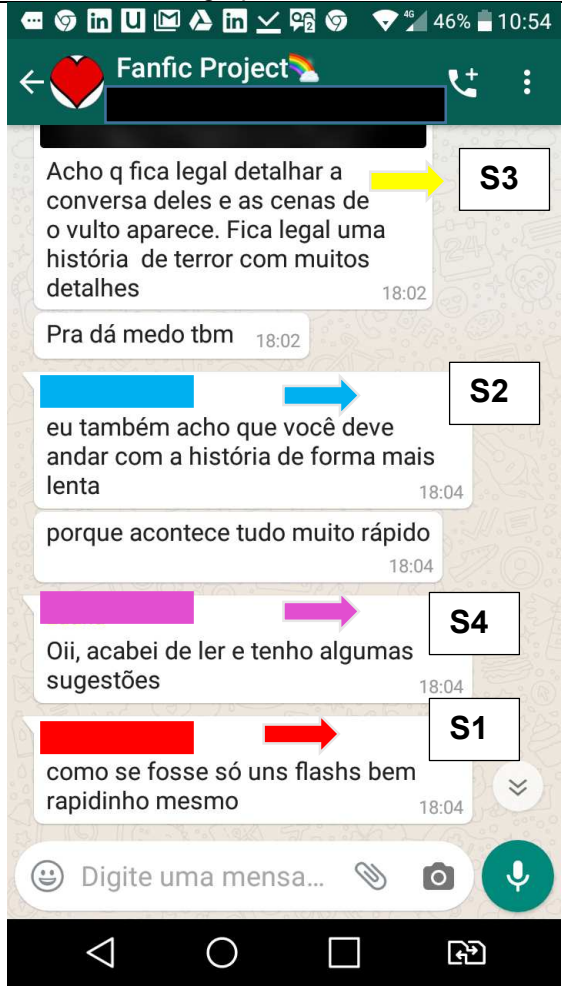
Assim como na série que inspirou a *Fic2*, os personagens que convivem com a personagem principal, Gabriela, não acreditam em suas visões. Observamos na *Fic2* o desespero da personagem principal, ao perceber que suas visões são ignoradas por seu marido. Na série que inspirou a *Fic2*, a jovem *Emma*, passou quinze anos longe de sua cidade natal e possui um relacionamento conturbado com seus pais, talvez seja por isso que o S2 decide construir uma relação pouco afetiva entre Gabriela e seu marido.

Outro ponto que podemos estabelecer entre a série e a *Fic2* é a presença de crianças, na série (a irmã pequena de uma das amigas de *Emma* é influenciada pela bruxa a se esconder e acaba morrendo, congelada em um *freeze*, em sua escola). Na *Fic2*, Gabriela vê um vulto e ouve sua filhinha chorando. Logo após fazer sua filhinha dormir, Gabriela tenta mais vez realizar um diálogo com seu marido sobre seus sonhos, o que é percebido na fala da narradora: “[...] ela conta exatamente tudo que houve anos atrás [...].”

A preocupação com o sentido do enredo é observada pela opinião do S1: “*tem uma parte que ficou confusa pra mim que foi quando ela gritou, tipo, do nada*”. No trecho da *Fic2*, primeira coluna da figura 11, temos: “**NÃO, NÃO É COISA DA MINHA CABEÇA GUILHERME!!** – fala gritando e assustando o bebê fazendo-a chorar”. É perceptível que Gabriela está perturbada com suas visões, o que acaba por influenciar de maneira negativa seu relacionamento com seu marido, que, muitas vezes, não acredita em suas visões: “- **NADA!!** – fala muito nervosa, estressada por Guilherme ser tão cético, incompreensivo”, última coluna da figura 11. O que comprava o acréscimo dos detalhes sugeridos pelos sujeitos participantes das interações.

Fica evidente, portanto, que os sujeitos participantes da interação sobre a *Fic2*, mesmo não conhecendo a série, sentem falta de mais detalhes no enredo, o que pode significar que a *Fic2* realmente prende a atenção das fanfiqueras e agrada-as, a ponto de elas sugerirem acréscimos, principalmente nos trechos em que o suspense predomina. O diálogo entre os personagens é outro ponto que gostaríamos de destacar, pois há medo na fala de Gabriela e “desprezo” nas palavras de Guilherme: “*o que foi Gabriela??*”, acrescenta o S2 que Guilherme espera a “*besteira*” que Gabriela irá falar.

Figura 12 - Trecho da última parte da *Fic2*, *print* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da última parte da reescrita da *Fic2*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>[...]</p> <p>e então ele começa a entender tudo; seu medo por dormir sem o abajur ligado, seu por deixa-lo sozinho na casa com a filha, seu medo por dormir tranquilamente e de repente acordar por conta de sonho que sempre acontece. E então, Gabriela resolve dormir tranquilamente e de repente acordar por conta de um sonho que sempre acontece. E então Gabriella resolve dormir tranquilamente, pois, a única coisa que ela nunca havia dito a seu marido tinha sido contado naquela noite.</p>	 <p>The screenshot shows a WhatsApp group chat interface. At the top, the status bar shows various icons and the time 10:54. The chat title is 'Fanfic Project'. There are four messages visible, each with a redaction box and a label:</p> <ul style="list-style-type: none"> S3: A message with a redaction box and a yellow arrow pointing to it. The text is: "Acho q fica legal detalhar a conversa deles e as cenas de o vulto aparece. Fica legal uma história de terror com muitos detalhes" (18:02). S2: A message with a blue redaction box and a blue arrow pointing to it. The text is: "eu também acho que você deve andar com a história de forma mais lenta" (18:04). S4: A message with a pink redaction box and a pink arrow pointing to it. The text is: "Oii, acabei de ler e tenho algumas sugestões" (18:04). S1: A message with a red redaction box and a red arrow pointing to it. The text is: "como se fosse só uns flashes bem rapidinho mesmo" (18:04). <p>At the bottom, there is a text input field with the placeholder "Digite uma mensa...", a paperclip icon, a camera icon, and a microphone icon.</p>	<p>[...]</p> <p>Ela acorda em um lugar estranho, no qual está em um caminho sem fim, era um lugar que dava arrepios; totalmente antigo. Ecoavam grito vindo de um caminho que ela não conseguia achar, desesperada, grita de volta. Quando finalmente encontra o lugar no qual está vindo os gritos, era uma bruxa sendo queimada por vários outros, pedindo ajuda. Quando vou ajuda-la...</p>
---	--	--

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

Percebemos, na sequência dos *prints* da *Fic2*, que foram selecionadas, pela construção do enredo, diversas semelhanças entre o herói, fonte inspiradora para a escrita da *Fic2*, a escritora *Emma*, e o herói construído pelo S2, Gabriela.

Em relação à Teoria dos Gêneros Literários, a *Fic1* possui características do gênero narrativo, com destaque para a construção do personagem principal, Gabriela, cuja construção psicológica, realizada pelo S2, é característica deste gênero literário. Além disso, o critério ação, presente em gêneros que recebem essa denominação, encontra-se na *Fic2*. O S2 apresenta a preocupação em criar uma ambientação que possibilite a cadência dos acontecimentos da narrativa, com o intuito de transmiti-los aos seus leitores do *site*.

Aristóteles, em sua *Poética*, elucida a contraposição entre a *mimese* e a ação contada pelo narrador no gênero narrativo. O S2 faz uso dessa contraposição na construção de sua narrativa ficcional, visto que assemelha sua *Fic* à série da *Netflix*, como observamos ao longo de nossas análises. Ressaltamos, também, a presença da intergenericidade poética e discursiva na *Fic2*, já que o gênero narrativo desenvolvido apresenta características mistas, com aspectos de dramaticidade. Conforme esclarece Stalloni (2001), no gênero dramático há um “eu” plural, o que podemos perceber na análise da *Fic2*, já vez que a preocupação do S2, ao introduzir o discurso direto no diálogo entre as personagens é um modelo de subjetividade, com margens objetivas em relação à narrativa como um todo.

Para Aristóteles, em sua *Poética*, toda criação literária, cuja constituição seja por ações, o que observamos na *Fic2*, será mimética em seu âmago. A “imitação” é inerente ao universo das *Fics*, seja com inspiração no universo midiático, como acontece com a série da *Netflix* em relação à *Fic2*, seja com inspirações na vida real.

Outrossim, destacamos a opinião do S2 em relação às interações que são realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, o que, para ele, consiste em uma prática bastante produtiva: “*porque melhora muito a nossa escrita, o conteúdo da história. Pode melhorar muito, muito, muito a forma de como você está interagindo com o leitor*”. Dessa forma, salientamos a importância das interações para o S2, o que comprova que há influência das opiniões dadas pelas outras fanfiqueiras na reescrita da *Fic2*.

7.8 Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic2*)

Forma Composicional e Linguística: A *Fic2* representa a concretização do conteúdo axiologicamente enformado pelo autor-criador, em uma certa forma composicional e linguística. O objeto estético, enquanto resultado de uma construção, estabelece relação do autor-criador com sua criação, a *Fic2*. Destacamos que essas relações constituem-se de ligações axiológicas entre o herói e o seu mundo, e só é possível graças às avaliações sociais, que circulam na história e na cultura. Ou seja, o S3 buscou a forma composicional de sua *Fic2*, ao transpor da linguagem situada para o plano axiológico a forma de seu conteúdo, materializado na *Fic2*.

Desde o começo da *Fic2*, já na introdução dada pelo S2, percebemos a construção da forma composicional, organizada arquitetonicamente com o objetivo da escolha de uma forma composicional adequada: a narrativa; com a presença marcante de um narrador: “*Provavelmente, o horário era três horas da manhã, dava para sentir o seu medo no meio dos seus respiros profundos, Gabriela escutou um barulho vindo da cozinha, eram passos... só quem de quem? Ela estava sozinha*”. Ou seja, a forma arquitetônica, o suspense, encontra-se na forma de narrativa; em relação à personagem, temos um caráter de dramaticidade; escolhe-se, portanto, a forma composicional mais adequada, a do gênero narrativo, comprovando a intergenericidade poética e discursiva na *Fic2*.

Temos, então, o objeto estético, a *Fic2*, enquanto resultado de uma construção composicional e linguística. O ato de criar do S2 é dialógico, houve uma transposição da arte, universo midiático a partir da série da *Netflix*, para a vida, por meio de uma atividade estética do autor-criador. De acordo com Bakhtin (1993), o todo arquitetônico só se concretiza por meio do ato, este individual e ético, e de responsabilidade do autor-criador. Sendo assim, as relações com as experiências vividas pelo S2, singulares e únicas, são imprescindíveis para o resultado final de sua forma composicional.

Em PCMF, Bakhtin (2002) esclarece-nos que a forma esteticamente válida é a forma do material; logo, o autor-criador volta-se para as relações de mundo, para comprovar a realidade de sua obra de arte. Nessa perspectiva, o S2 estabelece diferentes relações, como as sociais, as dos valores éticos, entre outros. Ou seja, o material estético pertence ao artista, segundo Bakhtin (2002).

Há, portanto, um caráter finalístico, ou teleológico, como explicita Bakhtin (2002), na escolha da forma composicional e linguística pelo autor-criador. Dessa maneira, no suspense (forma predominante dos acontecimentos da *Fic2*; em parte, da personagem Gabriela, temos o caráter da dramaticidade) e a forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional da *Fic2*. Sob essa ótica, a forma composicional da *Fic2* organiza o material, cujo caráter é utilitário e permite aos outros sujeitos realizarem interações e sugestões em seu conteúdo enformado.

Conteúdo temático: Foi o autor-criador, S2, que deu vida ao seu herói, Gabriela, ao dar início ao conteúdo de sua produção ficcional, visto que o S2: 1. Registra os eventos da vida da personagem Gabriela, baseados na série *Marianne* da *Netflix*, a partir de sua posição axiológica; 2. Realiza os recortes da vida de sua personagem principal e 3. Reorganiza-os sob o viés estético, tendo por base sua própria posição axiológica. Ou seja, para a construção do conteúdo temático da *Fic2*, o autor-criador faz uso de complexos processos de transposição da vida para a arte, uma vez que o objeto estético possui elementos sociais, culturais e históricos intrínsecos à sua constituição.

A construção da *Fic2* demonstra, em sua essência, elementos sociais e históricos que determinam seu conteúdo temático. Há, nesse sentido, posições socioavaliativas do autor-criador, em detrimento das múltiplas inter-relações responsivas de seus sujeitos. Nesse viés, temos: 1. O conhecimento de mundo e a fonte de inspiração do S2, a série *Marianne*; 2. As interações realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, as quais têm forte influência na reescrita de seu objeto estético, a *Fic2*, e 3. A atitude responsiva do autor-criador, no que concerne às sugestões dadas nas interações.

Outro ponto importante, para nossa análise sobre o conteúdo da *Fic2*, são as relações entre o cognitivo e o estético no ato estético, visto que, para Bakhtin (2002), o ato cognitivo consiste na representação esteticamente ordenada do objeto estético, traduzido na visão do autor-criador sobre sua produção artística, o que podemos observar no primeiro trecho da reescrita da *Fic2*, última coluna da figura 11: “*Oie, meus querido leitores, então!! A história é o seguinte: Há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriella depois do que houve anos atrás [...]*”. Nesse trecho, verificamos a visão que o autor-criador tem da história de sua personagem, e que pretende deixá-la clara, desde o início de sua reescrita, o que para nós significa

que o S2 tem a intenção de esclarecer, para as outras fanfiqueiras, que sua reescrita atende às sugestões dadas no grupo de WA.

Também é de suma importância o ato ético, para a compreensão da aplicação da teoria bakhtiniana, nos processos de escrita e de reescrita textual, já que, como postula Bakhtin (2002), o ato ético expressa uma relação do dever do autor-criador para com a realidade de sua criação artística. Temos, portanto, um conflito, pois o sujeito estético, para quem o conhecimento dos acontecimentos da narrativa é um ato cognoscível, possui o dever ético e atuante de transpor esse conteúdo esteticamente enformado para seus leitores. Assim, o conteúdo temático, a história de terror da bruxa e dos fantasmas que perseguem Gabriela, é transferido para uma outra realidade estética, a partir do plano axiológico do autor-criador.

Ademais, o conteúdo temático da *Fic2* representa o instante em que o autor-criador materializa seu objeto estético, no momento em que dá vida à sua protagonista, cuja relação é esteticamente correlata à forma estética desse objeto. Nas produções ficcionais, temos, de forma imanente, a possibilidade de relacionar o conteúdo das *Fics* com o mundo midiático, assim como ocorre com outras fontes de inspiração.

A posição assumida pelas fanfiqueiras, como se deu com o S2, pode e deve ser compreendida através das relações valorativas e éticas inerentes ao autor-criador de cada *Fic*, como se verifica com o S2 ao afirmar na entrevista: “*Eu acho que na minha cabeça eu construo a Fic muito bem, tipo, eu não sou muito boa de ideia, eu confesso, mas, às vezes eu pego ideia dos outros, ou do que os outros me dão e aí eu escrevo, mas eu acho que quando eu construo na minha cabeça, e eu vou colocar no papel, no celular, seja lá qual for a plataforma, não sei bem como eu imaginei, sabe [...]*.”

Estilo: O S2 dá vida e acabamento ao seu herói, no caso da *Fic2*, Gabriela, e também ao seu mundo. Especificamente em relação ao estilo, na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana, temos, na *Fic2*, os procedimentos pelos quais o autor-criador fez uso para dar forma e acabamento ao seu herói e ao seu mundo. Nesse processo, destacam-se a elaboração e a materialização de um conteúdo enformado.

Os elementos utilizados pelo S2, para a construção de sua narrativa, coadunam com o próprio estilo do autor-criador, o que podemos verificar na resposta dada pelo S2 à pergunta 10 da entrevista semiestruturada: “*eu construo na minha cabeça, tipo, sempre como eu falei antes, sempre com problemas na sociedade, aí eu consigo*

desenvolver melhor os protagonistas e os coadjuvantes.” Ou seja, o S2 possui um estilo próprio para a construção de suas personagens, o que significa que a combinação de estilos imbrica-se à sua posição valorativa e axiológica.

O diálogo que é estabelecido pelos personagens da *Fic2*, na escrita e também na reescrita, ratifica, portanto, a influência das interações/sugestões dadas no grupo de WA das fanfiqueiras, corroborando com a resposta dada à pergunta 12 da entrevista semiestrutura: *“acho importante os comentários e sugestões feitos no grupo, porque além de ajudar as meninas, também damos opinião do que mudar, no que dar ideias, entendeu? Enriquece a nossa escrita, a nossa leitura e etc.”*

Durante as interações sobre a *Fic2*, os sujeitos, em consonância, solicitam ao autor-criador mais detalhes sobre o enredo e sobre as personagens, o que é aceito e atendido pelo S2: *“Ela acorda em um lugar estranho, no qual está em um caminho sem fim, era um lugar que dava arrepios; totalmente antigo. Ecoavam grito vindo de um caminho que ela não conseguia achar, desesperada, grita de volta. Quando finalmente encontra o lugar no qual está vindo os gritos, era uma bruxa sendo queimada por vários outros, pedindo ajuda”*, última coluna da figura 12. Percebemos, portanto, que o S2 dá sequência à sua narrativa, com a inclusão de elementos que detalham os acontecimentos das personagens.

7.9 Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*

Quanto ao estilo do romance, aplicável à análise da *Fic2*, Bakhtin (2015) esclarece-nos a “originalidade estilística do gênero romanesco”. Por conseguinte, podemos realizar as seguintes correlações entre a teoria bakhtiniana e a análise da *Fic2*: 1. O falante e sua palavra, Gabriela e seu discurso direto na *Fic2*, são representações verbalizadas e ao mesmo tempo ficcionais. Dessa forma, não há apenas a transmissão da palavra no diálogo, mas a representação literal da palavra do autor-criador. 2. O falante é, em sua essência, um ser social, visto que seu discurso é um discurso social, e 3. A linguagem do romance é sempre um ponto de vista peculiar em relação ao mundo, tanto do autor-criador quanto de seu herói.

Em relação aos gêneros do discurso bakhtinianos, podemos fazer a associação com o estilo inerente ao S2, na produção de seu artefato. Sendo assim, a *Fic2*, enquanto gênero discursivo, possui um conteúdo temático próprio, a história de terror,

que lança mão de artifícios de suspense em sua narrativa. Além disso, a *Fic2*, ao elencar seus elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais, estrutura-se a partir de um estilo próprio da linguagem. O estilo do autor-criador da *Fic2*, observado no perfil do sujeito realizado no início de nossa análise, dialoga com o resultado de sua produção ficcional. Nesse ínterim, observamos que:

- a) Com a produção da *Fic2*, o S2 teve oportunidade de ativar conhecimentos da situação comunicativa, inclusive para a realização das interações no grupo de *WA* das fanfiqueras. Como também, foi capaz de estimular nos outros sujeitos da pesquisa o desenvolvimento de ideias sobre o enredo de sua *Fic*, para que as sugestões fossem possíveis. Para nós, o mais importante foi a possibilidade de realizar a reescrita textual, que muitas vezes é colaborativa, como ocorre com a correção da *Fic* pela *beta*, por meio da utilização do *Google docs*. Há, por parte da *beta*, a ativação de conhecimentos gramaticais, lexicais e ortográficos para a realização da correção da *Fic*, o que verificamos na reescrita da *Fic2*.
- b) As produções ficcionais, como a *Fic2*, dialogam com a realidade da sociedade heterogênea, multicultural e multilíngue do século XXI. Nesse sentido, a realização de interações, como as realizadas pelos sujeitos de nossa pesquisa em um grupo de *WA*, demandam, da parte dos leitores e dos produtores das *Fics*, novas capacidades de compreensão, com o intuito de interagir com os multiletramentos emergentes, os quais carecem de significação.

Os multiletramentos, nesse contexto, têm relação com a vivência na prática e não apenas com o conhecimento adquirido na escola. Nessa perspectiva, as práticas sociais de nossos sujeitos comprovam que as práticas sociais de letramento estão em todos os lugares, atualizando-se no tempo e na cultura. Dessa forma, a cultura da convergência das mídias impulsiona as produções das *Fics*, e o universo juvenil permite a criação de histórias que “mergulham” nesse mundo. Um exemplo disso é a *Fic2*, uma vez que o S2 a produz a partir de sua paixão por histórias de terror e de suspense, e inspira-se na série da *Netflix*.

Sob esse prisma, a *Fic2* possibilita aos leitores do *site Wattpad* a prática dos multiletramentos, uma vez que a escrita de *Fics* favorece os processos de leitura

online nas formas textuais e não textuais, há várias imagens nas *Fics*, incluindo capas para os livros (como as que se encontram em anexo) e imagens de personagens que existem no meio midiático. Essa prática favorece o senso criativo e imaginativo de seu autor-criador, além de uma análise crítica e contextual de seus acontecimentos.

- c) O letramento digital é outro ponto relevante para nossa pesquisa, pois, observamos que todos os sujeitos participantes são nativos digitais, já que conhecem o hipertexto e as hipermídias e têm facilidade com o mundo virtual. Além disso, ressaltamos a importância para esses jovens do uso das TDM, como possibilidade real de fazer uso de vários recursos semióticos, como alguns que foram utilizados nas interações da *Fic2*, como os *emojis* e os *stickers*.

Em relação aos benefícios da escrita *online*, verificamos, na análise da *Fic2*, a existência da escrita em meio digital, enquanto possibilidade de projeção de identidades, estabelecendo a compreensão do “eu” do âmbito *off-line*, no ambiente *online*. Dessa forma, quando o autor-criador escreve suas *Fics*, direciona-as para diferentes grupos de leitores, sejam eles previstos, como é o caso das fanfiqueiras que participam do grupo de *WA*, sejam eles imprevistos, visto que o *site Wattpad* é visitado por diversas pessoas em todo o mundo. Além disso, há, no ambiente *online*, o letramento como prática social, o que comprova a gama de possibilidades de aprendizagem por meio da escrita em ambiente digital. Essa aprendizagem, portanto, engloba desde a utilização de recursos semióticos e multimodais à prática do letramento digital.

7.10 Síntese da análise da *Fic2*

Em consonância com nosso primeiro objetivo específico: interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo, segue nosso terceiro quadro-resumo (quadro 3):

Quadro 3- Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic2* – S2).

Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana	
Forma composicional e linguística	<p>A <i>Fic2</i> representa a concretização do conteúdo axiologicamente enformado pelo autor-criador, em uma certa forma composicional e linguística. O objeto estético, enquanto resultado de uma construção, estabelece relação do autor-criador com sua criação, a <i>Fic2</i>.</p> <p>O S2 buscou a forma composicional de sua <i>Fic2</i>, ao transpor da linguagem situada para o plano axiológico a forma de seu conteúdo, materializado na <i>Fic2</i>.</p> <p>A forma composicional da <i>Fic2</i> organiza o material, cujo caráter é utilitário e permite aos outros sujeitos realizarem interações e sugestões em seu conteúdo enformado.</p>
	<p>Foi o autor-criador, S2, que deu vida ao seu herói, Gabriela, ao dar início ao conteúdo de sua produção ficcional, visto que o S2: 1. Regista os eventos da vida da personagem Gabriela, baseada na série <i>Marianne</i> da <i>Netflix</i>, a partir de sua posição axiológica; 2. Realiza os recortes da vida de sua personagem principal e 3. Reorganiza-os sob o viés</p>

<p style="text-align: center;">Conteúdo temático</p>	<p>estético, tendo por base sua própria posição axiológica.</p> <p>A construção da <i>Fic2</i> demonstra, em sua essência, elementos sociais e históricos que determinam seu conteúdo temático. Há, nesse sentido, posições socioavaliativas do autor-criador, em detrimento das múltiplas inter-relações responsivas de seus sujeitos. Nesse viés, temos: 1. O conhecimento de mundo e a fonte de inspiração do S2, a série <i>Marianne</i>; 2. As interações realizadas no grupo de WA das fanfiqueiras, as quais têm forte influência na reescrita de seu objeto estético, a <i>Fic2</i>, e 3. A atitude responsiva do autor-criador, no que concerne às sugestões dadas nas interações.</p>
<p style="text-align: center;">Estilo</p>	<p>O S2 dá vida e acabamento ao seu herói, no caso da <i>Fic2</i>, Gabriela, e também ao seu mundo. Especificamente em relação ao estilo, na perspectiva da Arquitetônica bakhtiniana, temos, na <i>Fic2</i>, os procedimentos pelos quais o autor-criador fez uso para dar forma e acabamento ao seu herói e ao seu mundo. Nesse processo, destacam-se a elaboração e a materialização de um conteúdo enformado.</p> <p>Logo, os elementos utilizados pelo S2, para a construção de sua narrativa,</p>

	coadunam com o próprio estilo do autor-criador.
--	---

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

Em relação ao nosso segundo objetivo específico: identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta*, segue nosso quarto quadro-resumo (quadro 4):

Quadro 4 - Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta* (*Fic2* – S2).

Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados:	
aos multiletramentos	<p>As produções ficcionais, como a <i>Fic2</i>, dialogam com a realidade da sociedade heterogênea, multicultural e multilíngue do século XXI. Os multiletramentos, nesse contexto, têm relação com a vivência na prática e não apenas com o conhecimento adquirido na escola.</p> <p>As práticas sociais de nossos sujeitos comprovam que as práticas sociais de letramento estão em todos os lugares, atualizando-se no tempo e na cultura. Dessa forma, a cultura da convergência das mídias impulsiona as produções das <i>Fics</i>, e o universo juvenil permite a criação de histórias que “mergulham” nesse mundo. Um exemplo disso é a <i>Fic2</i>, uma vez que o S2 a produz a partir</p>

	<p>de sua paixão por histórias de terror e de suspense, e inspira-se na série da <i>Netflix</i>.</p> <p>Sob esse prima, a <i>Fic2</i> possibilita aos leitores do <i>site Wattpad</i> a prática dos multiletramentos, uma vez que a escrita de <i>Fics</i> favorece os processos de leitura <i>online</i> nas formas textuais e não textuais, há várias imagens nas <i>Fics</i>, incluindo capas para os livros e imagens de personagens que existem no meio midiático. Essa prática favorece o senso criativo e imaginativo de seu autor-criador, além de uma análise crítica e contextual de seus acontecimentos.</p>
<p>à intergenericidade poética e discursiva</p>	<p>O S2 dá destaque, em sua escrita ficcional, ao gênero drama. De acordo com a pergunta 9 da entrevista semiestruturada: “<i>eu gosto de escrever que o personagem tenha problemas sabe, muitos problemas familiares, porque um ajuda o outro e assim um relacionamento vai andando melhor e os protagonistas vão andando melhor</i>”.</p> <p>Podemos fazer a associação com o estilo inerente ao S2, na produção de seu artefato. Sendo assim, a <i>Fic2</i>, enquanto gênero discursivo, possui um conteúdo temático próprio, a história de terror, que lança mão de artifícios de</p>

	<p>suspense em sua narrativa. Além disso, a <i>Fic2</i>, ao elencar seus elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais, estrutura-se a partir de um estilo próprio da linguagem.</p>
<p>à colaboração da <i>beta</i></p>	<p>Para nós, o mais importante foi a possibilidade de realizar a reescrita textual, que muitas vezes é colaborativa, como ocorre com a correção da <i>Fic</i> pela <i>beta</i>, por meio da utilização do <i>Google docs</i>. Há, por parte da <i>beta</i>, a ativação de conhecimentos gramaticais, lexicais e ortográficos para a realização da correção da <i>Fic</i>, o que verificamos na reescrita da <i>Fic2</i>.</p>

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

7.11 Perfil do (S5) a partir da entrevista semiestruturada

O S5 tem preferência por escrever temas relacionados à temática *LGBTQIA+*, ao racismo, ao preconceito e a outros temas sociais, como também comédia e romance. Nas palavras do S5: *“Eu acho que os temas mais populares são os temas LGBTQIA+ com certeza é um tema que pega todo mundo, pessoas que talvez não gostem, pessoas que, tipo, não são assumidas e se colocam no lugar dos personagens e se reconhecem lá.”*

Em relação aos temas de romance, o S5 esclarece-nos que: *“Eu tento pegar casais que, tipo, eu tenho mais intimidade, tentar escrever ideias não só de romance, tentar pegar temas históricos também ajudam bastante e colocar um pouco de comédia. Eu acho que comédia ajuda bastante na Fic, tira um ar meio pesado.”*

Durante a realização da pesquisa, pudemos observar que as temáticas desenvolvidas pelo S5 eram bem diferentes das *Fics* produzidas pelos outros sujeitos, a exemplo de histórias híbridas, que misturam pessoas meio humanas, meio animais, e a temática que escolhemos para analisar, que trata da mitologia grega.

Na opinião do S5, é importante fazer comentários no grupo de *WA* das fanfiqueiras, em suas palavras: *“porque a cada momento você vai evoluindo com os comentários, ou até mesmo nos estudos, você vai aprendendo coisas novas e vai acrescentando.”* O S5 também envia suas *Fics* para correções ortográficas da *beta*, pois sentiu necessidade de ajuda em questões gramaticais, visto que, no começo da pesquisa, foi o sujeito que mais se sentia incomodado com os comentários sobre seus erros no grupo de *WA* das fanfiqueiras. Ressaltamos que, durante a realização da pesquisa, também pudemos constatar que o S5 foi o sujeito que mais evoluiu em relação à aquisição da norma culta e à organização das ideias, comprovando a adequação da escrita ao meio digital em um gênero discursivo que exige o uso da norma culta, confirmando a aprendizagem de nossos sujeitos.

Ademais, O S5 relata que, após conhecer o mundo das *Fics*, melhorou muito na escola, passou a ler mais e interpretar melhor questões textuais, além de progredir na produção textual e em outras áreas do conhecimento. Suas principais inspirações vêm de livros, filmes, mangás e animes. Ao ser questionado se sua leitura e escrita melhoraram depois que conheceu as *Fics*, o S5 respondeu: *“com certeza, antes eu não lia muito, eu dizia que filme era melhor do que livro e a partir das Fanfics eu comecei a ler, eu vejo que minha leitura está mais rápida. Palavras que eu não conhecia antes, agora eu conheço e me ajuda bastante.”*

7.12 Breve contextualização da *Fic3* (S5)

O enredo da *Fic3* está relacionado aos deuses gregos, temática muito apreciada pelo S5. O título da *Fic* *“Drinking with Dionysus”* foi inspirado em uma música de mesmo título da banda coreana *BTS*. Além disso, o S5 relata que a partir da leitura do livro *Perc Jackson e os Olimpianos*, do escritor norte-americano *Rick Riordan*, mais conhecido por essa obra, sentiu vontade de escrever uma *Fic* com essa temática.

A *Fic3* possui como personagem principal Park Jimim, integrante da banda *BTS*, que sonha com os deuses gregos, inclusive, sonha que participa desse universo mitológico. Na verdade, durante a leitura da *Fic2*, não percebemos se os acontecimentos ocorrem na Grécia ou na vida de Park Jimim, pois o S5 mistura as duas realidades. É interessante observar como o S5 elenca os elementos mitológicos, sejam nas descrições das personagens, sejam nos próprios acontecimentos. Gostaríamos de ressaltar que o S5, entre os cinco sujeitos da pesquisa, foi o que demonstrou mais dificuldade em realizar as produções, em virtude de ter despertado para a escrita de *Fics* a partir de nossa pesquisa, pois, anteriormente, apenas lia *Fics*.

O livro *Perc Jackson e os Olimpianos*, cuja obra completa possui cinco livros de aventura e fantasia, é um *best-seller* e retrata a mitologia grega em pleno século XXI, o que, para o S5, chamou sua atenção e o fez correlacioná-lo tanto aos personagens da banda *BTS* como também aos da banda sul-coreana *Seventeen*, os quais possuem uma forte relação de afeição. O S5 realizou a leitura do volume 1 da obra completa, intitulada *O Ladrão de Raios*. Nas palavras do S5: “*Nossa, eu me apaixonei pela temática, resolvi estudar mais sobre a mitologia grega e comecei a pesquisar vídeos no Youtube para assistir. Então, achei que seria muito interessante escrever uma Fic sobre mitologia grega e mostrar um pouco do que eu aprendi.*”

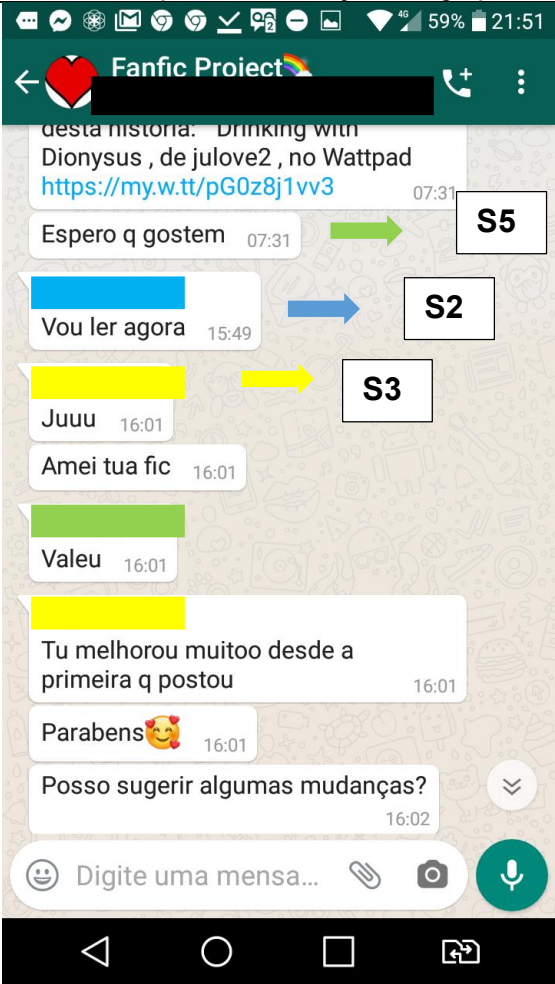
Ademais, ainda em relação à fonte de inspiração do S5 para escrever a *Fic3*, ressaltamos que a outra banda que influenciou a escolha de alguns dos personagens da *Fic*, a banda *Seventeen*, é uma banda dividida em subunidades, especializadas em *hip-hop unit*, *vocal unit* e *performance unit*. O S5 admira o envolvimento dos membros da banda, tanto na composição das músicas quanto na montagem da própria coreografia. Outro dado que o S5 chama atenção é em relação ao álbum *Love & Letter*, lançado pela banda exatamente no horário da meia-noite e que foi sucesso absoluto de vendas.

O S5 esclarece que as pesquisas realizadas em meio digital (*sites* e vídeos no *Youtube*) foram imprescindíveis para a escrita de sua *Fic*; como também ressalta a relevância da leitura do *best seller* do escritor norte-americano, sua fundamental fonte de inspiração, responsável por despertá-la para a temática da mitologia grega. Por conseguinte, podemos confirmar que a leitura e a produção textual em meio digital ajuda os sujeitos de nossa pesquisa a desenvolverem suas habilidades e competências textuais. Como afirma o S5 quando questionado sobre sua melhoria na escola: “*com certeza, antes eu não lia muito, eu dizia que filme era melhor do que*

livro” e confirma que as *Fics* o incentivaram a ler mais e também a escrever melhor, inclusive a conhecer novas palavras.

O S5 explica que a possibilidade de os deuses se relacionarem com os seres humanos no livro chamou muito sua atenção, a temática do amor entre deuses e humanos foi tratada na *Fic3*. No decorrer do livro, em vários momentos, o escritor norte-americano retoma detalhes sobre os deuses, o que norteou bastante a escrita da *Fic3*. Verificamos que as pesquisas realizadas pelo S5, antes e durante a produção de sua *Fic*, possuem reflexos positivos nos trechos escolhidos para nossas análises.

Figura 13 - Trechos da *Fic3* e *print* das interações no grupo de WA das fã-queiras.

<p>Olimpo, criado para ser a morada dos deuses, após a derrota de Cronos contra Zeus e os demais deuses, situado no norte da Grécia, próximo ao mar Egeu [...]</p> <p>É morada dos 12 principais deuses do olímpicos, dois deles moram em seus respectivos reinos Poseidon, deus do mar, no mar e Hades no submundo – os outros 10 no palácio.</p> <p>E, finalmente, Dionísio E, finalmente, Dionísio, o deus da natureza, fecundidade, alegria e do vinho, sendo assim o deus mais embriagado do Olimpo, sem contar o quão patético ele fica bêbado. – PARK JIMIN, ESTOU FALANDO COM VOCÊ, ACORDA! Escuto Hobi falar furioso, me fazendo levantar atordoado.</p>		<p><i>“Zeus, deus dos raios e da justiça e dos deuses. Muitas vezes, despreocupado, mas considerado sábio e justo, porém severo em seus castigos para os mortais e também para os deuses.”</i></p> <p>Olimpo, criado para ser a morada dos deuses, após a derrota de Cronos contra Zeus e os demais deuses, situado no norte da Grécia, próximo ao mar Egeu [...]</p> <p>É morada dos 12 principais deuses do olímpicos, dois deles moram em seus respectivos reinos Poseidon, deus do mar, no mar e Hades no submundo – os outros 10 no palácio, como Zeus, Hera, Ares, Deméter, Apolo, Ártemis, Hefesto e Afrodite.</p> <p>[...]</p>
---	---	--

Fonte: Imagem do grupo de WA das fã-queiras e transcrições do *site Wattpad*

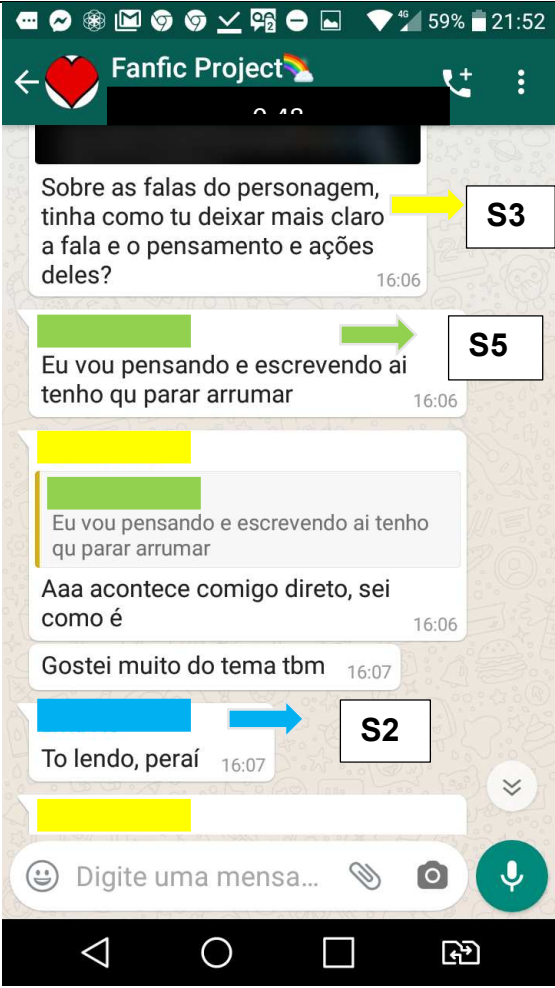
O S5 anuncia no grupo de WA das fanfiqueiras que postou sua *Fic*, compartilha o *link* no grupo e acrescenta: “*Espero que gostem.*” Os sujeitos 2 e 3 dão início às interações com o S5. Gostaríamos de chamar a atenção para a fala do S3, que sempre participa das interações no grupo: “*Tu melhorou muito desde a primeira que postou. Parabéns*”. Realmente, ao longo das nossas observações, verificamos uma grande evolução do S5, tanto em questões de coesão quanto coerência textual, além de um amadurecimento do próprio gênero discursivo *Fic*.

A escrita da *Fic3*, em seu início, primeira coluna da figura 13: “*Olimpo, criado para ser a morada dos deuses, após a derrota de Cronos contra Zeus e os demais deuses, situado no norte da Grécia, próximo ao mar Egeu [...] É morada dos 12 principais deuses do olímpicos, dois deles moram em seus respectivos reinos Poseidon, deus do mar, no mar e Hades no submundo – os outros 10 no palácio*”, faz com que o S3 pergunte se pode indicar mudanças. Então, o S3 sugere que o S5 traga mais detalhes para a *Fic3*, principalmente do universo da mitologia grega.

A partir da sugestão dada pelo S3, o S5 resolve acrescentar detalhes introdutórios na *Fic3*: “*Zeus, deus dos raios e da justiça e dos deuses. Muitas vezes, despreocupado, mas considerado sábio e justo, porém severo em seus castigos para os mortais e também para os deuses.*”, terceira coluna da figura 13. Além disso, no final da descrição do reino e de seus residentes ilustres, o S5 também realiza outro acréscimo: “*como Zeus, Hera, Ares, Deméter, Apolo, Ártemis, Hefesto e Afrodite. [...]*”, detalhando alguns dos dez deuses anunciados na escrita da *Fic3*.

O S5 cria toda uma ambientação mitológica, descrevendo cenários, personagens, diálogos contextualizados, para, em seguida, inserir o personagem da banda *BTS*, Park Jimin, acordando de um sonho mitológico. Mais adiante, verificaremos que a mitologia grega vai perpassar todo o enredo da *Fic3*, com detalhes que comprovam que realmente o S5 realizou pesquisas sobre a temática.

Figura 14 - Trecho da *Fic3*, *print* das interações no grupo das fanfiqueras e trecho da reescrita da *Fic3*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>- Calma, não precisa gritar, minha cabeça está doendo – abro os olhos com dificuldade pela luz por causa do ser brilhante do que esta na minha frente, já que apolo é o deus do sol, da música, da profesia e outros que não me lembro agora.</p> <p>- Claro isso que dá misturar seus experimentos alcoólicos com o néctar do Olimpo. Hobi passa a mão no rosto em sinal de nervosismo andando de um lado para o outro, olho pra ele sem entender [...]</p>	 <p>Sobre as falas do personagem, tinha como tu deixar mais claro a fala e o pensamento e ações deles? 16:06</p> <p>Eu vou pensando e escrevendo ai tenho qu parar arrumar 16:06</p> <p>Eu vou pensando e escrevendo ai tenho qu parar arrumar</p> <p>Aaa acontece comigo direto, sei como é 16:06</p> <p>Gostei muito do tema tbm 16:07</p> <p>To lendo, perai 16:07</p>	<p>- Por que você está andando de um lado para o outro? Estou ficando mais tonto que o normal. Nunca tinha o visto o Hobi ficar assim depois de uma das minhas “festas”.</p> <p>- Você organizou uma festa sem Zeus saber e seus discípulos entrarem nos aposentos dele, pegaram um dos raios dele e destruíram artefatos que estavam lá e ainda mandaram uma carta para Hades dizendo que o rap dele é ruim, e acredite ele não está muito feliz. Ele suspirou, me olhou e saiu da sala, me deixando só com as possibilidades de castigo que o todo poderoso me daria.</p> <p>[...]</p>
---	--	--

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueras e transcrições do *site Wattpad*

Na primeira coluna da figura 14, temos uma parte do diálogo entre as personagens Hobi e Jimim: “- *Calma, não precisa gritar, minha cabeça está doendo – abro os olhos com dificuldade pela luz por causa do ser brilhante do que esta na minha frente [...]*”, como também: “- *Claro isso que dá misturar seus experimentos alcoólicos com o néctar do Olimpo [...]*”, o que não se apresenta suficientemente detalhado, na opinião do S3.

Sendo assim, o S3 sugere ao S5 os acréscimos de falas, pensamentos e ações das personagens, com mais clareza para os leitores. Na terceira coluna, percebemos que o S5 atendeu à solicitação do S3: “- *Por que você está andando de um lado para o outro? Estou ficando mais tonto que o normal. Nunca tinha o visto o Hobi ficar assim depois de uma das minhas “festas”*”, visto que primeira escrita da *Fic3* não existiam esses detalhes.

Percebemos também que o S2 faz um comentário no grupo de *WA* das fanfiqueiras: “*To lendo, pera!*”. Destacamos que o S2 participa de outros momentos das interações sobre a *Fic3*, porém não emite nenhuma opinião de acréscimos à *Fic*, apenas comenta que gostou, que está perfeita e que as relações estabelecidas pelo S5 entre os deuses gregos e os cantores das bandas *BTS* e *Seventeen* foram muito criativas, em sua opinião. Como nosso intuito é verificar até que ponto as interações/sugestões realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras influenciam na reescrita das *Fics*, optamos por não selecionar os *prints* em que o S2 dá opiniões de satisfação ou elogio ao S5 e à sua *Fic*.

Além disso, destacamos a maneira como o S5 constrói seu enredo, ao elencar, gradativamente, elementos de suas pesquisas sobre a mitologia grega, associados ao universo das bandas, cujos personagens se inspiraram nelas. Ou seja, conseguir associar em uma *Fic* elementos mitológicos ao universo coreano, cujas bandas vêm a cada dia ganhando mais fãs e influenciando mais jovens positivamente, demonstra uma habilidade de concatenação que realmente é admirável, principalmente, porque, no início da pesquisa, o S5 demonstrava muita dificuldade em questões de coesão e coerência textuais.

Figura 15 - Trecho *Fic3*, *print* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da *Fic3*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>Resolvo tomar coragem e me levanto do sofá ainda tem muitas pessoas jogadas no chão, resolvo ir aos meus aposentos para dar um jeito na minha cara e tirar o cheiro de álcool de mim (se é que é possível). Depois de banho reúno coragem e vou falar com Zeus – não pode ser tão ruim assim né?</p> <p>passo pelos corredores de mármore branco, e finalmente chego na frente das portas de ouro que dá para o salão principal. Abro as portas com um certo receio [...]</p>		<p>- Jeonghan, por favor, seja bonzinho, hum? Eu nunca fiz nada para você. Tento apelar, mas acho que não vai dar muito certo.</p> <p>- Claro, por que não? já que você embebedou Ares, que dormiu com uma de suas seguidoras, transformou a água do Olimpo em vinho, na hora do meu banho, e pegou uma das flechas do amor e acertou em uma pessoa bagunçando o destino. Engulo seco, já sabendo o que está por vir. [...]</p>
--	---	---

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do site *Wattpad*

Nesse *print* do grupo de WA das fanfiqueiras, percebemos que não ficou claro para o S3, sujeito que sempre participa das interações e que mais produziu *Fics* durante o período de nossas observações, se o enredo da *Fic3* se passa na época dos deuses gregos ou nos dias atuais. Esse fato ocorre em virtude da fonte de inspiração do S5, o livro do escritor norte-americano, relatar a mitologia grega em pleno século XXI. Ou seja, o S5 foi influenciado pelo enredo da obra *Perc Jackson e os Olimpianos*, a ponto de confundir o S3 que é especializada em *Fics*.

No trecho da *Fic3*, antes das interações no grupo de WA das fanfiqueiras, não havia partes de diálogos entre as personagens e o narrador, como podemos observar no trecho: “*Resolvo tomar coragem e me levanto do sofá ainda tem muitas pessoas jogadas no chão, resolvo ir aos meus aposentos para dar um jeito na minha cara e tirar o cheiro de álcool de mim (se é que é possível). Depois de banho reúno coragem e vou falar com Zeus – não pode ser tão ruim assim né? como também: “passo pelos corredores de mármore branco, e finalmente chego na frente das portas de ouro que dá para o salão principal. Abro as portas com um certo receio.*”

Após a sugestão dada pelo S3: “*Tipo especificar quem está falando?*”, o S5 resolve atender à sugestão e insere na *Fic3* reescrita diálogos entre as personagens: “- *Jeonghan, por favor, seja bonzinho, hum? Eu nunca fiz nada para você. Tento apelar, mas acho que não vai dar muito certo*” como também: “*Claro, por que não? já que você embebedou Ares, que dormiu com uma de suas seguidoras, transformou a água do Olimpo em vinho, na hora do meu banho, e pegou uma das flechas do amor e acertou em uma pessoa bagunçando o destino. Engulo seco, já sabendo o que está por vir*”, última coluna da figura 15.

Mais uma vez, verificamos o quanto as sugestões dadas no grupo de WA das fanfiqueiras influenciam na reescrita das *Fics* de nossos sujeitos. Outrossim, ressaltamos que, durante o processo de reescrita da *Fic3*, o S5 solicitou ajuda da *beta* para correção de sua produção ficcional, processo realizado por meio do envio da *Fic* por email e correção pelo *Google docs*.

Figura 16 - Trecho *Fic3*, *print* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da *Fic3*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>[...]</p> <p>- Poupe-me de suas desculpas, não é a primeira vez que aturamos uma de suas travessuras, e está na hora de você aprender que toda ação tem consequências, e como o Deus da justiça seu castigo será dada por Afrodite.</p> <p>Meu sorriso morreu imediatamente... ele tinha que escolher logo ela, eu aceitaria ir ao submundo, mas não um castigo dela.</p> <p>[...]</p>		<p>[...]</p> <p>Ela ama os produtos de beleza, e depois que ela descobriu os padrões de beleza asiática, resolveu aderir. Não só ela resolveu fazer isso, mas todo Olimpo, sem contar que pediu para que tivéssemos que usar nomes de asiáticos também, e como não queríamos suportar sua fúria e flechas do amor, resolvemos concordar. Ela está na forma de um homem com cabelos castanhos até o ombro, um quíton branco com detalhes dourados e seus braceletes de ouro.</p> <p>[...]</p>
---	---	--

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do site *Wattpad*

O enredo da *Fic* tem sequência e o S5 insere novos elementos da mitologia grega à sua escrita ficcional, o que podemos perceber no trecho: “[...] e está na hora de você aprender que toda ação tem consequências, e como o Deus da justiça seu castigo será dada por Afrodite [...].” Logo abaixo da capa da *Fic3*, local em que o S5 coloca uma taça de vinho com chamas ao fundo (imagem em anexo, junto aos *prints* da escrita e da reescrita da *Fic3*), há um anúncio: “Onde Afrodite manda o pior castigo que um deus poderia ter, se apaixonar por um humano.” Em depoimento sobre a escrita da *Fic3*, o S5 esclareceu que a parte do livro, *Perc Jackson e os Olimpianos*, que mais lhe chamou atenção foi justamente a possibilidade dos deuses gregos se apaixonarem por humanos, por este motivo, o S5 resolve inserir em seu enredo esse contexto amoroso.

Da mesma forma, foram anunciadas, após a capa da *Fic3*, informações sobre Afrodite, além da sugestão dada pelo S3: “Tu vai colocar algumas frases ou expressões gregas ou comuns por lá e etc? Ficaria interessante.” Logo após a sugestão, o S5 se pronuncia: “Eu pesquisei e Afrodite gosta de fazer os deuses se apaixonar por mortais”, confirmando a informação anterior à escrita da *Fic3*, no próprio site *Wattpad*. Constatamos que, após a sugestão dada pelo S3, o S5 inclui detalhes da mitologia ao descrever características de Afrodite: “Ela ama os produtos de beleza, e depois que ela descobriu os padrões de beleza asiática, resolveu aderir. Não só ela resolveu fazer isso, mas todo Olimpo, sem contar que pediu para que tivéssemos que usar nomes de asiáticos também, e como não queríamos suportar sua fúria e flechas do amor, resolvemos concordar.”

Outro dado interessante, também comentado em um trecho pelo S2, é o fato de um personagem da banda *BTS* ser Afrodite na *Fic3*: “Ela está na forma de um homem com cabelos castanhos até o ombro, um quítion branco com detalhes dourados e seus braceletes de ouro”. Sendo assim, podemos observar que o principal acréscimo sobre os elementos mitológicos foi a inclusão do termo grego *quítion*, cujo significado encontra-se no final da reescrita da *Fic3*.

Figura 17 - Trecho *Fic3*, *print* das interações no grupo das fanfiqueras e trecho da reescrita da *Fic3*, após as interações no grupo de *WA*.

[...]

Então, gente espero que tenham gostado, esta corrigida.

Zeus – Kim Nanjoon, Dionysius – Jimim, Apolo – Jung Hoseok, Afrodite – Yoon Jeonghan, Hades – Min Yoongi. Os outros colcarei no decorrer da fic.

*Quíton é uma peça de vestuário utilizada na Grécia antiga. Era uma túnica utilizada tanto por homens como por mulheres, estendida, era basicamente um retângulo de tecido.

Fonte: Imagens do grupo de *WA* das fanfiqueras e transcrições do site *Wattpad*

Na figura 17, optamos por apresentar dois *prints* das interações realizadas no grupo de *WA*, em virtude da presença do S2 na primeira coluna, e do diálogo com *stickers*, na segunda coluna. O S3 informa ter encontrado na *Fic3* alguns erros ortográficos, os quais, em sua opinião, não interferem na leitura. Mais uma vez podemos observar a preocupação dos sujeitos em relação à norma culta da língua, embora, muitas vezes, haja a presença de abreviações e neologismos compreensíveis aos sujeitos que realizam constantemente práticas nessa rede social.

Como foi informado, o S2 realiza elogios ao S5, informa ter gostado da temática dos deuses gregos e corrobora com o pensamento do S3: “*Vdd. Tá perfeito!! Tudo bastante detalhado com as palavras bem formal falando sobre o acontecimento, deu uma ideia de tempo e lugar.*” É interessante observar que o S5 decide acrescentar informações sugeridas no grupo em relação a dados específicos do universo mitológico da Grécia antiga: “*Posso colocar no final do cap.*”

O acréscimo, após as sugestões dos S3 e S2, é percebido realmente no final da reescrita da *Fic3*: “*Zeus – Kim Nanjoon, Dionysius – Jimim, Apolo – Jung Hoseok, Afrodite – Yoon Jeonghan, Hades – Min Yoongi. Os outros colocarei no decorrer da fic.*” Ou seja, podemos verificar a preocupação do S5 em atender às sugestões dadas no grupo de *WA*, ao correlacionar as personagens da *Fic3* (todos componentes das bandas *BTS* e *Seventeen*) aos deuses gregos, cujas características apresentadas refletem detalhes das pesquisas realizadas pelo S5 para a escrita de sua *Fic* sobre a mitologia grega.

Por fim, ainda na última coluna da figura 17, verificamos o cuidado do S5 em elucidar o significado do objeto grego utilizado na descrição da última coluna da figura 17: “[...] *um quítion branco com detalhes dourados e seus braceletes de ouro [...]*”. Dessa forma, observamos que a *Fic3* termina com o significado de *quítion*: “*é uma peça de vestuário utilizada na Grécia antiga. Era uma túnica utilizada tanto por homens como por mulheres, estendida, era basicamente um retângulo de tecido.*”

7.13 Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic3*)

Forma Composicional e Linguística: Para Bakhtin (2002), a forma é correlata ao conteúdo, ou seja, na forma, há a compreensão do conteúdo, com critérios éticos e cognitivos enquanto significação. Nesse sentido, compreendemos o conteúdo como um elemento da forma composicional. No caso da *Fic3*, podemos verificar essa relação: forma *versus* conteúdo de maneira clara, uma vez que os elementos que o S5 utiliza para dar forma ao seu artefato elencam conteúdos do universo da mitologia grega.

Ao analisar a categoria arquitetônica da forma composicional na *Fic3*, devemos seguir os critérios bakhtinianos, os quais nos esclarecem que a forma desmaterializa-se para se organizar enquanto expressão artística de seu autor-criador. No que concerne à *Fic3*, o S5 deu forma à sua *Fic*, ao construir uma ambientação mista, predominantemente mitológica, com características do universo coreano, em virtude de suas personagens representarem seus heróis constituídos por deuses gregos.

Além disso, ressaltamos que os heróis da *Fic3* estão inseridos no contexto sócio-histórico e culturalmente construído, tanto da mitologia grega quanto do século XXI, a exemplo do enredo do livro *Perc Jackson e os Olimpianos*, que serviu de fonte de inspiração para a *Fic3*. Além disso, o objeto estético está imbricado às diversas conexões volitivo-emotivo-axiológicas do S5, já que suas atividades estéticas são inerentes à sua produção artística. Sob esse prisma, corroboramos com o princípio fundamental da atividade estética – a relação do autor-criador com seu herói e com seu mundo.

Outro ponto interessante para analisarmos é a própria atividade estética, indispensável para a construção da forma composicional e linguística, enquanto pensamento teórico discursivo. Ao realizarmos a leitura tanto da escrita quanto da reescrita da *Fic3*, verificamos a descrição dada pelo autor-criador, enquanto exposição histórica dos acontecimentos da narrativa, com destaque para sua intuição estética.

Ademais, destacamos o que Bakhtin (2002) nos esclarece, quando explicita que, relacionada à questão valorativa está a questão axiológica, só depois é possível alcançar a questão composicional. Sendo assim, compreendemos que o conjunto de valores do autor-criador levarão à utilização de uma determinada forma composicional. Quanto à questão linguística, podemos observar que o S5 possui um

zelo vocabular, uma vez que apresenta o cuidado em caracterizar sua *Fic* com marcas do universo da mitologia grega.

Conteúdo temático: Podemos estabelecer a seguinte relação: 1. O autor-criador (S5) encontra-se enraizado na história e na cultura; 2. O autor-criador é axiologicamente possível em si mesmo, a ponto de incluir, em sua produção ficcional, elementos do seu universo da cultura *K-pop*, enquanto fã das bandas *BTS* e *Seventeen*; e 3. O S5 é um ser único e valorativamente criador de seu conteúdo enformado, a *Fic3*. Ou seja, as escolhas do autor-criador permitem a construção estética de um mundo próprio e de um herói, este também inserido em mundo que lhe é inerente.

Na *Fic3*, verificamos o conteúdo temático dos deuses gregos, axiologicamente enformado pelo S5, o que significa que a composição do material ou artefato se dá pela sequência de informações do universo mitológico à constituição temática da *Fic3*, ressaltando a importância dos acréscimos sugeridos pelos S3 e S2, respectivamente. Dado esse que podemos observar no trecho: “*coloca, o cap e a fic vai ficar bem interessante*”, terceira coluna da figura 17.

Para uma melhor compreensão, realizamos a seguinte correlação: 1. O S5 dá forma ao conteúdo temático da *Fic3*, ao dialogar com suas fontes de inspiração: livro *Perc Jackson e os Olimpianos*, e fontes de pesquisa no meio digital; 2. O S5 registra eventos da vida, ao realizar a associação entre o universo da mitologia grega e o universo coreano das bandas que é fã; e 3. O conteúdo temático da *Fic3* é reorganizado esteticamente pelo autor-criador, a partir de sua posição axiológica.

É, portanto, do autor-criador o importante papel de materializar o conteúdo temático de sua produção ficcional, tanto com a vida real quanto com sua posição valorativa. Nesse sentido, o autor-criador transpõe de seu plano de valores para outros planos de valores (as apreciações dos outros sujeitos que realizaram a leitura de sua *Fic*). Dessa forma, o conteúdo material da *Fic3* é organizado para um novo mundo, o mundo do *site Wattpad*, o qual permite que diferentes leitores acessem seu conteúdo, visto que se encontra na rede mundial de computadores.

Outro fato que gostaríamos de chamar atenção é o ponto motriz, para Bakhtin (2002), no universo das práticas culturais, isto é, as posições socioavaliativas postas em uma dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas. Em outras palavras, todo ato cultural se move em uma atmosfera axiologicamente intensa de inter-determinações responsivas, o que podemos constatar ao observar as influências nas

das interações/sugestões, dadas no grupo de WA das fanfiqueiras, na reescrita da *Fic3*. Ademais, todo ato cultural, segundo Bakhtin (2002), assume uma posição valorativa frente a outras posições valorativas.

Essas posições assumidas pelo S5 consistem no que Bakhtin (2002) denomina filosofia da alteridade, ou simplesmente dialogismo. De uma maneira mais elucidativa temos: o dialogismo como o produto das reflexões sobre o princípio criativo fundamental do S5, ao dar vida a seu herói e “criar” literalmente um conteúdo temático para a sua *Fic*. Para tanto, o autor-criador se vale de suas reflexões sobre suas experiências de vida, assim como todo o conhecimento adquirido em suas fontes de pesquisa, para dar sentido à temática da mitologia grega, com características do universo coreano dos cantores que inspiraram suas personagens ficcionais.

Um bom exemplo dessa relação axiológica do autor-criador com seu herói é o fato de o S5 inserir a deusa grega Afrodite, representada por uma figura masculina, na verdade o que ocorre é a caracterização de um membro da banda *BTS* em Afrodite. Tal fato fica claro nas palavras do S2, durante as interações no grupo de WA: “*KKKK Ai jeoghan de Afrodite me matou*”. Outro exemplo da relação axiológica do autor-criador é a resposta dada pelo S5 à pergunta 18 da entrevista semiestruturada, ao ser questionado sobre a mensagem que pretende passar aos seus leitores, o S5 responde: “*de que o amor é possível de se acontecer e, tipo, pode até demorar, mas que um dia vai chegar. O amor romântico, fraterno, de se importar com as outras pessoas e se colocar no lugar do outro.*”

Estilo: De acordo com Bakhtin (2002), o estilo é o conjunto de procedimentos de que o autor-criador se utiliza para dar forma e acabamento ao seu herói. Nesse sentido, os procedimentos empregados pelo S5 determinam o estilo de sua produção ficcional; o que podemos observar quando o S5 responde à pergunta 18 da entrevista semiestruturada: *Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico em suas Fics?* E sua resposta é a seguinte: “*Vai depender da temática da Fanfic, por exemplo, se eu faço uma que remeta à escola, eu vou querer fazer mais um pouco de vocabulário que tem na escola; de realeza, eu vou trazer um vocabulário mais formal, mais poético.*”

Em MFL, Bakhtin/Volóchinov (2017) esclarece-nos que é possível ler que os participantes mais imediatos dos processos de interação verbal determinam a forma e o estilo ocasionados da enunciação. Na *Fic3*, verificamos que as interações/sugestões dadas no grupo de WA das fanfiqueiras tiveram importante

influência na constituição do estilo do S5, no tocante à reescrita da *Fic3*. Em diferentes momentos das interações, podemos comprovar essa influência, como no trecho da fala do S3: “*Tu vai colocar algumas frases ou expressões gregas ou comuns por lá e etc? Ficaria interessante.*”

Ainda em relação ao estilo, encontramos nas vozes que dão ao discurso do herói a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, tanto na ação interior quanto na ação exterior do romance, um mecanismo para análise do estilo de seu autor-criador. Na *Fic3*, os questionamentos que são realizados pelas personagens e pelo próprio narrador são um bom exemplo disso, visto que o enredo vai se reconstruindo, na reescrita da *Fic3*, tanto a partir das marcas dessas vozes quanto das marcas das vozes dos sujeitos que participam do processo de interação verbal.

Em PPD, Bakhtin (2018) chama-nos atenção à realidade vivida pelo herói, seu mundo exterior com seus costumes inseridos no processo de autoconsciência. Na verdade, o que ocorre é a transposição do campo de visão do autor-criador para seu herói, ou seja, a visão do S5 em relação tanto à mitologia grega quanto ao universo que permeia seus heróis, membros das bandas *BTS* e *Seventeen*.

A tensão ético-cognitiva é outro fator que determina o estilo no romance, uma vez que a unidade da tensão da vida, tanto do autor-criador quanto dos seus heróis, vai constituir a unidade de procedimentos que darão o acabamento ao herói e ao seu mundo. Nessa perspectiva, a visão que o S5 tem de seus heróis será refletida no acabamento do próprio herói, o que podemos verificar quando o S5 responde à pergunta 19 da entrevista semiestruturada: “*Com que frequência você costuma inserir seus heróis em suas Fics?*” E o S5 responde: “*Sempre, eles são, tipo, os casais são muito fofinhos e eu gosto de mostrar para as outras pessoas como eles são lindos juntos. O destaque são os heróis do BTS.*”

Na obra *Gêneros do Discurso*, Bakhtin (2016) advoga que onde há estilo há gênero. Em nossa pesquisa, consideramos a *Fic* um gênero discursivo, o que significa que tanto o estilo da língua quanto o estilo individual do autor-criador modificará o gênero *Fic*. Podemos, portanto, comprovar esse postulado ao comparar os estilos dos sujeitos participantes de nossa pesquisa. No caso do S5, as interações que são realizadas no grupo de *WA* das fã-clubes exercem forte influência no produto final de seu artefato. Podemos, então, atestar essa afirmação na resposta à pergunta 16 da entrevista semiestruturada, na qual o S5 afirma que os comentários realizados no grupo de *WA* enriquecem mais a *Fic* e ajudam mais no enredo da história.

7.14 Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*

No que diz respeito aos Multiletramentos, podemos relacionar o prefixo “*multi*” às práticas de letramento dos sujeitos S2, S3 e S5; também podemos perceber a influência da multiplicidade de culturas dos sujeitos, principalmente do S5, produtor da *Fic3*, no resultado de sua escrita ficcional. Além disso, nas interações, é recorrente a preocupação dos sujeitos em relação à hibridização dos letramentos, tanto vernaculares, zelo pela norma culta da língua; como com os diferentes campos de atividade dos próprios sujeitos, o universo midiático ou literário, por exemplo.

Rojo (2013) explica-nos que a expansão dos gêneros impuros, como ela denomina os gêneros da periferia, por meio das redes sociais, tanto nos meios físico quanto digital, cria espaços para interação. Nessa conjuntura, verificamos, em nossas análises, espaços intersticiais que vão se criando no mundo da escrita em meio digital. Por conseguinte, o gênero discursivo *Fic* estabelece diálogos com as questões culturais dos sujeitos participantes da pesquisa, o que podemos observar na análise da *Fic3*, quando o S5 cria um enredo ficcional a partir do universo mitológico.

Nessa perspectiva, os multiletramentos são desenvolvidos em nossos sujeitos, na medida em que possibilitam a observação das três dimensões para um sujeito multicultural: 1. Os sujeitos que produzem a *Fic*, como o S5, e os que participam do processo de interação, no caso dessa análise, os sujeitos S2 e S3 desenvolvem uma diversidade produtiva de linguagens, perfeitamente aplicável nos âmbitos escolar e de trabalho; 2. Há uma pluralidade enquanto âmbito da cidadania, em nossos sujeitos, as interações permitem que se relacionem entre si e interajam no grupo de *WA*; e, 3. Os sujeitos desenvolvem identidades multifacetadas no âmbito da vida pessoal.

Em relação à concepção de língua por nós adotada, concepção interacional (dialógica) da língua, as relações dialógicas estabelecidas pelos S2, S3 e S5 na *Fic3* determinam o sentido da *Fic*, o qual é construído na interação texto-sujeito. Dessa forma, compreendemos que é a alternância dos sujeitos participantes das interações sobre a *Fic3*, em um processo dialógico, que delimita, com maestria, os limites desse enunciado concreto. Ou seja, há um embasamento nas condições de comunicação e nos processos de interação entre os sujeitos do discurso.

Por fim, quanto à Teoria dos Gêneros Literários, destacamos que o ato de criar permite a seu produtor viagens por mundos inimagináveis, a *Fic3*, nessa perspectiva,

é fruto da capacidade de criação do S5. Nesse sentido, as imagens que são construídas pelos leitores das *Fic3* permitem construções de cenários, cenas, aromas, cores e formas inerentes ao universo mitológico.

Aristóteles, em sua *Poética*, esclarece-nos que as narrativas podem ser simples ou complexas. No caso da *Fic3*, podemos classificá-la como narrativa simples, pois seus elementos dialogam com o conhecimento adquirido por meio da pesquisa do autor-criador, limitando-se aos termos necessários para a compreensão de seus leitores, ou seja, não houve um aprofundamento dos elementos inerentes ao contexto da narrativa mitológica. O modelo criado pelo S5 consiste em um paradigma entre a concepção narrativa e a dramaticidade, a personagem Park Jimin vive um pequeno conflito ao ser levado a julgamento e ser sentenciado por Afrodite.

Observamos, a exemplo da *Fic3*, que nossos sujeitos utilizam com mais frequência o gênero narrativo para dar vida às suas *Fics*. Esse fato se explica em virtude de o romance ser a forma literária mais utilizada contemporaneamente, o que não exaure a possibilidade de haver traços de outros gêneros literários nas produções ficcionais. Há, por exemplo, na *Fic3*, a presença da dramaticidade, na construção dos diálogos das personagens e no conflito vivido pela personagem principal.

Nesse sentido, ratificamos que a linguagem dramática é própria do teatro e pode ser transferida para o contexto da *Fic3*, a partir do momento em que identificamos um teor de dramaticidade, visto que toda a narrativa pode ser compreendida no contexto que extrapola a narração. Temos, portanto, personagens que se inserem no meio midiático e vivem a mitologia em pleno século XXI, traduzindo a possibilidade intergenérica na *Fic3*.

A enunciação é outro ponto a ser analisado; a narração é uma enunciação, logo, tanto na *Fic3* quanto na linguagem com características da dramaticidade. Na *Fic3*, temos, em diferentes momentos, marcas enunciativas, como na primeira coluna da figura 15: “*resolvo ir aos meus aposentos para dar um jeito na minha cara e tirar o cheiro de álcool de mim (se é que é possível)*”, ou seja, há um diálogo interior da personagem principal da *Fic*, com tons de dramaticidade.

7.15 Síntese da análise da *Fic3*

Em consonância com nosso primeiro objetivo específico: interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo, segue nosso quinto quadro-resumo (quadro 5):

Quadro 5 - Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic3* – S5).

Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana	
Forma composicional e linguística	<p>No caso da <i>Fic3</i>, podemos verificar essa relação: forma <i>versus</i> conteúdo de maneira clara, uma vez que os elementos que o S5 utiliza para dar forma ao seu artefato elencam conteúdos do universo da mitologia grega.</p> <p>No que concerne à <i>Fic3</i>, o S5 deu forma à sua <i>Fic</i>, ao construir uma ambientação mista, predominantemente mitológica, com características do universo coreano, em virtude de suas personagens representarem seus heróis constituídos por deuses gregos.</p> <p>Além disso, ressaltamos que os heróis da <i>Fic3</i> estão inseridos no contexto</p>

	<p>sócio-histórico e culturalmente construído, tanto da mitologia grega quanto do século XXI, a exemplo do enredo do livro <i>Perc Jackson e os Olimpianos</i>, que serviu de fonte de inspiração para a <i>Fic3</i>. Ademais, o objeto estético está imbricado às diversas conexões volitivo-emotivo-axiológicas do S5, já que suas atividades estéticas são inerentes à sua produção artística.</p> <p>Quanto à questão linguística, podemos observar que o S5 possui um zelo vocabular, uma vez que apresenta o cuidado em caracterizar sua <i>Fic</i> com marcas do universo da mitologia grega.</p>
	<p>Podemos estabelecer a seguinte relação: 1. O autor-criador (S5), encontra-se enraizado na história e na cultura; 2. O autor-criador é axiologicamente possível em si mesmo, a ponto de incluir, em sua produção ficcional, elementos do seu universo da cultura <i>K-pop</i>, enquanto fã das bandas <i>BTS</i> e <i>Seventeen</i>; e 3. O S5 é um ser único e valorativamente criador de seu conteúdo enformado, a <i>Fic3</i>. Ou seja, as escolhas do autor-criador permitem a construção estética de um mundo</p>

<p style="text-align: center;">Conteúdo temático</p>	<p>próprio e de um herói, este também inserido em mundo que lhe é inerente.</p> <p>Para uma melhor compreensão, realizamos a seguinte correlação: 1. O S5 dá forma ao conteúdo temático da <i>Fic3</i>, ao dialogar com suas fontes de inspiração: livro <i>Perc Jackson e os Olimpianos</i>, e fontes de pesquisa no meio digital; 2. O S5 registra eventos da vida, ao realizar a associação entre o universo da mitologia grega e o universo coreano das bandas que é fã; e 3. O conteúdo temático da <i>Fic3</i> é reorganizado esteticamente pelo autor-criador, a partir de sua posição axiológica.</p>
<p style="text-align: center;">Estilo</p>	<p>Encontramos nas vozes que dão ao discurso do herói a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, tanto na ação interior quanto na ação exterior do romance, um mecanismo para análise do estilo de seu autor-criador. Na <i>Fic3</i>, os questionamentos que são realizados pelas personagens e pelo próprio narrador são um bom exemplo disso, visto que o enredo vai se reconstruindo, na reescrita da <i>Fic3</i>, tanto a partir das marcas dessas vozes quanto das marcas das vozes dos sujeitos que</p>

	participam do processo de interação verbal.
--	---

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

Em relação ao nosso segundo objetivo específico: identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta*, segue nosso sexto quadro-resumo (quadro 6):

Quadro 6 - Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta* (*Fic3* – S5).

Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados:	
aos multiletramentos	Os multiletramentos são desenvolvidos em nossos sujeitos, na medida em que possibilitam a observação das três dimensões para um sujeito multicultural: 1. Os sujeitos que produzem a <i>Fic</i> , como o S5, e os que participam do processo de interação, no caso dessa análise, os sujeitos S2 e S3, desenvolvem uma diversidade produtiva de linguagens, perfeitamente aplicável nos âmbitos escolar e de trabalho; 2. Há uma pluralidade enquanto âmbito da cidadania, em nossos sujeitos, as interações permitem que se relacionem entre si e interajam no grupo de <i>WA</i> ; e, 3. Os sujeitos desenvolvem identidades

	<p>multifacetadas no âmbito da vida pessoal.</p>
<p>à intergenericidade poética e discursiva</p>	<p>Quanto à Teoria dos Gêneros Literários, destacamos que o ato de criar permite a seu produtor viagens por mundos inimagináveis, a <i>Fic3</i>, nessa perspectiva, é fruto da capacidade de criação do S5. Nesse sentido, as imagens que são construídas pelos leitores das <i>Fic3</i> permitem construções de cenários, cenas, aromas, cores e formas inerentes ao universo mitológico.</p> <p>No caso da <i>Fic3</i>, podemos classificá-la como narrativa simples, pois seus elementos dialogam com o conhecimento adquirido por meio da pesquisa do autor-criador, limitando-se aos termos necessários para a compreensão de seus leitores. Ou seja, não houve um aprofundamento dos elementos inerentes ao contexto da narrativa mitológica. O modelo criado pelo S5 consiste em um paradigma entre a concepção narrativa e um teor de dramaticidade, a personagem Park Jimin vive um pequeno conflito ao ser levado à julgamento e ser sentenciado por Afrodite.</p>

à colaboração da beta	Ressaltamos que, durante o processo de reescrita da Fic3, o S5 solicitou ajuda da beta para correção de sua produção ficcional, processo realizado por meio do envio da Fic3 por email e correção pelo Google docs.
------------------------------	---

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

7.16 Perfil do (S1) a partir da entrevista semiestruturada

Ratificamos que, para o S1, a *Fic* é um refúgio para seus problemas pessoais, como também é uma forma de mostrar sua arte. Segundo informou na entrevista, quanto mais realiza leituras de *Fics*, mais conhecidas ficam as palavras para ele, visto que sua leitura enriqueceu muito, em termos de vocabulário, e o reflexo foi percebido em seu desempenho na escola. Em suas palavras: *“Minha leitura e escrita melhoraram 100%, palavras que eu não conhecia, hoje eu conheço e me ajuda, tipo, na redação, na escrita de palavras e na leitura também. Agora eu entendo mais as coisas, eu pego rápido e consigo também ter uma boa interpretação de texto.”*

Segundo o S1, as temáticas mais populares no universo das *Fics* são: *LGBTQIA+*, sobrenatural, *ABO*, família, comédia e *Mpreg* (o significado de cada tipo de *Fic* encontra-se no vocabulário em anexo). O drama é a sua temática preferida, envolvendo, principalmente questões familiares. Além disso, as inspirações do S1 vêm de filmes, livros e questões cotidianas, sempre utilizando seus heróis favoritos, os membros da banda coreana *BTS*. Acrescenta o S1 que seu estilo de escrita é mais filosófico, inclusive os outros sujeitos da pesquisa comentaram, em algumas interações observadas, que o S1 escrevia de maneira filosófica suas *Fics*.

O sujeito informou que, através das *Fics*, tem interesse em ajudar as pessoas a saírem da depressão, ansiedade e outras questões psicológicas. Por esse motivo, gosta de colocar em suas histórias ficcionais esses problemas, com o objetivo de suas histórias servirem de exemplo de superação, sobretudo, para jovens. Ademais, o sujeito acrescentou que não perde nenhuma inspiração para a escrita de suas *Fics*, por isso, está sempre realizando anotações, quando algo serve de modelo para sua criação ficcional.

Quando questionado se pretende passar alguma mensagem aos leitores de suas *Fics*, o S1 respondeu: *“Sim, de que o amor é possível de se acontecer e, tipo, pode até demorar, mas que um dia vai chegar. O amor romântico, fraterno, de se importar com as outras pessoas e se colocar no lugar do outro.”*

Além disso, acrescenta que: *“sim, eu tenho intenção de ajudar todo mundo com minhas histórias e ajudar pessoas que têm problemas, porque, geralmente, quando a gente escreve, eu já vi tanta gente dizendo: Nossa! Tua Fanfic ajuda tano no meu dia a dia [...] ajuda tanto eu ficar feliz e sair dessa depressão, ansiedade e outros tipos de doenças psicológicas. Geralmente, eu gosto de colocar esses assuntos nas abordagens da minha Fanfic, porque além de me ajudar, porque eu gosto de ajudar os outros, ajuda eles também, sabe?”*

7.17 Breve contextualização da *Fic4* (S1)

De acordo com informações dadas pelo S1, suas histórias sempre contêm problemas reais, do dia a dia, o que corrobora com as informações de sua entrevista semiestruturada. Em suas palavras: *“Sempre gosto de trabalhar isso em minhas histórias, trazer superações do casal, dificuldades que passam juntos sem passar por cima dos problemas do outro. Em minha Fanfic, quis trazer algo diferente do que eu leio sobre o mesmo casal, que são o ship Jikook (Jungkook e Jimin). Não tão diferente, existe sim Fanfics com temas dramáticos igual a minha. Mas minha inspiração foi pessoas ao meu redor que passam por isso, filmes que já vi (porém não lembro os nomes), de casais que sempre passam por problemas difíceis, mas conseguem passar por isso juntos.”* A *Fic* do S1, que escolhemos para a realização de nossa quarta análise, aborda essa temática: a superação de um problema de saúde e o amor que dá forças para vencer qualquer situação difícil.

O S1 também esclarece que conhece pessoas que passaram por problemas como a abordada na *Fic4*, problemas sérios de saúde, como a leucemia, o que fez o S1 sentir vontade de abordar essa problemática em sua *Fic*. *“E foi isso que quis passar para minha Fanfic, enquanto Jimin está internado com uma doença agravada demais, o Jungkook, seu noivo, não o deixa de maneira alguma e está o tempo todo ao lado dele, o ajudando a superar uma luta que é do Jimin, mas sabendo que a luta é do noivo, não o deixa lutar sozinho, ele o apoiando em tudo. E é isso que quero dizer*

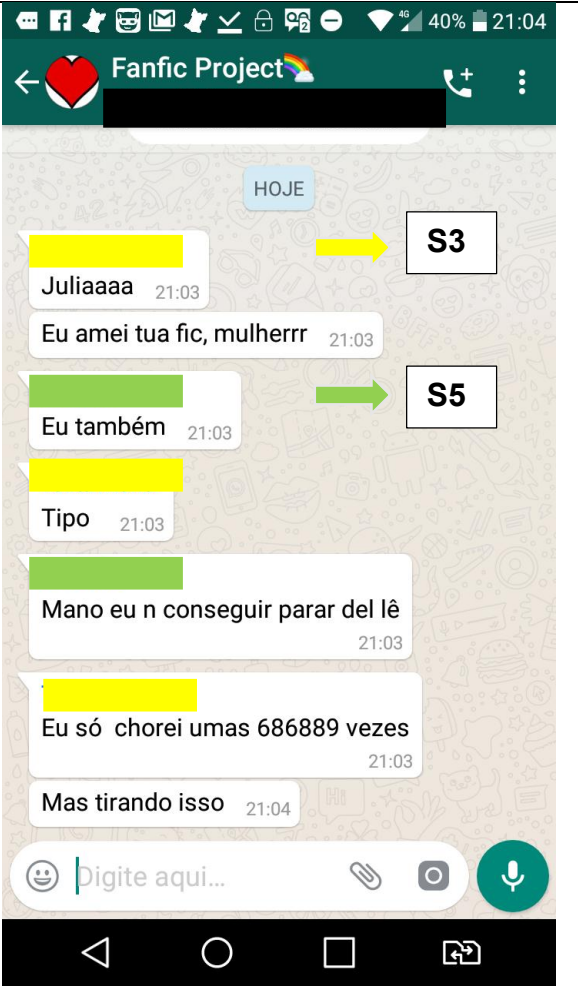
quando digo que pessoas que conheço ou que já vi que superaram algo juntos, foi basicamente essa minha inspiração para Fanfic.”

A *Fic4* relata um drama, gênero preferido do S1, mas também fala sobre um romance do tipo Yaoi, romance entre dois homens. Em relação ao título da *Fic4*, *Decaída*, o S1 relata: *“eu gosto de dar os títulos das minhas Fanfics pegando bem o contexto delas, pegando também frases ou nomes já criados que têm a ver com ela. Essa Fanfic, confesso que foi bastante difícil arranjar um título para ela, sou péssima em títulos. Porém, eu pensei no nome Decaída, pelo motivo de que tudo ao decorrer da Fanfic decaí, começa a dar ruim em tudo”*. Salientamos, inclusive, que a *Fic4* já obteve 196 acessos, o que significa que já foi lida por mais de 196 fanfiqueiros(as), visto que a informação foi consultada no *site* da pesquisa em nove de março de dois mil e vinte, às 15h 16min.

Durante as interações, observamos que os sujeitos participantes da pesquisa elogiaram muito a *Fic4*, como também, de alguma forma, identificaram alguém conhecido que passa e/ou passou por problemas similares. Esse fato nos faz compreender o quanto os sujeitos se envolvem nas histórias das *Fics* que leem, como também procuram sempre tirar alguma lição de vida das leituras, direcionando, de alguma maneira, sua *Fic* para auxiliar pessoas que passam por problemas parecidos com as vividas em suas histórias ficcionais.

Salientamos que a análise da *Fic4* foi realizada com uma dinâmica um pouco diferente das demais, já que, as outras *Fics*, de forma direta ou indireta, tiveram como fonte de inspiração o universo midiático em seus enredos. Já a *Fic4*, embora insira como personagens membros do grupo *BTS*, ressalta uma problemática vivida na vida real por diferentes pessoas em todo o mundo. Outrossim, problemas graves de saúde, na opinião do S1, não apenas afetam quem é acometido pela enfermidade, mas também todos os familiares e amigos de quem está doente.

Figura 18 - Trechos da *Fic4* e *print* das interações no grupo das fanfiqueiras.

<p>As vezes me pego pensando como a vida pode ser brincalhona, um dia pode estar tudo bem, no outro nem tanto ou em algum momento tudo pode mudar de uma hora para outra. E você fica se perguntando “como isso aconteceu?”, mas no fim não tem nenhuma explicação.</p> <p>São coisas que eu penso diariamente, penso o quanto queira que as coisas fossem diferentes, como tudo poderia ser diferente se não tivesse feito algo no passado. Mas não podemos mudar nada, tem coisas que não dá pra ser mudada. Ver meu futuro marido deitado em uma cama de hospital por mais de oito meses, não pode ser mudado.</p>	<p>- Ok, vamos lá. Tente acertar essa agora, ok? Vamos! Não desanime, não achadas um jogo divertido?</p> <p>- Não é isso. É que já errei tantas vezes que estou com medo de errar de novo.</p> <p>- Sussurrou olhando para as suas mãos que pousavam em seu colo por cima do cobertor hospitalar.</p> <p>- Se errar não tem problema. É errando que se aprende, certo?</p> <p>Sorri pro pequeno deixando um beijo delicado na sua bochecha. Ele não tinha culpa, não era fácil viver dentro de um hospital tendo que conviver com uma doença que a qualquer momento pode mata-lo [...]</p>	
---	--	--

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

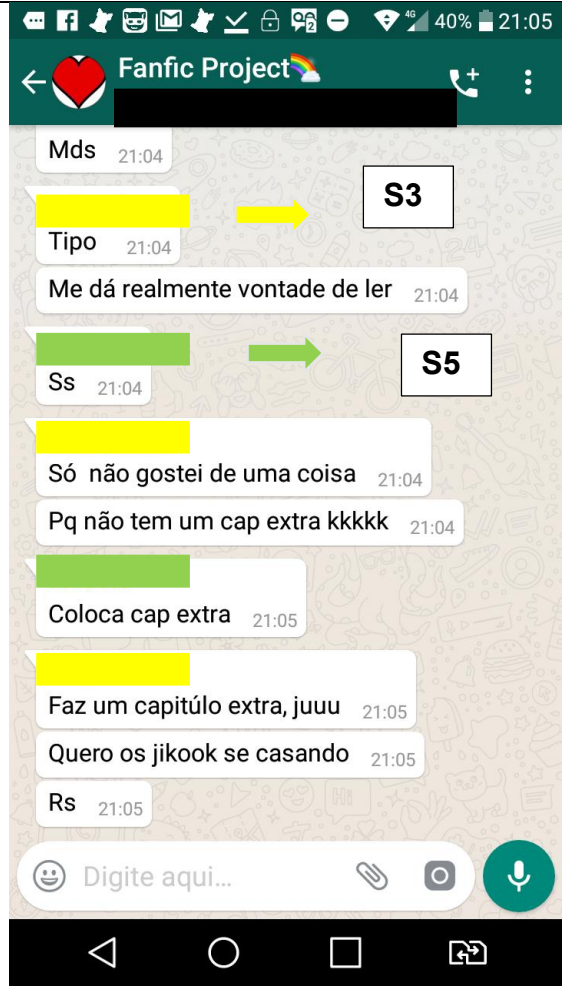
Resolvemos selecionar o início da *Fic4*, distribuído em duas colunas na figura 18, para deixar mais claro o contexto criado pelo S1 para a construção de sua história de amor e de drama. As reflexões realizadas pelo narrador-personagem elucidam um contexto de muita amorosidade e angústia interior, percebidas desde o início da *Fic4*.

É bastante emocionante para os leitores se depararam com um casal homoafetivo masculino, em que um dos dois tenta mudar a sintonia de dor e de medo do outro: “- *Ok, vamos lá. Tente acertar essa agora, ok? Vamos! Não desanime, não achadas um jogo divertido?*”, ou seja, inserir um jogo de adivinhação para alguém em um leito de hospital realmente é uma habilidade digna de admiração. Como informado na entrevista semiestruturada, o S1 gosta de escrever histórias ficcionais sobre fatos da vida real, uma vez que, em opinião, por meio de suas *Fics*, ele tem a possibilidade de ajudar outras pessoas.

Na segunda coluna, também verificamos que a intenção de amenizar o sofrimento de seu amado é alcançado, o que podemos verificar nos trechos: “- *Sussurrou olhando para as suas mãos que pousavam em seu colo por cima do cobertor hospitalar*”, como também: “- *Se errar não tem problema. É errando que se aprende, certo?*”. Logo em seguida, o narrador-personagem dá sequência à ambientação de seu enredo: “*Sorri pro pequeno deixando um beijo delicado na sua bochecha. Ele não tinha culpa, não era fácil viver dentro de um hospital tendo que conviver com uma doença que a qualquer momento pode mata-lo [...].*”

Em relação às interações realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, o S3 e o S5 elogiam a *Fic4*, o que podemos verificar nas falas do S3, nos trechos: “*Eu ameii tua fic mulherrr*” e “*Eu só chorei umas 686889 vezes*”, como também na fala do S5: “*Mano eu n conseguir parar del lê*”. O uso de gírias e alongamentos de letras, como no final da palavra “*mulherrr*” e a hipérbole traduzida pelo algarismo indo-arábico “686889” comprovam a euforia dos sujeitos participantes do processo de interação, o que, para nós, significa alegria e entusiasmo com a leitura da *Fic4*.

Figura 19 - Trecho *Fic4*, *print* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da *Fic4*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>Jimim se sente muito depressivo na maioria do tempo, eu o entendo, ficaria do mesmo jeito se estivesse no seu lugar. E eu realmente daria tudo pra estar e não ter que ver seu sorriso triste e muitas vezes forçado.</p> <p>- O que quebramos pra poder ser utilizado? Li a charada na cartinha que tinha em mãos com um sorriso no rosto lhe olhando.</p> <p>Ele pensou por um momento me encarando e às vezes pra outro canto do quarto rapidamente.</p> <p>- Hum... ovo?</p> <p>Ri assentindo e me aproximando dele deixando um selo rápido nos seus lábios ressecados por conta da doença. [...]</p>		<p>A vista estava bastante agradável. Os carros passavam depressa como todos os dias. O sol deu o ar da sua graça depois de dias seguidos de bastante chuva na cidade. Não que eu esteja reclamando, afinal, quanto mais chuva, mais café seria feito.</p> <p>A vista da vidraçaria realmente era ótimo. Jimin gostava bastante dela quando costumávamos vir, e estava ansioso pra vê-la novamente.</p> <p>Eu ainda não trabalhava naquela cafeteria naquele tempo, por coincidência soube que havia uma vaga disponível em um dos encontros românticos que tinha com o antigo loiro naquele lugar, a uns anos atrás. [...]</p>
--	---	---

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do site *Wattpad*

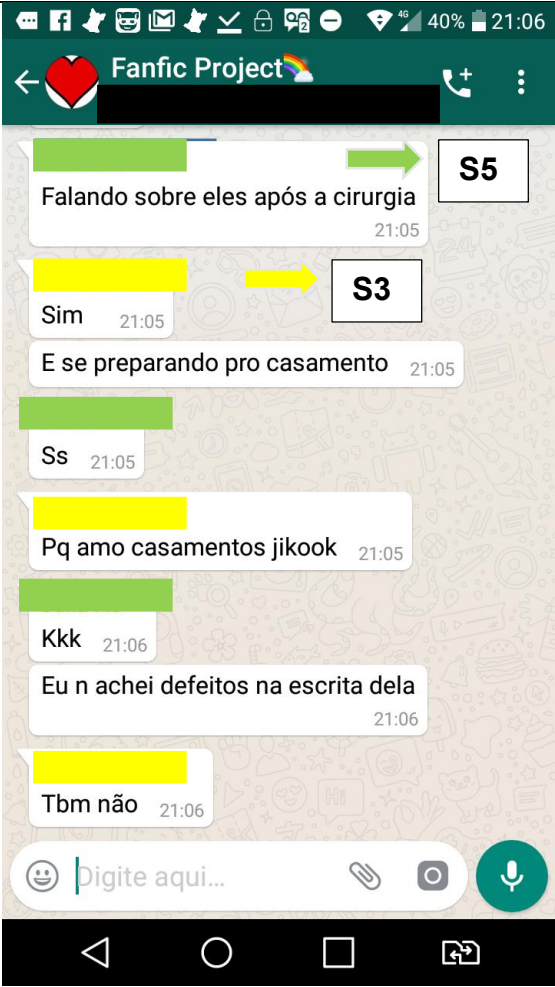
O enredo da *Fic4* tem sequência, e mais uma vez observamos o conflito interior vivido por Jungkook: “*Jimim se sente muito depressivo na maioria do tempo, eu o entendo, ficaria do mesmo jeito se estivesse no seu lugar. E eu realmente daria tudo pra estar e não ter que ver seu sorriso triste e muitas vezes forçado*”, ao se referir ao seu amado Jimim. Em seguida, a charada continua e Jungkook consegue reagir: “-*Hum... ovo?*”. Nesse trecho da *Fic4*, podemos identificar a voz do S1, no momento em que esclarece em sua entrevista semiestruturada seu intuito de ajudar as pessoas a superar seus problemas cotidianos.

No *print* selecionado para a análise na figura 19, podemos perceber mais uma vez o uso de abreviações como: “*Mds*”, “*significando Meu Deus do céu*”, como também “*ss*” no lugar da palavra “*sim*”. Após todas as observações no período da pesquisa, esclarecemos que as abreviações utilizadas nas interações do grupo de *WA* das fanfiqueiras são facilmente compreendidas por todos os sujeitos da pesquisa. Outro dado que gostaríamos de ressaltar é o fato de que, ao postar no grupo a informação de uma nova *Fic* e, em seguida, compartilhar o *link* para facilitar o acesso ao *site Wattpad*, os sujeitos realizam os comentários em uma velocidade que, para nós, pode significar a relevância que a produção do S1 possui para os sujeitos participantes do processo de interação da *Fic4*.

Ainda no que se refere às interações, verificamos que, na segunda coluna da figura 19, o S3 dá sugestões para o S1: “*Só não gostei de uma coisa*” e “*Pq não tem um cap extra kkkkk*”. Na sequência, o S5 corrobora com o pedido do S3: “*coloca cap extra*” e o S3 realiza o pedido: “*Faz um capítulo extra, juuu*”, e acrescenta o S3: “*Quero os Jikook se casando*”. A partir das observações das sugestões dadas pelos S3 e S5 respectivamente, destacamos a consonância de pensamentos dos sujeitos participantes, em relação à reescrita da *Fic4*, tendo uma continuação marcada pela escrita de um capítulo extra.

A partir desse contexto, esclarecemos que não é sempre que os sujeitos reescrevem mudando o enredo de sua *Fic*, acontece, muitas vezes, de o enredo agradar consideravelmente os sujeitos a ponto de serem solicitados, nas interações, acréscimos, como foi o caso do capítulo extra para a *Fic4*. Na última coluna da figura 19, podemos verificar o início do capítulo extra escrito pelo S1.

Figura 20 - Trecho *Fic4*, *print* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da *Fic4*, após as interações no grupo de *WA*.

<p>[...]</p> <p>Todos os dias eram uma luta, era difícil conviver nesse tipo de situação.</p> <p>Jimim era bastante fragilizado, ele não costuma se abrir comigo mas eu sei fazer uma análise completa apenas lhe olhando.</p> <p>Seu quadro hospitalar era cauteloso, os médicos acreditam que ele possa sim se curar mas sempre existe a possibilidade de dar tudo errado. Infelizmente ele se agarra nessa possibilidade, talvez por querer acabar logo com tudo isso ou só... não tinha mais esperanças. [...]</p>		<p>[...]</p> <p>Sua animação era muito visível, Jimim não parava de olhar para os lados como se estivesse vendo tudo pela primeira vez. O tempo todo apontando para as coisas no meio da rua, vendo os donos passeando com seus animais e se sentindo totalmente feliz em acaricia-los quando podia.</p> <p>Logo meses preso dentro de um quarto branco... Acho que até eu ficaria assim.</p> <p>- Amor, você tá parecendo um ET. – soltei um risinho quando o baixinho riu também, dando-me um tapa na mão que segurava sua cadeira de rodas.</p> <p>[...]</p>
--	---	---

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

Na primeira coluna da figura 20, verificamos a continuação da escrita da *Fic4*; temos, então, no trecho escolhido, o relato de um drama vivido pelas personagens Jimin e Jungkook. Ressaltamos que, de todas as *Fics* selecionadas para nossas análises, a *Fic4* foi a maior e a que mais emocionou os sujeitos participantes do processo de interação no grupo de *WA*. Destacamos a adjetivação utilizada pelo S5, em diferentes momentos de sua escrita, como no trecho: “*Seu quadro hospitalar era cauteloso.*” Ademais, os comentários realizados pelos outros sujeitos que participaram das interações da *Fic4* destacam o estilo minucioso do S1.

Nos trechos das interações realizadas, segunda coluna da figura 20, observamos as sugestões dadas pelo S5: “*Falando sobre eles após a cirurgia*” e pelo S3: “*E se preparando pro casamento*”. Verificamos na terceira coluna da figura 20 que o S1, no capítulo extra, cria um clima amoroso entre as personagens, atendendo à solicitação do S5 em descrever a situação vivida por ambos, após a cirurgia de Jimin: “*Sua animação era muito visível, Jimin não parava de olhar para os lados como se estivesse vendo tudo pela primeira vez. O tempo todo apontando para as coisas no meio da rua, vendo os donos passeando com seus animais e se sentindo totalmente feliz em acaricia-los quando podia.*”

A relação de amor e de cumplicidade entre as duas personagens é outro dado que gostaríamos de chamar atenção: “*- Amor, você tá parecendo um ET. – soltei um risinho quando o baixinho riu também, dando-me um tapa na mão que segurava sua cadeira de rodas*”, perceptível nesse trecho de diálogo. Mais uma vez, podemos verificar a presença do sentimento de solidariedade que o S1 consegue transparecer em sua escrita ficcional, como relatado na entrevista semiestruturada.

Ademais, o S1 também atende à sugestão de pedido de casamento realizada pelo S3: “*Pq amo casamento Jikook*”. Nessa perspectiva, temos duas observações: 1. Jikook é o *ship* formado pelos cantores Jimin e Jungkook. Ratificamos que o termo *ship* é utilizado quando uma fãnfiqueira quer que um casal fique junto; e 2. O trecho do capítulo extra com o casamento será apresentado na última coluna da figura 20 abaixo.

Figura 21 - Trecho *Fic4*, *prints* das interações no grupo das fanfiqueiras e trecho da reescrita da *Fic4*, após as interações no grupo de *WA*.

Um silêncio fez parte na mesa. Não era um silêncio incômodo, foi como se tivéssemos que parar e pensar, nos olhando enquanto comíamos. Eu observava o quanto ele estava feliz. Seus olhos não paravam de me encarar com carinho. Foi quando me surpreendi com suas palavras:

- Casa comigo? Eu sei que acabei de sair de um hospital e de uma quase morte, mas é o que está me fazendo tomar a iniciativa dessa pergunta. Eu não posso esperar nem mais um pouco para casar com você.

[...]

Fonte: Imagem do grupo de *WA* das fanfiqueiras e transcrições do *site Wattpad*

Na figura 21, é possível observar que os S3 e S5 expressam sentimentos de emoção, ao realizar a leitura da *Fic4*, o que podemos verificar nos trechos: “*Primeira Fanfic em que me emociono*” e “*só necessito de cap extra*” comentários do S5; como também: “*kkkk eu chorei muito pqp*”, acréscimo dado pelo S3. Além disso, é possível comprovar que o S1 tanto acha “*top*” a ideia do capítulo extra, como também concorda com as sugestões dadas no grupo de *WA* e acrescenta: “*seria legal mostrar a vida deles depois.*”

Após os comentários no grupo de *WA* das fanfiqueiras, podemos constatar que o S1, além de escrever o capítulo extra, demonstra felicidade com as sugestões: “*amei as ideias e os elogios*”, “*obrigado gente*” e se despede com um *emoji* de coração brilhante. Na terceira coluna da figura 21, verificamos o trecho da reescrita em forma de capítulo extra, em que o S1 elucida os acontecimentos envolvendo seu herói depois do hospital: “*Um silêncio fez parte na mesa. Não era um silêncio incômodo, foi como se tivéssemos que parar e pensar, nos olhando enquanto comíamos. Eu observava o quanto ele estava feliz. Seus olhos não paravam de me encarar com carinho.*”

Além disso, a sugestão do pedido de casamento realizado pelo S3 é atendida: “*- Casa comigo? Eu sei que acabei de sair de um hospital e de uma quase morte, mas é o que está me fazendo tomar a iniciativa dessa pergunta. Eu não posso esperar nem mais um pouco para casar com você*”. Nesse trecho, podemos constatar que o S1 deu um encaminhamento à sua *Fic*, condizente com seu pensamento em relação à superação das dificuldades, informação dada em sua entrevista semiestruturada.

Outrossim, comprovamos as influências que as interações/sugestões no grupo de *WA* das fanfiqueiras exercem no direcionamento da narrativa das *Fics*. Além disso, em especial com o S1, podemos ratificar as informações dadas em resposta à pergunta 10 da entrevista semiestruturada: “*Como você escreve sua Fic?*”, e, na resposta do S1, temos: “*Eu acho que na minha cabeça eu construo a Fic muito bem, tipo, eu não sou muito boa de ideia, eu confesso, mas, às vezes eu pego ideia dos outros [...] mas eu construo na minha cabeça, tipo, sempre como eu falei antes, sempre com problemas na sociedade, aí eu consigo desenvolver melhor os protagonistas e os coadjuvantes.*”

Figura 22 - Print das interações no grupo das fanfiqueiras e trechos da reescrita da Fic4, após as interações no grupo de WA.

	<p>[...]</p> <p>Um silencia fez parte na mesa. Não era um silêncio incômodo, foi como se tivéssemos que parar e pensar, nos olhando enquanto comíamos. Eu observava o quanto ele estava feliz</p> <p>Não sei o que sentir, o que fazer. Meus olhos marejaram e a emoção era tanta, que meu coração batia em ritmo que não era normal.</p> <p>Eu nunca imaginei que ele faria isso, que ele tomaria essa inciativa e fui pego de surpresa.</p> <p>- Querido, é engraçado o quanto a gente se completa de alguma forma. – Ri baixo, fungando no processo.</p>	<p>- Céus, como você adivinhou? Eu estava preparando isso desde que você estava no hospital.</p> <p>- Tirei do bolso da calça um objeto com dificuldade e mãos trêmulas. Aposto que estava parecendo um idiota atrapalhado. Abri a caixinha preta, lhe mostrando o anel recém-comprado; simples e lindo, como ele.</p> <p>- Eu ia te pedir em casamento hoje, mas você pediu antes... Deus, claro que eu aceito! [...]</p> <p><i>Sim, eu decidi fazer um capítulo extra e espero que os poucos leitores dessa pequena fanfic que foi feita com muito amor, gostem!</i></p> <p><i>Beijos</i></p>
--	---	---

Fonte: Imagem do grupo de WA das fanfiqueiras e transcrições do site Wattpad

Na última figura de nossa análise, podemos encontrar elementos do universo das *Fics* que não apareceram nas outras interações, realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras, a exemplo da expressão “*Lemon*”, nos trechos: 1. “*Se tiver lemon melhor ainda kkk*”, S2, e 2. “*kkk ai quero... Então... um cap pro casamento e Lemon*”, S3. Faz-se necessário esclarecer que a expressão “*Lemon*” significa “*Fanfic com cenas de sexo explícito entre homens*”. Deve ser classificada como +18”, conforme definição do Dicionário das *Fanfics* em anexo. Como há sujeitos menores de idade, a exemplo do S1 e do S5, houve a orientação de não incluir nas *Fics*, que foram utilizadas em nossa pesquisa, nenhuma *Fic* com conteúdo impróprio para menos de idade.

Em nossa compreensão, o fato de dois dos sujeitos terem dado esse tipo de sugestão deve-se à ocorrência de o envolvimento amoroso entre as personagens da *Fic* ter suscitado nesses dois sujeitos o desejo de um envolvimento mais íntimo, uma vez que houve o atendimento à solicitação de casamento e ao pedido de continuidade da narrativa ficcional. Outro ponto a ser destacado é a colocação do S5: “*Prendeu muito minha atenção eu fiquei ansiosa para ver se ele ia sobreviver*”. A partir desse posicionamento, o S1, em seu capítulo extra, atende à inquietação do S5, elucidando o que aconteceu com a personagem Jimim. Em primeiro lugar, selecionamos um trecho da *Fic4* que relata a preparação para o outro pedido de casamento, já que os dois apaixonados tiveram a mesma ideia, o que podemos verificar na segunda coluna da figura 22.

Na última coluna, temos o outro pedido de casamento: “- *Tirei do bolso da calça um objeto com dificuldade e mãos trêmulas. Aposto que estava parecendo um idiota atrapalhado. Abri a caixinha preta, lhe mostrando o anel recém-comprado; simples e lindo, como ele. - Eu ia te pedir em casamento hoje, mas você pediu antes... Deus, claro que eu aceito! [...]*”. Por fim, gostaríamos de chamar atenção para as palavras do S1 no final de sua *Fic*: “*Sim, eu decidi fazer um capítulo extra e espero que os poucos leitores dessa pequena fanfic que foi feita com muito amor, gostem! Beijos*”. Sendo assim, confirmamos que o S1 realmente gostou das sugestões dadas no grupo de *WA*, uma vez que na entrevista semiestruturada o S1 relatou que só realiza mudanças quando realmente gosta do que foi sugerido.

7.18 Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic4*)

Forma Composicional e Linguística: A *Fic4* é a representação da forma do conteúdo concretizada na materialidade linguística do seu autor-criador. Sendo assim, verificamos as duas direções possíveis para nossa análise: 1. A partir do interior do objeto estético, a própria *Fic4*, em sua essência, enquanto forma arquitetônica e axiologicamente voltada para seu conteúdo (os acontecimentos possíveis); 2. A partir do interior do todo composicional e material da própria *Fic4*. De acordo com Bakhtin (2002), essas duas direções constituem a técnica da forma composicional.

Nessa conjuntura, compreendemos que a desmaterialização da forma composicional e linguística é o resultado dos limites que a *Fic4* tem, enquanto material linguístico, esse constituído a partir da expressão da atividade criativa do S1. Há, portanto, na forma composicional, o encontro do autor-criador consigo mesmo, o que podemos comprovar com os indícios de sua presença nos acontecimentos de sua narrativa ficcional. Ou seja, ao possuir o ato-desejo de ajudar pessoas que sofrem algum tipo de problema, como os problemas de saúde vividos por seu herói (Jimim), o S1 materializa seu desejo nos acontecimentos narrados em sua *Fic*.

Há, nesse ínterim, o sentimento do autor-criador em sua atividade produtiva de formação axiológica, ao dar vida a seu herói e ao seu mundo. Por conseguinte, o S1 não apenas cria seu herói, mas também contempla-o na materialidade de sua obra de arte, representada por sua produção ficcional. Verificamos, portanto, que o autor-criador dá forma e acabamento à sua *Fic*, com o intuito de construir uma forma composicional significativa, enquanto materialidade linguística.

As categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana encontram-se imbricadas, por este motivo, esclarecemos há uma relação *sine qua non* entre a forma composicional e o conteúdo axiológico do autor-criador. Sob esse viés, destacamos o papel do autor-criador, uma vez que a produção artística representa o momento constitutivo da própria forma artística. Dessa maneira, comprovamos, por meio da comparação entre o perfil do S1 e de sua *Fic*, esse papel imprescindível na composição da *Fic4*.

Assim, a forma composicional e linguística da *Fic4* é a expressão da relação axiológica ativa entre o S1 e os sujeitos participantes do processo de interação verbal, realizado no grupo de *WA* das fanfiqueiras. Ou seja, na forma composicional e linguística da *Fic4*, comprovamos a expressão axiológica ativa do autor-criador, já que

a atividade de criação do S1 engendra e organiza a atividade que dá forma ao conteúdo ético-cognitivo inerente ao processo de criação artística. Sob essa ótica, o sentimento da atividade verbal do S1, materializado tanto em seu ato-palavra quanto no ato das palavras de seus heróis (amor, sofrimento, superação de dificuldades, todos presentes na análise da *Fic4*) apresenta-se como necessário e imperativo.

Conteúdo temático: O conteúdo temático, de acordo com Bakhtin (2002), representa o momento constitutivo indispensável do objeto estético; em nossa análise, temos, portanto, a construção da *Fic4*. Dessa maneira, a correlação estabelecida entre a forma estética, enquanto significação, e o conteúdo temático coadunam com a expressão artística do S1. Ou seja, a posição volitivo-axiológica do autor-criador da *Fic4* determina a construção de seu ato ético, indispensável para o conteúdo temático.

Percebemos, nos trechos da *Fic4* selecionados para nossas análises, a presença marcante dos juízos e das apreciações éticas do S1, presentes nas respostas dadas à entrevista semiestruturada, o que podemos observar no trecho: *“Sim, eu tenho intenção de ajudar todo mundo com minhas histórias e ajudar pessoas que têm problemas, porque, geralmente, quando a gente escreve eu já vi tanta gente dizendo: Nossa! Tua Fanfic ajuda tanto no meu dia a dia, sabe? Ajuda tanto eu ficar feliz e sair dessa depressão, ansiedade e outros tipos de doenças psicológicas. Geralmente eu gosto de colocar esses assuntos nas abordagens da minha Fanfic, porque além de me ajudar, porque eu gosto de ajudar os outros, ajuda eles também, sabe.”*

Para uma maior compreensão do conteúdo temático da *Fic4*, estabelecemos relações entre a teoria bakhtiniana e a produção ficcional do S1, topicalizadas a seguir: 1. O elemento ético-cognitivo, que na realidade é o conteúdo da *Fic4*, é construído a partir das apreciações éticas expressas no conteúdo temático da própria *Fic4*; 2. O conteúdo da *Fic4* não pode ser apenas cognitivo, visto que a privação do componente ético descaracterizaria a validade do próprio conteúdo. Ou seja, há a primazia do campo ético essencial ao conteúdo da *Fic*; e, por fim, 3. Na contemplação da obra de arte, a própria *Fic4*, há o empoderamento do elemento ético do conteúdo, o qual reflete o próprio elemento ético do S1.

A *Fic4* tem relação com o ato de criar do autor-criador, sendo, portanto, necessária a distinção entre seus elementos ético-cognitivos, os quais Bakhtin (2002) também denomina de conteúdo temático. Na *Fic4*, portanto, encontramos fortes

marcas do elemento ético-cognitivo do S2, já elucidadas nas respostas à entrevista semiestruturada.

Estilo: A relação individual do S1 e de sua língua norteiam a compreensão do estilo do romance, isto é da *Fic4*. Para Bakhtin (2016), o estilo e o gênero são indissociados, o que significa que o enunciado concreto da produção ficcional, enquanto unidade de comunicação discursiva define a alternância dos sujeitos do discurso. Sendo assim, a *Fic4* é um exemplo das relações dialógicas estabelecidas entre a relação do S1 com a *Fic4*, assim como as relações que os S3 e S5 estabelecem tanto com a produção ficcional como com o próprio S1.

As diferentes manifestações realizadas pelos sujeitos participantes das interações no grupo de *WA* permeiam a reescrita da *Fic4*, permitindo, assim, nossa assimilação do estilo do S1, a partir do produto resultante das influências exercidas pelas sugestões dadas pelos S3 e S5. Ademais, as relações estabelecidas entre o autor-criador e seu herói (Jimim) encontram-se amalgamadas por elementos emotivo-axiológicos, os quais reverberam uma atitude responsiva do autor-criador, diante das sugestões dadas, como também entre os heróis de sua produção ficcional, a exemplo do casamento entre o *ship* da *Fic4*.

As características atribuídas aos heróis da *Fic4* pelo S1 também são exemplos do estilo do autor-criador. Na entrevista semiestruturada, por exemplo, observamos que o S1 demonstra preocupação em relatar em suas produções ficcionais a superação de problemas cotidianos, o que é constatado no enredo de sua *Fic*. Sob esse prisma, o autor-criador conta-nos a história de seu herói, levando em consideração o todo do Jimim, sob um olhar estético repleto de suas avaliações ético-cognitivas, as quais permitem seu acabamento.

O estilo da *Fic4* também é percebido a partir da construção sócio-histórica e cultural do S1, uma vez que as apreciações e valorações do S1 são percebidas no estilo de sua produção, enquanto fruto de sua criação artística. Ou seja, o artefato está repleto de sentidos e de valores que são construídos e enformados, para serem contemplados como obra de arte da criação ficcional, enfatizando o elemento estético. Nessa perspectiva, a responsividade se dá tanto na relação do autor-criador e seu herói quanto nas interações realizadas no grupo de *WA*.

As vozes que dão ao discurso do herói a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, ao se permitir a superação de seus problemas de saúde, são percebidas nas palavras do S1: “*Eu tenho a intenção de ajudar todo mundo com minhas histórias e*

ajudar pessoas que têm problemas”. Logo, o herói da *Fic4* é construído a partir do estilo próprio do S1, o qual utiliza recursos como a doença, o amor, o pedido de casamento para construir seu artefato. Outrossim, ressaltamos a peculiaridade do romance polifônico na materialidade da *Fic4*, com destaque para as vozes dos sujeitos 3 e 5 presentes na reescrita da produção ficcional analisada.

7.19 Traços relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*

Verificamos o reflexo da diversidade étnica e social dos sujeitos participantes do processo de interação da *Fic4*, já que, nas sugestões dadas no grupo de *WA*, podemos identificar marcas dessa diversidade. Além disso, a multimodalidade expressa nas interações, por meio da utilização de *emojis*, muitas vezes em substituição ao próprio diálogo, comprova as mudanças que os textos vêm sofrendo contemporaneamente. Como também, a multiplicidade dos textos que circulam na sociedade exige a compreensão de diferentes semioses, como as utilizadas nas *Fics*. Um exemplo disso, é a utilização de imagens nas produções ficcionais, como as capas das *Fics* com imagens do universo midiático para marcar as personagens com nomes de personalidades famosas, a exemplo dos cantores Jimin e Jungkook da banda coreana *BTS*.

O ambiente colaborativo é uma possibilidade de aprendizagem proporcionada pelo avanço das TDICs. Nesse contexto, jovens acompanham a evolução tecnológica, com suas “facilidades” e seus “desafios”. A *Fic4* é um exemplo da diversidade de linguagem dos jovens hodiernos, os quais escrevem textos que circulam no ambiente digital, escritos muitas vezes de forma colaborativa, e acessados por leitores de diferentes faixas-etárias em todo o mundo. Os recursos semióticos disponíveis nesse ambiente permitem a produção de *Fics* como a *Fic4*, que permite a prática de leitura e de produção textual em gêneros diversos. Nesse panorama, as habilidades individuais e sociais dos sujeitos participantes das interações possibilitam a interpretação, a criação e o compartilhamento de sentido no âmbito crescente da produção textual em meio digital.

Em relação à Teoria dos Gêneros Literários, observamos que o S1 produz uma *Fic* com traços intergenéricos, predominantemente narrativo, envolvendo um certo tom de dramaticidade (sofrimento, tristeza, melancolia), externado pelo drama vivido

pelo personagem-principal. Por outro lado, temos a temática do amor, um tema inesgotável na poesia lírica, a *Fic4* aborda a temática do amor na narrativa ficcional, abordando uma certa liricidade à produção ficcional; além disso, o sentimento do S1 acerca da superação de problemas cotidianos, como os problemas de saúde de seu personagem principal, estão imbricados na *Fic4*.

Stalloni (2001) esclarece-nos que o gênero narrativo é uma história para ser contada, como o enredo criado pelo S1, para discorrer sobre os acontecimentos na vida do casal amoroso Jimim e Jungkook. Nesse sentido, os acontecimentos serão representados de maneira ficcional, em um espaço (hospital, rua, cafeteria), e em um tempo particular. Ademais, a *Fic4*, enquanto matéria-narrativa, chamar-se-á enredo, a qual chamou a atenção dos sujeitos 3 e 5 a ponto de solicitarem acréscimos e/ou mudanças no desenvolvimento da narrativa.

O romance ficcional Yaoi produzido pelo S1 apresenta um contexto que envolve um drama, pois o casal amoroso vive a possibilidade de perda amorosa, de um dos dois apaixonados, em virtude de uma grave doença. O processo de interação verbal, portanto, é determinante para a ação, ou seja, as subdivisões do enredo são feitas a partir do assunto da própria ação: o drama vivido pelas personagens. Dessa forma, a natureza da tonalidade dos acontecimentos, como postula Stalloni (2001), caracteriza o assunto da narrativa, em nosso caso ficcional.

Destarte, o S1 preocupa-se em criar uma ambientação propícia à reprodução dos acontecimentos: a piada para animar o Jimim e fazê-lo esquecer um pouco sua enfermidade, característica do autor da *Fic*, que esclareceu em sua entrevista semiestruturada a vontade de ajudar outras pessoas que passam por problemas sérios na vida real a superá-los através de suas histórias ficcionais.

Na narrativa, temos a possibilidade de transmissão de fatos verossímeis e/ou inverossímeis, no caso da *Fic4*, observamos o drama vivido pelos personagens, inspirados em fatos verossímeis. Além disso, há um diálogo direto entre a entrevista semiestruturada do S1, produtor da *Fic4*, com sua narrativa ficcional, como também a influência das sugestões dadas pelos S3 e S5 no enredo da reescrita da *Fic4*. Outrossim, informamos que na *Fic4* não houve a participação da *beta*, nem nas interações nem nas correções ortográficas da *Fic*.

7.20 Síntese da análise da *Fic4*

Em consonância com nosso primeiro objetivo específico: interpretar, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciam na reescrita das *Fics*, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo, segue nosso sétimo quadro-resumo (quadro 7):

Quadro 7 - Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana (*Fic4* – S1).

Categorias de análise da Arquitetônica bakhtiniana	
Forma composicional e linguística	<p>Verificamos as duas direções possíveis para nossa análise: 1. A partir do interior do objeto estético, a própria <i>Fic4</i>, em sua essência, enquanto forma arquitetônica e axiologicamente voltada para seu conteúdo (os acontecimentos possíveis); 2. A partir do interior do todo composicional e material da própria <i>Fic4</i>.</p> <p>Ao possuir o ato-desejo de ajudar pessoas que sofrem algum tipo de problema, como os problemas de saúde vividos por seu herói (Jimim), o S1 materializa seu desejo nos acontecimentos narrados em sua <i>Fic</i>. O sentimento da atividade verbal do S1, materializado tanto em seu ato-palavra quanto no ato das palavras de seus heróis (amor, sofrimento, superação de dificuldades, todos presentes na análise</p>

	da <i>Fic4</i>) apresenta-se como necessário e imperativo.
Conteúdo temático	<p>A correlação estabelecida entre a forma estética, enquanto significação, e o conteúdo temático coadunam com a expressão artística do S1. Ou seja, a posição volitivo-axiológica do autor-criador da <i>Fic4</i> determina a construção de seu ato ético, indispensável para o conteúdo temático.</p> <p>Para uma maior compreensão do conteúdo temático da <i>Fic4</i>, estabelecemos relações entre a teoria bakhtiniana e a produção ficcional do S1, topicalizadas a seguir: 1. O elemento ético-cognitivo, que na realidade é o conteúdo da <i>Fic4</i>, é construído a partir das apreciações éticas expressas no conteúdo temático da própria <i>Fic4</i>; 2. O conteúdo da <i>Fic4</i> não pode ser apenas cognitivo, visto que a privação do componente ético descaracterizaria a validade do próprio conteúdo. Ou seja, há a primazia do campo ético essencial ao conteúdo da <i>Fic</i>; e, por fim, 3. Na contemplação da obra de arte, a própria <i>Fic4</i>, há o empoderamento do elemento ético do conteúdo, o qual reflete o próprio elemento ético do S1.</p>

Estilo	<p>As diferentes manifestações realizadas pelos sujeitos participantes das interações no grupo de WA permeiam a reescrita da <i>Fic4</i>, permitindo, assim, nossa assimilação do estilo do S1, a partir do produto resultante das influências exercidas pelas sugestões dadas pelos S3 e S5.</p> <p>Ademais, as relações estabelecidas entre o autor-criador e seu herói (Jimim) encontram-se amalgamadas por elementos emotivos-axiológicos, os quais reverberam uma atitude responsiva do autor-criador, diante das sugestões dadas, como também entre os heróis de sua produção ficcional, a exemplo do casamento entre o <i>ship</i> da <i>Fic4</i>.</p>
---------------	---

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

Em relação ao nosso segundo objetivo específico: identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta*, segue nosso oitavo quadro-resumo (quadro 8):

Quadro 8 - Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva, e à colaboração da *beta* (*Fic4* – S1).

Traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados:	
<p>aos multiletramentos</p>	<p>Verificamos o reflexo da diversidade étnica e social dos sujeitos participantes do processo de interação da <i>Fic4</i>, já que, nas sugestões dadas no grupo de <i>WA</i>, podemos identificar marcas dessa diversidade. Além disso, a multimodalidade expressa nas interações, por meio da utilização de <i>emojis</i>, muitas vezes em substituição ao próprio diálogo, comprova as mudanças que os textos vêm sofrendo contemporaneamente.</p> <p>Os recursos semióticos disponíveis nesse ambiente permitem a produção de <i>Fics</i> como a <i>Fic4</i>, que permite a prática de leitura e de produção textual em gêneros diversos. Nessa perspectiva, as habilidades individuais e sociais dos sujeitos participantes das interações possibilitam a interpretação, a criação e o compartilhamento de sentido no âmbito crescente da produção textual em meio digital.</p>

<p>à intergenericidade poética e discursiva</p>	<p>Em relação à Teoria dos Gêneros Literários, observamos que o S1 produz uma <i>Fic</i> com traços intergenéricos, predominantemente narrativo, envolvendo um certo tom de dramaticidade (sofrimento, tristeza, melancolia), externado pelo drama vivido pelo personagem-principal. Por outro lado, temos a temática do amor, um tema inesgotável na poesia lírica, a <i>Fic4</i> aborda a temática do amor na narrativa ficcional, abordando uma certa liricidade à produção ficcional; além disso, o sentimento do S1 acerca da superação de problemas cotidianos, como os problemas de saúde de seu personagem principal, estão imbricados na <i>Fic4</i>.</p> <p>O S1 preocupa-se em criar uma ambientação propícia à reprodução dos acontecimentos: a piada para animar o Jimim e fazê-lo esquecer um pouco sua enfermidade, característica do autor da <i>Fic</i>, que esclareceu em sua entrevista semiestruturada a vontade de ajudar outras pessoas que passam por problemas sérios na vida real a superá-los através de suas histórias ficcionais.</p>
<p>à colaboração da beta</p>	<p>Não houve participação da beta.</p>

Fonte: Quadro-resumo gerado pela pesquisadora

7.21 Perfil do (S4 – beta) a partir da entrevista semiestruturada

O S4 conheceu as *Fics* através de um trabalho com suas amigas na escola e informou que *Fics*, em sua opinião, são possibilidades de expressão, através de suas leitura e permitem a criação de histórias que podem ajudar outras pessoas.

Além disso, o S4 é a *beta* de três sujeitos participantes da pesquisa, escreve suas *Fics* três vezes por semana, geralmente à noite, quando todos em sua casa estão dormindo. O S4 entende que as *Fics* ajudaram a ampliar seu conhecimento de mundo e seu rendimento escolar em diferentes disciplinas como Literatura e História. Ao ser questionado se sua leitura e escrita melhoraram após conhecer as *Fics*, o S4 responde: *“Com certeza, estimula muito para que você possa ter um conhecimento mais amplo sobre várias áreas, além de enriquecer suas Fics em relação ao conteúdo.”*

O S4 tem preferência por escrever *Fics* de investigação e suspense, baseados em livros de literatura, tendo como principal inspiração escritores como *Agatha Christie*. Acrescenta em sua entrevista ter verdadeira paixão pela literatura e ratifica que todas as suas inspirações vêm dos seus livros favoritos. Além disso, destaca que *Sherlock Holmes* e *Hercule Poirot* são os tipos perfeitos que se encaixam em suas *Fics* de investigação. Em sua opinião, há muita riqueza no universo das *Fics*, como relata em sua resposta à questão 8 da entrevista semiestruturada: *“Existem no meu conhecimento Fics com o intuito de ajudar as pessoas de alguma forma. Existem Fics de pessoas contando seus relatos pessoais; existem Fics de pessoas que escrevem porque amam paixão, romance. Pra mim é isso, quem escreve Fic tem o intuito de inspirar outras pessoas.”*

O S4 foi convidado a participar da pesquisa em substituição ao primeiro S4 que desistiu do projeto na metade das investigações. O S4 substituto, ao ingressar no grupo de *WA*, mostrou-se bastante participativo e demonstrou interesse imediato em ser *beta* dos outros sujeitos, o que foi aceito por três dos outros quatro sujeitos participantes. Em resposta à pergunta 5 da entrevista: *“Alguém faz as correções ortográficas de suas Fics?”*, o S4 respondeu: *“eu mesma, e sou beta de minhas amigas.”*

O S4 chegou a participar de várias interações, realizar correções como *beta*, assim como produzir *Fics* e receber sugestões no grupo de *WA* sobre suas *Fics*, porém não concluiu a última etapa da pesquisa, com a reescrita de suas *Fics*, por

motivos de problemas de saúde na família. Um exemplo foi a última *Fic* do S4, que relaciona o poema “*Evocação do Recife*”, de Manuel Bandeira ao livro “*A Teoria de Tudo*”, de Stephen Hawking, cujo enredo gira em torno da questão temporal. Como não houve a última etapa da pesquisa, não analisamos sua *Fic*, corroborando o que previmos como Riscos da pesquisa, na submissão ao Comitê de Ética.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder ao nosso problema de pesquisa: *Em que medida as interações, em um grupo de WA, influenciam na reescrita de Fics produzidas por jovens no Ensino Médio?* seguimos um percurso investigativo por teorias que subsidiaram nossas análises e direcionaram nossos resultados. Além disso, a delimitação do tipo de pesquisa, estudo de caso de cunho qualitativo, como também a entrevista semiestrutura e a execução das etapas das estratégias de ação sinalizadas em nossos aspectos metodológicos, nortearam-nos para o alcance dos resultados.

Sendo assim, primeiramente, realizamos discussões que nos permitiram compreender melhor os componentes da Arquitetônica bakhtiniana, a partir do diálogo com obras selecionadas do teórico russo e de seus principais estudiosos. O devido entendimento das bases filosóficas da inspiração de Mikhail Bakhtin, para a construção de sua teoria inacabada da Arquitetônica, foi imprescindível para a delimitação dos três aspectos da Arquitetônica, que utilizamos para as análises de nosso *corpus*: a forma composicional e linguística, o conteúdo temático e o estilo. Salientamos que, ao realizamos as análises, seguindo essas categorias bakhtinianas, conseguimos atingir nosso objetivo principal: analisar como as interações, realizadas por jovens fanfiqueiras do Ensino Médio, em um grupo de WA, influenciam na reescrita de *Fics*.

A partir das leituras e das reflexões realizadas sobre uma das teorias basilares de nossa pesquisa, concluímos que o que Bakhtin (2002) denomina objeto estético ou artefato, encontra-se imbricado às diversas conexões volitivo-emotivo e axiológicas do autor-criador, o qual se encontra inserido na cultura e na história. Ou seja, na forma composicional e linguística, o autor-criador dá vida ao objeto estético, através de suas atividades estéticas inerentes. Além disso, percebemos, pela pesquisa, que a criação do objeto estético conduz à concretização de um material e que as questões sociais, históricas e culturais se tornaram elementos intrínsecos do objeto estético bakhtiniano nas *Fics* (re)escritas.

Quanto à forma composicional e linguística, a correlação da forma com o conteúdo foi percebida em nossas análises, a partir dos critérios éticos e cognitivos enquanto significação. Nesse viés, verificamos que os elementos utilizados pelo autor-criador de cada *Fic*, para dar forma às produções ficcionais que foram analisadas, elencaram conteúdos específicos de cada autor-criador. Assim, (i) em S1, verificamos

elementos baseados em histórias reais, problemas encontrados na sociedade, com o intuito de superação e de transmissão de uma mensagem inspiradora, tendo o amor fraterno e a necessidade de ajudar outras pessoas como principais fontes de inspiração. Ademais, para dar vida aos seus heróis, observamos que o S1 se inspira nos cantores da banda coreana *BTS*; (ii) em S2, encontramos elementos envolvendo problemas sociais, inspiração em séries como a *Netflix*, como também na vida real; (iii) em S3, sujeito que mais produziu *Fics* e que participou de todas as interações no período de observação de nossa pesquisa, verificamos elementos que envolveram questões sociais, além de temáticas como a homossexualidade e a prostituição. Além disso, o S3 tem como inspiração a cultura da convergência das mídias, uma vez que é, também, fã da banda coreana *BTS*; (iv) em S5, constatamos tanto elementos pertencentes ao universo das bandas coreanas *BTS* e *Seventeen* quanto da literatura, a exemplo do livro *Perc Jackson e os Olimpianos*, do escritor norte-americano *Rick Riordan*, inspirando o S5 a produzir uma *Fic* com a temática da mitologia grega.

Por fim, nessa primeira categoria de análise, gostaríamos de destacar que, embora não tenhamos analisado nenhuma produção ficcional do sujeito 4, pudemos verificar, no decorrer de nossa pesquisa, a forte influência da literatura nas produções ficcionais desse sujeito. Destacamos, inclusive, a importância da colaboração da *beta* (S4) para as produções ficcionais dos outros quatro sujeitos da pesquisa, o que nos fez identificar elementos de suas sugestões e/ou correções ortográficas em três das quatro *Fics* reescritas.

Ao analisarmos a segunda categoria, embora tenhamos observado sua influência na constituição da forma composicional e linguística, constatamos, no conteúdo temático da Arquetônica, sua indispensabilidade para o objeto estético, em nosso caso, para as *Fics*, visto que o artefato é correlativo à forma estética. Por conseguinte, a forma não é esteticamente significativa sem conteúdo, o que nos fez entender a posição volitivo-axiológica do autor-criador, pois ele determina a construção do ato ético. Ademais, no que se refere ao conteúdo temático da Arquetônica, percebemos que o elemento ético-cognitivo, que engloba os juízos e as apreciações éticas, constrói-se no conteúdo, porém não se apresenta no objeto estético.

De acordo com Bakhtin (2002), o conteúdo não deve ser exclusivamente cognitivo, visto que iria privá-lo do componente ético, este primordial para a Arquetônica; ele deve ser, portanto, ético, estético e cognitivo. Dessa forma, nossas

discussões acerca da categoria de análise do conteúdo temático, fizeram-nos entender que o ato-desejo da fanfiqueira, a partir de uma inspiração do mundo da vida, permeado pela ética do ato de escrever, este uma ação da consciência volitiva e sensível do autor-criador, permitiu a construção do conteúdo das produções ficcionais. Logo, concluímos que é o autor-criador que dá forma ao conteúdo, o que podemos esclarecer em três etapas distintas: (i) o autor-criador registrou os eventos da vida, a partir de sua posição axiológica; (ii) houve o recorte dos eventos da vida pelo autor-criador; e, por fim, (iii) o autor-criador reorganizou o recorte, esteticamente, a partir de sua posição axiológica.

Em relação à última categoria de análise da Arquitetônica bakhtiniana, as vastas leituras nos fizeram perceber que o estilo não se delimita de forma concreta em nenhuma das obras analisadas do teórico russo. Em virtude disso, dentre as categorias estudadas, o estilo foi a que demandou mais reflexões e interpretações para o alcance do devido entendimento necessário para a realização de nossas análises. Na obra *Teoria do Romance I – A Estilística*, Bakhtin (2015) centra-se na questão da unidade estilística, presente na linguagem do romance, o que nos fez compreender sua preocupação com a individualização do herói pelo autor-criador. Em nossas análises, pudemos perceber essa individualização da fanfiqueira em relação aos seus personagens ficcionais, nas quatro (4) *Fics* analisadas.

Ratificamos que nossos objetivos específicos também foram atingidos, pois, primeiramente, identificamos e interpretamos, à luz da Arquitetônica bakhtiniana, como as interações/sugestões dadas pelas fanfiqueiras, em um grupo de *WA*, influenciaram na reescrita das *Fics* de nossos sujeitos, no que diz respeito à forma composicional e linguística, ao conteúdo temático e ao estilo. Outrossim, também pudemos identificar, nas *Fics* reescritas, os traços das interações/sugestões, dadas pelas fanfiqueiras, relacionados: aos multiletramentos, à intergenericidade poética e discursiva e à colaboração da *beta*, em nosso segundo objetivo específico.

No que se refere aos traços dos multiletramentos, verificamos, em nossas análises, a influência da multiplicidade cultural dos cinco sujeitos da pesquisa, como também a presença da hibridização dos letramentos; a utilização de outras semioses, como diálogos inteiros com a utilização de elementos multimodais, a exemplo dos *emojis* e dos *stickers*, os quais não impossibilitaram a compreensão dos sujeitos nos processos de interação no grupo de *WA*.

Outro destaque importante, nesse contexto dos multiletramentos, foi a utilização da temática *LGBTQIA+*, por três dos cinco sujeitos analisados, visto que é uma preocupação dos Multiletramentos: culturas diversificadas e contextos diferenciados. Logo, questões que envolvem preconceito e temas polêmicos permeiam o contexto social contemporâneo, e todos os sujeitos da pesquisa demonstraram essa preocupação. Além disso, o letramento digital foi constatado, já que os cinco sujeitos, todos nativos digitais, demonstraram conhecimento dos ambientes *online*, como o *site Wattpad* e a rede social *WA*. Outrossim, concluímos que, no ambiente *online*, o letramento, como prática social, comprova as várias possibilidades de aprendizagem, por meio da escrita em ambiente digital.

Destacamos, também, o quão produtiva foi a participação dos sujeitos tanto no processo de interação quanto na utilização de uma diversidade produtiva de linguagens, pluralidade no âmbito da cidadania e características pessoais identificadas a partir das respostas à entrevista semiestruturada. Ou seja, pudemos constatar a celeridade nos diálogos, a influência de questões inerentes ao universo pessoal de cada um dos cinco sujeitos da pesquisa, perceptíveis tanto no grupo de *WA* quanto na produção individual dos quatro sujeitos que realizaram todas as etapas de nossa pesquisa: S1, S2, S3 e S5. Já em relação ao S4 - a *beta*, pudemos constatar sua colaboração nas primeiras etapas da pesquisa: escrita e interações no grupo de *WA*, para os quatro sujeitos da pesquisa, destacando que o S3 não solicitou ajuda da *beta* para suas correções ortográficas.

Além disso, verificamos a importância das TDM para o cotidiano desses jovens, que desenvolvem: a interatividade, no sentido da dialogicidade que o dispositivo móvel proporciona; e a espontaneidade, uma vez que não se preocupam em seguir modelos normativos nas interações, pois sentem-se motivados, uma vez que a ubiquidade inerente ao dispositivo móvel proporciona acesso a qualquer hora e em qualquer lugar. A partir da realização de nossa pesquisa, compreendemos que as possibilidades de recursos imagéticos não se limitam ao *smartphone*, já que é possível o acesso a aplicativos como *WA*, em *tablets* e em *notebooks*, inclusive, destacamos a importância desses aparelhos em contextos escolares.

No que tange à intergenericidade poética, pudemos comprovar, em nossas análises, que cada *Fic* analisada possui características e traços de mais de um gênero literário, o que atesta a presença de elementos da intergenericidade poética e discursiva nas produções ficcionais de nossos sujeitos. Houve, em nossos resultados,

a predominância do gênero narrativo, com suas características peculiares como: uma história (o enredo ficcional); uma forma (a escrita em ambiente digital, com a estruturação inerente ao gênero discursivo *Fics* – liberdade de construções linguísticas e utilização de recursos semióticos) e um sentido (a intenção de cada uma das fanfiqueiras repleta de carga semântica). Foi possível, então, identificar o gênero narrativo em diferentes trechos das quatro *Fics* analisadas. Por conseguinte, a predominância do gênero literário narrativo, entre as produções ficcionais de nossos sujeitos, deu-se pelo fato de o romance ser a forma literária mais utilizada contemporaneamente. Além disso, pudemos observar, nas narrativas de nossos sujeitos, fortes marcas da dramaticidade, a exemplo das *Fics* 2 e 4; como também, verificamos teores de liricidade em alguns trechos de *Fics*, a exemplo da *Fic4*.

Outro ponto imprescindível em nossas observações foi a presença da ação, relatada pelo narrador do gênero narrativo, elucidando a contraposição entre a *mimese* aristotélica e a própria ação do ato de criar da fanfiqueira. Como também, pudemos encontrar em nossos resultados, características do “eu” plural, ao ser introduzido no discurso direto de algumas *Fics* analisadas personagens que seguem esse modelo de subjetividade, com marcas objetivas em relação à narração como um todo.

Com a realização dessa pesquisa, pudemos compreender a necessidade de mudanças, na verdade atualizações, no que tange às práticas comumente realizadas na escola, no que diz respeito à produção textual. Dessa forma, percebemos que, a partir das práticas de Letramento Digital, é possível levar para o contexto educacional atividades que desenvolvam a produção textual, como as produções ficcionais em meio digital, as conhecidas *Fics*. Essas histórias criadas por fãs relacionam-se tanto ao universo ficcional original - personagens que existem tanto na vida real, quanto personagens de um mundo ficcional.

Ademais, pudemos notar a paixão que as fanfiqueiras têm pelo universo das *Fics*, visto que, além das práticas de leitura, são realizadas práticas de escrita, de interações e de reescritas de textos ficcionais em ambiente digital de forma contínua. As atividades realizadas nas aulas de leitura e de produção textual poderiam ser mais produtivas com a utilização das TDICs aplicadas ao contexto de produção da sala de aula. Por conseguinte, compreendemos que o universo das *Fics* permite o desenvolvimento de habilidades e de competências imprescindíveis para a prática da produção textual.

Acrescentamos que nossas discussões sobre os principais pressupostos da Linguística Textual nos fizeram compreender melhor os processos de escrita e de reescrita textuais habituais, para um aprofundamento nas questões que envolvem as TDICs e os processos de escrita em ambiente digital. Como também, nosso posicionamento adotado nessa pesquisa, concepção interacional (dialógica) da língua, auxiliou-nos na correta interpretação do nosso *corpus* e direcionamento para os resultados alcançados após as quatro análises.

Ratificamos, portanto, a relevância de nosso posicionamento em relação aos conceitos de sujeito e de texto, os quais nos fizeram ter um olhar mais detalhado sobre as produções ficcionais, tanto no que diz respeito à escrita quanto à reescrita das *Fics*. Além disso, estudar os mecanismos de interação verbal nos fez assumir um posicionamento investigativo mais coerente sobre as interações que foram realizadas no grupo de *WA* das fanfiqueiras. Outrossim, ao observarmos as interações durante a pesquisa, foi possível atestar o quão multimodal é o ambiente da rede social *WA* e o quanto as TDM possibilitam o desenvolvimento de competências e de habilidades no meio digital.

Com a realização dessa pesquisa, comprovamos a evolução tecnológica da sociedade. Acompanhar os avanços que o ambiente digital proporciona para pessoas de todas as idades, possibilitou-nos conhecer o mundo das *Fics*. Ademais, em um universo juvenil, interações por meio de redes sociais são cada vez mais comuns, por esse motivo, promover que jovens do Ensino Médio interajam por meio do *WA*, com a finalidade de comentar as *Fics* produzidas por amigas, permite que as fanfiqueiras possam melhorar suas habilidades e suas competências em produção textual, as quais, muitas vezes não são realizadas com tanta eficácia nos moldes da aula padrão na escola. Além de proporcionar o contato com os multiletramentos, os quais enriquecem o processo de aquisição das habilidades e competências para a produção textual e o diálogo com outros componentes curriculares que extrapolam os das Linguagens.

Nossa imersão no universo das *Fics*, durante a realização dessa pesquisa, proporcionou-nos uma melhor compreensão de como as fanfiqueiras realizam suas produções e postam no ambiente digital. Além disso, tivemos a oportunidade de saber que existe um *ranking* com a posição das *Fics*, o que possibilita aos produtores ficcionais a criação de livros físicos a partir das *Fics* mais lidas e escolhidas como as melhores no *site*. Acrescentamos a relevância que a intergenericidade poética possui

em nossa pesquisa, visto que tivemos um arcabouço teórico riquíssimo para a devida análise do nosso *corpus*.

Nossos resultados confirmam que as interações/sugestões dadas em um grupo de *WA* possibilitam a escrita e/ou reescrita de *Fics* a partir dessas interações. Por fim, ratificamos que as investigações sobre as produções ficcionais não se exaurem com nosso trabalho; há, inclusive, a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas envolvendo não apenas o universo das *Fics*, como também de outros elementos da indústria midiática.

REFERÊNCIAS

- ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, p. 64-75, 2010.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001a.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: EDIPRO, 2011b.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma Filosofia do Ato**. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance**. São Paulo: HUCITEC ANNABLUME, 2002.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I – A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M.M / VOLÓCHINOV.V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARBOSA, E. A. dos **Linguagem e interação do WhatsApp**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, 2016.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola, 2015.
- BAZARIM, M. Os efeitos do letramento literário no processo de didatização de uma professora de Língua Portuguesa (LP). **Linha Mestra**, n. 36, p. 206-213, set./dez, 2018.
- BEVILAQUA, R. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. **RevLet-Revista Virtual de Letras**, v. 5, n. 1, 2013.
- BRAIT.B *et al.* **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016.
- BRAIT.B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, L. A. A. **Escrever Ficção - um manual de criação literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAIADO, R.; LEFFA, V. J. A oralidade em tecnologia digital móvel: debate regrado via WhatsApp. **Hipertextos Revista digital**, v. 16, n.1, p. 109-133, julho, 2017.

CAMARGO, A.R.L. **Escrita no espaço digital: criação e atribuição de autoria em fanfictions**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2015.

CAMBRUSSI, M. F.; FERREIRA, E. D. **A quebra da dicotomia anterioridade/posterioridade da linguagem em relação ao pensamento: a visão holística de Wilhelm von Humboldt**. São Paulo: RG, 2011.

CAMPOS, A.V. **O uso de fanfictions nas aulas de Língua Portuguesa**. Niterói: UFF, 2017.

CAMPOS, M. I. B. Compreensão sobre a arquetônica em Bakhtin: fontes kantianas. **Organon**, v. 30, n. 59, 2015.

CARDOSO, W. M. B. Produção textual de fanfics nas aulas de língua portuguesa: (im) possibilidades de inclusão digital. **Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 18, n. 1, 2019.

CLARK, C.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DASCAL, M. Contextualism. *In*: PARRET, H.; SBISÁ, M.; VERSCHUEREN, J. **Possibilities and limitations of pragmatic**. Amsterdam: John Benjamins, 1982.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. **Multimodalidade, gênero textual e leitura. Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013.

DUDNEY, G.; HOLCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos Digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FARACO, C. A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2013.

FARACO, C. A. **Seminário Autoria – Heteroglossia – Axiologia**. Recife: UFPE, 2019.

FIAD, R. S. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 13, n. 3, p. 463-480, 2013.

FONTE, R. F. L.; CAIADO, R. V. R. A coesão e a coerência em tecnologia digital móvel. *In: Linguagem e Interdisciplinaridade – Diferentes gestos de interpretação*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais – Leitura e escrita na era digital**. Jundiá: Paco: 2010.

GOMES, R. T. Olhos de encenador frente a intergenericidades poéticas. *In: TENÓRIO, P. G. (org.). Sobre a escrita criativa*. Recife: Raio de Sol, 2017.

GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital: a escola educativa**. Penso Editora, 2015.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, mai./ago. p. 201-210, 2006.

JAMISON, A. **FIC: por que a fanfiction está dominando o mundo**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zalar, 2001.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, I. **Crítica da razão**. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2011.

KERSCH, D. F. *et al.* **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

LEITE, E. G.; PEREIRA, R. C. M. A construção da autoria na reescrita de textos: efeitos da interação professor-aluno. **Revista Letras**, v. 85, n. 1, 2010.

LIMA, E. G. Fan fiction ('ficção de fã') como prática de multiletramentos. **Em Tese**, v. 23, n. 2, p. 88-100, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOISÉS, M. **DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1974.

MENEGOLO, E. D. C. W.; MENEGOLO, L. W. O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor. **Ciências & Cognição**, v. 4, 2005.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística - fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

PARIS, L.G. *et al.* Oficinas de fanfictions na escola: investigando práticas de revisão e reescrita. **Estudos Linguísticos**, v. 45, n. 2, p. 441-451, 2016.

PARIS, L.G. Letramentos dominantes e vernaculares em uma oficina de fanfictions na escola. **Calidoscópico**, v. 16, n. 2, p. 294-302, 2018.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PLAZA, W. **Esses são os emojis mais populares no mundo**. [S.]: Hardware, 2019.

QUEIROZ, I. A. O conceito de arquetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 2, p. 625-640, 2017.

REMENCHE, M. L. R.; OLIVEIRA, M. E. W. Leitura e escrita em fanfic: deslocamentos do leitor ao jogador. **Revista Desenredo**, v. 15, n. 2, 2019.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, 2017.

RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. V. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

RIBEIRO, A.E.; JESUS, L.M. Produção de fanfictions e escrita colaborativa: Uma proposta de adaptação para a sala de aula. **Scripta**, v. 23, n. 48, p. 93-108, 2019.

ROCHA, A. N.; SANTOS, G. S. **Fanfictions, juventude e multiletramentos**. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, v. 1, n. 8, 2017.

ROCHA, P. F. **Como fazer uma pesquisa científica? – uma abordagem teórico-prática**. Maceió: Edições Catavento, 2002.

ROJO, R. **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSENFELD, A. **O Teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTAELLA, L. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**, n. 37, p. 20 - 24, dez., 2008.

SILVA, I. P.; ROCHA, F. B. Implicações do uso do *WhatsApp* na educação. **Revista EDaPECI**, v. 17, n. 2, p. 161-174, 2017.

SILVA, M. L. **Educação para a emancipação na era digital: um estudo sobre as Fanfics como recurso pedagógico para a aprendizagem de leitura crítica e de escrita criativa no ensino médio**. 2019. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2019.

SOUSA, K. D. de *et al.* **A escrita de narrativas na Internet: análise intergenérica do gênero fanfiction**. São Paulo: UNICAMP, 2018.

STAIGER, E. **Conceitos Fundamentais da poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

STALLONI, Y. **Os gêneros literários**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

XAVIER, A. C. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. **Calidoscópico**, v. 9, n. 1, p. 3-14, 2011.

GLOSSÁRIO

Dicionário das *Fanfics*

Beta: pessoa responsável por ajudar a autora nas correções de capítulos.

Cross-dress: Inglês para “travestir”. *Fanfic* onde uma ou mais personagens se veste com roupas próprias do sexo oposto. Compare com *Genderbend*.

Crossover: *Fanfics* onde ocorre o encontro de dois universos diferentes (como uma trama que una Pokémon e Digimon), não necessariamente de autores diferentes. Existe também a ocorrência de crossovers oficiais: a CLAMP, responsável por *shoujos* muito populares, utiliza-se disso para ligar as várias histórias que publicou.

Dark Lemon/Orange: *Fanfic* com cenas de sexo homossexual forçado (*Lemon* para homens e *Orange* para mulheres). A contraparte não consensual do *Lemon* e do *Orange*.

Fandom: Inglês para “domínio de fãs”. Tudo o que diz respeito ao grupo de fãs de uma história e sua produção (*fanfics*, *fanarts*, *cosplays*, piadas internas, etc.)

Fluff: *Fanfic* de romance mais fofa e doce do que um romance comum. Sinônimo de *waff*.

Hentai: *Fanfic* contendo cenas de sexo heterossexual. O *hentai* como gênero de anime tem algumas características específicas, como subgêneros próprios; um termo mais neutro para *fanfics* que não correspondem a isso e/ou não fazem parte do universo dos animes é NC-17, que remete à classificação. Deve ser classificado como +18.

Lemon: *Fanfic* com cenas de sexo explícito entre homens. Deve ser classificada como +18. A contraparte masculina do *Orange* (ver termo).

Lime: História com cenas de sexo implícitas. O termo se aplica tanto a casais heterossexuais quanto homossexuais e deve ser classificada como +16.

Longfic: *Fanfic* de longa duração. Termo semelhante, mas não idêntico, a saga (ver termo). Não existe um consenso sobre qual seria o tamanho mínimo ou máximo para que uma *fanfic* seja considerada *longfic*.

MPREG: “*Male Pregnancy*”, inglês para “gravidez masculina”. *Fanfic* onde homens geram um bebê por meios naturais.

One-shot: *Fanfic* de capítulo único. Escritores de ficção original preferem o termo “conto”, porém, *one-shot* também é de amplo uso para a situação.

POV: *Point of View*, inglês para “ponto de vista”. Em português, também é válida a abreviação “PDV”. Indica o narrador ou foco narrativo daquele momento.

PWP: “*Porn Without Plot*”, inglês para “pornografia sem enredo”. *Fanfic* sem uma trama definida que costuma apresentar apenas cenas de sexo.

Reboot: Inglês para “reiniciar”. Consiste em escrever uma história ou *fanfic* a partir da estaca zero, com as mesmas personagens e ignorando totalmente o enredo anterior. Prática mais frequente nos jogos.

Review: Inglês para “revisão” ou “crítica”. É o comentário com a opinião do leitor deixado após ler a *fanfic*. A Liga dos *Betas* recomenda: envie sempre o seu.

Ship: Termo derivado do inglês “*relationship*”, relacionamento, significando casal ficcional. O sufixo também está presente na palavra “*friendship*”, amizade, não tem tradução exata para o português. *Ships* podem ser escritos com uma barra ou uma letra X entre os nomes dos componentes, uma combinação dos dois nomes ou uma palavra de comum acordo no fandom que represente o ship. Exemplos: *Harry/Ginny*, *Ron X Hermione*, *NaruHina* (Naruto e Hinata), *jikook* (*jimin* e *jungkook*) *Larry* (*Harry* e *Louis*). Existe o costume de escrever o nome do homem antes do da mulher em um *ship* heterossexual, assim como o do parceiro ativo antes do passivo nos *ships* homossexuais.

Shipper: Pessoa que é fã de determinado casal e/ou escreve sobre ele. Um *shipper* exerce a atividade de *shippar*, “*shipping*”, em inglês. Compare com *ship*.

Shortfic: Inglês para “*fic curta*”. História com mais de um capítulo, porém, não tão grande, contendo um máximo aproximado (mas não consensual em todo o meio das *fanfics*) de dez capítulos. Os capítulos costumam não ser muito longos, parando por volta das três mil palavras, dado que também não é de comum acordo.

Shoujo-ai: *Fanfic* com relações românticas leves, normalmente platônicas, entre mulheres. A contraparte feminina do *shounen-ai*). Mais comum em obras de origem japonesa.

Shounen-ai: *Fanfic* com relações românticas leves, normalmente platônicas, entre homens. A contraparte masculina do *shoujo-ai*. Mais comum em obras de origem japonesa e nas *fanfics* derivadas delas.

Yaoi: *Fanfic* com romance entre dois homens. Termo mais usado em obras de origem japonesa (animes e mangás). A contraparte masculina do Yuri. É uma sigla derivada da frase “*Yama nashi, ochi nashi, imi nashi*”, japonês para “sem pico (clímax da história), sem queda (desfecho), sem sentido”, sentença usada para definir a falta de um enredo no início do gênero, que se comportava de maneira semelhante ao PWP nas *fanfics*.

Yuri: *Fanfic* com romance entre duas mulheres. Termo mais usado em obras de origem japonesa (animes e mangás). A contraparte feminina do Yaoi. “*Yuri*”, em japonês, é a palavra para “lírio”. Surgiu na antiga revista “*Barazoku*” (tribo das rosas, em japonês), voltada para o público homossexual masculino, em uma coluna de nome “*Yurizoku no heya*” (sala da tribo dos lírios, em japonês), esta sendo voltada para as leitoras.

ANEXOS

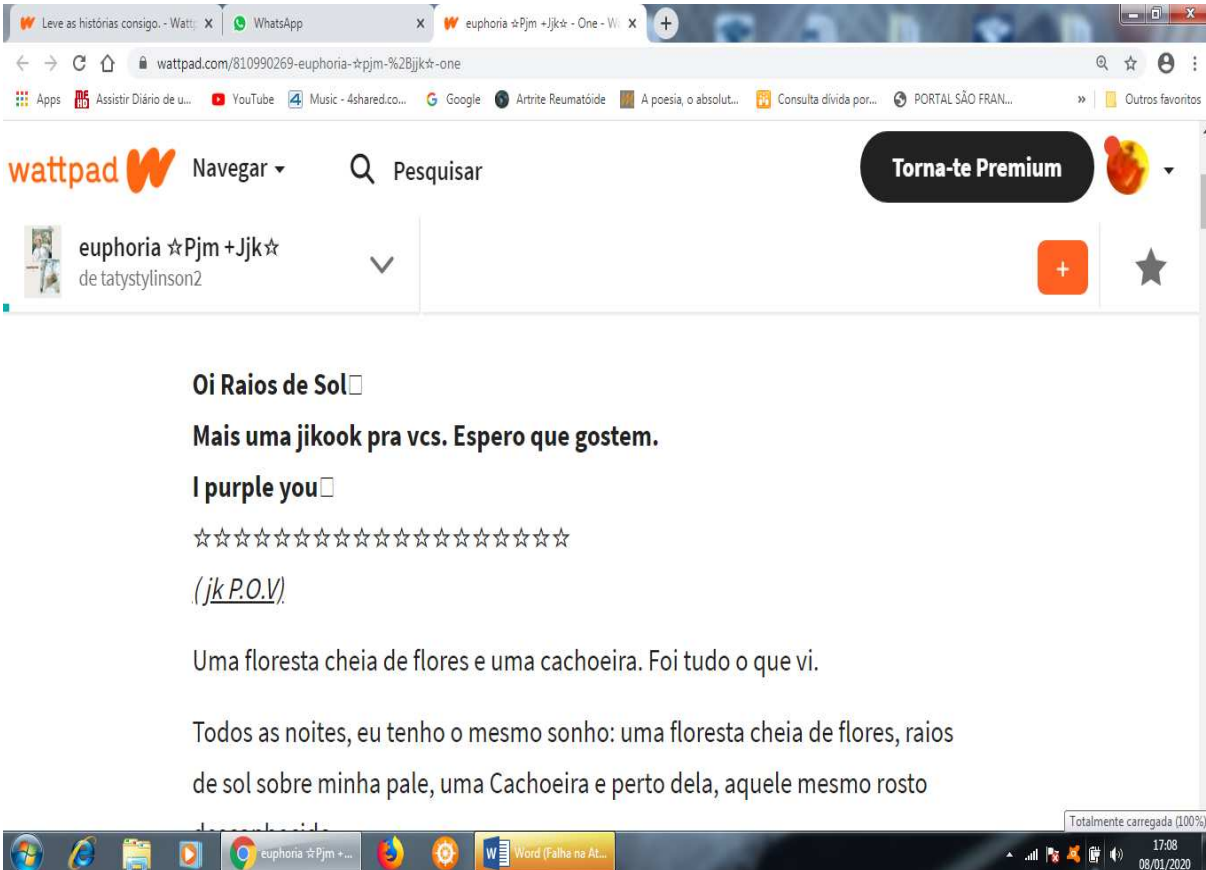
Anexo 1 – Prints da Fic1 (S3) – Trechos analisados da Fic1 (escrita)



wattpad **Navegar** Pesquisar **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk☆
23 leituras 2 votos História com 2 capítulo(s)

De **tatystylinson2**
Em andamento - Atualizado jan 14



wattpad **Navegar** Pesquisar **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk☆
de tatystylinson2

Oi Raios de Sol

Mais uma jkook pra vcs. Espero que gostem.

I purple you

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

(jk P.O.V)

Uma floresta cheia de flores e uma cachoeira. Foi tudo o que vi.

Todos as noites, eu tenho o mesmo sonho: uma floresta cheia de flores, raios de sol sobre minha pale, uma Cachoeira e perto dela, aquele mesmo rosto

Totalmente carregada (100%) 17:08 08/01/2020

de sol sobre minha pale, uma Cachoeira e perto dela, aquele mesmo rosto desconhecido.

O loirinho tinha uma pele pálida e sorria fofo pra mim. Certa vez, pude finalmente vê seus lábios, mas nada mais foi revelado até agora. Ele só poderia ser um sonho mesmo, pois sua beleza era incomparável, apesar de tão pouco contato. Apesar de ser apenas algo de minha imaginação, o garoto estava sempre em lugares diferentes da floresta.

E depois de ver seu rosto, eu acordava.

Você deve estar se perguntando quando esses sonhos começaram. Bem,

Eu acordei cedo essa manhã apos mais um sonho e, derrotado, retomei ao meu trabalho inacabado. Eu estava terminando uma das telas do sonho do dia anterior, quando alguém bate na porta do meu ateliê e entrar em seguida

- Esse é o mais bonito de todos, Kook! Você sempre se superando- Hoseok diz, analisando o quadro , após me dar um susto.

- Ai, Hyung... Eu não aguento mais pintá-lo sem ao menos saber seu nome ou seu rosto...- O Jeon olha pro quadro quase finalizado, onde o garoto loiro sorria para quem olhava.

- Você vai descobrir quem é esse garoto misterioso, Kook. - Hoseok sorri,

Leve as histórias consigo. - Watt: x WhatsApp x euphoria ☆Pjm +Jjk☆ - One - W x

wattpad **w** Navegar Pesquisar **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk☆
de tatystylinson2

Você deve estar se perguntando quando esses sonhos começaram. Bem, tudo começou quando minha avó morreu, ou seja, há 5 anos atrás. Minha omma costuma dizer que minha avó tinha dons, porém eu nunca pensei que ela pudesse passa-los para mim.

Depois de dias atormentado por esses sonhos, eu passei a desenha-los numa tela e, por conta delas, eu comecei a ter uma certa paixão pela arte. Encontrei na arte uma forma de descarregar tudo o que sentia e o que não sabia explicar em forma de palavras.

Eu acordei cedo essa manhã apos mais um sonho e, derrotado, retomei ao

17:11 08/01/2020

Leve as histórias consigo. - Watt: x WhatsApp x euphoria ☆Pjm +Jjk☆ - One - W x

wattpad **w** Navegar Pesquisar **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk☆
de tatystylinson2

Suran. A garota não parava de encher-lhe o saco.

-Oi, Suran. Quanto tempo, não é? - Jeon tentou ser o mais educado possível.

-Ai, kook, eu fiquei com tantas saudades da nossa noite juntos, você não? -a garota sorria sedutora

A verdade era que Jeon já tinha namorado a garota no ensino médio. Na verdade, ele tentou esquecer o loiro dos sonhos com a garota, mas, sem resultado.

-Suran, isso foi passado, okay? Vamos esquecer isso.

17:28 08/01/2020

Leve as histórias consigo. - Watt: X (1) WhatsApp x euphoria ☆Pjm +Jjk☆ - One - W x

wattpad Navegar Pesquisar Torna-te Premium

euphoria ☆Pjm +Jjk☆ de tatystylinson2

Apesar de fazer obras inspiradas em um certo loirinho, o garoto misterioso, jungkook também costumava pintar obras sobre a natureza e o que se passava em sua volta, ganhando um certo sucesso por onde passava.

-Eu ainda acho que você deveria mostrar um desses quadros, assim ele pode ver e, quem sabe, a gente possa achá-lo por aí. -Jin falou, após ver um dos quadros do amigo. Neste, o garoto aparecia de costas e perto de algumas cerejeiras.

08/01/2020

Anexo 1.2 - Prints da Fic1 reescrita após as interações no grupo de WA das fãntiquesiras - (Trechos que foram analisados)

Resultados da pesquisa - josem: X euphoria ☆Pjm +Jjk☆ - One (co: x

wattpad Navegar Pesquisar Torna-te Premium

euphoria ☆Pjm +Jjk☆ de tatystylinson2

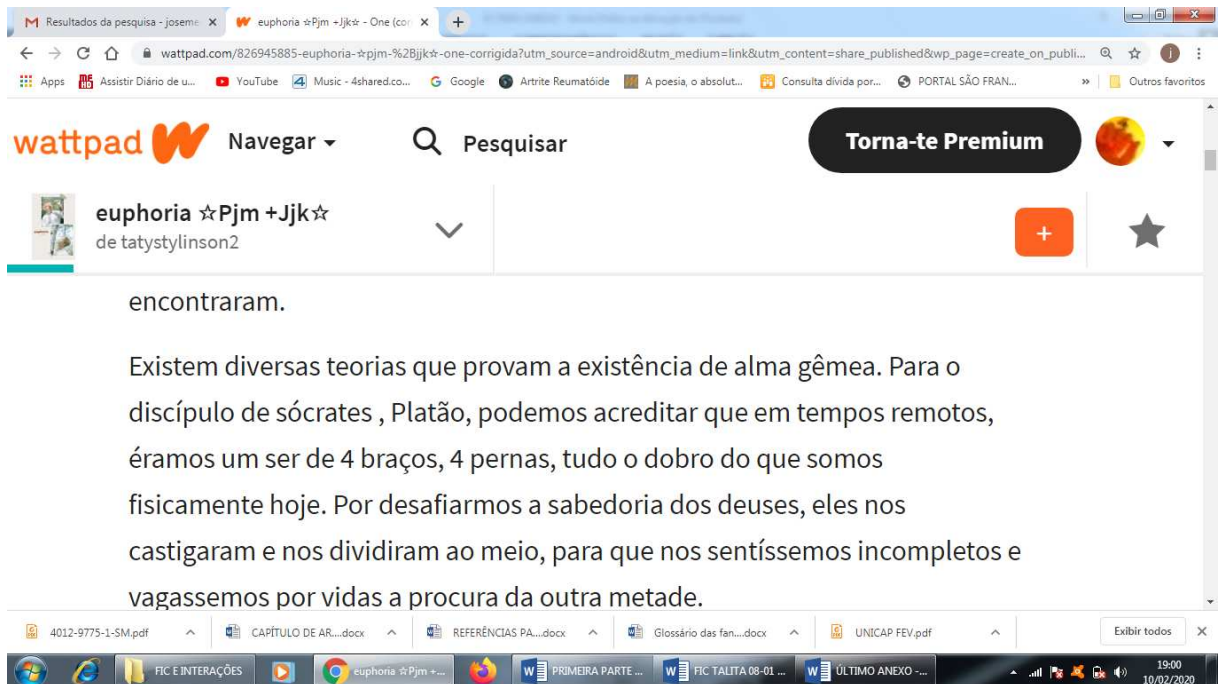
.....

O que significa alma gêmea ?

Bem, de acordo com o site IQuilíbrio, **alma gêmea** nada mais é do que um indivíduo que você conheceu em vidas passadas e com o qual manteve profundos laços sentimentais nas diversas reencarnações em que se encontraram.

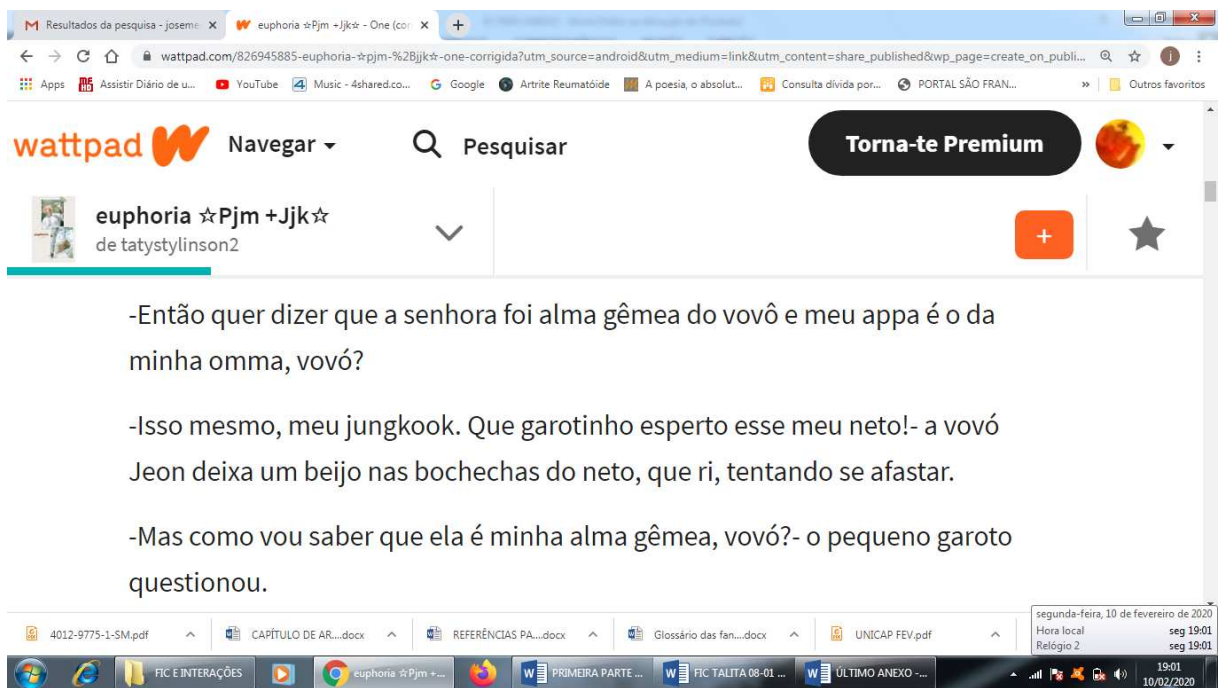
4012-9775-1-SM.pdf CAPÍTULO DE AR...docx REFERÊNCIAS PA...docx Glossário das fan...docx UNICAP FEV.pdf Exibir todos X

18:59 10/02/2020



encontraram.

Existem diversas teorias que provam a existência de alma gêmea. Para o discípulo de sócrates , Platão, podemos acreditar que em tempos remotos, éramos um ser de 4 braços, 4 pernas, tudo o dobro do que somos fisicamente hoje. Por desafiarmos a sabedoria dos deuses, eles nos castigaram e nos dividiram ao meio, para que nos sentíssemos incompletos e vagássemos por vidas a procura da outra metade.



-Então quer dizer que a senhora foi alma gêmea do vovô e meu appa é o da minha omma, vovó?

-Isso mesmo, meu jungkook. Que garotinho esperto esse meu neto!- a vovó Jeon deixa um beijo nas bochechas do neto, que ri, tentando se afastar.

-Mas como vou saber que ela é minha alma gêmea, vovó?- o pequeno garoto questionou.

questionou.

-Elas podem ser reveladas de formas diferentes, meu neto. basta esperar.

E a senhora Jeon sabia que logo logo ele saberia.

.....

Anos depois...

E depois de ver seu rosto, eu acordava.

Você deve estar se perguntando quando esses sonhos começaram. Bem, tudo começou quando minha avó morreu, ou seja, há 5 anos atrás.

Eu vim de uma família humilde, mas bem famosa em toda Busan, principalmente pela boa comida do restaurante que minha família possuía há gerações. Minha omma, tias e avó, eram responsáveis pela boa comida, assim como meu avô foi antes de falecer.

Resultados da pesquisa - josem... euphoria ☆Pjm +Jjk - One (cor...
 wattpad.com/826945885-euphoria-☆pjm-☆2bjjk☆-one-corrigida?utm_source=android&utm_medium=link&utm_content=share_published&wp_page=create_on_publi...
 Apps Assistir Diário de u... YouTube Music - 4shared.co... Google Artrite Reumatóide A poesia, o absolut... Consulta dívida por... PORTAL SÃO FRAN... Outros favoritos

wattpad **Navegar** **Pesquisar** **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk
de tatystylinson2

Quando eu ainda era pequeno, sofria para fazer amizades pois sempre diziam que não queriam se misturar com um neto de "feiticeira". Minha harmeoni* tinha dons, disso eu tinha certeza, mas nunca parei para interrogá-la. A mesma, costumava me contar histórias sobre almas gêmeas e eu podia ver que todas as características que as almas predestinadas tinham, existentes no relacionamento dos meus pais e dos meus próprios avos, porém não acreditei muito. Bem, até os sonhos começarem.

4012-9775-1-SM.pdf CAPÍTULO DE AR...docx REFERÊNCIAS PA...docx Glossário das fan...docx UNICAP FEV.pdf Exibir todos

19:04 10/02/2020

Resultados da pesquisa - josem... euphoria ☆Pjm +Jjk - One (cor...
 wattpad.com/826945885-euphoria-☆pjm-☆2bjjk☆-one-corrigida/page/2?utm_source=android&utm_medium=link&utm_content=share_published&wp_page=create...
 Apps Assistir Diário de u... YouTube Music - 4shared.co... Google Artrite Reumatóide A poesia, o absolut... Consulta dívida por... PORTAL SÃO FRAN... Outros favoritos

wattpad **Navegar** **Pesquisar** **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk
de tatystylinson2

novo.

Suran. A garota não parava de encher-lhe o saco.

-Oi, Suran. Quanto tempo, não é? - Jeon tentou ser o mais educado possível.

-Ai, kook, eu fiquei com tantas saudades da nossa noite juntos, você não? -a garota sorria sedutora

A verdade era que Jeon já tinha namorado a garota no ensino médio. Na

4012-9775-1-SM.pdf CAPÍTULO DE AR...docx REFERÊNCIAS PA...docx Glossário das fan...docx UNICAP FEV.pdf Exibir todos

19:07 10/02/2020

Resultados da pesquisa - josem... euphoria ☆Pjm +Jjk☆ - One (cor...
wattpad.com/826945885-euphoria-☆pjm-☆2bjjk☆-one-corrigida/page/2?utm_source=android&utm_medium=link&utm_content=share_published&wp_page=create_...
Apps Assistir Diário de u... YouTube Music - 4shared.co... Google Artrite Reumatóide A poesia, o absolut... Consulta dívida por... PORTAL SÃO FRAN... Outros favoritos

wattpad **Navegar** **Pesquisar** **Torna-te Premium**

euphoria ☆Pjm +Jjk☆
de tatystylinson2

A verdade era que Jeon já tinha namorado a garota no ensino médio. Na verdade, ele tentou esquecer o loiro dos sonhos com a garota, mas, sem resultado.

-Suran, isso foi passado, okay? Vamos esquecer isso.

-Ai, kook, Você ainda será meu novamente- ela sorriu e se afastou.

4012-9775-1-SM.pdf CAPÍTULO DE AR...docx REFERÊNCIAS PA...docx Glossário das fan...docx UNICAP FEV.pdf Exibir todos

19:11 10/02/2020

Anexo 2 – Prints da Fic2 (S2) – Trechos analisados da Fic2 (escrita)

The screenshot shows the Wattpad website interface. At the top, there are several browser tabs and a search bar. The main content area features a dark green background with a castle illustration. The title 'Fearcity' is prominently displayed in white. Below the title, it indicates '42 leituras', '1 voto', and 'História com 3 capítulo(s)'. The author's name 'De livialinsvicx' is shown with a circular profile picture, and the status 'Em andamento - Atualizado Jan 24' is visible. The Wattpad logo and navigation options are at the top left, and a 'Torna-te Premium' button is at the top right.

This screenshot shows the first chapter of the story 'Fearcity' by livialinsvicx. The page layout includes the Wattpad header with the search bar and 'Torna-te Premium' button. Below the header, the story title and author name are displayed. The main text of the chapter is as follows:

Provavelmente, o horário era três horas da manhã, dava para sentir o seu medo no meio dos seus respiros profundos, Gabriela escutou um barulho vindo da cozinha, eram passos ... só quem de quem? Ela estava sozinha. Ela então caminhou até a cozinha com o coração na mão, e então ela escuta um choro de criança, mas não há crianças na casa. Depois de muitos suspiros resolve procurar uma ajuda, ligou de imediato para um padre. Por volta das 3:50 ele chega com sua cruz e sua água benta abençoando toda a casa e tirando todo o mal que estava lá dentro. Ela ainda com medo e com sua

The bottom of the screenshot shows the Windows taskbar with various application icons and the system clock displaying 14:42 on 14/03/2020.

Quando todo o mal que estava lá dentro. Ela ainda com medo e com sua respiração profunda resolve dormir na casa de sua melhor amiga para evitar uma insônia causada pelo estresse e medo. Ela volta a sua casa após a noite perturbadora que ainda ecoava nos seus ouvidos, sendo assim, resolve levar a vida normalmente, mas quem irá garantir que todo o mal já foi liberto?. Após o acontecido, todos os dias estavam normais.

depois de muito tempo ...

Oi, meu nome é Gabriela e eu morava sozinha quando aconteceu algo

Oi, meu nome é Gabriela e eu morava sozinha quando aconteceu algo sobrenatural na minha vida, mas atualmente está tudo bem, até agora não aconteceu mais nada do tipo. Moro em uma cidade Chamada Fearcity há muito tempo atrás, é uma cidade pequena, mas, tem tudo o que você precisa. Quando acontece algo todo mundo fica sabendo, por isso o meu problema não veio à tona se não todos saberiam e iria causar "perda" de habitantes na cidade por conta do medo e acabaria a cidade não existindo mais. Já teve histórias aqui de bruxas que foram encontradas mortas

Wattpad logo, Navegar, Pesquisar, Torna-te Premium

Fearcity
de livialinsvicx

muito tempo atrás, é uma cidade pequena, mas, tem tudo o que você precisa. Quando acontece algo todo mundo fica sabendo, por isso o meu problema não veio à tona se não todos saberiam e iria causar "perda" de habitantes na cidade por conta do medo e acabaria a cidade não existindo mais. Já teve histórias aqui de bruxas que foram encontradas mortas próximo a cidade fearcity pelos caçadores de bruxa, e quem sabe as bruxas da idade média não querem vingança por acontecimentos do passado??

Wattpad logo, Navegar, Pesquisar, Torna-te Premium

fearcity
de livialinsvicx

há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriela depois do que houve anos atrás, a duvida dela sempre será a mesma, era uma bruxa com raiva dos seus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir ??, logo logo ela irá descobrir.

um amargo sentimento de medo estava percorrendo sobre seu corpo, quando ela acorda e vê um vulto passar para o quarto de sua amada filha, ela vê que o seu marido já tinha chegado de seu trabalho cansativo de professor e por conta disso fica mais calma, pois ela não estava sozinha

professor e por conta disso fica mais calma, pois ela não estava sozinha. Quando sua filha começa a chorar, desesperadamente ela sai de sua cama em direção ao quarto da pequena que chora aflita por um colo materno. Seu marido tinha um sono leve e por isso também se juntou a esposa para acalmá-las.

- porque você está deste jeito?? Tão aflita, com medo, afobada. - disse seu marido, esperando sua resposta com calma.

- eu me acordei e vi um vulto passar pro quarto de aurora, foi depois disso que ela começou a chorar e então eu corri até ela. - diz Gabriella praticamente chorando!!

- isso deve ser coisa da sua cabeça Gabriella!!

- NÃO, NÃO É COISA DA MINHA CABEÇA GUILHERME!! - fala gritando e assustando a bebê fazendo-a chorar

Depois do fazer aurora dormir, Gabriella chama Guilherme para uma

Depois de fazer aurora dormir, Gabriella chama Guilherme para uma conversa. A conversa sobre o passado dela a atormentava, principalmente por conta dos sonhos bizarros que ela tinha, ela conta exatamente tudo que houve anos atrás, e então ele começa a entender tudo; seu medo por dormir sem um abajur ligado, seu medo por deixá-lo sozinho na casa com a filha. seu medo por dormir

tranquilamente e de repente acordar por conta de um sonho que sempre acontece. E então, Gabriella resolve dormir tranquilamente, pois, a única coisa que ela nunca havia dito a seu marido tinha sido contado naquela noite.

COMPRAR AGORA >

2.1 - Prints da Fic2 reescrita após as Interações no grupo de WA das fanfiqueiras - (Trechos que foram analisados)

The image consists of two screenshots of a Wattpad page. The top screenshot shows the header of the page with the Wattpad logo, a search bar, and a 'Pesquisar' button. Below the header, the title 'reescrita do capítulo 2' is displayed in large black font. Underneath the title, there are statistics: 10 views, 0 stars, and 0 comments. A small profile picture of the author 'livialinsvicx' is shown below the statistics. The bottom screenshot shows the beginning of the text of the chapter. The text reads: 'Oie, meus querido leitores, então!! A história é o seguinte: Há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriela depois do que houve anos atrás, a dúvida dela sempre será a mesma, era uma bruxa com raiva dos seus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir ??, logo logo ela irá descobrir.' Below this text, there is a horizontal line and the start of another sentence: 'Um amargo sentimento de medo estava percorrendo sobre seu corpo'.

wattpad **w** Navegar ▾ Pesquisar **Torna-te Premium**

Fearcity
de livialinsvicx

reescrita do capítulo 2

👁 10 ★ 0 💬 0


de livialinsvicx

Oie, meus querido leitores, então!! A história é o seguinte: Há muito tempo não tinha acontecido nada de sobrenatural na vida de Gabriela depois do que houve anos atrás, a dúvida dela sempre será a mesma, era uma bruxa com raiva dos seus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir ??, logo logo ela irá descobrir.

Um amargo sentimento de medo estava percorrendo sobre seu corpo

Um amargo sentimento de medo estava percorrendo sobre seu corpo, quando ela acorda escutando alguém lhe chamar e vê um vulto passar para o quarto de sua amada filha, ela vê que o seu marido já tinha chegado de seu trabalho cansativo de professor e por conta disso fica mais calma, pois ela não estava sozinha. Quando sua filha começa a chorar, desesperadamente ela sai de sua cama em direção ao quarto da pequena que chora aflita por um colo materno. Seu marido tinha um sono leve e por isso também se juntou a esposa para acalmá-las.

- porque você está deste jeito?? Tão aflita, com medo e afobada. - disse seu marido, esperando sua resposta com calma.

- eu me acordei e vi um vulto passar pro quarto de aurora, foi depois disso que ela começou a chorar e então eu corri até ela. - diz Gabriella praticamente chorando!!

- isso deve ser coisa da sua cabeça Gabriella!!

- NÃO, NÃO É COISA DA MINHA CABEÇA GUILHERME!! - fala gritando e

assustando a bebê fazendo-a chorar

Depois de fazer aurora dormir, Gabriella chama Guilherme para uma conversa. A conversa sobre o passado dela a atormentava, principalmente por conta dos sonhos bizarros que ela tinha, ela conta exatamente tudo que houve anos atrás, e então ele começa a entender tudo; seu medo por dormir sem um abajur ligado, seu medo por deixá-lo sozinho na casa com a filha, seu medo por dormir tranquilamente e de repente acordar por conta de um sonho que sempre acontece. E então, Gabriella resolve dormir

seu medo por dormir tranquilamente e de repente acordar por conta de um sonho que sempre acontece. E então, Gabriella resolve dormir tranquilamente, pois, a única coisa que ela nunca havia dito a seu marido tinha sido contado naquela noite. Gabriela é uma escritora maravilhosa, aquelas que em qualquer livro a escrita te prende que o livro é acabado no mesmo dia em que começamos.

- Guilherme, quero que saiba que há muito tempo atrás eu escutei e senti muitas coisas nessa casa de imediato pensei que seria alguma bruxa com

- Guilherme, quero que saiba que há muito tempo atrás eu escutei e senti muitas coisas nessa casa de imediato pensei que seria alguma bruxa com raiva dos meus antepassados ou era um espírito louco por um corpo para se possuir, fiquei com muito medo mais só durou um dia. Tive que fazer terapias para me sentir bem e segura na minha própria casa, essas coisas começou a acontecer quando eu comecei a escrever. Parei quando houve o acontecimento porque tive um bloqueio e acabei perdendo o gosto de escrever até que então resolvi voltar e aproveitando a licença de

- Eu entendo Gabriela mas acho que você está ficando louca, não existem bruxas e nem espíritos. Vai dormir!!!

- E... tem uma outra coisa.

- O que foi Gabriela?? - pergunta nervoso, ansioso pela besteira que Gabriela iria falar, para ele tudo era besteira vindo da boca dela, ele sempre foi cético em questão de espíritos, bruxa...

- NADA!! - fala muito nervosa, estressada por Guilherme ser tão cético,

The image is a screenshot of a web browser displaying a Wattpad page. The browser's address bar shows the URL: wattpad.com/830841535-fearcity-reescrita-do-capitulo-2. The page header features the Wattpad logo, a search bar with the text "Pesquisar", and a "Torna-te Premium" button. Below the header, the story title "Fearcity" by "livialinsvicx" is visible. The main content area contains two paragraphs of text. The first paragraph is a dialogue line: "- NADA!! - fala muito nervosa, estressada por Guilherme ser tão cético, incompreensivo." The second paragraph is a narrative description: "Ela acorda em um lugar estranho, no qual está em um caminho sem fim, era um lugar que dava arrepios; totalmente antigo. Ecoavam gritos vindo de um caminho que ela não conseguia achar, desesperada, grita de volta. Quando finalmente encontra o lugar no qual está vindo os gritos, era uma bruxa sendo queimada por vários outros, pedindo ajuda. Quando vou ajudá-la..." The browser's taskbar at the bottom shows several open applications, including "FIC E INTERAÇÕES", "Fearcity - reescrit...", and "ANEXOS COMPLE...". The system clock in the bottom right corner indicates the time is 14:44 on 14/03/2020.

(1.444 não lidos) - josemeirecaet... x WhatsApp x Fearcity - reescrita do capítulo 2 x

wattpad Navegar Pesquisar Torna-te Premium

Fearcity
de livialinsvicx

- NADA!! - fala muito nervosa, estressada por Guilherme ser tão cético, incompreensivo.

Ela acorda em um lugar estranho, no qual está em um caminho sem fim, era um lugar que dava arrepios; totalmente antigo. Ecoavam gritos vindo de um caminho que ela não conseguia achar, desesperada, grita de volta. Quando finalmente encontra o lugar no qual está vindo os gritos, era uma bruxa sendo queimada por vários outros, pedindo ajuda. Quando vou ajudá-la...

FIC E INTERAÇÕES Fearcity - reescrit... ANEXOS COMPLE... 14:44 14/03/2020

Anexo 3 – Prints da Fic3 (S5) – Trechos analisados da Fic5 (escrita e reescrita)

The screenshot shows the Wattpad interface for the story 'Drinking with Dionysus'. The title is prominently displayed in white text against a dark background with a glowing wine glass. Below the title, it indicates '30 leituras', '0 votos', and 'História com 1 capítulo(s)'. The author's name 'De julove2' and the status 'Em andamento - Atualizado Jan 24' are visible. The browser's address bar shows the URL: wattpad.com/story/211964495?utm_source=android&utm_medium=com.whatsapp&utm_content=story_info&wp_page=story_details_button&wp_uname=julove2&w... The taskbar at the bottom shows various open applications and the system clock indicating 14:14 on 14/03/2020.

This screenshot shows the beginning of the story text on the Wattpad page. The text is in Portuguese and describes the location of Mount Olympus. The browser's address bar shows the URL: wattpad.com/829571163-drinking-with-dionysus-castigo. The taskbar at the bottom shows the system clock indicating 14:46 on 14/03/2020.

Olimpo, criado para ser a morada dos deuses. situado no norte da Grécia próximo ao mar Egeu, o monte Olimpo é o ponto mais alto da Grécia tem o cume coberto de neve e quase sempre coberto de nuvens. Sua entrada é protegida pelas deusas chamadas estações .

O palácio foi construído por Hefesto e feito de ouro e prata. É morada dos 12 principais deuses olímpicos, dois deles moram em seus respectivos reinos Poseidon ,deus do mar, no mar e Hades no submundo - os outros 10 no palácio

palácio .

E finalmente Dionísios ,o deus do natureza ,fecundidade, alegria e do vinho e sendo assim o deus mais embriagado do Olimpo sem contar o quão patético ele fica bêbado -PARK JIMIN EU ESTOU FALANDO COM VOCÊ ACORDA. Escuto ele falar furioso ,me fazendo levantar atordoado.

-Calma não precisa gritar , minha cabeça está doendo- Abro os olhos com dificuldade pela luz por causa do ser brilhante do que esta na minha frente,

já que apolo é o deus do sol,da música , da profecia e outros que não me

lembro agora .

- Claro isso que dá misturar seus experimentos alcoólicos com o néctar do Olimpo . Hobi passa a mão no rosto em sinal de nervosismo andando de um lugar para o outro,olho pra ele sem entender então me arrisco em perguntar.

- Por que você esta andando de um lado para o outro? estou ficando mais tonto que o normal.Nunca tinha o visto o Hobi ficar assim depois de uma das

minhas "festas".

- Você organizou uma festa sem Zeus saber e seus discípulos entraram nos aposentos dele pegou um dos raios dele e destruíram artefatos que estavam lá e ainda mandaram uma carta para Hades dizendo que o rap dele é ruim, e acredite ele não esta muito feliz. Ele suspirou, me olhou e saiu da sala me deixando só com as possibilidades de castigo que o todo poderoso me daria.

Resolvo tomar coragem e me levanto do sofá ainda tem muitas pessoas

jogadas no chão , resolvo ir aos meu aposentos para dar um jeito na minha cara e tirar o cheiro de álcool de mim(se é que é possível).Depois de banho reúno coragem e vou falar com Zeus - não pode ser tão ruim assim né?.

passo pelos corredores de mármore branco , e finalmente chego na frente das portas de ouro que dá para o salão principal. Abro as portas com um certo receio e logo vejo ele sentado no seu trono com sua águia empoleirada em cima dela .

- Quanto tempo só faltou você ontem me aproximo com um sorriso no rosto

Drinking with Dionysus
de julove2

- Quanto tempo só faltou você ontem . me aproximo com um sorriso no rosto para amenizar a situação o que não da muito certo.

- Poupe me das suas desculpas , não é a primeira vez que aturamos uma de suas travessuras e está na hora de você aprender que toda ação tem consequências, e como o Deus da justiça seu castigo vai sera dado por Afrodite. Meu sorriso morre imediatamente , tantos deuses ele tinha que escolher ela, eu aceitaria ir para o submundo mas não um castigo dela.

Drinking with Dionysus
de julove2

Ela ama os produtos de beleza ,e depois que ela descobriu o padrões de beleza asiático, resolveu aderir não só ela resolveu fazer isso ,mas como todo olimpo, sem contar que pediu para que tivéssemos que usar nomes de asiáticos também, e como não queríamos suportar sua fúria e flechas do amor resolvemos concordar, ela esta na forma de um homem com cabelos castanhos até o ombro ,um quítón* branco com detalhes dourados e seus braceletes de ouro.

Drinking with Dionysus
de julove2

Vejo ela chegar com um sorrisinho no rosto o que não me deixa nem um pouquinho feliz ,começo a ter um mal pressentimento sobre o que esta por vir.

- Jeonghan por favor seja bonzinho, hum? eu nunca fiz nada para você. Tento apelar mas acho que não deu certo.

-Claro,por que não? já que você embebedou Ares que dormiu com uma de suas seguidoras ,transformou a água do Olimpo em vinho na hora do meu

Drinking with Dionysus
de julove2

banho e pegou uma das flechas do amor e acertou uma pessoa bagunçando o destino. Engulo em seco já sabendo o que estaria por vir.

- Então por tais atos , Eu deusa do amor e da beleza sentencio você Dionísio, a aprender a amar no mundo dos mortais, pois só o amor tem poder para lhe curar.E só voltara quando eu ver que é digno.

E do nada sinto o chão começar a desmoronar e tudo ficar escuro.

.....

The image shows a screenshot of a Wattpad story page. The browser's address bar shows the URL `wattpad.com/829571163-drinking-with-dionysus-castigo`. The page header includes the Wattpad logo, a search bar with the text "Pesquisar", and a "Torna-te Premium" button. The story title is "Drinking with Dionysus" by "de julove2". The main text of the story is as follows:

Então gente espero que tenham gostado , desculpem os erros.

Zeus-Kim Namjoon,Dionysius-Park Jimin, Apolo - Jung Hoseok , Afrodite-Yoon Jeonghan, Hades -Min Yoongi. Os outros colocarei no decorrer da fic.

*Quítón é uma peça de vestuário utilizada na Grécia Antiga. Era uma túnica usada tanto por homens quanto por mulheres. Estendida, era basicamente um retângulo de tecido.

The screenshot also shows the Windows taskbar at the bottom with the system clock displaying 14:47 on 14/03/2020.

Anexo 4 – Prints da Fic4 (S1) – Trechos analisados da Fic4 (escrita)



Wattpad Navegar Pesquisar Torna-te Premium

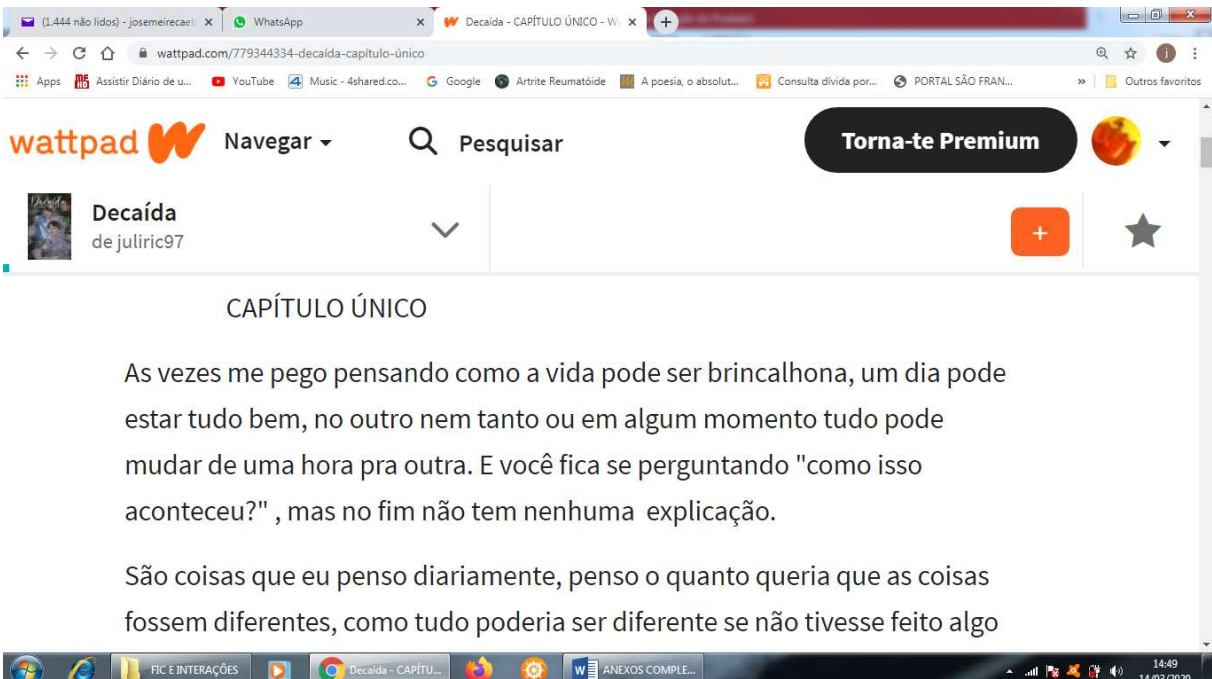
Decaída
209 leituras 32 votos História com 2 capítulo(s)

De juliric97
Completo

Aguardando ad.doubleclick.net...

DISSERTAÇÃO - D... Decaída - bunny ... Nova guia - Avast... Document1 - W...

14:16 14/03/2020



Wattpad Navegar Pesquisar Torna-te Premium

Decaída
de juliric97

CAPÍTULO ÚNICO

As vezes me pego pensando como a vida pode ser brincalhona, um dia pode estar tudo bem, no outro nem tanto ou em algum momento tudo pode mudar de uma hora pra outra. E você fica se perguntando "como isso aconteceu?", mas no fim não tem nenhuma explicação.

São coisas que eu penso diariamente, penso o quanto queria que as coisas fossem diferentes, como tudo poderia ser diferente se não tivesse feito algo

FIC E INTERAÇÕES Decaída - CAPÍTU... ANEXOS COMPLE...

14:49 14/03/2020

no passado. Mas não podemos mudar nada, tem coisas que não dá pra ser mudada.

Ver meu futuro marido deitado em uma cama de hospital por mais de oito meses, não pode ser mudado.

– Ok, vamos lá. Tente acertar essa agora, ok? Vamos! Não desanime, não acha charadas um jogo divertido?


– Não é isso. É que já errei tantas vezes que estou com medo de errar de novo


– Não é isso. É que já errei tantas vezes que estou com medo de errar de novo

– Sussurrou olhando para as suas mãos que pousavam no seu colo por cima do cobertor hospitalar.

– Se errar, não tem problema. É errando que se aprende, certo?


Sorri pro pequeno deixando um beijo delicado na sua bochecha. Ele não tinha culpa, não era fácil viver dentro de um hospital tendo que conviver com uma doença que a qualquer momento pode mata-lo, mesmo que no momento não esteja tão grave a esse ponto



Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium


Decaída
 de juliric97

Sorri pro pequeno deixando um beijo delicado na sua bochecha. Ele não tinha culpa, não era fácil viver dentro de um hospital tendo que conviver com uma doença que a qualquer momento pode mata-lo, mesmo que no momento não esteja tão grave a esse ponto.

Jimin se sente muito depressivo na maioria do tempo, eu o entendo, ficaria do mesmo jeito se estivesse no seu lugar. E eu realmente daria tudo pra estar e não ter que ver seu sorriso triste e muitas vezes forçado.


Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium

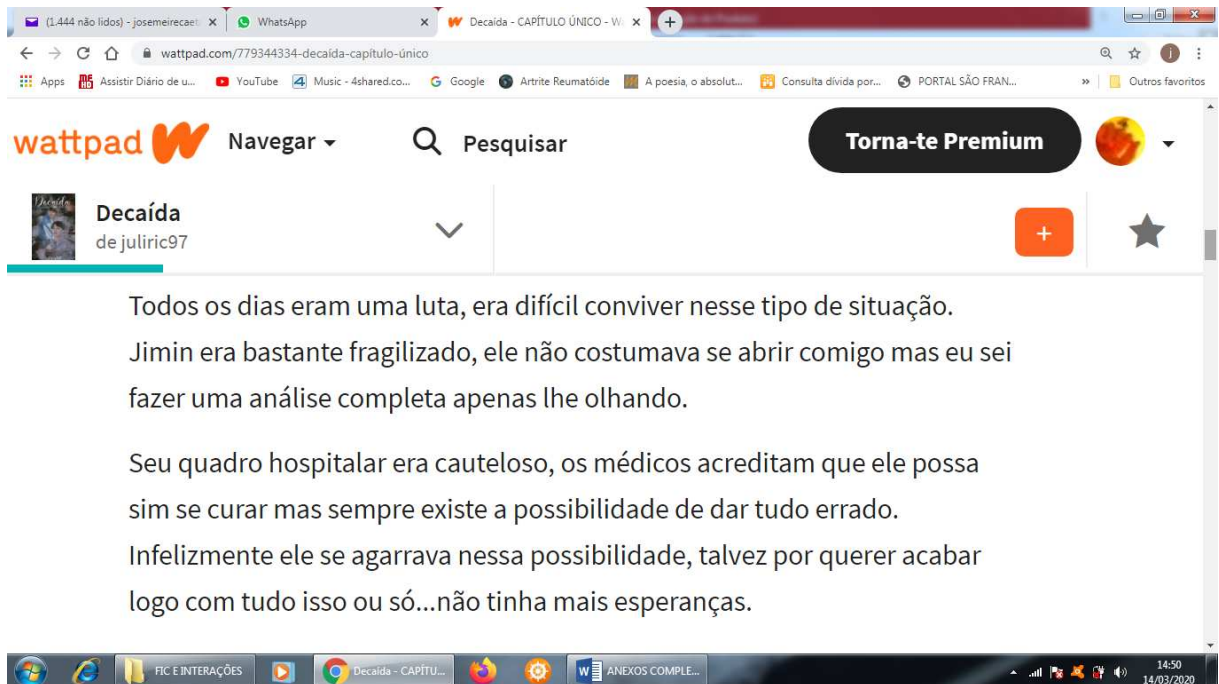

Decaída
 de juliric97


– O que quebramos pra poder ser utilizado? – Li a charada na cartinha que tinha em mãos com um sorriso no rosto lhe olhando.


Ele pensou por um momento me encarando e às vezes olhando pra outro canto do quarto rapidamente.

- Hm...ovo?

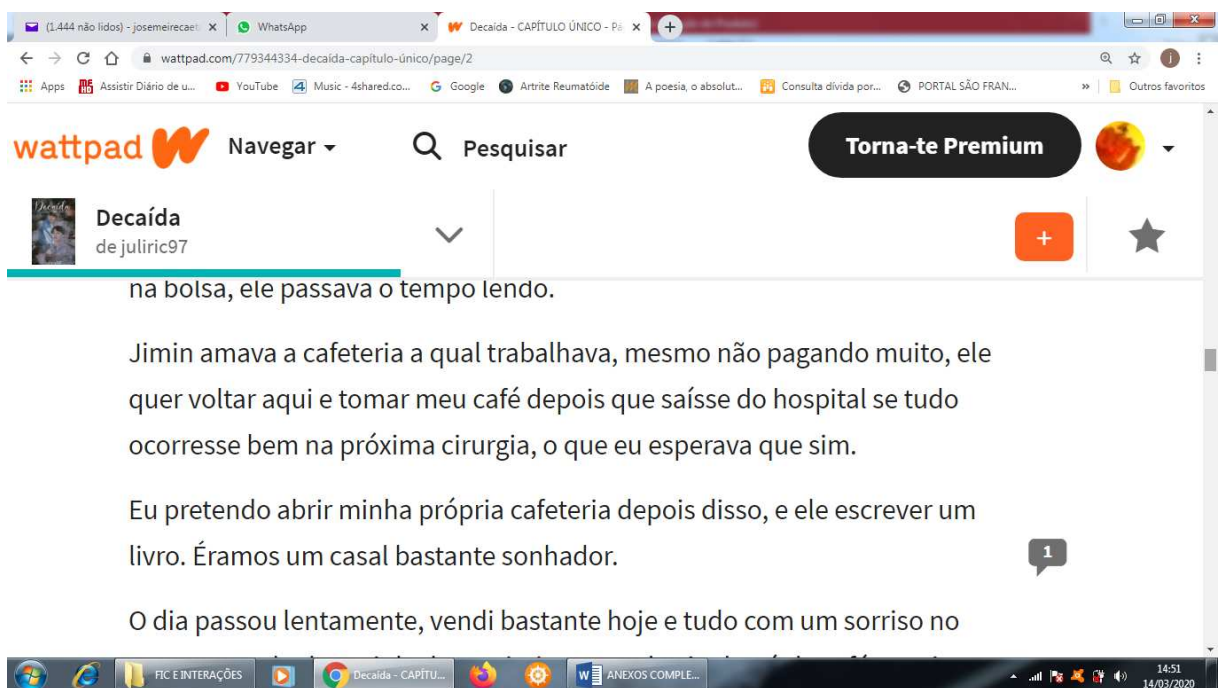
Ri assentindo e me aproximando dele deixando um selo rápido nos seus lábios ressecados por conta da doença. Mesmo com a aparência fragilizada,






 Navegar ▾ [Torna-te Premium](#)


Decaída
 de juliric97

Todos os dias eram uma luta, era difícil conviver nesse tipo de situação. Jimin era bastante fragilizado, ele não costumava se abrir comigo mas eu sei fazer uma análise completa apenas lhe olhando. Seu quadro hospitalar era cauteloso, os médicos acreditam que ele possa sim se curar mas sempre existe a possibilidade de dar tudo errado. Infelizmente ele se agarrava nessa possibilidade, talvez por querer acabar logo com tudo isso ou só... não tinha mais esperanças.




 Navegar ▾ [Torna-te Premium](#)


Decaída
 de juliric97

na bolsa, ele passava o tempo lendo. Jimin amava a cafeteria a qual trabalhava, mesmo não pagando muito, ele quer voltar aqui e tomar meu café depois que saísse do hospital se tudo ocorresse bem na próxima cirurgia, o que eu esperava que sim. Eu pretendo abrir minha própria cafeteria depois disso, e ele escrever um livro. Éramos um casal bastante sonhador. O dia passou lentamente, vendi bastante hoje e tudo com um sorriso no

Anexo 4.1 – Prints da Fic4 (S1) – Trechos analisados da Fic4 (Capítulo extra)

The image consists of two screenshots of a Wattpad page. The top screenshot shows the page header with the Wattpad logo, a search bar, and a 'Torna-te Premium' button. Below the header, the book title 'Decaída' by 'juliric97' is displayed. The chapter title 'Capítulo Extra' is prominently featured, with statistics showing 75 views, 10 stars, and 2 comments. A profile picture and the author's name 'de juliric97' are also visible. The bottom screenshot shows the same page but with the text of the chapter beginning to appear.

Capítulo Extra
 👁 75 ★ 10 💬 2
 de juliric97

A vista estava bastante agradável. Os carros passavam depressa como todos os dias. O sol deu o ar da sua graça depois de dias seguidos de bastante chuva na cidade. Não que eu esteja reclamando, afinal, quanto mais chuva, mais café seria feito.

A vista da vidraçaria realmente era ótima. Jmin gostava bastante dela quando costumávamos vir, e estava ansioso para vê-la novamente.

Eu ainda não trabalhava naquela cafeteria naquele tempo, por coincidência,

A primeira coisa que fizemos quando saímos do hospital -depois de um tempo em repouso e observação- também foi simples. Arrastando a cadeira de rodas pelas ruas, o sorriso de canto a canto com o coração a mil.

A cafeteria onde sou barista não fica muito longe do hospital, então ainda sim, podíamos ir andando até lá.

Sua animação era muito visível, Jimin não parava de olhar para os lados como se estivesse vendo tudo pela primeira vez. O tempo todo apontando

Sua animação era muito visível, Jimin não parava de olhar para os lados como se estivesse vendo tudo pela primeira vez. O tempo todo apontando para as coisas no meio da rua, vendo os donos passeando com seus animais e se sentindo totalmente feliz em acariciá-los quando podia.

Longos meses preso dentro de um quarto branco...Acho que até eu ficaria assim.

-Amor, você 'tá parecendo um ET. - Soltei um risinho quando o baixinho riu também, dando-me um tapa na mão que segurava sua cadeira de rodas.
 -Idiota, estou só empolgado por finalmente tomar o café que você me prometeu a um tempão. - Deu ênfase no "tempão".
 -Hey, foi mal. Não reclame tanto, estou levando agora, não estou? - Arqueei a sobrancelha, mesmo que ele não pudesse ver.

Ao adentrar o local - que graças aos Deuses não estava tão cheio.- levei a cadeira de rodas até uma das mesas do canto, onde ficavam as vidraçarias enormes que mostravam as ruas movimentadas. Deixei ele sentadinho e perguntando mil vezes se ele estava confortável, quando recebi as mil respostas de um "sim" arrastado, eu pude relaxar e correr para detrás do balcão, começando a fazer dois cafés do jeito que ele gostava, por vezes cumprimentando meus amigos de trabalho que sorriam felizes por mim, me dando forças para a surpresa que estava preparando no tempo em que ele

Agradeci sorrindo, logo correndo de volta para mesa com dois cafés e dois pedaços de torta de morango. É a preferida dele.

Ao voltar para mesa, seus olhos percorriam por todo café e lá fora olhando os carros passarem em alta velocidade, sua touca cobria sua carequinha. E na minha opinião, é adorável o seu jeitinho, dava para ver o quanto ele estava animado.


-Voltei. -Sentei em sua frente tirando os dois cafés da bandeja, junto dos dois


-Você sempre atencioso. -Sorriu. Um sorriso vivo, que a muito tempo não via.

- Lembra quando você comprava torta de morango e me trazia na época que queria namorar comigo?

Ri, era linda a nossa história. Confesso que eu sempre fui muito babão, mas é impossível não ser. Me sentia na vontade de fazer todos os seus gostos apenas para agradá-lo e ver seu sorriso.


-Lembro, eu era muito...Babão mesmo.



Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium


Decaída
 de juliric97

vivessemos que parar e pensar, nos olhando enquanto comíamos. Eu observava o quanto ele estava feliz. Seus olhos não paravam de me encarar com carinho. Foi quando me surpreendi com suas palavras:

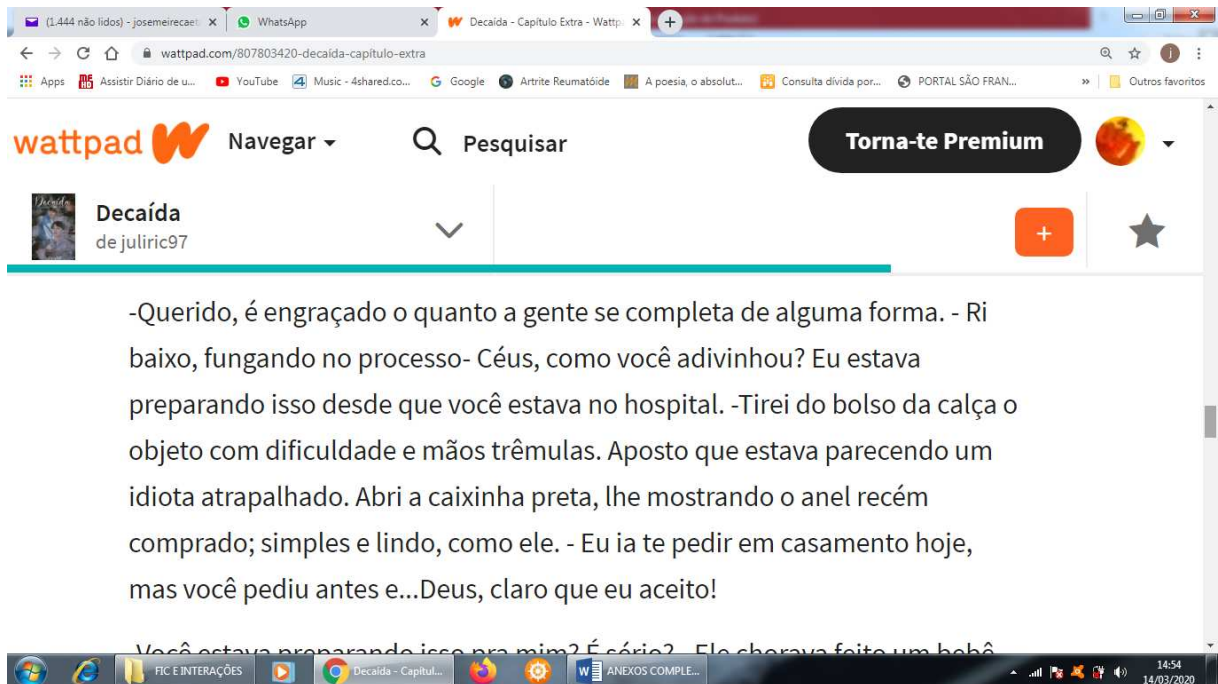
-Casa comigo? Eu sei que acabei de sair de um hospital e de uma quase morte, mas é o que está me fazendo tomar iniciativa dessa pergunta. Eu não posso mais esperar nem um pouco para casar com você. Eu saí de um período difícil e descobri que eu preciso viver minha vida melhor ao lado de alguém que eu amo verdadeiramente. E você sabe, esse alguém é você. Não


Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium





Decaída
 de juliric97




período difícil e descobri que eu preciso viver minha vida melhor ao lado de alguém que eu amo verdadeiramente. E você sabe, esse alguém é você. Não irei conseguir encontrar alguém como você. Precisamos casar, precisamos cuidar da nossa casa, precisamos fazer viagens, juntos. Por isso...Casa comigo, Jungkook? -Seus olhos estavam marejados e ele já segurava minhas duas mãos, as fazendo carinho.

Não sei o que sentir, o que fazer. Meus olhos marejaram e a emoção era tanta, que meu coração batia em um ritmo que não era normal.



(1.444 não lidos) - josemeirecaei: x WhatsApp x Decaída - Capítulo Extra - Wattr: x +

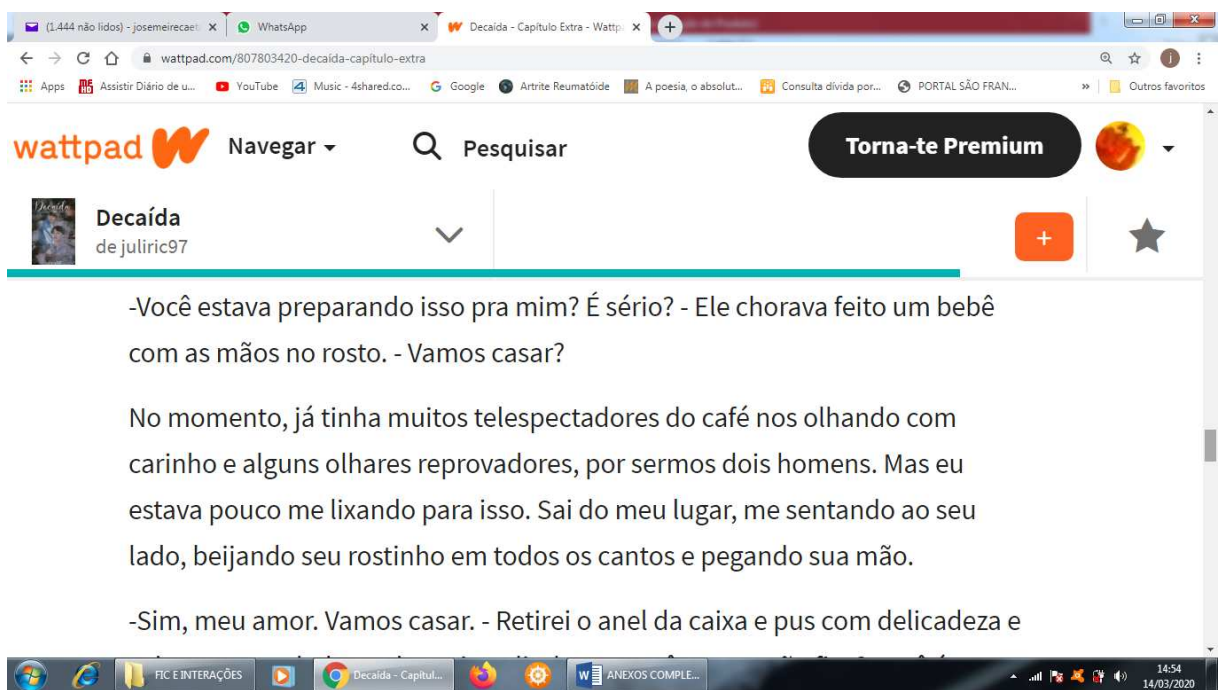
wattrpad  Navegar ▾  Pesquisar Torna-te Premium 

 **Decaída**
de juliric97  




-Querido, é engraçado o quanto a gente se completa de alguma forma. - Ri baixo, fungando no processo- Céus, como você adivinhou? Eu estava preparando isso desde que você estava no hospital. -Tirei do bolso da calça o objeto com dificuldade e mãos trêmulas. Aposto que estava parecendo um idiota atrapalhado. Abri a caixinha preta, lhe mostrando o anel recém comprado; simples e lindo, como ele. - Eu ia te pedir em casamento hoje, mas você pediu antes e...Deus, claro que eu aceito!




Você estava preparando isso pra mim? É sério? - Ele chorava feito um bebê

14:54 14/03/2020



(1.444 não lidos) - josemeirecaei: x WhatsApp x Decaída - Capítulo Extra - Wattr: x +

wattrpad  Navegar ▾  Pesquisar Torna-te Premium 


 **Decaída**
de juliric97  


-Você estava preparando isso pra mim? É sério? - Ele chorava feito um bebê com as mãos no rosto. - Vamos casar?

No momento, já tinha muitos telespectadores do café nos olhando com carinho e alguns olhares reprovadores, por sermos dois homens. Mas eu estava pouco me lixando para isso. Sai do meu lugar, me sentando ao seu lado, beijando seu rostinho em todos os cantos e pegando sua mão.

-Sim, meu amor. Vamos casar. - Retirei o anel da caixa e pus com delicadeza e

14:54 14/03/2020


Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium



Decaída
 de juliric97


-Sim, meu amor. Vamos casar. - Retirei o anel da caixa e pus com delicadeza e calma no seu dedo anelar. -Ficou lindo em você. O que não fica? Você é perfeito, obrigado por fazer parte da minha vida.

- Eu que agradeço por não ter desistido de mim, por ser meu porto seguro quando mais precisei, por me amar mesmo estando carequinha...Eu te amo, Jungkook.

- Eu te amo, Park Jimin.

Aguardando www.facebook.com...


Navegar ▾
🔍 Pesquisar
Torna-te Premium


Decaída
 de juliric97

- Eu te amo, Park Jimin.

No fim de tudo, realizei seu sonho de tomar um café e eu...Realizei o meu, de casar com ele.

|||||||

Sim, eu decidi fazer um capítulo extra e espero que os poucos leitores dessa pequena fanfic que foi feita com muito amor, gostem!

Beijos ☐

Anexo 5 - Transcrições das entrevistas realizadas com os cinco sujeitos da pesquisa, por Josemeire Caetano da Silva, em Recife, outubro de 2019.

Primeira entrevista (S1):

1. O que é *Fic* para você?

S1: *Fic* para mim é um refúgio de problemas pessoais, uma forma de mostrar a minha arte, o que eu gosto de fazer que é escrever e ler também.

2. Como você conheceu as *Fics*?

S1: Uma amiga que me apresentou e aí eu comecei a ler primeiramente, e depois eu conheci outras pessoas que conheciam as *Fics*, então eu fui querendo escrever, escrever e escrever e agora eu estou aqui.

3. Como você participa desse gênero

S1: Eu leio e escrevo

4. Com que frequência você escreve suas *Fics*?

S1: Depende da minha criatividade e da minha vontade de escrever, nem sempre estou com vontade de escrever, estou boa para escrever, porque, por exemplo, quando estou estressada, com muita coisa para fazer da escola, eu não tenho vontade de escrever. Eu tenho vontade de escrever, quando estou de férias, nos finais de semana, quando bate uma inspiração ou quando eu tenho uma ideia e não quero esquecer, aí eu vou lá e escrevo.

5. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?

S1: Eu mesma faço, mas o S4 deu a ideia de fazer e eu aceitei.

6. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?

S1: Com certeza, eu acho que quando você lê e escreve, as palavras ficam mais conhecidas para você. Tipo, na hora em que você lê um livro, você lê rapidamente. Eu acabo um livro em dois dias, um dia de tão rápido que eu leio, eu acho que a escrita influencia muito nisso, escrita e leitura. (Então você acredita que depois que você conheceu as *Fics*, sua leitura melhorou

e é por isso que você está conseguindo ler melhor e conhecer vocabulário, é isso? – mil vezes sim, com certeza.

7. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?

S1: Muito, eu acho que não só em Português, mas em outras matérias, como por exemplo História, porque a gente fica sabendo de coisas que a gente quer colocar na *Fic*, ou a *Fic* dá conhecimento para a gente. Em Sociologia também com coisas de sociedade e tal; Filosofia, tudo ajuda.

8. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueiras?

S1: O que mais se escreve é *LGBTQIA+*, sobrenatural, ABO, família, comédia, Mpreg é muito escrita por nós fanfiqueiras. Com certeza *LGBTQIA+* e problemas na sociedade como prostituição, brigas de família, eu que também mais drama e sempre gêneros tipo nesse ligado à *LGBTQIA+*. Eu acho que as *Fics* no modo sempre no certo que é homem e mulher, eu acho que não têm mais preferência, eu acho que têm muito mais *LGBTQIA+*.

9. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)

S1: Drama, amo escrever drama, porque tipo muitas vezes eu escrevo e não gosto, mas eu gosto de escrever Drama, eu gosto de escrever que o personagem tenha problemas sabe, muitos problemas familiares, porque um ajuda o outro e assim um relacionamento vai andando melhor e os protagonistas vão andando melhor, porque aí, tipo os problemas vão, sabe, eles vão saber os problemas um do outro e assim vai nascer o romance, sabe, o drama e morte.

10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO).

S1: Eu acho que na minha cabeça eu construo a *Fic* muito bem, tipo, eu não sou muito boa de ideia, eu confesso, mas, às vezes eu pego ideia dos outros, ou do que os outros me dão e aí eu escrevo, mas eu acho que quando eu construo na minha cabeça, e eu vou colocar no papel, no celular, seja lá qual for a plataforma, não sai bem como eu imaginei, sabe, no meu desenvolvimento, mas eu acho que não é culpa da minha ideia, é culpa minha mesmo, porque eu não sei muito bem desenvolver, mas eu construo

na minha cabeça, tipo, sempre como eu falei antes, sempre com problemas na sociedade, aí eu consigo desenvolver melhor os protagonistas e os coadjuvantes.

11. Quais interações acontecem no grupo de WA das fanfiqueiras? Você poderia explicá-las com detalhes?

S1: As interações são basicamente quando a gente, nossas amigas que fazem *Fanfic* e mandam para o grupo, pra as meninas lerem e elas dão uma opinião, dão ajuda, falam alguma para poder mudar e elas mudam se elas quiserem. E também falam que gostaram e não gostaram e etc. Da foram que, por exemplo, minha *Fanfic* eu postei e as meninas deram uma ideia de eu fazer um capítulo extra e aí agora eu estou fazendo um capítulo extra, porque eu quis fazer um capítulo extra.

12. Você acha importante fazer comentários no grupo de WA? Por quê?

S1: Sim, porque além de ajudar as meninas, também damos opinião do que mudar, no que dar ideias, entendeu? Enriquece a nossa escrita, a nossa leitura.

13. Você acha importante reescrever suas *Fics*? Com que frequência? Já ocorreu de você escrever histórias com seu herói/ídolo e depois você resolver mudar o enredo após alguma sugestão/interação no grupo de WA? Por quê?

S1: Sim, acho, se eu não gostar, logicamente de alguma coisa que as meninas falaram quando, acho que foi Júlia, ou foi Talita, não sei, ela escreveu a *Fanfic* e a gente falou: Olha, escreve de tal jeito, fala de tal coisa e elas quiseram fazer isso e elas foram lá e reescreveram. Eu também acho importante reescrever a *Fanfic*. Fazemos os comentários duas vezes por semana, ou mais, depende do quão rápido a gente posta a *Fanfic*.

14. É natural que as fanfiqueiras aceitem os comentários e mudem a escrita alterando alguma coisa que foi escrito?

S1: É natural, as meninas aceitam super de boa.

15. Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de WA você muda sua *Fic*? Por quê?

S1: Sim, porque eu gosto das ideias que elas dão, elas enriquecem muito mais a minha imaginação na *Fanfic* e eu tento sempre mudar, porque além de ajuda-las, porque elas me ajudam, eu escrevo por que eu realmente gostei da ideia.

16. Na sua opinião, os comentários que são realizados no grupo de WA ajudam na escrita e reescrita das *Fics*? Por quê?

S1: Sim, porque além de dar dicas de como escrever, de como tal ideia ajuda, porque, por exemplo, eu fico sem saber o que eu vou fazer na minha *Fanfic*, aí eu vou lá e digo: Meninas e aí, o que é que eu coloco? Elas vão lá e me ajudam: que tal tu colocar tal coisa, aí fica perfeito.

17. De onde você tira inspiração para escrever suas *Fics*? Fale sobre isso.

S1: Filmes, outros livros, às vezes vem do nada, realmente do nada e que tal se tal coisa acontecer com tal coisa. Vem exatamente do nada, mas, geralmente, vem de filmes e de livros.

18. Você tem a intenção de passar alguma mensagem específica para seus leitores ao produzir suas *Fics*? Qual?

S1: Sim, eu tenho intenção de ajudar todo mundo com minhas histórias e ajudar pessoas que têm problemas, porque, geralmente, quando a gente escreve, eu já vi tanta gente dizendo: Nossa! Tua *Fanfic* ajuda tanto no meu dia a dia, sabe. Ajuda tanto eu ficar feliz e sair dessa depressão, ansiedade e outros tipos de doenças psicológicas. Geralmente, eu gosto de colocar esses assuntos nas abordagens da minha *Fanfic* e isso também vai influenciar no leitor, querendo ou não.

19. Com que frequência você costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*? Existe algum herói/ídolo que tenha um papel de destaque nas suas *Fics*? Por quê?

S1: Sempre, eu só escrevo com elas. Sim, os meninos do *BTS*.

20. Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico para suas *Fics*? Por quê? Você poderia dar algum exemplo? (ESTILO)

S1: Costumo, uso mais de um estilo formal de escrever, mas, como as meninas já comentaram que eu escrevo mais filosofando, eu costumo escrever mais desse tipo.

Segunda entrevista (S2)

01. O que é *Fic* para você?

S2: Vou falar como o S4, porque eu concordo muito, eu acho mesmo que é um refúgio para você falar sobre tudo que você quer falar e se expressar, você vai falar do que você gosta, do que você acha que poderia acontecer e é isso.

02. Como você conheceu as *Fics*?

S2: Através de uma amiga minha que escreve, e aí eu resolvi lê a *Fic* dela e comecei a querer também escrever.

03. Como você participa desse gênero?

S2: Lendo, escrevendo e comentando.

04. Com que frequência você escreve suas *Fics*?

S2: Duas vezes por semana.

05. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?

S2: No começo não, mas agora está começando a corrigir, porque decidi que era melhor, para eu poder me apropriar mais da escrita e para eu poder aprender mais algumas partes que eu não sabia e também algumas dicas que podem ajudar na minha escrita.

06. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?

S2: Sim, porque elas me induziram a querer ler mais e mais e me prendiam realmente na história e aí você queria acabar no mesmo dia, então, assim, muitas histórias sobre muitos conteúdos e que prendem você.

07. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?

S2: Eu acho que quanto mais você lê, mais você aprende e foi isso que aconteceu. O *Wattpad* é um conjunto de pessoas com várias histórias, cada um faz sua história, ou tem gente que só lê, ou tem gente que lê e escreve; tem gente que só escreve, que eu acho que é impossível. Eu acho que o *site* incentiva muito a pessoa a gostar de ler, porque não são só escritores famosos que fazem estes livros, são pessoas normais como a gente e eles escrevem de forma ótima, tipo, meu primeiro livro no *Wattpad* se você ler, por conta que no *Wattpad* é muito interessante, no aspecto de livro, e quanto mais eu lia, mais eu me incentiva. Então, eu aprendia sobre palavras, pontuações, enfim, tudo isso, ler no *Wattpad* me incentivou muito a leitura e a escrita.

08. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueiras?

S2: Acho que romance, *LGBTQIA+* e suspense.

09. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)

S2: Romance e um pouquinho de suspense, porque sempre vai ter aquele negócio de suspense que a personagem pode ser sequestrada e tal.

10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO)

S2: Seria, eu acho assim, tipo assim, que seria pra mim algumas partes que, como eu posso dizer, que prende o leitor com suspense, que possa acontecer alguma que seja imprevisto, tipo que alguém possa ser sequestrado, ninguém vai pensar isso, sabe, e também, na minha história tinha a parte que o pai dela não estava mais presente, então ele vai chegar e tal.

11. Quais interações acontecem no grupo de *WA* das fanfiqueiras? Você poderia explicá-las com detalhes?

S2: Assim, mudar algumas palavras ou olha você poderia fazer desse jeito, tipo, explicar mais esse assunto, botar mais o pensamento da personagem e tal.

12. Você acha importante fazer comentários no grupo de *WA*? Por quê?

S2: Sim, porque melhora muito a nossa escrita, o conteúdo da história. Pode melhorar muito, muito a forma de como você está interagindo com o leitor.

13. Você acha importante reescrever suas *Fics*? Com que frequência? Já ocorreu de você escrever histórias com seu herói/ídolo e depois você resolver mudar o enredo após alguma sugestão/interação no grupo de WA? Por quê?

S2: Sim, quando acho interessante. Não, eu sempre botei um nome assim, que eu admiro, o nome da minha personagem no meu livro é Hannah, que seria uma personagem que eu gosto muito do *Pretty Little Liars*.

14. É natural que as fanfiqueras aceitem os comentários e mudem a escrita alterando alguma coisa que foi escrito?

S2: Sim, elas são muito mente aberta, muito, muito, muito pra nossas opiniões, tipo, a gente fala: olha muda essa palavra porque com essa ficaria melhor, elas aceitam de boa e é até bom, porque melhora na escrita de cada uma.

15. Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de WA você muda sua *Fic*? Por quê?

S2: Mudo, mudo muito, porque elas sempre vão falar algumas opiniões ótimas, opinião delas que são da maneira mesmo como elas escrevem, pois ajudam a gente a fazer uma história ótima, bem enriquecedora. Vai trazer muita coisa boa pra a *Fic* e novas imaginações.

16. Na sua opinião, os comentários que são realizados no grupo de WA ajudam na escrita e reescrita das *Fics*? Por quê?

S2: Sim, olha, eu acho que nesse negócio de reescrita e escrita vai melhorar tanto a escrita, assim, você escreve uma parte, aí as meninas dão uma opinião delas, assim, ajudam muito, aí você vai reescrever e sempre vai ficar melhor do que a primeira.

17. De onde você tira inspiração para escrever suas *Fics*? Fale sobre isso.

S2: As inspirações das minhas *Fics* são tiradas da vida real, eu gosto muito de falar sobre relacionamento com romance e tal, eu gosto muito disso. Então, eu decidi fazer um livro de romance, porque é o meu gênero favorito. Só que têm alguns que eu estou fazendo que é de terror e eu tirei a inspiração dele meio que no meu amor por filmes de terror, por eu gostar tanto de filmes de terror, eu decidi fazer um livro, que espero que seja o próximo *best seller do site Wattpad*.

18. Você tem a intenção de passar alguma mensagem específica para seus leitores ao produzir suas *Fics*? Qual?

S2: Como minha história de agora é de romance, eu digo muito que, tipo, no final você sempre vai ficar com a pessoa certa, tipo, acabou, tipo, acabou. Se não é pra ser, vai vir uma pessoa certa, tipo, se for pra ser será.

19. Com que frequência você costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*? Existe algum herói/ídolo que tenha um papel de destaque nas suas *Fics*? Por quê?

S2: Sempre. Hannah tem um papel de destaque, de PNL.

20. Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico para suas *Fics*? Por quê? Você poderia dar algum exemplo? (ESTILO)

S2: Vai depender muito do estilo da minha *Fanfic*, possa ser que seja formal, ou possa ser que se seja informal. Mas, é bom que a gente vai procurando novas palavras e assim vai procurando enriquecendo a nossa escrita.

Terceira entrevista (S3):

01. O que é *Fic* para você?

S3: *Fic* para mim é uma forma de me expressar, de transformar minhas ideias, do que eu penso sobre alguma coisa, por exemplo, eu gosto de um grupo, daí eu penso daquele jeito, tipo, eu penso que eles agem daquela forma, eu crio toda uma história na minha cabeça e é uma forma, tipo, de expressar sobre o que eu penso sobre alguma coisa, tipo, uma forma de expressar a minha arte, o que eu gosto de fazer, as minhas ideias, é meio que tipo um escape da realidade também.

02. Como você conheceu as *Fics*?

S3: Nossa, eu conheci as *Fics* eu acho que na época que eu conheci um grupo, que é um dos meus grupos favoritos que é o *One Direction*, foi, tipo, a época em que eu estava começando a ser ... (não audível) alguma coisa, aí eu fui procurando na internet e fui entrando no *Twitter*, aí no *Twitter* eu vi que um dos meninos conversava alguma coisa chamada *Fanfic*, então eu pensei: o que é *Fanfic*? Aí eu tinha uma amiga minha que ela já leu, ela já leu e, tipo assim, é uma história que a gente escreve e acha que é isso, isso e isso... aí a gente pega, tipo, personagens que existem na vida real e a gente cria histórias pra eles, aí eu achei interessante e primeiro eu fui procurar *Fanfic* na internet, sem ser em sites, em aplicativos que existem hoje e eu achei muito legal. Aí eu fui evoluindo, aí eu comecei com alguns tipos de *Fanfics* que eu tinha ideias completamente contrárias, mas basicamente foi influência de amigos e redes sociais.

03. Como você participa desse gênero?

S3: Ai, eu amo escrever, escrevendo, lendo muito, tipo, eu acho que eu leio muito, acho que eu leio tanta *Fanfic* que eu acabo entrando na história e fico muito mal, choro muito e minhas amigas, elas ficam loucas. Tem uma amiga minha que ela quase me mata de tanto que eu leio assim e entro na história. Comentando também, porque eu acho muito importante, tanto pra, tipo, responder as autoras, porque elas fazem as perguntas quando fazem o capítulo, tanto pra dizer a elas que é pra continuar, pra encorajar elas a continuar, às vezes elas têm insegurança e também, sei lá, eu gosto de expressar o que eu senti naquele capítulo.

04. Com que frequência você escreve suas *Fics*?

S3: Eu escrevo as minhas *Fanfics*, eu tento escrever alguma coisa pra ter uma ideia pelo menos uma vez por semana, mesmo que fique a ideia lá, entendeu? tipo, escanteada, mas eu tento é... sempre pensar, escrever uma vez por semana, é... porque eu gosto de escrever nas minhas horas livres. É tipo, uma forma de escape da realidade, é como se tipo, eu tô com vontade de, tipo, é... colocar as coisas pra fora, então, eu acho que quando eu tenho inspiração também, quando eu vejo algum momento que eu acho interessante na internet, ou quando têm imagens que eu acho interessante pra colocar na minha *Fanfic*, aí eu tenho essa ideia. Mas, eu tento sempre escrever uma vez por semana.

05. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?

S3: Não, porque eu acho que não há necessidade ainda, talvez no futuro, se eu estiver muito ocupada, mas assim, eu sou muito ciumenta com as

minhas *Fanfics*, eu sempre busco escrever mesmo que depois que eu escrevo eu não corrija, mas eu sempre tento um jeito de arrumar um tempo de corrigir, porque além de eu ser muito ciumenta, eu acho que uma forma de eu pesquisar se eu tiver alguma dúvida e aprender com os meus erros, então, por isso que eu sempre gosto de corrigir minhas *Fanfics*.

06. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?

S3: Eu creio que sim, melhorou muito, tanto porque eu aprendi palavras novas, meu vocabulário enriqueceu mais e, tipo, eu leio mais rápido. Eu acabo uma *Fanfic* e acho que leio umas três por semana. Acho que estou lendo mais rápido, lendo mais também, aprendendo coisas novas e, conseqüentemente, eu escrevo melhor.

07. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?

S3: Então, ler e escrever *Fic* me ajuda muito na escola, porque eu acabo aprendendo novas palavras no meu idioma, o português, como também com outro idioma como o inglês, que é muito usado com expressões nas minhas *Fanfics* que eu leio, como expressões em espanhol também, porque existem *Fanfics* com alguns personagens que falam espanhol ou falam inglês. Então, ler e escrever *Fics* me ajuda muito a aprender palavras novas no meu idioma e nos outros também; me ajuda a melhorar a minha escrita em redação na escola; a minha leitura diária mesmo, pois consigo ler mais rápido. Quando eu leio pela primeira vez, eu entendo essa leitura, quando estou fazendo qualquer texto, tanto na escola como também como em outros lugares. Em resumo, escrever *Fanfics* me ajuda muito na questão de aprender palavras novas, ler mais rápido e ler com coerência, então, eu acho que a *Fanfic* me ajudou nesses anos todos por conta disso.

08. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueras?

S3: Acho que romance, *LGBTQIA+* e suspense.

09. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)

S3: Romance e um pouquinho de suspense, porque sempre vai ter aquele negócio de suspense que a personagem pode ser sequestrada e tal.

10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO).

S3: Seria, eu acho assim, tipo assim, que seria pra mim algumas partes que, como eu posso dizer, que prende o leitor com suspense, que possa acontecer alguma que seja imprevisto, tipo que alguém possa ser sequestrado, ninguém vai pensar isso, sabe, e também, na minha história tinha a parte que o pai dela não estava mais presente, então ele vai chegar e tal.

Quarta entrevista (S4):

01. O que é *Fic* para você?

S4: Pra mim é uma forma de você se expressar através do que você lê, no caso, através do que eu leio, podendo criar uma história que pode ajudar outras pessoas.

02. Como você conheceu as *Fics*?

S4: Através de um trabalho na escola com as minhas amigas.

03. Como você participa desse gênero?

S4: Lendo, corrigindo as *Fics* das minhas amigas e pesquisando muito para escrever histórias que ajudem as pessoas.

04. Com que frequência você escreve suas *Fics*?

S4: Eu escrevo três vezes por semana no horário da noite, quando todo mundo está dormindo.

05. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?

S4: Eu mesma, sou beta de algumas amigas.

06. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?

S4: Com certeza, estimula muito para que você tenha um amplo conhecimento de várias áreas e aí deixando a sua *Fic* bem mais rica em relação a conteúdo.

07. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?

S4: Sim, a *Fic* eu entendo como um conhecimento de mundo, ajuda muito nas aulas de literatura, língua portuguesa, às vezes até história.

08. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueras?

S4: Existem no meu conhecimento *Fics* com o intuito de ajudar as pessoas de alguma forma. Existem *Fics* de pessoas contando seus relatos pessoais; existem *Fics* de pessoas que escrevem porque amam paixão, romance. Pra mim é isso, quem escreve *Fic* têm o intuito de inspirar outras pessoas.

09. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)

S4: Eu escrevo *Fic* de gênero de investigação, suspense, baseado em livros de literaturas antigas. É o que eu gosto de ler, o que eu gosto de escrever, eu sinto que você se prende muito ao mistério e sente vontade de ler até o final.

10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO).

S4: Não pode faltar na minha *Fic* a questão da linguagem formal, não pode faltar a questão do amarramento, eu vou usar “chiclete” até o final da *Fic*; Não pode faltar aquele romance proibido, não pode faltar com certeza meus escritores preferidos, a exemplo de *Agatha Cristie* e é isso aí. Meu estilo é de suspense.

11. Quais interações acontecem no grupo de *WA* das fanfiqueras? Você poderia explicá-las com detalhes?

S4: Acontecem as meninas dando dicas umas para as outras de como continuar, ou até mesmo começar uma *Fic*. Acontecem sugestões de melhoras, acontecem dicas de correções ortográficas através da beta, que sou eu. E isso ajuda muito até mesmo para elas criarem novas ideias, novas formas de imaginação para continuar ou até mesmo começar a *Fic*.

12. Você acha importante fazer comentários no grupo de WA? Por quê?

S4: Muito, muito, porque, muitas vezes, você não tem ideia alguma do que fazer e são esses comentários ajudam.

13. Você acha importante reescrever suas Fics? Com que frequência? Já ocorreu de você escrever histórias com seu herói/ídolo e depois você resolver mudar o enredo após alguma sugestão/interação no grupo de WA? Por quê?

S4: Acho assim, se tiver uma necessidade de talvez melhorar, não mudar, talvez melhorar a *Fic*, acredito que é muito bom você ter a mente aberta para aceitar os comentários e até mesmo as críticas positivas. Eu reescrevi uma parte da minha *Fic* através de um comentário de Júlia sobre a sugestão do romance proibido. Não ainda não aconteceu isso, porque os meus “heróis” são personagens de literaturas que já existem.

14. É natural que as fanfiqueiras aceitem os comentários e mudem a escrita alterando alguma coisa que foi escrito?

S4: Sim, todas as meninas são muito mente aberta e aceitam de braços abertos os comentários que fazemos.

15. Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de WA você muda sua Fic? Por quê?

S4: Mudo sim, é muito importante você saber, aceitar uma opinião que pode melhorar muito a sua *Fic*.

16. Na sua opinião, os comentários que são realizados no grupo de WA ajudam na escrita e reescrita das Fics? Por quê?

S4: Ajudam sim, como eu falei anteriormente, se você pega um comentário e talvez pode até reinterpretar aquele comentário, você pode criar novas ideias e até mesmo criar novas *Fanfictions*.

17. De onde você tira inspiração para escrever suas Fics? Fale sobre isso.

S4: Dos livros, do meu conhecimento somente da literatura. Amo, sou apaixonada pela literatura e todas as minhas inspirações vêm dos livros que eu mais gosto.

18. Você tem a intenção de passar alguma mensagem específica para seus leitores ao produzir suas *Fics*? Qual?

S4: A que eu estou escrevendo no momento, eu relato mais fatos científicos, porém são questões que acontecem atualmente e têm a intenção de fazer o leitor trabalhar a mente, pensando, para ele mesmo solucionar o mistério da *Fic*.

19. Com que frequência você costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*? Existe algum herói/ídolo que tenha um papel de destaque nas suas *Fics*? Por quê?

S4: Todas as vezes, eles são meus ídolos. Os que se destacam são *Sherlock Holmes* e *Hemes Poirot*. Porque eles são o tipo perfeito que se encaixam nas minhas *Fics* de investigação.

20. Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico para suas *Fics*? Por quê? Você poderia dar algum exemplo? (ESTILO)

S4: Eu procuro utilizar um vocabulário rebuscado, porque pode ajudar as pessoas que estão lendo a conhecerem novas palavras.

Quinta entrevista (S5):

01. O que é *Fic* para você?

S5: Pra mim é um modo de conhecer cada estilo de escritoras, ver como elas escrevem, eu fico pasma com o que elas conhecem e escrevem, e como colocam certas ideias delas. E, tipo, são histórias que cativam muito, de fugir da realidade, perceber novos olhares em questão de mundo e é isso aí.

02. Como você conheceu as *Fics*?

S5: Através de uma amiga minha, porque estava começando a escutar uma banda que ela também gostava, aí ela disse que *shippava* uma pessoa dos integrantes da banda com outro, aí eu achei interessante aquilo, porque eu

nunca tinha visto, aí eu, tá, tá... vou ler e me apaixonei até hoje e já faz muitos anos.

03. Como você participa desse gênero?

S5: Lendo e, tipo, incentivando as escritoras a continuar as histórias e escrevendo também.

04. Com que frequência você escreve suas *Fics*?

S5: É um pouco difícil, porque, às vezes eu tenho um pouco de dificuldade de colocar as ideias que eu tenho no papel, mas, tipo, sempre minha amiga me ajuda a escrever e eu consigo colocar.

05. Alguém faz as correções ortográficas de suas *Fics*?

S5: No começo não, mas eu conheci o S4 e ele está me ajudando a corrigir minhas *Fics*.

06. Você acredita que sua leitura e escrita melhoraram depois que você conheceu as *Fics*? Por quê?

S5: Com certeza, antes eu não lia muito, eu dizia que filme era melhor do que livro e a partir das *Fanfics* eu comecei a ler: Eu vejo que minha leitura está mais rápida. Palavras que eu não conhecia antes, agora eu conheço e me ajuda bastante.

07. Ler e escrever *Fics*, de alguma forma, ajuda você na escola? Como?

S5: 100%, palavras que eu não conhecia, hoje eu conheço e me ajuda, tipo, na redação, na escrita de palavras e na leitura também. Agora, eu entendo mais as coisas, eu pego rápido e consigo também ter uma boa interpretação de texto.

08. Explique as variedades existentes de *Fics*. No universo das *Fics*, quais tipos são mais populares para as fanfiqueiras?

S5: Tem mais *LGBTQIA+*, tem de, vamos dizer, racismo, de preconceito, a questão de vários temas sociais são bastante presentes. Eu acho que os temas mais populares são os temas *LGBTQIA+*, com certeza é um tema que pega todo mundo, pessoas que talvez não gostem, pessoas que, tipo, não são assumidas e se colocam no lugar no lugar dos personagens e se reconhecerem lá.

09. Quais são os tipos de *Fics* que você escreve? Por quê? (FORMA LINGUÍSTICA/CONTEÚDO TEMÁTICO)

S5: Temas *LGBTQIA+*, eu gosto também de comédia e também romance.

10. Como você escreve sua *Fic* (tipo, ex. romântica)? Que elementos não podem faltar na sua *Fic*? (ESTILO)

S5: Eu tento pegar casais que, tipo, eu tenho mais intimidade, tentar escrever ideias não só de romance, tentar pegar temas históricos também ajudam bastante e colocar um pouco de comédia. Eu acho que comédia ajuda bastante na *Fic*, tira um ar meio pesado.

11. Quais interações acontecem no grupo de *WA* das fanfiqueiras? Você poderia explicá-las com detalhes?

S5: São de comentar sobre as *Fanfics*, de ajudar uma a outra a continuar, dar ideias para fazer as *Fanfics*.

12. Você acha importante fazer comentários no grupo de *WA*? Por quê?

S5: Sim, porque a cada momento você vai evoluindo com os comentários, ou até mesmo nos estudos, você vai aprendendo coisas novas e vai acrescentando.

13. Você acha importante reescrever suas *Fics*? Com que frequência? Já ocorreu de você escrever histórias com seu herói/ídolo e depois você resolver mudar o enredo após alguma sugestão/interação no grupo de *WA*? Por quê?

S5: Sim. Não mudar uma história toda, mas uma parte que se possa melhorar.

14. É natural que as fanfiqueiras aceitem os comentários e mudem a escrita alterando alguma coisa que foi escrito?

S5: Sim, em relação a, tipo, ideias que vão acrescentar mais na *Fic*, ou até mesmo sugestões de palavras para enriquecer mais a *Fanfic*.

15. Quando você gosta de alguma sugestão/interação no grupo de WA você muda sua *Fic*? Por quê?

S5: Sim, porque, às vezes, eu tenho um pouco de dificuldade de colocar aquilo que eu quero, porque eu faço muito rápido.

16. Na sua opinião, os comentários que são realizados no grupo de WA ajudam na escrita e reescrita das *Fics*? Por quê?

S5: Sim, enriquece mais a *Fanfic* e ajuda mais no enredo da história.

17. De onde você tira inspiração para escrever suas *Fics*? Fale sobre isso.

S5: De livros, filmes, mangás, que eu gosto, animes e só.

18. Você tem a intenção de passar alguma mensagem específica para seus leitores ao produzir suas *Fics*? Qual? (is)?

S5: Sim, de que o amor é possível de se acontecer e, tipo, pode até demorar, mas que um dia vai chegar. O amor romântico, fraterno, de se importar com as outras pessoas e se colocar no lugar do outro.

19. Com que frequência você costuma inserir seus heróis/ídolos em suas *Fics*? Existe algum herói/ídolo que tenha um papel de destaque nas suas *Fics*? Por quê?

S5: Sempre, eles são, tipo, os casais são muito fofinhos e eu gosto de mostrar para as outras pessoas como eles são lindos juntos. O destaque são os heróis do *BTS*.

20. Você se preocupa em utilizar um vocabulário específico para suas *Fics*? Por quê? Você poderia dar algum exemplo? (ESTILO)

S5: Vai depender da temática da *Fanfic*, por exemplo, se eu faço uma que remete à escola, eu vou querer fazer mais um pouco de vocabulário que tem na escola; de realza, eu vou trazer um vocabulário mais formal, mais poético.

